He de Bento Pinto de Gunelar Motta
e Mesq.^tes^ morador em a sua Caza c q.^ta^
Ali Caza l de Arnoya

Custou 4$80.

Thomé Pinheiro

ou

Antonio Vieira?

VERA EFFIGIES CELEBERRIMI
P. ANTONII VIEYRA,
è Societ. Jesu, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatorum Principis; quem dedit Lusitania mundo Ulyssipo Lusitaniæ, Societati Brasilia Obijt Bahiæ Prope nonagenarius Die 18 July Ann. 1697 Quiescit in regio Collegij Bahyensis templo, ubi sepultus frequentissimo urbis concursu, æterno orbis desiderio.

ARTE DE FURTAR,
ESPELHO DE ENGANOS,
THEATRO DE VERDADES,
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,
GAZUA GERAL
Dos Reynos de Portugal.

OFFERECIDA

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOAÕ IV.

PARA QUE A EMENDE.

Composta no anno de 1652.

PELO PADRE

ANTONIO VIEYRA

ZELOZO DA PATRIA.

Correcta, e emendada de muitos erros; e assim tambem a verá o curioso leytor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ.

AMSTERDAM,

NA OFFICINA DE MARTINHO SCHAGEN

M.DCCXLIV.

SENHOR.

HUm Sabio disse, que naõ havia neste mundo homem, que se conhecesse; porque todos para comsigo saõ como os olhos, que vendo tudo, naõ se vem a si mesmos: e daqui vem naõ darem muita fé em si de suas perfeiçoens, nem advertirem em seus defeitos; e ser necessario, que outrem lhes diga, o que passa na verdade. Se V. Magestade naõ se conhece, nem o mundo, em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Magestade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avós

Reys Santos, e poderosos, que elle mesmo escolheo, e ennobreceo, para a mais nobre acçaõ de lhe augmentar, e estabelecer sua Fé. He o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo; porque naõ ha trabalho, a que naõ resista, nem outrem, que possa medir valentia com V. Magestade: e nas do espirito; porque naõ ha fortuna, que o quebrante, nem adversidade, que o perturbe. He o mais poderoso; porque sem arrancar a espada, se fez Senhor do mais dilatado Imperio, tirando-o das garras de Leoens, que o occupavaõ; com tanta pressa, que naõ poem tanto huma pósta em levar a nova, quanta V. Magestade poz em arvorar a vitoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz; porque em nenhuma empreza poem sua Real mãõ, que lhe naõ succeda a pedir por boca; e se alguma se malogra, he a que V. Magestade naõ approvou; tanto, que temos já por unico remedio, para se acertar em tudo, fazerse só o que V. Magestade ordena, ainda que a outros juizos pareça desacerto. E digo, que este mundo he hum covil de ladroens; porque se bem o considerarmos, naõ ha nelle couza viva, que naõ viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes comendo-se huns aos outros, se sustentaõ: e se alguns ha, que naõ se mantenhaõ de outros viventes, tomaõ seu pasto dos frutos alheos, que naõ cultivaraõ; com que vem a ser tudo huma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladroens; e os Elementos se

comem, e gastaõ entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portaõ as creaturas irracionaes, e insensiveis, e as racionaes ainda peor que todas; porque lhes sobeja a malicia, que nas outras falta, e com ella trata cada qual de se accrescentar a si: e como o homem de si nada tem proprio, claro está, que se os accrescenta, muitos haõ de ser alheyos. E de todo este discurso nada he conforme á ley da natureza; a qual quer, que todas as couzas se conservem sem diminuiçaõ de alguma. Nem a Ley Divina quer outra couza; antes lhe aborrecem tanto ladroens, que do Ceo, do Paraiso, e do Apostolado os desterrou; e a este ultimo desterro se accrescentou forca: e notese que a tomou o réo por sua maõ, sem intervir nisso sentença de justiça, para nos advertir o castigo, que merecem ladroens, e como naõ devem ser admittidos, nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos, que haja Reys no mundo, e quer que o governem assim como elle, pois lhes deu suas vezes, e os armou de poder contra as violencias; e como a mayor de todas he tomar o seu a seu dono, em emendar esta se devem esmerar. E em V. Magestade corre esta obrigaçaõ mayor; pois fez Deos a V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz Rey do mundo. E deve pòr cuidado grande nesta empreza, porque a fazenda de V. Magestade he a mais combatida destes inimigos, que por serem mui-

tos só com hum braço taõ alentado, como o de V. Mageſtade, poderáõ ſer reprimidos, e caſtigados. A mayor difficuldade eſtá no conhecimento delles; porque como o officio he infame, e reprovado por Deos, e pela natureza, naõ querem ſer tidos por taes, e poriſso andaõ todos disfarçados; mas ſerá facil darlhes alcance, ſe o dermos a ſuas maſcaras, que ſaõ as artes de que uſaõ: deſtas faço aqui praça, e lhas deſcubro todas, moſtrando ſeus enganos como em eſpelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo hum moſtrador certiſſimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazúa deſtes piratas faz ſeu officio. Naõ enſina ladroens o meu diſcurſo, ainda que ſe intitula Arte de furtar; *enſina só a conhecellos, para os evitar. Todos tem unhas, com que empolgaõ, e nas unhas de todos hey de empolgar, para as deſcobrir por mais que eſcondaõ; e ſerá taõ ſuavemente, que ninguem ſe doa. Vay muito no modo, e no eſtylo: a pirola amargoſa naõ cauſa faſtio, ſe vay dourada; e para que eſte tratado o naõ cauſe, irá prateado com tal tempera, que irrite mais a goſto, que a moleſtia. Sirvaſe V. Mageſtade de o entender aſſim, e de obſervar com ſeu grande entendimento até os minimos apices deſta* Arte; *porque das contraminas della, que tambem deſcubro, depende a conſervaçaõ total de ſeu Imperio, que Deos Noſso Senhor proſpere até o fim do mundo com as felicidades, que ſeus venturozos principios nos promettem. &c.*

AO

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM THEODOSIO

Principe de Portugal.

DEPRECAÇAM.

SENHOR.

Ambem a V. A. Real, e Serenissima pertence a emenda desta Arte *por todos os titulos, que a ElRey nosso Senhor pertence, pois naõ assim como elle o limito em suas grandezas; porque de tal Arvore naõ podia nascer menor ramo, e em nascendo mostrou logo V. A. o que havia de ser: e hum Mathematico insigne mo disse olhando, por lho eu pedir, para os horoscopos do Ceo, que V. A. havia de ser Rey da terra, e Sua Magestade, que Deos guarde, guardou este juizo. E ainda que estas razoens naõ militassem, que saõ certissimas, bastava vermos, que ha em V. A. poder, e saber para tudo: e saõ duas couzas muito essenciaes para emendar latrocinios; o saber para os apanhar, e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A.*

poder: porque vemos, que assim como Atlante cançado de sustentar as Esféras do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse; assim ElRey nosso Senhor, Atlante do nosso Imperio, descarregou as Esféras delle nos hombros de V. A. naõ para descançar, que he infatigavel, mas para se gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaõ os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava se significaõ suas armas, e poder; com as redes, e cadeas, sua sabedoria: e com estas duas couzas vencia, e dominava tudo. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto, como as do mundo) á sua obediencia; como tambem, porque ninguem as menea com tanto garbo, valor, destreza, e valentia; ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada, e fluminando o montante; e assim se demonstra, que ha em V. A. poder para emendar, e castigar. E porque este naõ basta, se naõ ha ciencia para alcançar, quem merece o castigo; digo que vemos em V. A. tanta sabedoria, que parece infusa: porque naõ ha Arte liberal, em que naõ seja eminente; naõ ha Ciencia especulativa, em que naõ esteja consummado; naõ ha habito de virtude moral, que o naõ tenha acquirido, e feito natural com o uso.

E

E em todo o genero de letras, artes, e virtudes, ſe conſummou com tanta facilidade, e preſteza, que nos parecia ter naſcido tudo com V. A. naturalmente, e naõ ſer achado por arte; e aſſim ſe prova, que ha em V. A. ſaber para dar alcance aos latrocinios, de que aqui tratamos: e em os peſcando com a rede da ſabedoria, ſegue-ſe emendallos com a Clava do poder.

Sugeito por tanto eſta Arte de furtar *ao poder, e ſabedoria de V. A. Ao poder, para que a ampare, e á ſabedoria, para que a emende: porque ſó da ſabedoria de V. A. fio que dará alcance ás ſubtilezas dos profeſſores deſta arte. Em duas couzas peço a V. A. que oſtente aqui ſeu poder: em caſtigar ladroens, e em me defender delles, pois fico arriſcado com os deſcobrir; mas com me encobrir V. A. me dou por ſeguro. E em outras duas couzas torno a pedir oſtente V. A. ſua ſabedoria, em emendar eſta* Arte, *em quanto pertence aos ladroens; e tambem o eſtylo della, pelo que tem de meu. Levarey mal, que me argua outrem, porque naõ haverá, quem me naõ ſeja ſuſpeito, ſalvo V. A. viſto naõ haver outrem, que eſcape das notas, que aqui emendo. Diraõ que fallo picante, ou lépido: iſso he o que pertendo, para adoçar por todas as vias o deſagrado da materia. Cuidava eu que fallar niſto muito chumbado, e ſério, ſeria o melhor; mas ſendo o objecto de ſi penozo, porque he de perdas, e damnos, fazello mais penoſo com o eſtylo, ſeria veſtir hum capuz a eſte tratado, para todos lhe darem*

rem o pezame de o naõ poderem ver ás escuras. Vestirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os casos, e materias de modo, que naõ façaõ mayor pendor para huma balança, que para outra, para que alivie o curioso da Arte, e estylo, o molesto da materia sem tropas de sentenças Cabalisticas, nem infanteria de palavras cultas, e penteadas, que me quebraõ a cabeça. Alguns livretes vejo desses, que vaõ sahindo á moderna, e quando os leyo, bem os entendo; mas quando os acabo de ler, naõ sey o que me disseraõ; porque toda a sua habilidade poem em palavras. E *já disse o proverbio, que palavras, e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gastaõ em dar conselhos politicos, a quem lhos naõ pede; e bem apertados, vem a ser melanconias do Autor, que por arrufos déraõ em desvellos, ou por ambiçaõ em delirios; e podéramos responder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da sua pintura, sahindose da esféra do seu officio. Seja o que for, o que sey he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senhor V. A. Ladroens retardaõ augmentos, porque diminuem toda a couza boa: diminua-os V. A. a elles, e crecerá seu Imperio, que os bons desejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde &c.*

PRO-

PROTESTAÇAM
DO AUTOR
A quem ler este Tratado.

EM Ouguela, lugar de Além-Tejo, entre Elvas, e Campo Mayor, ha huma fonte, cuja agua naõ coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal, perto de Leiria, ha hum forno, em que todos os annos se coze huma grande fogaça para a festa do Espirito Santo; e entra hum homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detêm dentro, quanto tempo he necessario, sem padecer lesaõ alguma do fogo, que cozendo o paõ naõ coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçosa, retiro agradavel da grande Casa de Bragança, adverti huma cousa notavel, que haverá mais de dous mil veados nella, que todos os annos mudaõ as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada delles; e no cabo naõ ha quem ache huma. Pergunteу a razaõ ao Senhor D. Alexandre, irmaõ delRey nosso Senhor, grande perscrutador de couzas naturaes? E me respondeo, o que he certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou, que haja animais, que comaõ, e possaõ digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves, que comem, e digerem fer-

ro,

ro, quaes saõ as hemas! Conforme a estes exemplos, tambem nos homens ha estamagos, que naõ cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguela, o forno do Pombal, nem os admittem, por bons que sejaõ; e abraçaõ outros mais grosseiros, com que se fazem, como veados, e hemas. E se perguntarmos ao Philosofo a razaõ destas desigualdades? Dirá, que saõ effeitos, e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos sugeitos. O mesmo digo, se houver estamagos, que naõ admittaõ, e cozaõ bem os pontos, e materias, que discursa este tratado, que naõ vem o mal da qualidade das couzas, que aqui offereço, senaõ do máo humor, com que as mastigaõ, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento, que se naõ digere, o estamago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e como antidoto proponho tudo para remedio dos males, que padece a nossa Republica: se houver aranhas, que façaõ peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiraõ mel suave, naõ he a culpa das flores, que todas saõ medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem, o que he bom. He o juizo humano, assim como os moldes, ou sinetes, que imprimem em cera, e massa suas figuras: se o molde as tem de

serpen-

ſerpentes, toda a maſſa, por ſãa que ſeja, fica cuberta de ſevandijas, como ſe as produzira, e eſtivera corrupta; e pelo contrario, ſe o ſinete he de figuras boas, e perfeitas, tais as imprime, até na cera mais toſca. Quero dizer, amigo leitor, que ſe fordes inimigo da verdade, ſempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ſer de ſeu natural muito doce, e formoſa, porque he filha de Deos. Verdades puras profeſſo dizer, naõ para vos offender com ellas, ſenaõ para vos moſtrar onde, e como vos offendeis vós a vós meſmo, e á voſſa Republica, para que vos melhoreis, ſe vos achardes comprehendido.

E naõ me digais, que naõ convêm tirar a publico affrontas publicas de toda huma Naçaõ; porque a iſſo ſe reſponde, que ſe ſaõ publicas, nenhum diſcredito move, quem as repete, antes vos honra moſtrando-vos diſpoſto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho, para conhecerdes o engano, em que viveis. E aſſim proteſto, que naõ he meu intento enſinar-vos os lanços, que neſta *Arte de furtar* ignoraveis, ſenaõ allumiar-vos o conhecimento da deformidade delles, para que os abomineis. Nem cuideis, que vos conheço, quem quer que ſois, nem que ponho o dedo em voſſas couzas em particular: o meu zelo bate ſó no commum, e naõ pertende affrontar a noſſa Naçaõ; antes a honro muito por duas razoens. Primeira;

por-

porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte, fica a nossa mais acreditada, pois se deixa ver o excesso dos latrocinios, com que assolaõ o mundo todo por mar, e por terra. Segunda; porque tratamos de emenda, e onde ha esta, ou dezejo della, he a mayor perfeiçaõ, que os Santos achaõ nas Religioens mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de Religiosos reformados, em comparaçaõ de gente dissoluta. Donde naõ me resulta daqui escrupulo, que me retarde. O que sinto he, que naõ sey, se conseguirá seu effeito o meu intento, que só trata de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido: e se cada hum se emendar a si, já o disse hum Sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso Reyno, e emendallo, he o que pertendemos.

Dirá o Critico, e tambem o Zoilo [que tudo abocanhaõ, e róem] que isto naõ he gazûa, com que se abrem portas para furtar; mas que he montante, que escala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonrar. A isso tenho respondido, que naõ tome ninguem pot si o que lhe digo, e ficaremos amigos como dantes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os casos, que aqui referir, saõ ballas de batalha campal, que tiraõ a montaõ sem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, sem pesquizar autores, nem formalidades,

lidades, mais que as que as couzas daõ de si: e se em algumas discreparem as circunstancias da narraçaõ, e naõ se ajustarem em tudo muito com o succedido, pouco vay nisso; porque o nosso intento naõ he deslindar pleitos para os sentencear, senaõ mostrar deformidades para as estranhar, e dar doutrina, e tratar de emenda. E estejaõ certos todos, que naõ dizemos nada, que naõ passe assim na verdade em todo, ou em parte principal. E naõ allegamos Autores para confirmaçaõ do que escrevemos; porque os desta arte nunca imprimiraõ; e de sua ciencia só duas letras se achaõ impressas nas costas de alguns, que saõ L. e F. e o que querem dizer, todos o sabem. E se algum me impugnar a mim para defender, o que estas letras denotaõ, mostrará nisso, que he da mesma confraria, e negarselhe-ha o credito por apaixonado, como parte, e darseme-ha a mim, que o naõ sou; porque só pertendo mostrar neste *Espelho* a verdade, e fazer publicas como em *Theatro* as mentiras, e embustes de ladroens passados, e presentes. Apressem-se todos para ouvir com paciencia; e porque trato de naõ molestar, quem isto lêr, irey tecendo tudo em fórma, que o curioso dos successos adóce o azedo da doutrina: e em tudo teraõ todos muito que aprender, para sempre serem virtuosos, se quizerem tomar as couzas, como as applico. Deos vos guarde de varas delgadas, que andaõ

pelas

pelas ruas, e de tres páos grossos, que vos esperaõ, se naõ tomardes meus avisos. Entretanto estuday o Credo, e espertay a fé para o que se segue.

IN-

INDEX
DOS CAPITULOS
DESTE TRATADO.

CAP. I.

Como para furtar ha arte, que he ciencia verdadeira. p. 1.

CAP. II.

Como a arte de furtar he muito nobre. p. 8.

CAP. III.

Da antiguidade, e professores desta arte. p. 13.

CAP. IV.

Como os mayores ladroens saõ, os que tem por officio livrar-nos dos mesmos ladroens. p. 19.

CAP. V.

Dos que saõ ladroens, sem deixarem que outros o sejaõ. p. 28.

CAP. VI.

Como naõ escapa de ladraõ, quem se paga por sua maõ. p. 33.

CAP. VII.

Como tomando pouco se rouba mais, que tomando muito. p. 40.

CAP. VIII.

Como se furta ás partes fazendolhes merces, e ven-

dendolhes miſericordias. p. 45.

C A P. IX.

Como ſe furta, a titulo de beneficio. p. 50.

C A P. X.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o ſervir p. 56.

C A P. XI.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos. p. 63.

C A P. XII.

Dos ladroens, que furtando muito, nada ficaõ a dever na ſua opiniaõ. p. 67.

C A P. XIII.

Dos que furtaõ muito accreſcentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ. p. 70.

C A P. XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes. p. 75.

C A P. XV.

Em que ſe moſtra, como póde hum Rey ter unhas. p. 82.

C A P. XVI.

Em que ſe moſtraõ as unhas Reaes de Caſtella, e como nunca as houve em Portugal. p. 86.

Manifeſto do Direito, que D. Filippe de Caſtella allega contra os pertendentes de Portugal. p. 89.

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina. p. 95.

Repoſta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe. p. 104.

Manifeſto do Direito da Senhora Dona Catharina ao Reyno de Portugal contra D. Filippe. p. 123.

Razoens da Senhora Dona Catharina contra Filippe. p. 126.

Repoſta delRey D. Filippe contra as razoens da Senhora Dona Catharina com ſeu deſengano. p. 140.

CAP. XVII.

Em que ſe reſolve, que as unhas de Caſtella ſaõ as mais farpantes por injuſtiças. p. 150.

CAP. XVIII.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas. p.*162.

CAP. XIX.

Proſegue-ſe a meſma materia, e moſtra-ſe, que tal deve ſer a paz, para que unhas pacificas nos naõ damnifiquem. p. 169.

CAP. XX.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares. p. 175.

CAP. XXI.

Moſtra-ſe, até onde chegaõ unhas Militares, e quando ſe deve fazer a guerra. p. 181.

CAP. XXII.

Proſegue-ſe a meſma materia das unhas Militares, e como ſe deve fazer a guerra. p. 193.

CAP. XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas. p. 200.

CAP. XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tìmidas. p. 219.

CAP. XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas. p. 212.

CAP. XXVI.

Dos que furtaõ com unhas maliciosas. p. 217.

CAP. XXVII.

De outras unhas mais maliciosas. p. 222.

CAP. XXVIII.

Dos que furtaõ com unhas descuidadas. p. 229.

CAP. XXIX.

Dos que furtaõ com unhas irremediaveis. p. 232.

CAP. XXX.

Que tais devem ser os conselheiros, e conselhos, para que unhas irremediaveis nos naõ dannifiquem. p. 243.

Que tais devem ser os Conselheiros. p. 245.

Tribunal, como, e que tal. p. 251.

Voto, e parecer de cada hum. p. 257.

Resoluçaõ do Conselho. p. 261.

CAP. XXXI.

Dos que furtaõ com unhas sabias. p. 265.

CAP. XXXII.

Dos que furtaõ com unhas ignorantes. p. 270.

CAP. XXXIII.

Dos que furtaõ com unhas agudas. p. 276.

CAP. XXXIV.

Dos que furtaõ com unhas singelas. p. 282.

CAP. XXXV.

Dos que furtaõ com unhas dobradas. p. 287.

CAP.

CAP. XXXVI.
Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua. p. 292.
CAP. XXXVII.
Dos ladroens, que furtaõ com a maõ do gato. p. 296.
CAP. XXXVIII.
Dos que furtaõ com mãos, e unhas posliças, de mais, e accrescentadas. p. 306.
CAP. XXXIX.
Dos que furtaõ com unhas bentas. p. 312.
CAP. XL.
Em que se responde, aos que ao Fisco chamaõ Visco. p. 321.
CAP. XLI.
Dos que furtaõ com unhas de fome. p. 328.
CAP. XLII.
Dos que furtaõ com unhas fartas. p. 339.
CAP. XLIII.
Dos que furtaõ com unhas mimosas. p. 336.
CAP. XLIV.
Dos que furtaõ com unhas desnecessarias. p. 340.
CAP. XLV.
Dos que furtaõ com unhas domesticas. p. 346.
CAP. XLVI.
Dos que furtaõ com unhas mentirosas. p. 352.
CAP. XLVII.
Dos que furtaõ com unhas verdadeiras. p. 358.
CAP. XLVIII.
Dos que furtaõ com unhas vagarosas. p. 364.

CAP.

CAP. XLIX.
Dos que furtaõ com unhas apreſsadas. p. 372.
CAP. L.
Moſtra-ſe, qual he a juriſdiçaõ, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes. p. 379.
CAP. LI.
Dos que furtaõ com unhas inſenſiveis. p. 385.
CAP. LII.
Dos que furtaõ com unhas, que naõ ſe ſentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe. p. 391.
CAP. LIII.
Dos que furtaõ com unhas viſiveis. p. 396.
CAP. LIV.
Dos que furtaõ com unhas inviſiveis. p. 400.
CAP. LV.
Dos que furtaõ com unhas occultas. p. 407.
CAP. LVI.
Dos que furtaõ com unhas toleradas. p. 412.
CAP. LVII.
Dos que furtaõ com unhas alugadas. p. 420.
CAP. LVIII.
Dos que furtaõ com unhas amoroſas. p. 424.
CAP. LIX.
Dos que furtaõ com unhas cortezes. p. 429.
CAP. LX.
Dos que furtaõ com unhas politicas. p. 433.
CAP. LXI.
Dos que furtaõ com unhas confidentes. p. 438.
CAP.

C a p. LXII.
Dos que furtaõ com unhas confiadas. p. 442.
C a p. LXIII.
Dos que furtaõ com unhas proveitosas. p. 449.
C a p. LXIV.
Dos que furtaõ com unhas de prata. p. 455.
C a p. LXV.
Dos que furtaõ com unhas de naõ sey como lhes chame. p. 463.
C a p. LXVI.
Dos que furtaõ com unhas ridiculas. p. 473.
C a p. LXVII.
Primeira tisoura para cortar unhas, chama-se Vigia. *p. 480.*
C a p. LXVIII.
Segunda tisoura, Milicia. *p. 484.*
C a p. LXIX.
Terceira tisoura, Degredo. *p. 488.*
C a p. LXX.
Desengano geral a todas as unhas. p. 493.
Primeiro desengano. p. 494.
Segundo desengano. p. 496.
Terceiro desengano. p. 501.
Conclusaõ final, e remate do desengano verdadeiro. p. 506.

TRA-

TRATADO UNICO.

****

CAPITULO I.

Como para furtar ha arte, que he ciencia verdadeira.

AS Artes, dizem ſeus Autores, que ſaõ emulaçoens da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia moſtra, que tambem lhe accreſcentaõ perfeiçoens. Deu a natureza ao homem cabello, e barba, para authoridade, e ornato; e ſe a arte naõ compuzer tudo, em quatro dias ſe fará hum monſtro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe cauſou a idade, reſtituindo-ſe de cores, dentes, e cabello; com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o eſcultor do tronco inutil huma imagem taõ perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçozos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metais precioſos, que a natureza produzio em toſco, e aperfeiçoando

tudo, lhe daõ outro valor. E naõ ſó ſobre couzas boas tem as Artes juriſdiçaõ, para as melhorar mais que a natureza; mas tambem ſobre as más, e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accreſcentar em damno de outrem: como ſe vê nas máquinas da guerra, partos da arte Militar, que todas vaõ dirigidas a aſſolaçoens, e incendios, com que huns ſe defendem, e outros ſaõ deſtruidos. Naõ perde a arte ſeu ſer por fazer mal, quando faz bem, e a propoſito eſſe meſmo mal, que profeſſa, para tirar delle para outrem algum bem, ainda que ſeja illicito. E tal he a arte de furtar, que toda ſe occupa em deſpir huns para veſtir outros. E ſe he famoſa a arte, que do centro da terra deſentranha o ouro, que ſe defende com montes de difficuldades, naõ he menos admiravel a do ladraõ, que das entranhas de hum eſcritorio, que fechado a ſete chaves ſe reſguarda com mil artificios, deſencova com outros mayores o theſouro, com que ſe melhora de fortuna. Nem perde ſeu ſer a arte pelo mal que cauſa, quando obra com cilladas ſegundo ſuas regras, que todas ſe fundaõ em eſtratagemas, e enganos, como as da Milicia: e eſſa he a arte, e he o que dizia hum grande meſtre deſta profiſſaõ: *Con*

arte

arte, y con engaño, vivo la mitad del año: y con engaño, y arte, vivo la otra parte. E se os ladroens naõ tiverem arte, busquem outro officio; por mais que a este os leve, e ajude a natureza, se naõ alentarem esta com os documentos da arte, teraõ mais certas perdas, que ganhos; nem se poderáõ conservar contra as invasoens de infinitas contrariedades, que os persseguem. E quando os vejo continuar no officio illesos, naõ posso deixar de o attribuir á destreza de sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a, que os largue, e tolére; porque até para isso tem os ladroens arte. Assim se prova, que ha arte de furtar, e que esta seja ciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que naõ tenha escóla publica, nem Doutores graduados, que a ensinem em Universidade, como tem as outras ciencias.

Todos os Philosofos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de ciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra, e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas,

as quais ſaõ verdadeiras ciencias, porque naõ ſó enſinaõ o que profeſſaõ, mas tambem provaõ por ſeus principios, e demonſtaõ por conſequencias evidentes, o que enſinaõ. E admittindo nós eſta regra, que todos os ſabios admittem, devemos excluir do numero das ciencias ſó aquellas artes, que páraõ na materia, em que ſe occupaõ; tomando-a aſſim como ſe lhes offerece, ſem diſcurſarem as razoens, nem os principios, por onde ſe aperfeiçoaõ no alcance do ſeu fim. Exemplo ſeja a Juriſprudencia, que naõ ſe detêm em eſpecular, ou demonſtrar, o que propoem ſeus textos: donde naſce naõ haver evidencia publica da razaõ de ſeus preceitos: e ſe nos move a ſeguilos a obediencia, com que todos nos ſugeitamos a elles, mais he por temor ás vezes, que por reſpeito. E ainda que todos ſejaõ fundados em razaõ, que os Principes acharaõ, e cõmummente apontaõ em ſeus decretos, paſſaõ por ellas os Juriſconſultos ordinariamente tanto em ſilencio, que por fé lhe damos alcance. E haõ-ſe niſto alguns Canoniſtas, e Legiſtas, como Deos, que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razaõ, porque os punha; deixando-a ao diſcurſo da ley natural, que nenhum homem deve igno-

ignorar; ainda que ha alguns taõ grosseiros, que naõ atinaõ com ella. E porisso nunca ninguem disse, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era ciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se colhe com certeza, que a arte de furtar he ciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstraçoens verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrinsecos naõ chegue ao que pertende. Mas se o ladraõ tem bom natural, e he perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoura, a que nada escapa. Com huma historia notavel faço demonstraçaõ desta verdade. Em certa Cidade de Espanha houve huma viuva fidalga taõ rica como nobre: e como as matronas de qualidade por seu natural recolhimento naõ pódem assistir a trafegos de grandes fazendas, dezejava esta muito hum feitor fiel, e intelligente, que lhe podesse governar tudo. E naõ dezejava menos hum ladraõ cadimo ter entrada em casa taõ caudalosa com algum honesto titulo, para se prover de huma vez de remedio para toda a vida. Lançou suas linhas, e armou suas traças em fórma,

que nenhuma conſequencia fruſtrou, aſſim para entrar com grande credito, como para ſahir com mayor proveito. Achou por ſuas inculcas, que tinha a ſenhora hum Confeſſor Religioſo, a quem dava credito, e obediencia por ſua virtude, e letras. Prégava eſte certa feſta de concurſo, veſtioſe o ladraõ de trage humilde, e roſto penitente, e fez-ſe encontradiço com elle indo para o pulpito: poz-lhe na maõ huma bolça de dobroens, que diſſe achara perdida, e pediolhe com muita ſubmiſſaõ, e modeſtia, que a publicaſſe ao auditorio, e a reſtituiſſe a quem moſtraſſe que era ſeu dono, dando os verdadeiros ſinais della, e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Prégador attonito com tal caſo, que houveſſe homem no mundo que reſtituiſſe em vida, e diſſe aos ouvintes milagres do ſugeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o naõ fizera, eſtimando mais a paz de ſua alma, que o commodo de ſeu corpo: e que em hum daquelles eraõ bem empregadas as eſmolas. E aſſim foy, que acabada a prégaçaõ, mandáraõ muitos Cavalheiros ſeus ſubſidios com mais de meya duzia de veſtidos muito bons ao Reverendo Padre, para que déſſe tudo ao pobre ſanto, que lhe naõ pezou com elles: e foy a primeira conſequencia, que colheu do ſeu diſ-

curſo:

curſo: e a ſegunda aſſegurar a bolça para ſi com ſua mãy, que era huma velha taõ ardiloſa como elle, que já eſtava prevenida ao Padre do pulpito, e muito bem adeſtrada pelo filho: e em decendo o Padre agarrou delle gritando: a bolça he minha! Por ſinal, que he de couro pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro ſeis dobroens, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes. Ouvindo o Prégador ſinais taõ evidentes, e vendo que tudo aſſim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos, que nada ſe perdêra: e a mãy fez em caſa a reſtituiçaõ ao filho, que aſſegurou de caminho a terceira conſequencia de eſtafar tambem o Religioſo, que o levou á ſua ſella, onde o regalou, e melhorou de veſtido, e fortuna, informando-ſe delle meſmo de ſeus talentos: e achando que ſabia ler, e eſcrever quanto queria, e contar como hum Girifalte na unha, e que ſobre tudo moſtrava bom juizo: ſeguio-ſe logo a quarta conſequencia de o pôr em caſa de ſua confeſſada com mero, e mixto imperio ſobre toda ſua fazenda havida, e por haver, abonandolho por quinta eſſencia de fidelidade, e intelligencia; com que a ſeu ſalvo colheo a ultima conſequencia, que pertendia das rendas de ſua ſenhora, que enſacou em ouro para voar mais leve: e com

dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de ſerviço lhe deparáraő, ſe paſſou para outro emiſferio, ſem dizer a ninguem: ficaivos embora: Digaő agora os profeſſores das ciencias, e artes mais liberais, ſe formáraő nunca ſyllogiſmos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o diſcurſo, e ſubtileza, com que aqui lhe damos o nome de ciencia verdadeira.

****

CAPITULO II.

Como a arte de furtar he muito nobre.

MAis facil achou hum prudente que ſeria acender dentro do mar huma fogueira, que eſpertar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me eſtranhe chamar nobre á arte, cujos profeſſores por leys Divinas, e humanas ſaő tidos por infames. Eſſa he a valentia deſta arte, como a dos Alchimiſtas, que ſe gabaő que ſabem fazer ouro de enxofre: de gente vil faz fidalgos, porque aonde luz o ouro, naő ha vileza. A'lem de que naő he implicaçaő acharemſe duas contrariedades em hum ſugeito, quando reſpei-

respeitaõ differentes motivos. Que cousa mais vil, e baixa, que huma formiga! Taõ pequena, que naõ se enxerga; taõ rasteira, que vive enterrada; taõ pobre, que se sustenta de leves rapinas! Que cousa mais illustre que o Sol, que a tudo dá lustre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ rico, que tudo produz! E se vê a mayor nobreza com a mayor baixeza em hum sugeito, em huma formiga. Baixezas ha, que naõ andaõ em uso, porque saõ só de nome: e nomes ha, que naõ pôem, nem tiraõ, ainda que se encontrem, porque se compadecem para differentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como se chamava? Respondeo, chamome em casa Abrahaõsinho, e na rua Joannico. Assim saõ os ladroens: na Casa da Suplicaçaõ chamaõ-se infames, quando os sentenceaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns saõ Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos saõ piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das ciencias colhe-se de tres principios: o primeiro he objecto, ou materia, em que se

occupa.

occupa. Segundo: as regras, e preceitos, de que consta. Terceiro: os Mestres, e sugeitos, que a professaõ. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo segundo he a Philosophia; porque suas regras, e preceitos saõ delicadissimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Musica; porque a professaõ Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos estes tres principios he a arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto, e materia, em que se emprega, he tudo o que tem nome de precioso: as suas regras, e preceitos saõ subtilissimos, e infalliveis: e os sugeitos, e mestres, que a professaõ, ainda mal que as mais das vezes saõ, os que se prezaõ de mais nobres; para que naõ digamos que saõ Senhorias, Altezas, e Magestades.

Alguns doutos tiveraõ para si, que a nobresa das ciencias mais se colhe da subtileza das regras, e destreza, em que se fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que se occupaõ: como vimos até na machina do que em cortiça obra couzas delicadas, que em ouro, que porisso he mais louvado. Aquelle Artifice, que escreveo a Iliada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em huma noz, assombrou mais o mundo, que se a escre-

vesse

veſſe com muitas laçarias em grandes laminas de ouro; aquella náo enxarceada com todo genero de vélas, e cordoalhas, taõ pequena, que toda ſe cobria, e eſcondia com as azas de huma moſca, fez a Mermitides mais famoſo, que a outros as grandes eſculturas dos mayores Coloſſos. Na formaçaõ de hum moſquito moſtra Deos mais ſeu grande entendimento, que na fabrica do Univerſo. Quero dizer, que naõ engrandece tanto as ciencias a materia, em que ſe exercitaõ, como o engenho da arte, com que obraõ. E como o engenho, e arte de furtar ande hoje taõ ſubtil, que tranſcende as aguias, bem podemos dizer que he ciencia nobre. E prouvera a Deos, que naõ tivera tanto de nobre, naõ ſó pelo que lhe concedemos de ſuas ſubtilezas, ſenaõ tambem, pelo que lhe negaõ outros da materia, em que ſe occupa, e ſugeitos, em que ſe acha; pois vemos, que a materia he a que mais ſe eſtima, ouro, prata, joyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os ſugeitos, em que ſe acha, ſaõ por meus peccados os mais illuſtres, como pelo diſcurſo deſte tratado em muitos capitulos iremos vendo. E para que naõ engaſgue algum eſcrupuloſo neſta propoſiçaõ com a maxima, de que naõ ha ladraõ, que ſeja nobre, pois o tal

officio

officio traz comſigo extinçaõ de todos os fóros da nobreza: declaro logo, que entendo o meu dito ſegundo o vejo exercitado em homens tidos, e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo ſaõ ladroens, ſem que o exercicio da arte os deſluſtre, nem abata hum ponto do timbre de ſua grandeza. Naõ he aſſim, o que ſuccedeo em Roma a hum Emperador? Que entrando no Templo a adorar a Apollo, achou, que no meſmo Altar eſtava Eſculapio ſeu filho; eſte com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque aſſim os diſtinguia a Gentilidade antigua. Advertio o Emperador, que as barbas de Eſculapio eraõ de ouro, e poſtiças: cobiçou-as, e furtou-as; dizendo que naõ era bem o filho tiveſſe barbas, quando o pay as naõ tinha: e nada perdeo de ſua grandeza o Emperador com furtar as barbas ao ſeu Deos, antes a accreſcentou, pois ficou com mais ouro, do que dantes tinha: e aſſim a accreſcentaõ outros muitos com muitos outros furtos, que cada dia fazem ſem calumnia nas barbas do mundo.

****

CAPITULO III.

Da antiguidade, e profeſsores deſta arte.

ISto, que chamaõ antiguidade, he huma droga, que naõ tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em tal em nada ſe eſtima. Cõmunidades ha, em que a antiguidade rende; porque lhes daõ melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque eſcolhem os mais vigoroſos para as emprezas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta ſó os annos, em cada feira vale menos: mas a que accumula merecimentos, para cargos tem mayor preço, e valêra mais, ſe fora de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, feſtejo ſer o mais antigo, porque me guardaõ reſpeito: mas ſe ólho ſó para mim, tomarame mais moderno. Eſte mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas couzas acabaõ por antigas, porque ſe corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: iſto he na antiguidade; porque ſó á cuſta della lo-

graõ

graõ alguns *bene eſses*, como as trempens do Japaõ, que as mais velhas ſaõ de mayor eſtima. A nobreza tem eſta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o meſmo, que homem baixo: e o que moſtrava imagens de ſeus antepaſſados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e ciencias corre a meſma moeda, que andaõ mais apuradas as mais antigas; e ſaõ mais eſtimadas, as que tem mais antigos profeſſores. Entre alfayates, e oleiros ſe moveo queſtaõ, quais eraõ mais antigos na ſua arte, para alvidrarem dahi ſua nobreza. Venceraõ os oleiros, porque primeiro ſe amaçou o barro, de que foy formado Adaõ, e depois ſe lhe talharaõ, e cozeraõ os veſtidos. Aqui entraõ os ladroens com a ſua arte, allegando, que muito antes do primeiro homem a exercitaraõ eſpiritos mais nobres. Mas deixando pontos, que nos ficaõ álem do mundo antes de haver homens, de que ſó tratamos; fallemos das têlhas abaixo, que he o que pertence á noſſa esféra. E em dando nos primeiros profeſſores, colheremos logo a antiguidade deſta arte; e da nobreza daquelles, e antiguidade deſta, faremos o computo, que buſcamos. Mas como ſe profeſſa ás eſ-

condi-

condidas, ſerá difficultoſo achar os meſtres. Ora naõ ſerá; porque naõ ha, quem eſcape de diſcipulo: e os diſcipulos bem devem conhecer ſeus meſtres. Na matricula deſta eſcóla naõ ha quem ſe naõ aſſente. Já o diſſe a ElRey noſſo Senhor, que he eſte mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animais, aves, e peixes, até nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Univerſidade, em cujos gerais curſaõ todos os viventes geralmente. Tem eſta Univerſidade ſó duas claſſes, huma no mar, outra na terra. No mar dizem que lêo de prima Jaſon aos primeiros Argonatas, quando paſſou á Ilha de Colchos, e furtou o velo de ouro taõ defendido, como celebrado: e deſtes aprenderaõ os infinitos piratas, que hoje em dia coalhaõ eſſes mares com a prôa ſempre nas prezas, que buſcaõ. Na terra dizem os antigos, que pôz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que houve no mundo; e poriſſo o fizeraõ Deos das ladroîces. Bem ſe vê a ſem-razaõ deſta idolatrîa, pois naõ póde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas por peor tenho, a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer eſte erro, que tem a rapina por ſua deidade, pondo nella ſua bem-

aven-

aventurança, porque della vivem. Enganaraõ-ſe os antigos em darem eſta primazia a Mercurio: primeiro que elle foy Adaõ primeiro ladraõ, e primeiro homem do mundo: e poriſſo pay de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima ſerem ladroens. ¿Perguntará aqui o curioſo, ſe haverá algum, que o naõ ſeja? Reſponde-ſe que naõ: pelo menos na potencia, ou propenſaõ; porque he legitima, que ſe repartio por todos. He bem verdade, que huns participaõ mais deſte legado que outros; bem aſſim como nos bens caſtrenſes, que ſe repartem a mais, e a menos pelo arbitrio do teſtador: poſto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros; e dahi vem ſerem alguns mais inſignes na arte de furtar. E como naõ ha arte, que ſe aprenda ſem meſtres, que vaõ ſuccedendo huns a outros, tem eſta alguns muitos ſabios, e ſempre os teve: e como naõ ha eſcóla, onde ſe naõ achem diſcipulos bons, e máos, tambem neſta ha diſcipulos, que pódem ſer meſtres; e ha outros taõ rudes, que nem para máos diſcipulos preſtaõ, porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma couza, naõ para os enſinar, mas para advertir, a quem ſe quizer guardar delles, o como ſe deve vigiar; e a elles quaõ arriſcados andaõ.

Naõ

Naõ me calumniem os que ſe tem por eſcoimados, queixando-ſe, que os ponho neſta reſte ſem prova, nem certeza de delitos, que cõmetteſſem neſta materia, ſendo certo que naõ ha regra ſem excepçaõ. Meta cada hum a maõ em ſua conciencia, e achará a prova do que digo, que eſte mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ intereſſes, creditos, honras, vaidades, e eſtas couzas naõ as póde haver ſem mais, e menos: e em mais, e menos vay o furto, quando cada hum toma mais do que ſe lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede iſto até em huma cortezia, que excede por ambiçaõ, ou que falta por ſoberba. Ajuſtar obrigaçoens de juſtiça, e caridade, depende de huma balança muito ſubtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na maõ, tudo vay a eſmo, e a cobiça pende para ſi, mais que para as partes. E daqui vem ſerem todos como o leaõ de Hiſopete, que comia os outros animais com o achaque de ſer mayor. E temos averiguado que os profeſſores deſta arte ſaõ todos os filhos de Adaõ, e que ella he taõ antiga como ſeu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores, ninguem me infira ſerem nobres os profeſſores deſta arte, nem ſer ella ciencia

verda-

verdadeira: porque as ciencias devem praticar algum fim util ao bem commum, e esta arte só em destruir toda se emprega: contente-se com ser arte, assim como o he a Magîa. E em seus artifices ninguem creya, que póde haver nobréza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem, porque por natureza he infame, e ninguem póde dar o que naõ tem. A verdadeira ciencia he a das Leys, e Canones, que lhes dá caça, mete a saco todos os ladroens: e bastava taõ heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas a pezar dos roins, com quem tem sua ralé: e se estes a desacreditaõ, naõ valem testemunha, porque os açouta.

Contra resoluçaõ taõ alentada me botaõ em rosto, o que disse agora ha nada nos dous capitulos antecedentes, que a arte de furtar era ciencia verdadeira, e seus professores muito nobres. Respondo que nunca tal disse de minha opiniaõ: e se o disse, estaria zombando, para mostrar o engenho dos sophismas, ou a illusaõ, com que má gente apoya seus erros. Infame he a arte de furtar, infames saõ seus mestres, e discipulos: e ainda que saõ mais que muitos, muitos mais saõ, os que andaõ saõs desta lepra, principalmente os que se lavaõ com o Santo Bautismo, que nos livrou de

todos

todos os males, que herdámos de Adaõ. Ouçaõ bons, e máos este discurso, lêaõ todos este tratado, e verse-haõ escritos, e retratados: os bons teraõ que estimar, por se verem limpos de taõ infame lepra: e os màos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal; que he impossivel naõ se detestar, tanto que for conhecido.

****

CAPITULO IV.

Como os mayores ladroens saõ, os que tem por officio livrarnos de outros ladroens.

NAõ póde haver mayor desgraça no mundo, que converterse a hum doente em veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-se, e matar-se hum homem com a espada, que cingio, ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o mosquete, e matallo, quando fazia tiro para se livrar da morte, he fortuna muito má de sofrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reynos mais bem governados: os quais para se livrarem

de ladroens, que he a peor péste que os abraza, fizeraõ váras, que chamaõ de Justiça, isto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaides: puzeraõ guardas; rendeiros, e jurados: e fortaleceraõ a todos com Provisoens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomaõ o rasto ás avessas, e em vez de nos guardarem as fazendas, saõ os que mayor estrago nos fazem nellas; de sorte, que naõ se distinguem dos ladroens, que lhes mandaõ vigiar, em mais senaõ que os ladroens furtaõ nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descobertas; aquelles com seu risco, e estes com Provisaõ, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, estalagens, e tavernas, &c. se vendem as cousas por seu justo preço. Anticipaõ-se todas as pessoas sobreditas, mandaõ a casa as primicias, e meyas natas de seus interesses, e ficaõ logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigaçaõ os Meirinhos, e Alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulaõ, e passaõ por tudo, pelo dobraõ, e

pela

pela pataca, que lhes mete na bolça; e ſeguem-ſe dahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros a defenſaõ dos paſtos, vinhas, olivais, coutadas, que naõ as deſtruaõ os gados alheos; quem os tem avença-ſe com elles por pouco mais de nada, que vem a ſer muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheas, como ſe foraõ proprias, ſem incorrerem nas coimas. E eiſaqui como os que tem por officio livrarnos de ladroens, vem a ſer os mayores ladroens, que nos deſtroem. Naõ fallo de varas grandes, porque as reſidencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que eſperaõ mayores póſtos, e naõ querem perder o muito pelo pouco: livrenos Deos a todos de offerecimentos ſecretos, que correm ſua fortuna ſem teſtemunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cégos o fazem parecer inteiro; até nas reſidencias, onde ſe daõ em ſe fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo ſem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, quem nos hia reſtaurar dos damnos de hum triennio.

Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem eſta eſpecie de furtos; e melhor que todos o que

poderemos pôr nos Physicos: mas manda a Sagrada Escritura, que os honremos *propter sanitatem*; e assim he bem que lhes guardemos aqui respeitos, ainda que a verdade sempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem estes hum livrinho, naõ he mayor que huma cartilha, e nada tem de sua doutrina; porque se devia de compor no Limbo: certo he que o naõ imprimio Galeno, que houvera de ser muito bom Christaõ, se naõ fora Gentio, porque tinha bom entendimento. A este livro chamaõ elles: *Qui pro quo:* quer dizer, *huma couza por outra:* e o titulo basta, para se entender, que contem mais mentiras, que verdades: antes só huma verdade contem, e he que em tudo ensina a vender gato por lebre, como agora: se lhe faltar na botica a agua de escorcioneira, que receita o Medico para o cordeal, que lhe pódem botar agua de cevada cozida; e se naõ tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montaõ: se naõ houver oleo de amendoas, que lhe ponhaõ o da candêa. E assim vay baralhando tudo, de maneira que naõ póde haver boticario, que deixe de ter quanto lhe pedem: e dahi póde ser que veyo o proverbio, com que declaramos a abundancia de huma casa rica, que tudo se

acha

acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos; e se elles naõ nos levaraõ tanto pelos ingrediente suppostos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que naceo a murmuraçaõ, de quem disse, que as mãos dos boticarios saõ como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque naõ ha arte chimica, que os vença em fazer de maravalhas metais preciosos: nem póde haver mayor destreza, que a de hum destes messtres, ou discipulos de Esculapio, que mandando pelo seu moço buscar hum molho de malvas ao monturo, com duas fervuras, que lhe daõ no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformaõ de maneira, que naõ lhes sahem das mãos, sem lhe deixarem nellas tres, ou quatro cruzados, naõ valendo ellas em si hum ceitil: e o mesmo corre em outras mil e trezentas couzas. Tem os Physicos móres obrigaçaõ de vigiarem tudo isto; e assim o fazem correndo o Reyno, e visitando todas as boticas delle algumas vezes: chamaõ a isto dar varejo: e dizem bem; porque assim como nós varejamos huma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, assim elles varejaõ as boticas, para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia,

com que os boticarios ſe acodem huns aos outros neſtas occaſioens, empreſtando-ſe vidros, e medicamentos, para que os Viſitadores os achem providos de tudo: e poderá ſucceder, por mais que tenhaõ tudo bem apurado, e a ponto, ſe naõ andarem mais diligentes em peitar, que em ſe prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Poriſſo outros fazem bem, que viſitaõ, antes de ſerem viſitados, e com iſſo eſcuſaõ o trabalho de ſe proverem, e apurarem; e eſcapaõ os ſeus fraſcos, como vaſo máo, que nunca quebra. Bem ſe vê, como reſponde tudo iſto ao titulo deſte capitulo; ſó huma couſa ha aqui, que a naõ entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou á eſpinguarda, ou ás eſtocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, ſem vermos poriſſo nunca hum na forca: antes ſaõ taõ privilegiados, que depois de vos darem com as cóſtas no adro, e com voſſo pay na cova, demandaõ voſſos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraraõ a vida, e o trabalho, que tiveraõ em vos apreſſarem á morte com ſangrias peores, que eſtocadas, por ſerem ſem neceſſidade, ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardeal Paloto deſappareceo

de Roma; e indo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice, teve hum achaque, ſobre que ſe fez junta de Medicos, e entre elles veyo o ferrador por mais afamado: conheceo-o o Cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe, quem o fizera Medico? Reſpondeo, que ſó mudara de fortuna, e naõ de officio; porque do meſmo modo, que curava em Roma as beſtas, curava em Napoles os homens; e que lhe ſuccedia tudo melhor; porque álem de acertar nas curas taõ bem, e melhor que os demais Medicos, ſe acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava poriſſo, como Sua Eminencia, que lhe fez pagar huma mulla do ſeu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais ſuccedeo no caſo, naõ ſerve ao intento: mas do dito ſe colhe, que anda o mundo errado na materia de Medicos, e Boticarios, que haõ miſter grandiſſima refórma; porque tendo por officio aſſegurar as vidas, naõ ſó no las tiraõ, mas ſobre iſſo nos pedem as bolças. Naõ fazia outro tanto o Sol Poſto aos Caſtelhanos nas charnecas; e no cabo foy eſquartejado poriſſo. E eſtes ſenhores ficaõ-ſe rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença ſalario, em quanto alguma peſſoa Real eſtiver doente; porque aſſim ſe apreſſem em tratar de ſua ſaude: e os Portuguezes ſomos tais, que quando eſtamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos; ſem advertirmos, que poriſſo meſmo nos dilataráõ a ſaude, e faraõ grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum eſpinho certo Cavalheiro, e tinhalhe metido em cabeça que era poſtêma. Auzentou-ſe hum dia, e deixou hum ſeu filho inſtruîdo, que continuaſſe com os emplaſtos do eſpinho, a que chamavaõ poſtêma: Mas o filho na primeira cura, para ſe moſtrar mais deſtro, arrancou o eſpinho; ceſſaraõ logo as dores, e ſárou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolhe o filho alviçaras, que ſárara o doente ſó com lhe tirar o eſpinho. Reſpondeolhe o pay: pois dahi comerás para beſta. Naõ vias tu ſalvagem, que em quanto ſe queixava das dores, continuavaõ as viſitas, e ſe accreſcentavaõ as pagas? Secaſte o leite á cabra, que ordinhavamos? Bem ſe acodiria a iſto, ſe ſe pagaſſem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito neceſſario era haver ley, que nenhuma cura ſe pagaſſe do doente, que morreſſe.

resse. Podera-se pelo menos pôr remedio a tudo, com favorecerem os Reys mais esta Ciencia, que anda muito arrastada; porque naõ se applica a ella, senaõ quem naõ tem cabedal para cursar outros estudos. No Estado de Milaõ todos os Medicos tem foro de Condes: nos Estados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardîa, saõ tidos, e havidos por fidalgos, e gozaõ seus privilegios. ElRey Dom Sebastiaõ começou a applicar algum cuidado nesta parte mandando á Universidade de Coimbra, que escolhessem de todos os Gerais os estudantes mais habeis, e nobres; e que os applicassem á Medicina com promessas de grandes accrescentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as mesmas promessas para estudarem a Medicina, com que todo aquelle vastissimo Imperio se cura; que sem controversia he a melhor do mundo, porque sabe qualquer Medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a hum doente, tudo o que teve, e ha de ter por horas, sem lhe errar nenhum accidente; e logo levaõ comsigo os medicamentos para a cura, se he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buscar essa Ciencia para reparar a vida, que as porçolanas que logo quebraõ.

CA-

****

CAPITULO V.

Dos que ſaõ ladroens, ſem deixarem, que outros o ſejaõ.

DO Leaõ contaõ os naturais, que de tal maneira faz ſuas prezas, que juntamente as defende, que lhes naõ toque nenhum outro animal, por féro que ſeja. Mais fazem os Açores da Noroéga, que conſervaõ viva a ultima ave, que empolgaõ nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largaõ; e obſervaõ para onde foge, e naõ vaõ caçar para aquella parte, para naõ acabarem a ave, de que receberaõ algum bem; e naõ reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Açores. Ladroens ha peores, que eſtes animais, e ſaõ como elles os poderoſos. Todos ſaõ como os Leoens, que naõ deixaõ, que outros animais ſe cévem na ſua preza; e nenhum como os Açores, que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Naõ admittir companhia no trato, de que ſe póde tirar proveito, he ambiçaõ, e he intereſſe, a que podemos dar

nome

nome de furto. E he lanço muito contrario ao natural dos ladroens, que gostaõ de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem huns aos outros: mas isto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos taõ graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco: vê-se isto por essas Ilhas, e Conquistas, e tambem cá no Reyno. Ha em certa parte certa droga buscada, e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscaõ para fazerem carregaçaõ della. Que faz neste caso o poderoso, abarca toda de antemaõ pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a casa, em que lhe pez: e como se vê senhor de toda, fecha-se com ella, e talha-lhe o preço a seu pádar, de sorte que o estrangeiro ha de bebella, ou vertella a seu pezar. No pastél das Ilhas vemos isto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no páo do Brasil, na canella de Ceilaõ, no anîl, nos baasares, e outras veniagas: e neste Reyno o vemos cada dia no paõ, na passa do Algarve, na amendoa, no atûm, e em quasi todas as mercadorias, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, sedas, telas, &c. as quais os atraveçadores tomaõ por

junto,

junto, e fazendo de tudo eſtanques, ſe fazem Reys; porque ſó os Reys pódem fazer eſtanques, e porque ſó aos Reys póde ſer licito o engroſſarem tanto. Iſto de eſtanques he ponto, em que ſe deve hir muito attento, eſpecialmente nas couſas neceſſarias para a vida, como ſaõ mantimentos, e roupas.) Que haja eſtanque em ſolimaõ, cartas de jugar, tabaco, pimenta, e diamantes, pouco vay niſſo; porque ſem nada diſſo paſſaremos; mas que ſe permitta, que nos atraveſſem o paõ, e que ſe fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo brame por elle, he negocio, que ſe deve atalhar com todo o rigor, mandando por Ley eſtavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo ſobre tres toſtoens: nem ſe ſeguirá daqui faltar o paõ no Reyno, antes ſobejará; porque os eſtrangeiros com eſſe preço ſe contentaõ; e os lavradores nunca o vendem por mais, e aſſim nunca deſiſtiráõ de o trazer, nem de o ſemear: e deſiſtindo os atraveçadores de ſua cobiça, todos o teraõ. Da meſma maneira ſe deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vaõ todas ſobindo muito ſem razaõ, e queixaõ-ſe os póvos ſem remedio. Hum chapéo, que valia hum cruzado, cuſta

custa hoje dous e tres: hum covado de panno, que se dava por tres tostoens, naõ o largaõ por menos de sete: huns çapatos, que chegavaõ a doze vintens, sobiraõ já a quinhentos reis. E assim se procede em tudo o mais. E se lhes pergunto a causa destes excessos? Respondem, que pagaõ decimas: e he o mesmo que responderem, que o fazem sem razaõ; pois he quererem que lhes paguemos nós as decimas, e naõ elles; álem de que o excesso, em que se satisfazem, he ametade, ou mais, e naõ a decima parte. Fique isto advertido de passagem, ainda que tambem pertence aos ladroens, que naõ deixaõ, que outros o sejaõ; porque usurpando cada official no seu trato ganhos taõ excessivos, naõ deixa lugar, a quem com elles trata, para interessarem cousa alguma, nem aos agentes, e medianeiros, para cizarem hum vintem. E tornemos aos estanques, ou atraveçadores, que levaõ o mayor preço deste capitulo, que acabo com dous exemplos, que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça sobre a compra, e venda dos vinhos para o Brasil: mandaõ hum agente diante á Ilha da Madeira, que os compra em mosto pelo menor preço: e quando chegaõ os navios para tomar a carga, entregalhos cozidos por ou-

tro

tro tanto mais do que lhe custaraõ, como se o mandaraõ negociar só para si, e naõ para toda a companhia; cujo era o cabedal, com que effeituou o primeiro lanço. Chegaõ ao Brasil, onde tem taxa, que naõ passem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo dito preço: e verifica á bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o senhor, que as embebeo em si, talha-lhes outro preço, que passa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em salvo, e a fazenda alhea com os riscos; sem deixar que logrem taõ grandes lucros, os que puzeraõ o cabedal, e se expuzeraõ aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem assim empolga no liquido, que fará no solido? E advirtaõ todos os atraveçadores, como saõ peores que as féras; porque os interesses, que reservaõ só para si, e védaõ aos outros da preza, que empolgaõ; nos Leoens he por generosidade, e nelles por villeza, para que lhe naõ chamemos aleivozia. Peores saõ que os Açores; pois estes largaõ a caça para outros, e elles tudo usurpaõ para si, sem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos, se houvesse ley, que perca tudo, quem abarcar tudo: e seria justa pela regra, que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

CA-

****

CAPITULO VI.

Como naõ eſcapa de ladraõ, quem ſe paga por ſua maõ.

A Hum cego, deſſes que pedem por portas, deraõ em certa parte hum cacho de uvas por eſmola: e como ſe guarda mal cevadeira de pobres, o que ſe póde pizar, tratou de o aſſegurar logo repartindo igualmente com o ſeu moço, que o guiava: e para iſſo concertou com elle, que o comeſſem bago, e bago, alternadamente; e depois de quatro idas, e venidas, o cego para experimentar, ſe o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo, que ſeu amo falhava no contrato, calou-ſe, e deulhe os cábes a ternos: naõ lhe eſperou muito o cego; e ao terceiro invite deſcarregoulhe com o bordaõ na cabeça. Gritou o rapaz: porque me dais? Reſpondeo o amo: porque contratando nós, que comeſſemos igualmente eſtas uvas bago, e bago, tu comes a trez, e a quatro. Perguntoulhe entaõ o moço: e quem vos diſſe a vós, que fiz eu tal aleivozia? Iſſo

eſtá claro, reſpondeo o cego; porque faltandote eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te calaſte, ſem me requereres tua juſtiça; e naõ eras tu taõ ſanto, que me levaſſes em conta, nem em ſilencio a minha ſem-razaõ, ſenaõ pagandote em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reys, e Principes, Grandes, e Senhores do mundo, para dizer a todos em ſegredo, como andaõ cegos no ponto mais eſſencial de ſeu governo, que he o de ſuas rendas, e theſouros, ſem os quais naõ ſe pódem ſuſtentar em ſeu ſer, nem conſervar ſuas Republicas, e familias. Tenhaõ todos por certo, que ſe naõ guardarem com ſeus ſubditos a devida correſpondencia nos pagamentos, e remuneraçoens dos ſerviços, que lhes fazem, que ſe haõ de pagar por ſua maõ. E boa prova diſſo ſeja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque haõ medo do baſtaõ da potencia, em que ſe firmaõ, com que lhes pódem quebar as cabeças; mas para remirem ſua vexaçaõ, uſaõ do direito natural, que os enſina a refazer-ſe pela calada, e pelo mais quieto modo, que lhes he poſſivel: e como a ſatisfaçaõ fica na ſua révera, he ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar, que tudo he pouco para

o que

o que merecem. E daqui vem, o que temos visto muitas vezes neste Reyno em Embaixadas, e emprezas, que Sua Magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo naõ ha resultas, nem sobejos, que restituaõ. Nem ha razaõ que dár a este ponto mais, que a de dizermos, que tomaõ tudo para si por paga de seus serviços; sem admittirem, que vaõ estes satisfeitos sobre outras mercês, que receberaõ de antemaõ; e que pódem faltar estas, córaõ com este pretexto a sobeja diligencia, com que se pagaõ. Duas razoens ha muito evidentes, com que se prova o muito, que agasalhaõ dos cabedais, que passaõ por suas mãos: primeira, que o fogo, onde está, naõ se póde esconder, logo lança fumo, e luzes: e assim saõ estes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ lustres, que manifestaõ o proveito, com que sahiraõ da empreza, em que apregoaõ, que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que a pezar de sua mentira descobre a verdade. Se gastaste tanto, e te atenuaste, irmaõ, como engordaste? A segunda razaõ ainda mais efficaz he, que ás vezes manda ElRey nosso Senhor Religiosos a tais emprezas com menos cabedal, e nenhumas mercês, porque naõ lhes

dá titulos, nem comendas, e com tudo no fim dellas restituem grandes sobejos. Dirá alguem que he, porque gastaõ menos, e eu digo que he, porque guardaõ mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaraçaõ, que todos gastaõ da fazenda Real, aquelles guardaõ para si, e estes para seu dono: aquelles pagaõ-se por sua maõ, e estes naõ trataõ de paga, senaõ de restituiçaõ. Mas deixando esta materia, que me póde fazer odioso com gente grande, e poderosa; e eu quero paz com todos, assim como trato de os pôr em paz com suas conciencias; só nos Reys, e Principes grandes tomára persuadir bem esta verdade, que paguem pontualmente o que devem, se querem que lhes luzaõ mais suas rendas; porque he certo, que naõ ha, quem se naõ pague, se acha por onde: e quando naõ acha, busca outro do seu lote, que dava ao Rey alguma cousa, e compoemse com elle: daime duzentos mil reis, e dezobrigovos de mil cruzados, que deveis a ElRey, porque elle me deve a mim outros tantos. Já, se succede, que o primeiro deva ao segundo alguma couza, ahi fica o contrato mais corrente; porque com pecunia mental se satisfaz tudo; e só o Rey fica defraudado na Real; porque com estas, e outras traças nada se lhe restitue:

e vem

e vem a montar no cabo ao todo diſpendios muito grandes; porque ſuccedem ſerem mais que muitos eſtes lanços, e paſſarem de marca as quantias delles. E ſe buſcarmos a raiz deſtas perdas grandes, havemola de achar no deſcuido das pagas pequenas, que occaſionaraõ licença nos acrédores, para ſe pagarem de ſua maõ, ſem repararem na cenſura de ladroens, que incorrem pelo que levaõ de mais: e ſe algum pezar os acompanha, he de naõ acharem mais, para ſe pagarem tambem de dous perigos, a que ſe puzeraõ; primeiro de perderem o ſeu, ſegundo de ganharem a forca.

Eſta ſarna, ou tinha, que pelas mãos ſe pega, he taõ vulgar, que naõ ha peſſoa, por ignorante que ſeja, que naõ ſaiba pagar-ſe deſtriſſimamente por ſua maõ, até em couſas muito leves; porque mais ſabe o ſandeu no ſeu, que o ſabio no alheo: e o meſmo he, quando cuida que o alheo lhe pertence por algum ſerviço; e para que lhe pertença, e para o appropriar a ſi, ſabe dar dous boléos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio, ou mandado, que vos fazem, hum empreſtimo que ſeja, logo o julgaõ por digno de grande paga: e em lhes cahindo alguma couza voſſa

na maõ, de que possaõ cizar, com ambas as mãos empolgaõ nella, para se remunerarem álem das medidas: e naõ basta dizerem, e protestarem que vos servem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que professaõ, he julgarem todos, que muito mais merecem, sem advertirem, que o dado he dado, e o vendido he vendido; e que naõ pódem alterar nas obras, o que assentaõ com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que se pagaõ por sua maõ, se leváraõ sómente, o que se lhes póde dever a juizo de bom varaõ; mas pagaõ-se pela sua almotaceria, que sempre he mayor, e occasionaõ grandissimas perdas aos proprietarios; como se vê na pescaria do aljofar, e perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os pescadores, que eraõ mais de quarenta mil, com quinhentas embarcaçoens grandes; porque havia, quem pagasse aos ministros fielmente sem lhes abrir entrada, por onde ensopassem a maõ em monto taõ grosso. Tiveraõ estes traças para encorporarem em si a administraçaõ das despezas, e recibos, tirando-a de pessoas Religiosas fidelissimas, a titulo de mais facil expediente: e seguio-se logo serem

os

os mergulhadores mal pagos, e os miniſtros remunerados em dobro, porque ſe pagavaõ eſtes por ſua maõ, e aquelles pela alhea: fugiraõ os peſcadores; e os que acodem forçados, ſaõ taõ poucos em comparaçaõ do que eraõ, que naõ chegaõ a dez mil, com duzentas embarcaçoens pequenas; e aſſim ficaõ os lucros taõ tenues, que naõ pódem avançar a duzentos mil cruzados; e ſó os miniſtros engordaõ, porque ſe pagaõ por ſua maõ. Na compra do Salitre, e Pimenta, ſuccede quaſi o meſmo lá neſſas partes: vinhanos de Maduré o Salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que ſaõ dezaſeis arrobas; comprava-ſe todo para a Coroa de Portugal com grandiſſimo lucro: naõ achavaõ os miniſtros Reaes polpa em droga taõ barata, para empolgarem as unhas: trataraõ de a haver dos Naiques, que ſaõ os Reys daquelle Imperio, os quais ſabendo a eſtima, que faziamos do que elles arbitravaõ como ſe foſſe arêa, fizeraõ logo eſtanque, de que naõ deixaõ ſahir o Salitre por menos de vinte patacas o bar: e o meſmo ſuccedeo na Pimenta por toda a India, por ſe cevarem mais do devido as unhas dos miniſtros em ſeus pagamentos.

****

CAPITULO VII.

Como tomando pouco ſe rouba mais, que tomando muito.

PArece que ſe contradiz o aſſumpto deſte capitulo, mas eſſa he a excellencia deſta arte, que até de implicaçoens tira conſequencias certas para os fins, que profeſſa. E podera-ſe provar com o que furta a agulha ao alfayate em lugar, e occaſiaõ, que naõ póde comprar, nem haver outra; e poriſſo fica impoſſibilitado para trabalhar aquelle dia, e os que ſe ſeguem; com que perde os ſeus jornais, e ſalarios, que vem a fazer quantia groſſa. E he ponto eſte, que tem dado muito que ſuar aos Doutores Moraliſtas ſobre a reſtituiçaõ dos lucros ceſſantes, e damnos emergentes conſideraveis do official, a que deu cauſa o ladraõ com taõ leve furto, como he o de huma agulha, que val quando muito real e meyo; e querem quaſi todos, que ſeja furto de reſtituiçaõ os damnos graves recebidos por taõ leve cauſa. Do meſmo modo diſcurſaõ no que fur-

tou

tou a cabra, ou a galinha, de que ſeu dono eſperava muitos frutos. E aſſim ſuccede furtarem muito, os que tomaõ pouco. Mas naõ he minha tençaõ occupar a máquina deſte capitulo com ninherias. Vôe a noſſa pènna a couzas mais altas. Todos ſabem o dito cômum: *Que tanta pena merece o conſentidor, como o ladraõ:* e neſta toada ha ladroens, que naõ furtando nada, porque nada lhes fica, furtaõ quaſi infinito; como ſe vê nas Juſtiças, em Guardas, Meirinhos, e outros officiais, aſſim na paz, como na guerra; os quais por diſſimularem, ou naõ vigiarem, daõ cauſa a grandiſſimos furtos, e intoleraveis ladroîces: já ſe vaõ forros, e a partir, com os que metem as mãos na maſſa até os cotovelos empolgando nas fazendas Reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ſer de contrabando; ahi digo eu que vay o furtar de monte a monte, e que tomaõ os tais miniſtros ſobre ſi cargas irremediaveis de reſtituiçaõ, cujos antecedentes naõ lograõ, e ſó com as conſequencias das tiçoadas, que por tudo haõ de levar, ſe ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomaõ menos.

Co-

Comecemos pelos mais graves. Sabe hum Meſtre de Campo, que tem quatro Capitaens no ſeu terço, que recolhem os pagamentos de ſeus Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogaõ no meſmo dia, em que lhos entregaõ, ficando aſſim Soldados, e Capitaens ſem bazaruco, e diſſimulaõ com iſſo? Pois ſaiba o Senhor Meſtre de Campo, quem quer que he, que fica ſendo em conciencia taõ grande ladraõ, como os ſeus Capitaens. Reſpondeme negandome a conſequencia; porque nada tomou para ſi. Mas a iſſo lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladroens, que naõ furtando nada, furtaõ muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occaſiaõ a mayores damnos, naõ ſó na fome, e deſnudez dos Soldados, e nos roubos, que lhes occaſionou fazerem para ſe remediarem; mas tambem na batalha, que ſe perdeo a ſeu Rey, por naõ hirem alentados, e contentes.

Caſo notavel, e que poderia acontecer! Veyo do Nórte a certo homem de negocio hum navio de bacalháo meyo corrupto, e tal que deſeſperou da venda, e gaſto de tal droga: foy-ſe a hum Conſelheiro, ou Provedor das fronteiras, meteo-lhe dous mil cruzados em ouro na maõ para luvas com ſen borslado, que em mayores

em-

empenhos o deseja servir, se lhe der passagem á huma partidazinha de bacalháo para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a Sua Magestade. Deixe v. m. estar o lanço, lhe responde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey em conselho, e seraõ Sua Magestade, e v.m. servidos. Esperalhe pancada, e em vindo a pêlo á fome dos Soldados, propoem muito severo, e grave: Senhores meus, bacalháo he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-se de reserva, e he sadîo: e eu tenho, porque nada me escapa, quem nos dê huma partida grossa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá esse homem de veludo raso, que ahi está fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendo-se de rogar, e que tem dous mil quintais para provimento do povo, que ha de ficar bramindo; mas que o serviço de Sua Magestade ha de hir diante, e que terá o povo paciencia, e que lhe haõ de dar vinte mil cruzados pela dita partida, e que se lhe derem hum real menos, fica perdido. Va-se v.m. para fóra, temos ouvido, consultaremos. Sahe-se elle para fóra prometendo candeînhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa sahida á sua fazenda perdida.

Dá

Dá hum brádo o promotor do negocio: aqui veraõ VV. SS. como ſirvo a Sua Mageſtade. Famoſo lanço reſpondem todos, naõ ſe perca, embarque-ſe logo todo para Aldea Galega, e contem-ſelhe os vinte mil cruzados; e aſſim ſe effeitua. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem beſtas, tudo ſe executa: e lá vaõ comendo todos do bacalháo por eſſas eſtradas até Elvas, onde o molhaõ, para que naõ falte no pezo; recolhe-ſe nos armazens molhado ſobre corrupto, e ao ſegundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro; os Soldados naõ o aceitaõ, nem os caens o comem. E ſe alguem naõ tiver iſto por factivel: veja lá naõ lhe provem, que lhe ſuccedeo a elle. Digaõ-me agora os ſenhores Doutores, ſe he iſto furto, ou eſmola, que ſe fez á Sua Mageſtade: no Conſelho o appellidaraõ por ſerviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras ſaõ neceſſarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez eſte furto he a mayor duvida? O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados, cuida que nada fez; e elle por eſtes algariſmos vem a ſer, o que tomando pouco furtou muito; porque deu occaſiaõ a arderem vinte mil cruzados delRey ſem

ne-

nenhum fruto. Na alma lhe naõ quizera eu jazer á hora da morte.

****

CAPITULO VIII.

Como se furta ás partes, fazendolhes mercés, e vendendo-lhes misericordias.

OFfereceo-se o milhano á galinha para ser seu enfermeiro em huma doença, e em cada visita lhe mamava hum pintaõ pela calada, até que deu fé pela diminuiçaõ de sua familia, e casa, que a mercê, que lhe fazia o seu Medico, tinha mais de furto, que de misericordia. Saõ os Ministros, com que se governaõ ás Republicas, como Medicos, que acodem a seus trabalhos, que saõ as suas doenças; e accrescentarlhe estas a titulo de cura, e de misericordia, he aleivozia, e he ladroîce descarada, e acontece de mil maneiras; toco algumas, que todas naõ póde ser. Manda ElRey nosso Senhor fazer infanteria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Brasil, ou da India: vaõ os Cabos muito bem providos de dinheiro, que

lhes

lhes dá Sua Mageſtade para os pagamentos; levaõ ſeus officiais em fórma com todos os requeſitos; para que tudo ſe faça authentico com razaõ, e juſtiça. Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: ſaõ logo malſinados, os que tem inimigos, e chovem eſcuſas ſobre os que ſaõ aparentados: paſſa o Cabo cedulas aos meirinhos, que lhos tragaõ alli todos; e ſe os naõ acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que goſtaõ mais do ninho, em que ſe criaraõ, e levallos á guerra he arrancarlhe os dentes; poem-ſe em cobro, deixando ſeus pays nos piotes, que para remirem ſua vexaçaõ, e a de ſeus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de interceſſoens naõ montaõ, appellaõ para as do intereſſe: offerece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que naõ tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo eſcapa, e livra o filho a titulo de manco, ſendo mais eſcorreito que hum veádo: e naõ ſaõ poucos, os que trincaõ a ſedéla deſta maneira em cada terra; com que vem a ſer mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fazerem gente para a guerra, fizeraõ theſouro para a paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que livra-

livraraõ ſeus filhos ſeis, e ſete vezes deſte modo, em differentes annos; com que lhes vieraõ a cuſtar tanto, como ſe os reſgataraõ de Turquia.

O meſmo ſuccede nos apreſtos das armadas para a cóſta, e frotas para o Braſil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinhagem? Alto ſus: vaõ os ſargentos por eſſa Ribeira, revolvaõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a couza viva, que poſſa preſtar para os tais miniſterios, e cá faremos a eſcolha: e como ſe o decreto fora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitozos, para pingarem quatro toſtoens, porque os deixem: vinde por alli, que ſois marinheiro; e vós vinde tambem, que ſois ſangrador. Ha que delRey, grita eſte, que naõ eſtou ainda examinado! Que naõ ſou marinheiro do alto, chora aquelle! Deixem-nos voſſas mercês, eiſaqui duas patacas para beberem: que naõ ha patacas, inſtaõ os agarradores, todas ſaõ falſas, viva Deos, e tudo he falſo, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois poriſſo meſmo, acodem os ſalteados, haõ voſſas mercês de uſar de miſericordia comnoſco, pois nos conhecem; e ſerem ſervidos de nos darem huma palavra aqui á parte de ſegredo, que importa ao ſerviço de Sua Mageſtade. E tanto que lhe untaõ as mãos com

moeda

moeda corrente, logo os deixaõ escorregar dellas; avisando-os, por lhes fazerem mercê á puridade, que naõ appareçaõ os oito dias seguintes até darem á vela, e aos circunstantes, que acodiraõ a ver a morte da bezerra, daõ satisfaçaõ com deixem passar senhores estes fidalgos, que saõ familiares. E eisaqui como estes, e outros fazendo mercês, e vendendo misericordias, furtaõ a trecho: e vem a resultar de tudo, que fazem os provimentos, dos que naõ tiveraõ substancia para seu resgate, de quatro máos trapilhos inuteis, e miseraveis; e porisso depois em seus póstos ha as faltas, que choramos: nem se devem imputar a elles, que saõ huns coitados, senaõ a quem tais provimentos faz, esfolando a nossa Republica para engordar a sua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em mayor custo, e toca em sugeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Aprestaõ-se as náos para a India, naõ ha Pilotos, nem bombardeiros; porque saõ officios, cujas artes já se naõ professaõ, nem ensinaõ: offerecem-se os lacayos dos mayores senhores a seus amos, para que os façaõ prover nestes officios, em satisfaçaõ de seus serviços; porque sabem que tem mayores lucros nelles, que em pen-

sar

ſar as mulas, e frizoens dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe ſeu amo: como pódes tu ſer Piloto de huna náo, ſe nunca entraſte nella, nem ſabes que couſa he Baleſtilha, nem Aſtrolabio? Naõ repare V. S. niſſo, reſpondeo elle, porque as náos da India naõ haõ miſter Pilotos; ſempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as traz. E fiados niſto, ou em ſeus intentos, que elles ſaberaõ quais ſaõ, e nós tambem, provêm os officios das náos de maneira, que quando vem á praxe, e exercicio delles, nenhum ſabe, qual he a ſua maõ direita: e poriſſo vaõ dar com as náos por eſſas coſtas, e ſe deixaõ render nas occaſioens de peleja; e vemos perdas taõ grandes, e intoleraveis, que pelo ſerem muito, as attribuîmos aos peccados, que naõ vemos, e ſe poderiaõ muitas vezes queixar de ſe lhe levantarem tantos falſos teſtemunhos; como lá, naõ ſey onde, ſe queixou hum diabo de certo noviço, que deu a ſeu Meſtre por eſcuſa de huns óvos, que frigio em hum papel á candêa, que o tentára o demonio; o qual acodio logo por ſua innocencia deſmentindo-o, que tal fritada naõ ſabia, como ſe podia fazer daquella maneira. Naõ nego, que peccados nos pódem fazer, e fazem muita guerra; mas vejo que ignorancias ſaõ as que nos deſtroem,

 e quem

e quem favorece estas a titulo de misericordia, dá occasiaõ a mayor crueldade: e fazendo esmolas, e mercês a seus criados, faz furtos, e dá perdas á Republica, que naõ tem reparo.

****

CAPITULO IX.

Como se furta a titulo de beneficio.

BEneficios ha sem pensaõ, e beneficios ha com ella. Tomara eu os meus desobrigados, para naõ desejar a morte ao pensionario. Se o beneficio he tenue, e a pensaõ grossa, melhor me fora ser Cura, que Beneficiado. Isto he, que melhor me estava curar de mim com trabalho, que renderme a outrem com tributo. O interesse he moeda, que todos os homens cunhaõ, e só entre elles corre, e a falsificaõ de maneira, que por cobre querem que lhe deis prata. Deos Nosso Senhor está continuamente enchendo este mundo de beneficios sem esperar outra pensaõ, mais que de louvores em agradecimento. He hum milagre continuo a disposiçaõ, e providencia, com que o Ceo governa os tempos do anno, fazendo com suas in-

fluencias

fluencias ſahir partos dos Elementos, animais, e plantas, com que os Racionais ſe ſuſtentaõ, e veſtem; ſem poriſſo nos penſionar mais que em louvores, que quer lhe demos; tributo facil, porque depende de affectos, que ſaõ naturais, e poriſſo de nenhuma moleſtia ao agradecido. Os Reys tambem ſaõ como Deos; e como a natureza neſta parte a tudo acode com univerſal providencia, diſpondo as couſas com ſuas Leys de ſorte, que ſe naõ houver quem as quebrante, naõ haverá fome, que afflija os pobres, nem adverſidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andaráõ ſatisfeitos, ſem as penſoens de tributos, que ſe occaſionaõ de disbarates, que os ambicioſos, e turbulentos movem; e para ſe reprimirem he neceſſario que todos concorraõ, porque as forças de hum Rey ás vezes naõ baſtaõ, para enfrear a violencia dos grandes, que ſempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he eſponia, que ſe céva na ſubſtancia da pobreza, e he hydropeſia, que nada a farta: e dahi vem arrebentarem huns de gordos com a abundancia, e entiſicarem outros de magros com a eſterilidade. E no cabo cuidaõ os grandes, que ſaõ como as ſanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ o

 ſangue,

ſangue; cuidaõ que fazem ſoberano beneficio aos pequenos, quando ſe ſervem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he ſervirſe de vós, e a penſaõ tomarvos a fazenda, como ſe a ganharaõ, quando vos admittiraõ ao ſerviço, que lhes fizeſtes. Naõ ſe vio mayor ſem-razaõ! E eu lha perdoara [porque cuidaõ que vos authorizaõ, quando vos chegaõ a ſi, e que naõ ha em vós preço, com que lhe poſſais pagar eſte beneficio] ſenaõ accreſcentaraõ a eſte dilirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a iſto a vingança injuſta, que conceberaõ contra vós, por naõ vos profeſſardes eſcravos ſeus, até quando naõ ſó a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que ſonhaõ, vos fez livre. E para que naõ pareça iſto diſcurſo fantaſtico, a quem o ler, ponho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido.

Naõ ha Reyno no mundo taõ bem provîdo como eſte noſſo de Portugal; porque álem do que dá de ſi baſtante para ſeu ſuſtento, luſtre, e agrado, tem de ſuas Conquiſtas, com que ſe enriquece, e provêm todas as Naçoens. E como o menêo de tantas couſas he grande, ha miſter grandes homens, que lhe aſſiſtaõ com grande gover-

no

no em todas as partes, aonde chegaõ ſeus commercios. Deſtes houve antigamente, e ainda ha alguns taõ fidalgos, que eſtimando mais a honra, que theſouros, trataraõ ſó de dar o ſeu a ſeu dono; e aſſim tornaraõ para ſuas caſas ricos ſó de bom nome, que he melhor, que muitas riquezas, como diz o Sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leys da cobiça aos reſpeitos da nobreza, naõ ſó ſe fazem chatins, mas eſtendendo as redes até pelo alheo, ſe fazem ricos á cuſta dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro, depois de ſe ſervirem delles, e os deſpojarem de quanto tinhaõ. Soube hum Governador deſtes, que certo negociante tinha hum trancelim de diamantes, que ſe avaliava em cinco mil cruzados: creceolhe a agua na boca, e mandoulho pedir ſó para o ver por curioſidade: e depois de viſto, torna outro recado, que eſtimará lho venda: tenho-o para o dar em dote a huma filha, lhe reſpondeo o dono. Seja aſſim, diz o ſenhor Governador; e eiſahi tem v. m. a ſua peſſa: e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que ſe embarque prezo para o Reyno, para dar conta diante de Sua Mageſtade de certos cargos, e crimes *læſæ majeſtatis*, provados com mais de vinte teſtemunhas. Lança o bom Portuguez ſuas con-

tas: eu naõ devo nada a ElRey; mas dizem lá que á cadêa nem por coima de figos, e se me deixo hir, hey de gastar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo naõ ficarey bem limado de tudo, sobre bem affligido. Leve S. Pedto o trancelim, que taõ caro me custa. Chama hum Religioso destro, e de segredo, entregalho com hum recado para sua Senhoria, que lhe faça mercê de se servir daquella pessa, e de tudo o mais, que ha em sua casa, porque estava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o senhor Governador o envoltorio, dando a entender, que cuida saõ reliquias, que lhe offerece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoso: Grande couza he ter hum amigo em Arronches. Póde agradecer a V. P. esse cavalheiro a mercê, que lhe faço de o absolver de culpa, e pena: e dê graças a Deos, que escapou de boa. Por esta arte fazendo beneficio da maldade que urdiraõ, chupaõ em satisfaçaõ, quanto ha precioso em ricos, e pobres. Façaõ-me mercê, que lhes resistaõ, e veraõ, onde vaõ parar suas vidas, e fazendas.

De outras tretas usaõ ainda mais suaves para se fazerem senhores do alheo a titulo de beneficios fantasticos, principalmente quando trataõ de se voltarem para o Reyno: fingem-se valídos, e

pode-

poderoſos com os Miniſtros de todos os Conſelhos, e até com as Altezas, e Mageſtades: offerecem-ſe aos que ſentem de mais churume, que faraõ na Corte ſuas partes: e como nenhuma ha, que naõ tenha nella requerimentos, todos ſe diſpendem com donativos, e offertas, que dizem com as peſſoas; e elles vaõ agaſalhando tudo, e pondo em liſtas [que nunca mais haõ de ver] ſeus negocios: e para os apoyar moſtraõ cartas, que fingem dos Valîdos, e Miniſtros; onde vaõ topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas eſporas, e garavatos, deſpenhaõ os pertendentes, e os desbalizaõ de quanto tem: e aſſim os roubaõ a titulo de lhes fazerem beneficios, ſem chegarem nunca os acrédores a colher os frutos de ſuas eſperanças; porque ſemearaõ em terra eſtéril, e matto maninho. Deos nos ajude, e nos dê a conhecer coraçoens fingidos; a natureza, e os elementos produzem tudo para os homens, ſem lhes pedirem nada por taõ grandes beneficios: e os homens ſaõ taõ intereſſeiros, que ſem lhe darem nada, lhe querem levar tudo por huma mercê fingida. Naõ ha entre elles beneficio ſem penſaõ, e he ordinariamente taõ pezada, que nada me deixa para alivio. O Reyno eſtá ſempre cheo para elles, e para mim ſó vazio; os Reys trataõ de todos, e elles ſó de ſi, e nenhum

de mim, ſenaõ quando me ſentem com churume, que poſſaõ ſorver. Vêlos-heis viſitarem-ſe huns aos outros com alvitres de grandes ganancias, ſe entrarem ao eſcote nos empenhos, que trazem por mar, e terra; e que vos fazem mercê de vos admittirem ao trato da ſociedade, de que eſperaõ frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o ſeu intento he pôr-vos de lodo, deſpojando-vos da ſubſtancia, para a encorporarem em ſi; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixaõ *Zote de requie:* e quando abris os olhos, achais, que o deſcanço ſe vos converteo em demandas, com que acabais de deſpenhar o ruço a traz das canaſtras; eſtas vaõ cheas para elles, e aquelle fica dando-vos couces na alma: *Equo né credite Teucri. Timeo Danaos, & dona ferentes.*

****

CAPITULO X.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o ſervir.

A Era he taõ deſarrezoada, que com ſumma *Habilidade*, digo humildade, ajunta ſoberba ſum-

ſumma, tomando ſatisfaçaõ atroz de hum ſerviço inutil, como ſe o que dá, fora muito, ſendo nada; e o que toma fora nada, ſendo mais que muito. He por natureza taõ humilde, e raſteira, que ſe naõ tiver, quem lhe dê a maõ, nunca ſe levantará do pó da terra: e he por artificio taõ ſoberba, que naõ pára, até naõ ſobrepujar a quem lhe deu o alento; nem deſcança, até naõ deſtruir a ſeus bemfeitores, roubando-lhes a ſubſtancia, e arruinando-lhes o ſer em ſatisfaçaõ do leve ſerviço, que lhes faz do ornato de ſuas folhas. Levanta-ſe por beneficio das mais altas arvores, a que ſe encoſta; dilata-ſe com o favor dos mais fortes muros, a que ſe arrima; pagalhes com ſua freſcura, e paga-ſe deſta ruina, e deſtruiçaõ total de todos ſeus Mecenas. Até aqui ingratidaõ! E tais ſaõ homens humildes por natureza, ſoberbos por artificio, que recebendo de ſeus ſenhores o ſer, e beneficios ſem conto, eſcaſſamente lhe fazem hum leve ſerviço mais de folhagem, que de ſubſtancia, e logo ſe pagaõ delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes ſaco ao mais eſſencial, ſem repararem ruinas, que a grandes diſpendios neceſſariamente ſe ſeguem. Naõ tolho que ſe paguem ſerviços: mas eſtranho ſatisfaçoens, que excedem; e que as affectem ambicioſos, até onde naõ ha merecimen-

tos.

tos. Córando estes com a mesma acçaõ perniciosa, estaõ roubando a seu Rey, e a seu Senhor, e querem que porisso vá chea de merecimentos a maõ, que enchem de rapinas; e que tudo seja pouco para premio de sua aleivozia disfarçada com mascara de serviço. E ainda que nelles houvera serviços dignos de premio, saõ os pagamentos, com que se satisfazem, taõ grossos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados disse no titulo deste capitulo? Pois disse pouco, quando sey casos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occasiões, que a sabedoria do vulgo ficou cuidando, que recebia ElRey no lanço hum serviço heroico de grandissimo interesse. Succedeo o caso, naõ direy onde, porque naõ trato de sindicar invasoens de inconfidentes, senaõ de advertir Ministros fieis, para que saibaõ, por onde se nos vay a agua: basta saber-se, que álem-mar recolhem os Reys de Portugal para si todos os dizimos, como conquistadores; porque os Papas os largaraõ aos Méstrados, para levarem avante a conversaõ da Gentilidade, e sustentarem o culto Divino naquellas partes com magnificencia da Fé, e augmento da Christandade. Em huma praça pois dessas mais opulentas se pôem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos,

zimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orſadas huns annos por outros em cento e quarenta até cento cincoenta mil cruzados. Urdio hum poderoſo os lanços de maneira, que naõ ſobiraõ de ſeſſenta mil cruzados; e nelles ſe rematou o ramo a hum Prióſte ſeu confidente, com quem hia forro, e a partir: e para iſſo intimidou todos os lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais affoutos, para os impoſſibilitar naquelle tempo, por lhe conſtar queriaõ lançar no tal ramo, cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinhaõ lançado, e no ſeguinte lançaraõ, porque ſe lhes removeo o impedimento. Donde ſe colhe, que naõ defraudaraõ a Sua Mageſtade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeraõ grande ſerviço, para que ſe naõ perdeſſe de todo a arrendaçaõ dos dizimos, viſto naõ haver quem déſſe por elles mais. E deſtas ninherias ha por lá muitas guizadas com tais eſcabeches, que he neceſſario muito ardil para lhes dar na têmpera: e ainda que ha quem a entenda, aſſim como ha quem a goſte, naõ ha quem a declare, por ſe naõ encarregar de deſgoſtos, arriſcando a vida, e a honra á ventura de haver, quem faça prevalecer ſuas mentiras contra minhas verdades.

O utro

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriſcado que eſte, com que ſe furtaõ a Sua Mageſtade todos os annos os vinte mil cruzados, que propuz no titulo, ſem ſe ſentir a pontada, nem abrir ponto, por onde ſe poſſa emendar a rotura, E he aſſim, que os Reys de Portugal ſaõ Senhores de todos os mattos do Braſil, e conſeguintemente de todas as madeiras, que ſe talhaõ nelles: e he certo que todos os annos ſe fabricaõ mais de cincoenta mil caxas para vir o aſſucar, tabaco, gengivre, malagueta, &c. e que naõ ſe paga a ElRey por tanto taboado, e madeira, nem hum ceitil, achando os intereſſados, que aſſás o ſervem nos direitos, que de tantas drogas pagaõ, como ſe os naõ deveraõ por outra cabeça: e por eſta arte, a titulo de o ſervir, lhe defraudaõ cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caxas, que bem baratas hiriaõ por eſte preço: e ainda que lhas naõ déſſe mais que a dous toſtoens [que ſeria dallas de graça] faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle Eſtado de noſſo commercio, e paſſaõ de cento e cincoenta, fazem ſomma de dous milhões e meyo: e em tanto eſtá defraudada eſta Coroa a titulo de bem ſervida: e no cabo os ſeus Miniſtros, que ſe prèzaõ de belizes, e que peſcaõ

ato-

atomos com linces, naõ tem dado fé desta perda, se quer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes, e intelligentes, naõ tem preço, com tanto, que naõ despontem de agudos para seu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum sorvo engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que naõ cuidem que só porhi álem se fazem os bons saltos: fez este cadimo o seu com pretexto de servir bem a Sua Magestade, e ajudaraõ-no sendo dos bisonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabaliôas com outras tantas trochadas pelas costas com huma bengalla? Confórme ellas forem, responderaõ elles, naõ se desavindo no contrato, seraõ de amigo: *Et citra sanguinis effusionem.* Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados se contentou cada hum, sahindo a cinco tostoens cada bengallada como bofetada em peaõ. Accrescentavaõ elles a fazenda de huma náo em huma baraça [se era para a Alfandega, ou Casa da India, elles o digaõ, que a mim me esquece] e vindo com huma carga de drogas tais, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, pararaõ

em

em parte certa de penſado, como quem tratava de dár conta de ſi, e deſcarregar ſua conciencia: ſahio-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavaõ fazendas deſpachadas para fóra; e perguntando, e reſolvendo á viſta de Deos, e de todo o mundo, para mais aſſegurar o campo, lhes diſſe; que fazeis aqui villoens muito ruins? Deveis de eſtar bebados! Pois trazeis cá o barco, que ſahio daqui regiſtado: levayo a ſeu dono, e deſempachay o caminho: e porque naõ menearaõ os remos com tanta preſſa, como o ſalto neceſſitava, accreſcentou: eſtes madraços ſó ás pancadas ſe governaõ; e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda delRey, nem das partes: e paſſando das palavras ás obras, lhe fez a caridade, como tinhaõ concertado: confeſſando elles, que tinha ſua mercê muita razaõ; e aſſim ficaraõ todos juſtificados, e os circunſtantes perſuadidos, que tudo hia bem governado conforme aos regimentos da cartilha, e o barco ſem ruim preſumpçaõ foy dár comſigo, onde Sua Mageſtade perdeo vinte mil cruzados de direitos, dando-ſe em tudo por muito bem ſervido, em que lhe pez, porque naõ havia outra luz, que manifeſtaſſe a verdade.

****

CAPITULO XI.

Como se pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos.

TErrivel ponto he, o que neste capitulo se offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de restituir; que pertenda o ladraõ se lhe pague com outro tanto o trabalho, que teve em fabricar, e embolçar o furto! He caso, que só na escóla de Caco se pratîca, e acha resoluto: e poderia acontecer [se naõ he que já succedeo] de muitas maneiras: ponhamos huma, que explicará todas. Eis la vay hum Coronel mandado por Sua Magestade, naõ sey a que comarca: vinte mil cruzados leva para levantar hum terço perfeito de Infantaria: escolhe elle os officiais, todos seus criados, creados á maõ como estorninhos, que só palraõ, e descantaõ o que lhe metem no bico. Daõ comsigo de assuada em huma granja sua, que nunca grangeou tanto em sua vida: e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella suas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, gali-

galinhas, capoens, perús, e leitoens, á cuſta da barba longa. Eſcrevem alli os de melhor pena em hum livro branco mil e quinhentos nomes de ſoldados, que nunca viraõ, com os nomes de patrias, e pays, que tais filhos naõ geraraõ; tudo por capitulos com ſinais, e firmas differentes, pondo muitos com diverſas cruzes por ſinais, denotando, que naõ ſabiaõ eſcrever, como acontece. Feito aſſim o livro da matricula, e authentico com todos ſeus requeſitos, ſem lhe faltar huma cifra: annexando-lhe logo cartas, que com a meſma facilidade fizeraõ, e fingiraõ vindas das fronteiras cheas de agradecimentos do recibo de taõ bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que eſtavaõ muito arriſcadas: mas que já ficaõ ſeguras com mil e quinhentos leoens; e outros tantos annos viva ſua Senhoria para fazer ſemelhantes ſerviços a ElRey, e á patria, que lhos ſaberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com eſtas cartas de quitaçaõ, e livro de receita, daõ comſigo na Corte allegando a ſua Mageſtade o grandiſſimo trabalho, que tiveraõ, levando máos dias, e peores noites, botando o boſe pela boca, e labutando com repugnancias, eſcuzas, e murmuraçoens de pays velhos, mãys viuvas, irmans donzellas. Boto a tal, que ſe naõ póde fazer

eſte

este officio por quanto ha no mundo: e que naõ nos paga Sua Magestade com as melhores comendas de Christo o serviço, que lhe fizemos de mil e quinhentos rayos de Marte, tigres dezatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gastámos de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar Sua Magestade, claro está que naõ bastavaõ, nem para as despezas dos caminhos, serras, e charnécas, que andámos com máos gasalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey nosso Senhor com entranhas de pay; agradece-lhes liberal o trabalho com sua costumada benevolencia; enche-os de mercês, e despachos confiado a outras emprezas. E accrescentaõ elles depois de satisfeitos, e contentes: Senhor he hum milagre ver, que de tantos infantes, nem hum só mostrou má vontade de hir servir a V. Magestade; tanto monta o bom modo, com que fizemos isto.

Vedes aqui irmaõ leitor, como podeis furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandallo logo por outros tantos em juizo, allegando, que vos pague, naõ só o que trabalhastes, senaõ tambem o que gastastes em seu serviço. Os soldados foraõ por letra fantasticos, e invisiveis: mas os vinte mil foraõ á vista, reaes, e naõ encantados. O

ſerviço foy roubo occulto; e por elle pedem, e levaõ ſatisfaçaõ, e paga manifeſta. E ſe lhes tardaõ com ella, queixaõ-ſe, e demandaõ, até que lhes daõ pelo trabalho do furto mais, do que intereſſaraõ na rapina. Deſte, e de outros caſos, que vaõ por eſta eſteira, ſe póde colher repoſta para alguns zelozos, que eſtranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em deſpachos. Admitto que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de ſuas caſas: mas peor o faz, quem requer, o que lhe naõ he devido: e para ſe averiguar a verdade de todos, e ſeus merecimentos, he neceſſario tempo, porque ha muitos enganos nas juſtificaçoens dos ſerviços, que ſe allegaõ. E acontece muitas vezes virem das Conquiſtas, e das fronteiras carregados de certidoens de grandes ſerviços, os que mais roubáraõ a Sua Mageſtade; e á força querem que lhes pague com comendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocinios, que lá fizeraõ, e vem provados atraz delles na retaguarda da ſua fortuna; e ſe eſpera, que cheguem para rebater as baterias de certidoens falſas, que appreſentaõ na vanguarda de ſeus requerimentos.

****

CAPITULO XII.

Dos ladroens, que furtaõ muito, nada ficaõ a dever na sua opiniaõ.

HA huma figura na Rhetorica, que ſe chama *Gradatio*, porque vay como por degráos atando as palavras, e pendurando-as humas das outras. Declaremos iſto com hum exemplo, que ſervirá para a prova deſte capitulo. Todo o ſoldado Portuguez he briozo, todo o briozo he polido, todo o polido calça juſto, todo, o que calça juſto, naõ admitte çapato de fancaria: e os çapatos, que os Aſſentiſtas mandaõ ás fronteiras para os ſoldados, ſaõ todos de fancaria, e carregaçaõ: logo bem diz, quem affirma, que he fazenda perdida, a que ſe gaſta em tais çapatos. E que ſejaõ de fancaria, prova-ſe com a meſma figura; porque os tais ſaõ de carregaçaõ, e toda a mercadoria de carregaçaõ he pouco polida, toda a couſa pouco polida he deſalinhada, toda a couſa deſalinhada he de fancaria: logo bem dizia eu que he fazenda perdida; porque ſoldados briozos, quaes ſaõ os Portuguezes, naõ uſaõ cou-

zas de fayanca. E prova-ſe mais ſer fazenda perdida pela experiencia; porque ſabemos de poucos, que calçaſſem nunca tais çapatos; e vemos muitos, que recebendo-os a razaõ de tres e quatro toſtoens o par, porque lhes naõ daõ outra couza; os tornaõ logo a vender por cinco, ou ſeis vintens: e tornando-os os Aſſentiſtas a recolher por eſte ſegundo preço, os tornaõ a encaixar aos ſoldados pelo primeiro, revendendo-os ſeis, e ſete vezes. O meſmo fazem com as bótas, e meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros apreſtos, que Sua Mageſtade lhes permitte levar ás fronteiras, para melhor expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do paõ bota terra, na farinha cal, na cevada joyo, na palha ſiſco; para fazer de eſterco prata, e vencer com os ganhos o cuſto. E a graça de tantas deſgraças he, que os authores deſtas emprezas, depois de roubarem com ellas a ElRey, aos ſoldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficaõ-ſe ſaboreando da deſtreza, com que fizeraõ ſeu officio: e ſe a conciencia os pica, que venderaõ gato por lebre, alimpaõ o bico á meſma conciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderaõ nada ás eſcondidas; e o que ſe faz na bochecha do Sol com aceitaçaõ

taçaõ das partes, vay livre de coimas, e de eſcrupulos. Parece que ainda naõ lêraõ, nem ouviraõ, que ha vontades coactas, e forçadas ſem punhais nos peitos. Se vós lhes naõ dais outra couza, nem ordem, para que a buſquem por ſua via, claro eſtá que ſe haõ de comprar com voſſa ladroîce, para remirem em parte ſua vexaçaõ. Mas iſto naõ vos livra, de que ficais obrigado a ElRey, porque o enganaſtes; e aos ſoldados, porque os defraudaſtes; e ao Reyno, porque o ſaqueaſtes, enſacando em vós o dinheiro das décimas, e paleando tudo com hum quartel, que expuzeſtes de antemaõ, como ſe aſſim os arriſcaſſeis todos; e como ſe nós naõ viſſemos, que quando chegais ao ſegundo, já eſtais pagos do primeiro. E tendes nas unhas cobranças ſeguras para o terceiro, e quarto, havendovos em todos, como ſe os traginareis com voſſa fazenda; e ſendo a negociaçaõ ao todo com fazenda alhea, vos pagais nos intereſſes, como ſe fora voſſa. E lançadas voſſas contas, achais na voſſa opiniaõ, que nada ficais a dever, e que ſe vos deve muito, pelo muito que ganhaſtes. Muito tinha eu aqui que diſcorrer: mas fiquem eſtes torcicollos de reſerva para o capitulo 20. §. *Seria immenſo*, das unhas militares.

****

CAPITULO XIII.

Dos que furtaõ muito accrefcentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ.

EM Braga houve hum Primáz Arcebiſpo, que o foy tambem no Oriente: eſte coſtumava dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Beneficios, e officios aos pertendentes, por quem intercediaõ menos padrinhos; e deixava ſem nada aos que tinhaõ muitos interceſſores. E a razaõ, em que ſe fundava, para ſe juſtificar com ſua conciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, ſenaõ por intereſſe: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha, com que os comprava; e que os buſcava, por ſe ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia ſem padrinhos, hia pelo caminho da juſtiça, e fiava-ſe na verdade, e em ſeus talentos: e aſſim achava o bom Prelado, que provia melhor, quando furtava a volta ás abonaçoens que excediaõ, tendo-as por ſuſpeitas. Mas teve hum Proviſor, que lhe deu na trilha; e furtavalhe a agua com outra treta, abonandolhe, os

que

que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que assim lho dizia muita gente. E era o mesmo, que ficar de fóra, e destituido aquelle, a quem mais accrescentava, e ornava para ser provîdo. Valente desengano he este para Principes, que naõ cuidem, que poderáõ ter roteiro, que se lhes naõ contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia*, disse o Italiano; que naõ ha ley, nem traça de governo taõ considerada, a que a consideraçaõ da malicia, e especulaçaõ do discurso interessado naõ dê alcance para a perverter, e torcer a seu intento. Hum caso, que me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Creceraõ queixas de mais de marca nesta Corte contra os Ministros Ultramarinos: tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo Sua Magestade hum Bacharel de encomenda: tinhaõ os Ultramarinos prevenido com valentes saguates seus confidentes, para que armassem os páos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e naõ incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opiniaõ vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogîos, e prégar encomios

delle a Sua Mageſtade, e que o mandaſſe logo, que aſſim convinha. E porque ſabiaõ, que era homem de capricho, e brios, que naõ havia de evitar a empreza ſem os requiſitos para ella; e para ſeu credito, e honra navegar direito, accreſcentaraõ que naõ convinha darlhe Béca, nem Habito de Chriſto antes de hir: porque ſe lhe déſſem logo o premio, naõ lhe ficava cá que eſperar; e naõ ſerviria taõ diligente, nem tornaria taõ cedo, deixando-ſe engodar lá com outros lucros, e que perderiaõ hum ſugeito de grandiſſimo preſtimo. Quadrou a razaõ, por hir veſtida de zelo de bem commum: e vendo o ſindicante, que o mandavaõ deſmaſtreado de authoridade, e dos requiſitos, para fazer bem ſeu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia, quem tanto o abonou, e accreſcentou de cabedal, e talentos para o esbulhar de tudo. Deixo outras conſequencias, que teve a hiſtoria, porque eſtas baſtaõ para moſtra que ha ladroens, que furtaõ accreſcentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ. Por eſte rumo navegaõ, os que, para entabolarem ſeus aliados, quando competem com outros, que lhes vaõ diante nos merecimentos, abonaõ tanto os melhores, que os botaõ fóra da pertençaõ a titulo de ſer pequena, e que he bem

lhes

lhes dêm couzas mayores; que aquillo he baſtante para fulano; e aſſim o plantaõ no poſto, e ſe eſquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e promettiaõ, ao que botavaõ fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem ſe eſtende eſta ſubtileza por materias pecuniarias, fazendovos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ: abonaõ-vos por Creſſo, e Midas, para vos porem ás coſtas as perdas que querem lançar das ſuas. Em Portalegre vi eſte caſo por occaſiaõ de huma alçada, cujos gaſtos naõ achou o Dezembargador quem os pagaſſe depois de feitos, nem quem compraſſe as fazendas dos culpados, porque eraõ poderoſos, e aparentados. Fez o ſindicante ſeu officio rectiſſimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade para os obrigar, a que déſſem a quantia neceſſaria para a alçada, e que tomaſſem as fazendas para ſe pagarem com ellas logo, ou com ſeus frutos nos annos, que baſtaſſem, deſcontando tambem a razaõ de cambio os lucros ceſſantes do ſeu dinheiro. Vendo todos o riſco a que ſe expunhaõ; porque em virando o Dezembargador as coſtas, haviaõ de revirar ſobre elles os culpados com toda ſua parentélla, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os

frutos,

frutos, perder o dinheiro, e arriſcar as vidas, deraõ na traça deſte capitulo de accreſcentarem os bens, a quem tratavaõ de os diminuir: diſſeraõ de hum certo, que tinha de ſeu mais de cem mil cruzados, que elle ſó podia com taõ grande pezo, e era poderoſo a ter as pélas contra tudo, o que ſuccedeſſe: e ſeguio-ſe daqui, que fazendo-o rico, o meteraõ em riſcos de grandiſſimas perdas. Nos lançamentos das décimas ſuccede quaſi o meſmo, que vos fazem rico ſendo pobre, para que pagueis o de que ſe eximem os ricos por poderoſos. O orçamento he juſto, porque ſe me depélla a ſubſtancia do que póde a freguezia, e que conſta até pelos livros dos dizimos: mas quando vay ao repartir da contribuiçaõ, baralhaõ as cartas, os que eſtaõ ſenhores do jogo, e fazem ſahir triunfo de ouros, a quem naõ tem cobre com que pague; e páos, e eſpadas, a quem tem prata, para que a defenda; e naõ faltaõ logo cópas, que apagaõ as duvidas. E a galhardîa he que com zelo do ſerviço delRey noſſo Senhor tapa a boca a todos, para que naõ grunhaõ. He terrivel maõ, a que ſe arma com azeiros Reaes; porque ainda que naõ ſejaõ mais, que apparentes, temem ſuas unhas até os Leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na fraze dos azeiros,

ou

ou unhas Reaes; porque he certo que ha unhas Reaes muito perniciosas, como explicará o seguinte capitulo.

****

CAPITULO XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes.

QUando Alexandre Magno conquistava o mundo, reprehendeo hum Cossario, que houve ás mãos, por andar infestando os mares da India com dez navios: e respondeo-lhe discreto: Eu quando muito dou alcance, e saco a hum, ou dous navios, se os acho desgarrados por esses mares; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro, e fogo toda a redondeza da terra, que naõ he sua: eu furto, o que me he necessario, V. Alteza o que lhe he superfluo. Digame agora, qual de nós he mayor pirata, e qual merece melhor essa reprehensaõ? Quiz dizer nisto, que tambem ha Reys ladroens, e que ha ladroens, que furtaõ o que lhes he necessario; e que ha ladroens, que furtaõ tambem o superfluo: estes saõ ladroens por na-

tureza,

reza, e aquelles o ſaõ por deſgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem emenda; os que furtaõ por deſgraça, mais ſofriveis ſaõ, porque naõ ſaõ taõ continuos. Se ha Reys ladroens, he queſtaõ muito arriſcada. Certo he que os ha; e que naõ furtaõ ninherias: quando empolgaõ, ſaõ como as Aguias Reaes, que ſó em couzas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que ſe contentaõ com ſevandijas; mas a Rainha das aves com couzas mayores tem ſua ralé. Quando ElRey Filippe, que chamaõ Prudente, morreo; dizem que ſó no Reyno de Navarra engaſgou, ſe pertencia ao Francez; como ſe naõ tivera mais, que duvidar no de Portugal, e outros, cuja poſſe, ſe bem ſe examinára, póde ſer que lhes achára mais de rapina tranſverſal, que de linha direita. Os Reys de Portugal tiveraõ ſempre eſta prerogativa, e bençaõ de Deos, que tudo quanto poſſuîraõ, e poſſuem de Reynos, foy herdado com legitima ſucceſſaõ, ou conquiſtado com verdadeira juſtiça. E aſſim naõ topaõ aqui entre nós as unhas, que chamamos Reaes: por outra via lograõ eſte nome, com que ſe acreditaõ, e armaõ, para empolgarem mais a ſeu ſalvo nas prezas que fazem, as quais ſaõ tantas, e de tal qualidade, que naõ he poſſivel referillas todas: toco algumas. Sa-

Sahe de Lisboa hum enxame de officiais dos Aſſentiſtas, quando naõ tem pelas comarcas Varas mayores, que lhe ſubſtituaõ no cuidado de fazer trigo, e cevada para as fronteiras, e todos levaõ nas mãos proviſoens Reaes, para tomarem o que for neceſſario, e lhe amainarem o preço: correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores, e tambem dos Religioſos; e ſendo neceſſarios mil moyos, vg. recolhem tres mil: e vendem depois em Abril, e Mayo os dous mil, dobrandolhe o preço, e tambem quadruplicandolho conforme a careſtîa, que elles cauſaraõ. Hum Fidalgo de Bèja me contou, que vira hum deſtes Doutores fazer huma peça digna de conto. Atraveçou o celeiro de hum lavrador ricaço, e diſſe-lhe muito ſerio: Eſte trigo he muito ſujo; naõ o hey de levar ſenaõ joeirado; porque naõ quero comprar má fazenda para os ſoldados de Sua Mageſtade, que he bem andem mimoſos, pois nos defendem de noſſos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por ſe ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo moyo de alimpaduras; as quaes comprou logo o meſmo miniſtro dos Aſſentiſtas a vintem cada alqueire; e em as tendo por ſuas, deu com ellas no trigo limpo, e miſturando tudo o enſacou. Naõ ſe

vio

vio mais pouca vergonha, nem mayor ſubtileza! Até no terreiro de Lisboa fazem preza eſtas aguias. Saõ neceſſarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavalheriças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O meſmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: naõ ſey ſe ſerá para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe cuſtou hum toſtaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráraõ a tres, ou a quatro vintens? Taõ Reaes como eſtas ſaõ as unhas de alguns Miniſtros, que retardaõ conſultas de officios, para que occupem ſerventias, os que os peitaõ: e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo eſtá empatado com deſpachos ſubrepticios, de que Sua Mageſtade naõ he ſabedor; que ſe o fora, mandára reſtituir lucros ceſſantes, e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foy cauſa contra juſtiça de ſe andarem conſumindo, e lutando com enganos fóra de ſuas caſas tanto tempo. Neſte paſſo me negaõ tudo, quanto tenho dito neſte capitulo, os que ſe ſentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e ſó o digo, para que naõ aconteça, e paſſo a couzas notorias.

Paſſando eu ha poucos annos por Monte-

mór

mór o Novo, vi huma tropa de pádeiras irem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos ſacos de paõ amaſſado: perguntey, que briga era aquella? Reſponderaõ-me, que as encoimaraõ, por fazerem o paõ menos de marca, que mandava Sua Mageſtade que o fizeſſem de arratel, e achou-ſe em hum meya onça menos. Mas ſabida a hiſtoria mais de raiz, era que naõ queriaõ dár paõ fiado a alguns ſenhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e aſſim as enſinavaõ a ſerem cortezes. Mais humano ſe portou hum meirinho neſta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe ſervio de negaça, caçou mais de hum anno tudo, o que lhe foy neceſſario para o ſuſtento de ſua caſa. Hia o criado por eſſa Ribeira com a moeda de ouro de trez mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, ácolá o cabrito, e o leitaõ no dia de carne; e no dia de peixe a peſcada, o ſavel, o linguado, e a lagoſta; comprava até a couve, o nabo, a alface, o quejo, o figo, e a paſſa, e todo o genero de fruta, e nunca ſe deſavinha no preço, e ſempre offerecia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por naõ o aggravarem, faziaõ da neceſſidade cortezia, e diziaõ, que naõ tinhaõ

troco,

troco, que outro dia fariaõ contas, como o tivessem; e este dia nunca chegava, porque naõ era do Kalendario. Mas tomaria a bulla da composiçaõ na Quaresma, que he de temer lhe naõ valesse, visto serem vivos, e conhecidos os acrédores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia naõ só pannos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a este hum Vereador quatorze mil reis emprestados: temeo o trapeiro, que havia de ser o emprestimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que naõ tinha dinheiro. Baxou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fisco Real; que naõ vendesse couzas de comer, porque era suspeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes que estas: o contrato das Almadravas do Algarve paga de dez atuns sete para a Coroa, que se obriga porisso a defender a costa aos armadores com galés, e armada; e todos os annos os desbarataõ os Mouros, levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os sete atuns sempre se pagaõ. E porisso naõ ha escrupulo no muito, que se furta nos direitos. Que direy das obras pias? Me-

lhor

lhor he naõ dizer nada. Inventou-as ElRey Dom Manoel de glorioſa memoria, tirando hum real, ou dous de cada cento no Conſulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os eſtropeados de Africa, para viuvas de Portuguezes, que ſerviraõ, para occaſioens de miſericordia fortuitas: e carregaõ ſobre ellas mais de dez mil cruzados de tenças, e donativos, que naõ pertencem á inſtituiçaõ das pias obras: e quando vaõ as partes cobrar, o que ſe lhes conſigna nellas, achaõ-ſe em branco, e quem anda mais diligente, ſe cobra hum quartel, dá graças a Deos, e os mais de barato. Tambem o Eſmoler mór ſe queixa, que ſe lhe remettem petiçoens aos milhares, naõ tendo cabedal, que ſe conte por centos. O certo he que muitas couzas naõ ſe emendaõ, porque ſe naõ ſabem, e naõ ſe ſabem, porque ha unhas, que as eſcondem, porque vivem dellas ſobcapa de ſervirem a Sua Mageſtade, e aſſim ſe fazem Reaes.

****

CAPITULO XV.

Em que ſe moſtra, como póde hum Rey ter unhas.

NAõ cuidem os Reys, que pelo ſerem ſaõ Senhores de tudo, como o Graõ Mogor, e o Graõ Turco, que ſe fazem herdeiros de ſeus vaſſallos com tal dominio em ſeus bens, moveis, e de raiz, que os daõ a quem querem, deixando muitas vezes os filhos ſem nada. Iſto bem ſe vê, que he barbarîa: ainda que dizem o fazem para terem os vaſſallos dependentes: mas tambem os teraõ deſcontentes; e poriſſo ſabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens; com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que ſó o poſſue, quem mais póde. O Rey, que ſe governa com verdadeiras leys, mas que naõ ſejaõ mais que a da natureza, ha de preſumir, que até o que poſſue, naõ he ſeu, e que lhe he dado para conſervar ſeus vaſſallos; e que ſe o defraudar fóra do bem commum com gaſtos ſuperfluos, que poderá cõmetter niſſo crime, a que ſe dê nome de furto. De tres maneiras póde hum Rey ſer ladraõ. Primeira furtando a ſi meſmo. Segunda a

ſeus

ſeus vaſſallos. Terceira aos eſtranhos. A ſi meſmo furta, quando gaſta da Coroa, e dos rendimentos do Reyno em couzas inuteis; aos vaſſallos, quando lhes pede tributo demaſiados, e que naõ ſaõ neceſſarios: e aos eſtranhos, quando lhes faz guerra ſem cauſa. E eſtá taõ fora de ſe aproveitar com eſtas execuçoens, que executa nellas ſua perda, e de ſeu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarchia de Caſtella, cujo Rey porque gaſtou quinze, ou vinte milhoens, ſe naõ foraõ mais, nas ſuperfluidades do Retiro, os acha menos agora, quando lhe eraõ neceſſarios para os apertos, em que ſe vê: e porque véxou os póvos com tais tributos, que chegou a quintar as fazendas a ſeus vaſſallos, ſe lhe alevantaraõ Portugal, Catalunha, Napoles, Cecilia, &c. e porque faz guerra a França, e a outros Reynos, e Eſtados, que lhe naõ pertencem, por ſuſtentar caprichos, eſtá em pontos de dar a ultima boqueada á ſua Monarchia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico, em que conſervavaõ os rendimentos do ſeu Imperio, conſervaraõ-ſe invenciveis; e tanto que os gaſtaraõ em ſuperfluidades, e ambiçoens, perderaõ-ſe a ſi, e quanto tinhaõ: e porque para ſe terem maõ, apertaraõ demaſiada-

 mente

mente com os póvos, que dominavaõ, tirando-lhes a ſubſtancia, rebellaraõ-ſe todos: e porque crueis fizeraõ guerra ſem cauſa, meteraõ em ultima dezeſperaçaõ as Naçoens, que mancommunadas reſiſtiraõ até deſencaixarem de ſeus eixos todo o Imperio, cumprindo-ſe ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. As Republicas conſervaõ-ſe com fazenda, vaſſallos, e leys: e ſe a fazenda ſe desbarata, e os vaſſallos ſe offendem, e as leys ſe quebraõ, lá vay, quanto Martha fiou; e naõ lhe reſta mais, que fiar em huma roca, quem ſe fiou tanto de ſua fortuna, que arrebentando de farto, naõ previo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como conſequencia infallivel de proſperidades mal havidas, que ſejaõ mal logradas, como theſouros encantados, que no melhor deſapparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioſo; que naõ contente com ſe ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebentou como a rãa de Hiſopete. Convêm que o Rey ande ſempre com o prumo na maõ ſondando os baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de ſeu, e em que ſe gaſta; os vaſſallos, que governa, e

para

para quanto preſtaõ os amigos, e inimigos, que o cercaõ, e de que valor ſaõ. E conſidere, que Rey ſem fazenda he pobre, ſem vaſſallos he ſó, e com inimigos he perſeguido: e hum Rey pobre, ſó, e perſeguido, facilmente he vencido, e vay perto de naõ ſer Rey. Mas ſe tiver fazenda, e a conſervar, ſerá rico; ſe tiver bons vaſſallos, e naõ os offender, achalos-ha a ſeu tempo: e ſendo rico, e tendo vaſſallos que o ſirvaõ, naõ tem que temer inimigos: e eſtando ſeguro deſtes, florecerá proſpero, reynará poderoſo: e a hum Rey proſpero com riquezas, bem ſervido de vaſſallos, e poderoſo em ſeu Imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos eſtes bens lhe vem de naõ ſer ladraõ: e naõ o ſerá, ſe naõ faltar a ſi, nem a ſeus vaſſallos, nem aos eſtranhos, como temos dito. E já que chegámos a eſtes termos de altercar, ſe ha Reys ladroens, convem que naõ paſſemos avante, ſem reſolvermos huma queſtaõ, que actualmente anda na praça do mundo ſobre o noſſo Reyno de Portugal, a quem pertence, ſe a ElRey Filippe IV. de Caſtella, ſe a ElRey D. Joaõ tambem IV. de Portugal? ElRey Filippe diz, que injuſtamente lho tomou ElRey D. Joaõ: e ElRey D. Joaõ affirma, que violentamente lho tinha uſurpado ElRey D.

Filippe: e neste conflicto de opinioens naõ escapa hum delles de ladraõ. Sim; porque tomar o alheo he furtar: e quem furta, he ladraõ; qual o seja, dirá o capitulo seguinte.

****

CAPITULO XVI.

Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella; e como nunca as houve em Portugal.

ENtramos em hum pégo sem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e se affogou por ignorancia, covardîa, e paixaõ. Huns por ignorancia perderaõ o léme, e tambem o nórte: outros por covardîa meteraõ tanto panno, que quebraraõ os mastros: outros por paixaõ fizeraõ-se tanto ao alto, que deraõ em baixos, e baixos miseraveis; e todos encantados das Serêas cahiraõ em Sirtes, e Carybdes, que os sorvêraõ. Até os que navegaraõ estes mares, como Dedalo os ventos, se perderaõ: pelo meyo irás seguro, dizia elle a seu filho Icaro: mas como he máo de achar o meyo entre extremos repugnantes, fizeraõ, como Icaro, naufragio em

seu

ſeu vôo por falta de azas, ou de Eſtrella, que os guiaſſe. Naõ eſtou bem com gente neutral, que tira a dous alvos com a meſma frecha. He impoſſivel tomar huma náo no meſmo tempo dous pórtos: o de Caſtella eſtava entaõ aberto, o de Portugal fechado; eſte ſem forças para guarnecer, quem nelle ſe acolhia, aquelle com armas, que a todos metiaõ medo. Picaraõ-ſe os mares, alteraraõ-ſe as ondas; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo: e ſó ficaraõ em pé alguns poucos, que tiveraõ boas bexigas pata nadar, ou azas melhores que Icaro para ſe acolher. O que mais admira he, que duraſſe o tempo turvo ſeſſenta annos ſem haver Piloto, que governaſſe a carreira. Muitos fizeraõ carta de marear para ambos os pórtos, poucos ſe governaraõ por ellas, e poriſſo todos vacilaraõ na eſteira, que haviaõ de ſeguir; até que os mares ſe ſocegaraõ, e o tempo ſerenou, e ſe viraõ no Ceo Eſtrellas, que abriraõ caminho, com que ſe tomou terra. Sobre eſta tomadia ferve outra vez a tempeſtade repetida, ſe bem menos eſcura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que eſpalha as nuvens: e dahi vem que nem todos tomaõ o meſmo, e cada hum ſe recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual ſeja mais ſeguro para

eſcapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual tenha mais razaõ para dominar, o que vay logrando, iſſo direy eu, porque o ſey de certo. E naõ uſarey de embuços, como alguns, que fallaõ por eſcrito ſem dizerem o mal, e o bem de ambas as partes, havendo-ſe niſto como Advogados, que ſó huma parte abonaõ. Naõ vi em Portugal correr publico nenhum Manifeſto, que por ſi fizeſſe Caſtella: nem ſey, quem viſſe em Caſtella Manifeſto de Portugal. Se he por temer cada hum, que as razoens do outro maſcabem as ſuas? Naõ lhe acho razaõ: porque a verdade he como as quintas ſubſtancias, que nádaõ ſobre todos os licores; e com as mentiras mais ſe apura a guiza dos contrarios, que juntos mais ſe eſpertaõ. Sondarey pois aqui, como em carta de marear, ambos os pórtos; naõ deixarey alto, nem baixo, que naõ deſcubra; porque aſſim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e ſegura: e fio da boa induſtria de todos, que vendo ao olho, onde eſtá o perigo, que o ſaibaõ fugir, e que lancem ancora, onde ſe poſſaõ ſalvar mais deſcanſados na vida, mais ſeguros na fazenda, e mais quietos na conciencia. Ancora lançou Caſtella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o naõ largou por eſpaço de ſeſſenta annos. Sobre eſ-

ta unha botou Portugal harpêo com taõ boa preza, que ſe melhorou no partido; e ainda lutaõ ſobre eſta melhora. Qual deſtas duas unhas eſteja mais ſegura, verá o mundo todo, ſe vir com attençaõ, o que aqui eſcrevo ſem diminuir nas forças de cada hum, nem accreſcentar fraquezas. E porque Caſtella começou a eſtender primeiro as unhas, com que empolgou neſte Reyno, direy primeiro as razoens, que allega para a preza ſer ſua.

****

Manifeſto do direito, que D. Filippe Rey de Caſtella allega contra os pertendentes de Portugal.

HE notorio, que por morte do noſſo Rey Cardeal ficou eſte Reyno como morgado de Clerigo, que naõ tem ſucceſſor, expoſto a herdeiros tranſverſais, que ſendo muitos, baralhaõ as razoens de todos, e armaõ pleitos, e diſcordias inextinguiveis. E para procedermos com clareza, devemos preſuppor, que ElRey D. Manoel de glorioſa memoria cazou tres vezes; a primeira com Dona Iſabel, filha primogenita dos Reys Catholi-

cos. Segunda com Dona Maria, filha terceira dos mesmos Reys. Terceira com Dona Leonor, filha delRey D. Filippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morreraõ sem successaõ; do segundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. Joaõ, que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina filha delRey D. Filippe o I. de Castella: destes morreraõ oito sem successaõ; e o nono, e ultimo, que foy D. Joaõ, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebastiaõ, em quem se acabou esta linha. A segunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Isabel, que cazou com Carlos V. Emperador; e de ambos naceo ElRey D. Filippe II. e deste Filippe III. e deste Filippe IV. de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites, que cazou com D. Carlos Duque de Saboya; e de ambos naceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppositor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que naõ cazou, e teve de huma Christãa nova hum filho natural, que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppositor a este Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que cazou com Dona Guio-

mar

mar Coutinha, filha dos Condes de Marialva: e extinguiose esta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonso Cardeal Arcebispo de Braga, e Bispo de Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey sem successaõ. Oitava prole, o Infante D. Duarte: cazou com Dona Isabel filha de D. Jayme Duque de Bragança, e tiveraõ tres filhos: primeiro à Senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes Principe de Parma; segundo a Senhora Dona Catharina, que cazou com D. Joaõ Duque de Braganca; terceiro D. Duarte Condestável, e Duque de Guimarens: da Senhora Dona Maria naceo o Senhor Raynuncio Principe de Parma tambem oppositor: da Senhora Dona Catharina naceo o Senhor D. Theodosio Duque de Bragança, e delle o Senhor D. Joaõ, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe a seu filho o Senhor D. Theodosio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da Real Casa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, Propugnaculos invictissimos de toda a Christandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e bastava para o merecerem destinallos o Ceo para darem a Portugal

tal filha para nossa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona Maria, e o Infante D. Antonio, naõ deixaraõ successaõ, porque logo morreraõ. E das que temos dito fecundas, se levantaraõ cinco oppositores a este Reyno, que ficaõ notados em suas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas saõ o primeiro ElRey D. Filippe; o segundo o Duque de Saboya; terceiro o Senhor D. Antonio; quarto o Principe de Parma; quinto o Duque de Bragança. A Rainha de França Dona Catharina tambem pertendeo oppor-se, allegando, que descendia por linha direita delRey de Portugal D. Affonso III. Conde de Bolonha, e de Dona Metilde sua primeira mulher: mas foy escusa sua pertençaõ por improvavel, e prescripta; porque os successores do Conde de Bolonha [que naõ consta os tivesse] nunca fallaraõ nesta materia, depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou a França: e a verdade he, que á Condessa Metilde naõ ficaraõ filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na torre do Tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Metilde, que foy Roberto seu sobrinho filho de sua irmãa Alis. E este he o Roberto, de quem França queria tomar a nossa genealogia, fazendo-o fi-

lho

lho de Metilde, e de D. Affonſo III. irmaõ de D. Sancho Capello. Quanto mais que na preſente oppoſiçaõ ſó de deſcendentes delRey D. Manoel ſe tratava, que era o tronco ultimo; e em quanto os houveſſe, naõ tinhaõ lugar outros pertendentes; e poriſſo tambem ſe naõ fez caſo da pertençaõ da Sé Apoſtolica, pois naõ eſtava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppoſitores deſcendentes delRey D. Manoel, foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato, por dous defeitos, ambos por parte da mãy, hum no ſangue, outro no naſcimento; ſaõ notorios, naõ os explico; e nunca houve ſuplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais chegados, e tambem de cá o excluiraõ por Eſtrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertençaõ por tres razoens; primeira, por ſer morta ſua mãy, irmãa da Senhora Dona Catharina, que havia de fazer a oppoſiçaõ. Segunda, por falta da repreſentaçaõ, que ſó ſe admitte nos deſcendentes immediatos do primeiro grão, e elle era já biſneto delRey D. Manoel, em comparaçaõ da Senhora Dona Catharina, que era neta pela meſma linha do Infante D. Duarte. Terceira, por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra

do

do Reyno; como ſe moſtrá das Cortes de Lamego, celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonſo I. com todos os Eſtados ordenou, que as femeas, ainda que podeſſem herdar o Reyno, perderiaõ o direito a elle cazando fóra: e poriſſo nas Cortes de Coimbra de 1382. excluiraõ a Senhora Dona Brites, filha unica do noſſo Rey D. Fernando, por cazar com D. Joaõ I. de Caſtella: e D. Joaõ I. de Portugal, que lhe ſuccedeo, confirmou eſta ley em ſeu teſtamento no anno de 1436.

Excluîdos aſſim todos os ſobreditos, ficaraõ no campo ſós a Senhora Dona Catharina, e ElRey D. Filippe: deraõ-ſe duas batalhas, a primeira como Anjos, a ſegunda como homens: a primeira com forças de entendimento, a ſegunda com violencia de braço: na primeira venceo a Senhora Dona Catharina, porque lhe ſobejavaõ razoens: na ſegunda venceo Filippe, por ter mais armas: deſta naõ ſe trata aqui, porque as armas entre Chriſtãos naõ daõ Reynos, nem os tiraõ juſtamente, quando ha razoens, que reſolvem o direito delles: e poriſſo pertende ElRey Filippe vencer tambem neſta parte com as razoens ſeguintes.

Razo-

****

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina.

I RAzon. Por el casamiento del Rey Don Juan I. de Castilla con Doña Beatrîs, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho del dicho Reyno en los Reyes Castellanos, porque ella era la unica heredera legitima. II Razon; porque no pertenecia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ser iligitimo, sinò a D. Juan I. de Castilla, por ser octavo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando muriò el Rey Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por esso el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Señor Don Antonio por legitimo, a la Señora Doña Catalina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto del Rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo posseedor; y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatrîs

madre

madre del Saboyano. V. Porque ſiendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, nò ſe deve regular la ſuceſion dellos por el Derecho Civil lleno de ſutilezas, y ficciones, que tantos años deſpues formaron los Emperadores; y que ſi bien los Reyes ſupremos lo avian introducido en los Reynos por el buen govierno de los vaſallos, no avian por eſſo alterado las ſimples reglas naturales de la ſuceſion Real, las quales afirmaban averſe de ſeguir en eſte caſo, como ſi úviera ſucedido primero que naciera Juſtiniano, que fue el inventor de la Repreſentacion; a que nò obſta aver algunos Doctores querido temerariamente ſugetar la ſuceſion de los Reynos a la Civil Inſtituicion: y aſſi ſiguiendo eſta conſideracion hacia Phelipo ſu derecho indubitable. VI. Dado que valga la repreſentacion en Portugal, eſta nò ſe admite, ſinò quando el nieto del Rey litiga con ſu tio hermano del tal Rey; y nò entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la Señora Catalina; y confirmaſe con exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron ſu Corona la Infanta Doña Violante ſu ſobrina, hija del Rey Don Jaymes ſu hermano mas viejo, y el Infante Don Hernan-

do

do de Castilla su sobrino, hijo de la Reyna Doña Leonor su hermana: y dieron sentencia los Estados, y sus Juezes por el Infante Don Hernando, por ser varon, nò haciendo caso de la representacion; que si valiera, avia de dar el Reyno a la Infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual si fuera vivo, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Hernando. Con ley; porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nò valga la representacion, sinò concurriendo sobrinos con tio vivo; y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que se observa en Francia.

VII. Demas de que la representacion solo la puede aver, quando el padre, que se pretende representar, úviera tenido el primer lugar en la sucesion, de que se trata. Donde supuesto que el Infante Don Duarte en su vida nò tuvo tal lugar, nò podia dexar a sus hijos el derecho, que nunca se radicò en su persona. VIII. En Portugal muerto el Rey Don Juan II. le sucediò su primo Don Manuel, excluyendo al Duque de Viseu Don Alfonso: y si valiera la representacion, avia de ser preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manuel. IX. El beneficio de la representacion nò se admite en la sucesion de los

Mayorazgos, y bienes avinculados para andaren en el pariente mas cercano de cierta generacion; y es cierto, que los Reynos tienen naturaleza de Mayorazgos en la manera dicha. Demas que los Reynos ſe heredan por conceſion de los pueblos, que tranſmitieron el poder Real, que era ſuyo, a los primeros Reyes, y a ſu generacion; y conſta que la repreſentacion nò tiene lugar en la ſuceſion de las coſas, que vienen *ex conceſſione dominica*, como reſuelve Bartholo.

X. La Ordenacion de Portugal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo poſſeedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, què della quedare; y conſecutivamente echa fuera al nieto, y excluye la repreſentacion. Y confirmaſe con exemplo de heredamiento de Reyno; porque en Caſtilla Don Alonſo el Sabio excluyendo ſu nieto hijo del Principe muerto, hizo jurar ſu ſegundo hijo. Item. Mas. La miſma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. diſpone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo, ò hija, nò entrè en el prazo nieto, ò nieta, aunque ſean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto. XI. El beneficio de la repreſentacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho, y es una

ficcion

ficcion de la ſey, por la qual contra la verdad ſe finge, que el hijo eſtá en el lugar de ſu padre, y es con èl la miſma perſona; y por ſer privilegio, y fingimiento, nò puede aver lugar, ſinò quando ſe hallare expreſſamente introducido por Derecho: y es cierto que nò eſtà introducido expreſſamente, ſinò en la ſuceſion de los heredamientos, y feudos, aunque nò ſean hereditarios. Donde, no ſiendo los Reynos de Portugal feudos, ni ſi defiriendo la ſuceſion dellos en todo, como heredamiento proprio, y ordinario, por ſer coſa de mayor momento, y mas calificada, y de que ſe devia hacer expreſſa mencion, nò puede aver lugar en èl la dicha repreſentacion. XII. Para nò parecer que huye Phelipo del Derecho, prueva, que en los Reynos mas propriamente, que en ninguna otra coſa, ſe ſucede por el derecho, que llaman de la Sangre, mirando al primer inſtituidor; y que en eſte derecho ſe conſideran las perſonas por ſi miſmas ſin repreſentacion, como ſi fueſſen hijos del ultimo poſſeedor; y deſta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la Señora Catalina pudieſſe repreſentar el grado de ſu padre, nò podia repreſentar el ſexo: y era duro de admitir, que

 la

la hembra igual ſolamente en el grado, y inferior en lo demas, fueſſe preferida al varon para governar Reynos, quando el proprio defecto della le hacia mas daño que a Phelipo el de ſu madre. XIV. Conforme al Derecho las hembras nò pueden ſer admitidas a oficios publicos, ni tener juriſdicion, ni adminiſtracion de la Republica; porque en ellas falta fortaleza, conſtancia, prudencia, liberalidad, y otros dotes neceſſarios: y tenemos exemplo en la Reyna de Caſtilla Doña Beatrîs, que ſiendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal, nò fue admitida, y ſe diò el Reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I. donde ſe colige, que ſon las hembras incapazes de repreſentar en Portugal, pues ſon incapazes de heredar. XV. Viſto nò declarar Henrico ſuceſſor, era devida à Phelipo la ſuceſſion ſin ſentencia, por ſer ſu perſona ſuprema, izenta, y libre de qualquier juizio coercivo, y ſolamente obligado a juſtificar ſu derecho con Dios, y declararlo al Reyno: ni avia en el mundo, a quien pudieſſe pertenecer la judicatura deſte caſo, por nò tocar al Papa, por ſer materia puramente temporal ſin circunſtancias, que le pudieſſe dar derecho: menos pertenecia al Emperador, por nò le ſer reconociente del Reyno de Portugal,

tugal, y mucho menos a los Juezes, que avia nombrado Henrico; porque eraõ todos parte material, y integral del Reyno, ſobre que ſe litigava, como Portuguezes: demas de que nò avia Portuguez alguno, que nò fueſſe ſoſpechoſo, y recuſable por el odio publico, que tienen todos a la Nacion Caſtellana: ni avia lugar de ſe compromoter en Juezes loados, por la impoſibilidad de hallar perſonas, de quien ſe pudieſſe fiar coſa tan grande, y tan peligroſa; y porque la obligacion de comprometer nò caye ſinò en coſa dudoſa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fueſſe neceſſaria ſentencia, Phelipo la tuvo por los miſmos Juezes, que nombrò Henrico; porque de cinco que eran, tres le juſgaron la Corona. XVII. Sobre todo allega Phelipo, que quando el derecho es dudoſo, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo reſolven todo; y que con ellas tomò la poſſeſion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las Cortes de Tomar por Rey; con que ſe quitò toda la niebla, y razon de dudas. XVIII. Llevando Dios viente e dos herederos, que precedian al Rey Catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los Reynos de Caſtilla, para fortificar un braço en ſu Igleſia;

 para

para reſiſtir a los inſultos de los infielis, y de los hereges; y mejorar deſta manera el miſmo Reyno, haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra ſus en migos, y en ſus conquiſtas. XIX. Finalmente allega por ſi la poſſeſion preſcripta de ſeſenta años, baſtando treinta, ſin contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal poſſeſion, merecerá titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar un Reyno a ſu dueño ſin cauſa, razon, ni juſticia.

Eſtas ſaõ as razoens, que por ſi allega o Rey de Caſtella, para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas, que logo lhas desfarey como ſal na agua: mas primeiro quero reſponder ao candido Leitor, que me pergunta, que razaõ tive para mudar de eſtylo neſte Manifeſto, e fallar por outra linguagem differente da em que himos tirando á luz eſte tratado. A iſſo pudéra reſponder, que o Manifeſto he de Caſtella, e poriſſo o puz na ſua lingua: mas para explicar melhor a razaõ mais principal, que me moveo, contarey huma hiſtoria, que aconteceo em hum Tribunal de tres, que tem o Santo Officio neſte Reyno. Prenderaõ hum bruxo, por ter trato com o diabo, e conſul-

consultalo em muitas duvidas: Reprehenderaõ-no os Inquisidores, porque sendo Christaõ bautisado dava credito ao diabo, sendo obrigado a ter, e crer, que he pay da mentira. Pay da mentira he, respondeo o bruxo, e por tal o conheço: mas com tudo isso, ainda que muitas vezes me mentia, naõ deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uso alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eraõ a Portugueza, e Castelhana: e todas as vezes que me fallava em Portuguez, era certo que dizia verdade; e só quando me fallava em Castelhano, era certissimo que mentia. Naõ sey, se me declaro? Quero dizer, que a lingoa Castelhana he estremada, e unica para pintar mentiras, como escolhida por quem he pay, e mestre dellas; e a Portugueza para fallar verdades: e porisso puz em Castelhano o Manifesto de Castella, e porey em Portuguez a reposta da Senhora Dona Catharina.

****

Repoſta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe.

I. REpoſta contra a primeira razaõ he, que naõ vem a propoſito a herança da Senhora Dona Brites: porque a noſſa queſtaõ procede ſobre deſcendentes delRey D. Manoel, e naõ ſobre os delRey D. Fernando, cujas duvidas ſe averiguaraõ nos campos de Algibarrota: álem de que a Senhora Dona Brites naõ deixou filhos, e aſſim neceſſariamente havia tornar a Portugal o direito. II Repoſta contra a ſegunda razaõ he, que deveraõ advertir, como na ſucceſſaõ taõ prolongada de D. Joaõ I. de Caſtella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal, havia o meſmo defeito de illigitimidade em ſeu pay D. Henrique, álem de outros avós: e mais perto eſtava do ultimo avô o noſſo D. Joaõ I. e do ultimo poſſuidor no primeiro gráo de irmaõ, que o ſeu no oitavo; e o noſſo houve diſpenſaçaõ da illigitimidade, e naõ ſabemos que o pay, e avós do ſeu a houveſſem. III. Contra a terceira he que diz bem, ſe todos os Oppoſitores foraõ filhos do meſmo pay, aſſim como eraõ netos do

meſmo

meſmo avô; porque entaõ o mais velho ſeria o Morgado, Principe, e ligitimo herdeiro: mas ſendo filhos de differentes pays, como eraõ, devia-ſe o direito ſó áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os pays da Senhora Dona Catharina, e D. Filippe, por onde lhes vinha a ſucceſſaõ, eraõ de huma parte varaõ, e da outra femea, claro eſtá, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e eſte era o Infante D. Duarte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por ſe achar em melhor linha, que Filippe, filho da Emperatriz Dona Iſabel irmãa do Infante D. Duarte. Quatro couſas ſe conſideraõ aqui, linha, ſexo, idade, e gráo: e no primeiro lugar ſe buſca a melhor linha, e ſó quem nella prevalece, prevalecerá na cauſa, ainda que ſeja inferior ao outro pertendente no ſexo, idade, e gráo: e ſempre a linha, que procede de varaõ, he melhor, que a que procede de femea.

IV Repoſta contra a quarta razaõ. Admittimos o argumento contra os outros Oppoſitores, e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razaõ da melhor linha, em que ſe achava, com que vencia á Filippe, como fica explicado na repoſta proxima contra a terceira razaõ. V. Contra a quinta. Quer ElRey Filippe

hum

hum Santo para ſi, e outro para a outra gente; admittindo a repreſentaçaõ para os vaſſallos, e negando-a para os Reys: ſe admitte, que ſe governaõ melhor aquelles com ella, deve admittir, que ſe governaráõ mal os Reys, ſe a naõ admittirem em ſuas ſucceſſoens: e aſſim he, que por fugirem eſta calumnia, a admittem quaſi todos os Reys, e Eſtados de Europa, e até os meſmos Reys: e baſtava terem-na admittido em Portugal ElRey D. Affonſo I. nas Cortes de Lamego anno de 1141. e confirmada por ElRey D. Joaõ I. no ſeu teſtamento anno de 1436. e Affonſo V. no anno de 1476. aprovando-o os tres Eſtados, todos ſem paixaõ, nem occaſiaõ de controverſia, que lhes pudeſſe perturbar a razaõ; e ſendo aſſim ley praticada neſte Reyno, deve admittilla Filippe, em que lhe pêz. E porque eſte ponto da repreſentaçaõ he o Achiles deſta demanda, convêm que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Repreſentaçaõ he hum beneficio inventado pela ley, que por elle ordenou nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*, que os filhos entrem no lugar de ſeus pays defuntos, e repreſentem ſuas peſſoas, ſuccedendo em todo o direito, que elles houveraõ de ter, ſe vivos foraõ. Eſta repreſentaçaõ na linha direita de aſcen-

dentes

dentes naõ tem limite: e nas tranſverſais ſómente ſe concede aos filhos, ou filhas dos irmãos, ou irmãas do defunto, de cuja ſucceſſaõ ſe trata: e aſſim ficaõ excluſos os mais parentes collaterais, que ſe acharem fóra deſte ſegundo gráo, porque naõ ſe eſtende a elles a repreſentaçaõ. E confórme a iſto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina, que he melhor, que o de Filippe; porque repreſenta varaõ, que houvera de ſer Rey, ſe fora vivo; e elle repreſenta femea, que naõ havia de entrar na Coroa, com ſer mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que fora viva a Senhora Dona Iſabel, e morto o Infante D. Duarte, ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao Reyno, que ſua tia, por repreſentar a ſeu pay, que a vencia no ſexo, e havia de entrar na herança diante de ſua irmãa: e he a razaõ; porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a ſua neta de ſeu filho mais velho defunto, excluindo outros filhos mais moços: e Filippe Rey de Inglaterra deu ſentença pela ſobrinha do Duque de Bretanha, filha de ſeu irmaõ mais velho, excluindo os varoens mais moços irmãos do meſmo Duque. E naõ temos neceſſidade de exemplos foraſteiros, quando temos em caſa o noſſo Rey D. Manoel,

com

com quem ſe oppoz o Emperador Maximiliano, eſtando ambos em igual grão, e eſte mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manoel por varaõ, que repreſentava; e julgou-ſe, que poriſſo prevalecia ao Emperador.

VI. Os Doutores Caſtelhanos defendem o contrario admittindo a repreſentaçaõ entre primos: e a razaõ o moſtra; porque o ſobrinho, que excluîa a ſeu tio, ou tia, por repreſentaçaõ de melhor grão, ou melhor ſexo, muito melhor excluirá a ſeus primos filhos do tal tio, pois ſaõ já mais remotos, e naõ pódem repreſentar couza, que a outro naõ tenha já vencido. Ao exemplo ſe diz, que naõ deixou a Infanta Dona Violante de herdar, por naõ ſe admittir á repreſentaçaõ no caſo, ſenaõ por ſer inhabil por ley particular, que ElRey D. Pedro ſeu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo ſómente nas terras ſugeitas ao Imperio, ao qual naõ he ſugeito Portugal; e ainda que em outras partes ſe pratique a opiniaõ de Azam, como em França, que por coſtume antigo naõ admitte repreſentaçaõ nos collaterais em caſo algum; naõ em Portugal, onde ſeguimos o contrario com o direito cõmum,

e opi-

e opinioens de Acursio, e Bartholo: donde se vem a concluir, que o beneficio da representaçaõ ha lugar na successaõ destes Reynos, quando os sobrinhos pertendem succeder a ElRey seu tio irmaõ de seus pays, sem haver outro irmaõ do mesmo Rey, que concorra com elles.

VII. Naõ he necessario que o pay possuisse, o que se pertende herdar por via da representaçaõ; porque aqui naõ se leva a herança por transmissaõ, em que naõ póde o pay fazer bom ao filho, o que naõ possuîo: e que no nosso caso naõ entre a herança do Reyno por transmissaõ, mostra-se; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de seu avô, a qual naõ ha duvida, que lhe pertence: e assim entra o tal por virtude da representaçaõ, que o poem em lugar do pay ao tempo da successaõ.

VIII. O exemplo de D. Affonso naõ vem a proposito; porque álem de ser illigitimo, se lhe negou a representaçaõ, naõ porque ella se naõ use em Portugal, senaõ porque estava fóra do gráo, a que se concede; pois naõ era irmaõ, nem filho de irmaõ delRey D. Joaõ, mas filho de seu primo; com que ficava já no terceiro gráo, em que se naõ admitte representaçaõ nas linhas transversais; e assim lhe foy preferido D.

Ma-

Manoel, por ſe achar hum gráo mais chegado. IX. Concedemos, que naõ ha repreſentaçaõ na herança dos Mórgados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geraçaõ; porque naõ procede *Jure hæreditario*, mas *ex conceſſione dominica*, que os póde dár a quem quizer: e os póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real, e á ſua geraçaõ, para que os poſſuiſſem, e ſe deferiſſem como herança ſua a ſeus deſcendentes: e aſſim o ſente o meſmo Bartholo. E no que diz que na ſucceſſaõ dos Reynos feudais naõ ha lugar á repreſentaçaõ, he commummente reprovado; além de que o Reyno de Portugal naõ he feudal, nem pódem militar nelle as razoens das *Conceſsoens dominicas*; como em ſeu lugar moſtrarey logo na repoſta da razaõ X.

X. Os documentos, e Ordenaçoens, que allega, naõ ſe entendem aſſim. O primeiro lugar da Ordenaçaõ, que aponta, procede nos bens da Coroa, que ſaõ havidos por *Conceſsaõ dominica* do Rey; e conforme a Ley Mental, porque ſe deu ordem de ſucceder nos bens da Coroa, naõ ſe differem *Jure hæreditario*. Donde ElRey D. Joaõ I. que foy o Autor da Ley Mental, poriſſo lhe negou a repreſentaçaõ. E tratando depois em ſeu teſtamento da ſucceſſaõ deſtes

Rey-

Reynos, declarou, que havia lugar á repreſentaçaõ; porque procediaõ *Jure hæreditario*, e naõ *ex conceſſione dominica*. Ao exemplo do Rey de Caſtella D. Affonſo o Sabio ſe diz, que foy julgada aquella acçaõ até em Eſpanha por injuſta; tanto, que permittio Deos lhe tiraſſe a Coroa o ſegundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys de Caſtella diſpoem, que morrendo o filho mayor, antes que herde, deixando filho, ou filha, vá a eſtes a herança, e naõ ao tio irmaõ de ſeu pay, e ha muitos exemplos. A ſegunda Ordenaçaõ prova ſómente naõ haver repreſentaçaõ nos prazos de nomeaçaõ, em que o foreiro *ex conceſſione dominica* os póde deixar a quem quizer ſem reſpeito a herdeiro, que ſuccede *ab inteſtado*, e naõ prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo, e negamos ſó a conſequencia, que nada colhe de ſer a herança dos Reynos materia exhorbitante, e calificada: pois com iſſo eſta, que he verdadeira herança, e como tal ſe comprehende ſem extenſaõ alguma nos caſos, em que o Direito concede eſte beneficio da repreſentaçaõ. XII. Naõ admittimos o direito do ſangue, que allega; porque o Direito dos Reynos, e ſuas poſſeſſoens procedeo do antigo Direito das gentes, ſegundo o qual tudo

ſe

ſe deferia como herança, ſem ſe conhecerem outros modos de ſucceſſoens, que por Leys mais novas foraõ inventados. Iſto he doutrina commua dos Doutores, e praticada em Eſpanha pelos Reys de Caſtella D. Fernando, Don Alonſo o VI. e D. Alonſo VIII. D. Jayme Rey de Aragaõ o Conquiſtador, que dividio os Reynos entre ſeus filhos, D. Alonſo o Sabio, e D. Henrique III. de Caſtella; aquelle desherdando ſeu filho, e eſte pondolhe gravames: e em Portugal o declaraõ as Bullas dos Summos Pontifices de ſua fundaçaõ, aſſentos de Cortes do Rey D. Joaõ o I. e teſtamento delRey D. Affonſo V. onde tudo ſe leva por herança verdadeira, que admitte repreſentaçaõ, como temos moſtrado.

XIII. O beneficio da repreſentaçaõ eſtá concedido na linha collateral da meſma maneira, que na dos deſcendentes: na dos deſcendentes he certo neſtes Reynos, que ſuccedem as femeas a ſeus pays com a prerogativa de varaõ; de modo, que ſe o pay, por ſer varaõ, havia de excluir outras peſſoas, exclua a filha as meſmas, como tios, primos, &c. Prova-ſe eſta repreſentaçaõ dos deſcendentes em Portugal pela Carta patente delRey D. Affonſo V. em que ordena lhe ſucceda o filho, ou filha do Principe ſeu primogenito, e

naõ

naõ ſeus ſegundos filhos, o que tem força de ley, e direito, por aſſim o declarar o meſmo Rey: e ha exemplos do meſmo em outras partes, que ficaõ apontados no fim da repoſta da terceira razaõ. E que nos collaterais ſeja o meſmo, conſta do texto *in Auth. de hæred.* §. *Si autem.* E da razaõ da equidade, em que as leys ſe fundaõ, para conceder eſte beneficio aos deſcendentes, eſſa meſma tiveraõ para o concederem aos collaterais: e ha exemplos, como o em que o Rey Filippe de Inglaterra, por conſelho de Letrados declarou, que o Ducado de Bretanha pertencia á ſobrinha filha do irmaõ mais velho do Duque defunto, contra outro irmaõ do meſmo Duque: e ha leys, como a ley quarenta do Touro em Eſpanha, que diz: *Siempre el hijo, y ſus deſcendientes ligimos por ſu orden repreſenten las perſonas de ſus padres: & Molina lib.* 3. *c.* 7. reſolve que a dita ley procede na ſucceſſaõ dos Reynos, como na dos Mórgados. Nem he deformidade, nem impoſſivel, que a femea repreſente ſexo de varaõ; porque mais difficultoſo he fazer, que hum filho tenha a idade de ſeu pay, que huma filha alcançar o ſexo maſculino; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e naõ póde fazer, que o filho iguale a ſeu pay na idade, e

com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, só porque reprefenta a feu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que he menos, que a femea reprefente varaõ.

XIV. O que diz o Direito, que femeas naõ entrem em officios, nem jurifdiçoens, entende-fe, onde fe naõ fuccede *Jure hæreditario*. Tambem os Ecclefiafticos naõ pódem haver dignidades feculares, e com tudo poffuem as herdades, como fe vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas faõ taõ deftituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Confelheiros fupprem feus defeitos. E os Doutores da Univerfidade de Coimbra refolveraõ, que a Senhora Dona Catharina devia fer preferida a Filippe conforme as Leys do Reyno confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitaõ as femeas para a fucceffaõ deftes Eftados, e excluem aquellas, que cazaõ fóra do Reyno; e poriffo foy excluida a Senhora Dona Brites, e naõ por fer femea, e tambem illigitima, e fchifmatica, e quebrar os contratos jurados, que ao tempo de feu cazamento foraõ feitos: fchifmatica aqui quer dizer de humor Caftelhano. XV. Se Filippe por fer Rey fora izento de Juizes na pertençaõ defte

Reyno,

Reyno, naõ o mandára notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado, que naõ affrontasse o nome Catholico com se fazer Juiz, e parte, por parecer dos seus, que com ambiçaõ do favor, e temor do desagrado o enganavaõ; e se naõ queria Juizes Portuguezes, por considerar nelles alguma paixaõ, que elle lhe daria Juizes desinteressados, e incorruptos: e bastava deixar ElRey D. Henrique devoluta a Juizes a questaõ, que elle só pudera resolver, para o Rey de Castella ser obrigado a estar pela sentença; e naõ a declarou o Cardeal Rey, naõ porque tivesse alguma duvida na materia, mas por evitar a guerra, que já o Castelhano ameaçava: e naõ tinha duvida; porque quando ElRey D. Sebastiaõ foy a Africa, deixou feito testamento, em que nomeava o Cardeal D. Henrique por seu successor no primeiro lugar, e no segundo a Senhora Dona Catharina; e naõ manifestou isto, por divertir a furia de Castella, que estava muito poderosa com vitorias, e Portugal muito debilitado com a perda da Africa, e peste. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na justiça da Senhora Dona Catharina, por evitar discordias nomeou Juizes, e requereo ao Catholico: o qual tergiversandolhe a razaõ o constrangeo, e intimidou

midou a que ou lhe julgasse a causa, ou a naõ decidisse: naõ conseguio o primeiro, alcançou o segundo, porque estava muito poderoso com riquezas, e armas. Morto o Rey Cardeal, ficou a Senhora Dona Catharina só; e o Castelhano para se córar com o mundo, pôz a causa em juizo, assegurando a bolada por todas as vias; porque escolheo os Juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Castella, com evidente nullidade deraõ a sentença de manera, que sendo cinco, só tres se renderaõ á corrupçaõ: e para desassombrar a conciencia a todos, sumiraõ o testamento delRey D. Sebastiaõ; e boa prova he que nunca appareceo; e tambem he certo, que dizem, e se escreve, que levaraõ para Castella o livro do *Porco espim*, que se guardava no Cartorio da Camera de Lisboa, em que estava o direito da successaõ deste Reyno com as Cortes de Lamego, em que se decretava, que naõ entrassem nesta Coroa Reys estranhos. Feitas estas diligencias, entrou em Portugal com hum exercito a tomar a posse como inimigo. Do dito se colhe, que naõ repugnou a ser julgado, nem lhe eraõ suspeitos os Juizes, pois os escolheo, e fiou delles tudo: e dizer que nenhuma duvida tinha, he falso, porque se a naõ tivera, naõ mandara visitar

a Se-

a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Ossuna com recados dobrados, que se a achasse acclamada, lhe désse o parabem; e se por acclamar, o pezame da morte de seu tio o Cardeal Rey; e a requeresse para ser julgada a causa da pertençaõ do Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos, que escrevesse sobre o direito, que por varaõ tinha a esta successaõ; o qual lhe respondeo, que naõ tinha razoens na pertençaõ da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e porisso escreveo ao Duque de Gandia huma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste escrupulo deteve o Duque de Barcellos em Castella depois de resgatado, apoderando-se delle, pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate com côr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá naõ o declarassem por Principe, vendo que difficultariaõ sua vinda com os Mouros, que pediriaõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Filippe com os partidos, que cõmetteo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do Infantado, e franqueza para mandar todos os annos

huma náo á India por ſua conta. E finalmente porque vio, que naõ tinha bom partido, ſe puzera a queſtaõ nos Juizes, que convinha, ſem ſe lembrar que ninguem he bom Juiz em cauſa propria, ſe fez Juiz, parte, e arbitro, uſando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que ſempre fugio.

XVI. He verdade, que tres Juizes deraõ ſentença por Filippe com as nullidades, que ficaõ ditas; e álem deſſas outra muito eſſencial, que naõ acha eſcrita; e devia de eſcapar a todos os Autores, que trataraõ eſta materia com ſerem muito diligentes: e naõ me admiro; porque com mayor diligencia ſumio Caſtella todos os papeis, que podiaõ encontrar ſua pertençaõ; mas dous vieraõ á minha maõ ha poucos dias por hum caſo eſtranho, andando eu com eſte ponto na forja: e tendo o Principe noſſo Senhor noticia, como eſtavaõ na minha maõ, mos mandou pedir pelo Conde Regedor, e me conſta, que os eſtimou, e mandou guardar: hum he o Regimento, com que ElRey D. Henrique de parecer, e aprazimento dos tres Eſtados, mandou ſe fizeſſe a Junta; e declara quando, como, onde, e que haviaõ de ſer onze Juizes, e eſſes letrados nomeados por elle, e eſcolhidos pelos Eſtados. Outro

papel

papel contêm outro Regimento delRey Filippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados, Prégadores, Confessores; e porque contêm violencias notaveis, farey mençaõ dellas adiante no seu lugar no fim da decima razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579. todo da sua letra bem conhecida, e firmado por ElRey, e sellado com o sello grande das Armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a Junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de fóra, por ser mais retirado, e observante na clausura; e que delle naõ sahissem, nem communicassem com pessoa alguma, senaõ depois da causa julgada; e que teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na Junta, se confessassem, e cõmungassem na Sé; e na Capella mór della fizessem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos &c. e nada disto se fez: bem se vê logo que a sentença, que Filippe houve de tres Juizes, foy defectuoza, subreticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opiniaõ provavel nos seus Doutores, mais provavel era a que

eſtava pela Senhora Dona Catharina; e aſſim tirava toda a duvida, que ſe naõ podia tirar com armas, quando as couzas ſe tinhaõ poſto por conſentimento das partes em juizo contraditorio com Juizes eſcolhidos, e louvados, e eſtavaõ *lite pendente*, e Filippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Autores Caſtelhanos, como Vaſquez, Molina, Sanches, Suares, Filiuſio, Bonacina, e outros, que allegaõ; que ſe naõ póde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod ſi unus* [conclue Suares diſp. 13. de Bello, ſect. 6. n. 4.] *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipſo injuriam alteri faceret, quam poſset juſte reptere, & eo titulo juſti belli rem totam occupare.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Caſtelhano foy irrito; porque em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e ſeus deſcendentes: e porque faltou o conſentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo do exercito, com que cá entrou. Nem obſta o naõ reclamar; porque nunca houve lugar diſſo até o dia da Acclamaçaõ, que foy antes dos cem annos, que ſe requeriaõ para a preſcripçaõ de boa fé ſem contradiçaõ, e elles bem má fé tinhaõ; e bem reclamou o Senhor D. Theodoſio

com

com ſeus filhos, cuja retrataçaõ ſe moſtrou por eſcrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario, ficava o Reyno deſobrigado de o guardar, tanto que os Reys de Caſtella naõ guardaraõ os que fizeraõ a Portugal, ajuntando, que queriaõ perder o Reyno, ſe aſſim o naõ cumpriſſem.

XVIII. Ao que diz do braço, que ſe fortificava com Portugal em Caſtella para defender a Igreja, reſpondemos, que ſe for o braço, qual o de ſeu pay, que deu ſaco a Roma, que ficará bem fortificada a Igreja, e que favoreceo tanto Caſtella a de Portugal, que em ſeſſenta annos que o dominou, naõ ſabemos que lhe levantaſſe huma, nem que lhe déſſe ſequer hum Calix. E ſe alguns politicos cuidavaõ, que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, naõ foy aſſim; e a experiencia moſtrou o contrario; porque Portugal conſervava-ſe com a paz, que tinha com todos os Principes; e Caſtella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os cõmercios, que nos enriqueciaõ, e ganhámos guerras com todas as Naçoens, que nos deſtruîaõ: e para que nem deſta deſtruiçaõ nos podeſſemos livrar, tiravanos Caſtella as forças, levandonos noſſas armas, theſouros, e ſoldados, para ſe ſervir de tu-

do

do em ſuas guerras, e conquiſtas, deſamparando totalmente as noſſas.

XIX. Finalmente ao que diz da preſcripçaõ, e poſſe, reſpondemos, que a naõ póde haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que naõ ſe póde dár em nenhuma materia ſem boa fé, titulo, e conſentimento das partes tacito, ou expreſſo. Naõ foy boa fé a de Filippe; pois com ſentença nulla, e armado com exercito tomou a poſſe: nem houve conſentimento da Real Caſa de Bragança, pois conſta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodoſio, e ſeu filho ao juramento, em que naõ foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados ſem intençaõ de o cumprirem: álem de que he do Direito, que quem com armas invade a poſſe, a perde com toda a cauſa. Donde dado, e naõ concedido, que Filippe tiveſſe algum direito, todo o perdeo pela violencia. E naõ merece nome de tyranno, quem toma o que he ſeu: *Et habet jus in re:* antes merece titulo de Principe moderado; porque offerecendoſe-lhe muitas occaſioens de ſe reſtituir, diſſimulou, eſperando conjunçaõ de o fazer com ſocego, e ſem damno de ſeus póvos: os quais hoje governa, conſerva, e defende muito melhor que Filippe; porque naſceo, e vive entre ſeus vaſſal-

los,

los, falla a ſua lingua, conhece-os de nome, bafeja-os como Senhor, defende-os como Rey, caſtiga-os como pay, augmenta-os como poderoſo, ſem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys, que daõ em ladroens.

****

MANIFESTO DO DIREITO
DA SENHORA DONA CATHARINA
Ao Reyno de Portugal contra D. Filippe.

AS repoſtas da Senhora Dona Catharina, que démos contra as razoens delRey Filippe, baſtavaõ por Manifeſto de ſua juſtiça: mas he taõ manifeſto o ſeu direito, que por mais razoens, que demos, ſempre ha mais razoens que dár: e para entendermos bem as mais fundamentais, que aqui ſe ſeguem, devemos preſuppor, que a ſucceſſaõ delRey D. Joaõ III. filho primogenito delRey D. Manoel, acabou em ElRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto; e tornando aos filhos do meſmo Rey D. Manoel, naõ achou varaõ vivo, mais que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo ſem ſucceſſaõ, e ſem irmaõ, ou irmãa, a quem deixaſſe o Reyno, neceſſariamente havia de hir a hum de muitos ſobrinhos ſeus, e netos de ſeu pay.

Viviaõ entaõ quatro, tres delles varoens, e huma femea, filhos de dous Infantes, e de duas Infantas: e pela antiguidade das Proles eraõ Filippe Prudente, filho da Infanta Dona Isabel, Philisberto filho da Infanta Dona Brites, D. Antonio filho do Infante D. Luiz, e a Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte. Raynuncio tambem oppositor já era bisneto na linha do Infante D. Duarte; mas naõ se fez caso da sua opposiçaõ, por ser defunta sua mãy, que a devera fazer, e por naõ constituir linha differente da em que se achava a Senhora Dona Catharina, em melhor gráo que elle. E se nesta materia se atentára só para a linha masculina, o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ser varaõ, e filho de Infante; mas foy excuso por illigitimo, e indispensado; porque a dispensaçaõ só seria licita em defeito de oppositor legitimo: e logo se seguia a Senhora Dona Maria, por ser filha de varaõ, e mais velha, que a Senhora Dona Catharina sua irmãa: mas excluiraõ-na, por defunta, e a seu filho, que era o Senhor Raynuncio Principe de Parma por estrangeiro, e por ficar fóra do gráo, em que se admitte representaçaõ; e principalmente por naõ constituir linha em opposiçaõ com a Senhora D. Catharina, que ficava com a

Senhora

Senhora Dona Maria na meſma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguiaſe logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varaõ: mas esbulhôa do direito com violencia notoria, e naõ a deixou tomar poſſe ElRey D. Filippe, dando por razaõ, que era varaõ, ainda que filho de Infanta, e que eſtava em igual gráo com ella: e accreſcenta eſtas palavras, que tenho eſcritas da ſua letra no papel, de que adiante farey mençaõ: *Que para entrar en eſtos Reynos nó tenia neceſidad de aguardar ſentencia de nadie, por ſer el proximo ſuceſſor en el Reyno, y nó reconociente ſuperior en lo temporal; que ſaneada, y ſatisfecha ſu conciencia de ſu juſticia, pudo ocupar la poſſeſion por ſu ſola autoridad, conforme a Derecho; y que ya es coſa eſta, de que nó ſe ſufre diſputar, ſinó tenerlo por ley, y verdad manifieſta, deſpues que los tres Eſtados del Reyno le tienen jurado en Cortes Generales por ſu Rey, y Señor natural, como lo hicieron en Tomar.* Mas do que temos dito, e diremos, ſe colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ ſofiſticas ſaõ eſtas razoens de Filippe, que na verdade ſe ſeguia logo depois da Senhora Dona Catharina, excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ſer filho da Senhora Dona Iſabel, mais velha que a

Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Posto isto: por muitas razoens tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a Filippe com muita justiça: e nem por serem muitas, fazem melhor causa. O ponto está em serem boas: e entaõ huma até duas bastaõ, e tres sobejaõ. As melhores neste caso se reduzem a quatro, que saõ Linha, Patria, Representaçaõ, Acclamaçaõ: e porque destas nascem outras, direy todas por sua ordem, e saõ as seguintes.

RAZOENS

DA SENHORA DONA CATHARINA

Contra Filippe.

I RAzaõ. Porque este Reyno era devido ao neto, ou neta delRey D. Manoel, que se achasse em melhor linha: e entaõ só a Senhora Dona Catharina o estava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ser Rey, se vivera com a Infanta Dona Isabel mãy de Filippe, e precederlhe por varaõ, ainda que ella fosse mais velha. II Razaõ. Porque as Leys de Portugal prohibiraõ passar a Coroa a estranhos [como já dissemos, ou provámos das Cortes de Lamego] e entaõ só a Senhora Dona Catharina

era

era natural deſte Reyno. E que eſta ley ſeja juſta, prova-ſe da ley natural; porque naõ ha couza mais natural, que governarem-ſe as cõmunidades por ſeus naturais, que lhes ſabem os coſtumes, e inclinaçoens. Da ley Divina; porque no Deutoronomio mandava Deos ao ſeu povo, que naõ admittiſſe Rey eſtranho: *Conſtitues Regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non ſit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas: os Garçoens diziaõ, que naõ eſtavaõ obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra, ſenaõ quando aſſiſtia entre elles. Sandoval na Hiſtoria dos Reys de Caſtella diz de Affonſo VI. que elle naõ cazaria ſuas filhas com eſtrangeiros, ſe ſoubera, que naõ havia de ter filhos: e de ſeu neto filho de D. Ramon fazia pouco caſo, por ſer filho de eſtrangeiro: e naõ levava em paciencia, que faltaſſe em Caſtella a ſucceſſaõ Real. O noſſo Rey D. Affonſo Henriques aſſentou com os Eſtados, e póvos, que na Coroa de Portugal naõ ſuccedeſſe eſtrangeiro, nem ſe admittiſſe a ella filho de filha, que cazaſſe fóra do Reyno; e em tempo delRey D. Affonſo V. naõ quizeraõ os tres Eſtados, que foſſe ſua tutora a Rainha Dona Leonor ſua mãy, por ſer Aragoneza:

neza: e ElRey D. Joaõ III. teve feita ley para ef-
tes Reynos, em que naõ fó excluîa os eftran-
geiros, mas tambem as femeas filhas dos Reys def-
tes Reynos, por tirar as duvidas pertendendo
algum Rey eftrangeiro, ou outro cazado no
Reyno, fucceder nelle; mas a Rainha Dona Ca-
tharina a eftorvou pelo amor que tinha a Caftel-
la, eftando para fe promulgar. A efte ponto
tiraõ as leys defte Reyno, que prohibem terem
officios publicos eftrangeiros; e poriffo ElRey
Filippe jurou que os naõ daria fenaõ a Portugue-
zes: e podiaõ os Reys Portuguezes fazer eftas
leys nefte Reyno, naõ fó por ferem confórmes
á ley natural, e divina, em femelhante cafo,
fenaõ tambem, porque as punhaõ em couza
propria, que podiaõ difpôr com as condiçoens,
que quizeffem; porque ganharaõ á força do feu
braço, e cufta de feu fangue Portugal aos Mou-
ros, que injuftamente o poffuîaõ, e affim co-
mo em bens proprios lhe puzeraõ as condiçoens,
que fe lêm nas Cortes de Lamego.

III. Porque fó difpenfando-fe com a ley,
que prohibia eftranhos, podia fer admittido ElRey
Filippe, a qual nunca fe tinha difpenfado: e ha-
vendo-fe de entrar no Reyno com difpenfaçaõ,
mais direito tinha o Senhor D. Antonio para fer
difpen-

diſpenſado; porque álem de ſer natural deſte Reyno, era filho de Infante varaõ, e ſó neceſſitava de diſpenſaçaõ na illigitimidade, que já em ElRey D. Joaõ o I. ſe tinha dado; e a razaõ de ter por ſua mãy ſangue Hebreu, naõ eſtava prohibida, nem iſſo nos Reys avulta: donde de *primo ad ultimum* a Senhora Dona Carharina ſó devia entrar na ſucceſſaõ deſta Coroa, por naõ ter neceſſidade de diſpenſaçoens por neta legitima delRey D. Manoel, e Reyno. IV. Porque o beneficio da repreſentaçaõ ha lugar na ſucceſſaõ deſtes Reynos, aſſim como por Direito commum eſtá concedido nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*: e prova-ſe; porque eſtá geralmente induzido por Direito em todas as ſucceſſoens hereditarias, porque o filho he huma meſma couza com ſeu pay: e eſtes Reynos ſaõ herança do ultimo Rey poſſuidor: logo bem ſe ſegue, que ha nelles lugar á repreſentaçaõ, aſſim como nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*. Confirma-ſe; porque tambem ſe admitte repreſentaçaõ nos Mórgados, e bens vinculados *jure ſanguinis*: logo tambem nos Reynos, poſto que foſſem *jure ſanguinis*; porque foraõ inſtituidos pelos póvos, em quem ſe naõ póde conſiderar, que tiveſſem mais amor ao filho,

 ou

ou irmaõ do Rey, por mais chegados, que ao neto, ou ſobrinho, por mais remotos. Donde *Molina lib.* 3. *cap.* 7. *q.* 1. *n.* 28. tendo, que a ſucceſſaõ dos Reynos ſe differe *jure ſanguinis*, admitte o beneficio da repreſentaçaõ. E a ley diſpoem em Eſpanha, que o neto ſerá preferido ao filho ſegundo do Rey; e ha exemplos diſto em Inglaterra, França, Ungrîa, Bretanha: e em Aragaõ fez ElRey D. Jaymes II. jurar por ſeu ſucceſſor a D. Pedro ſeu neto, filho do Principe D. Affonſo, ſendo vivo o Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e neſte Reyno D. Joaõ o I. ordenou em ſeu teſtamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte ſeu primogenito precedeſſem ao Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e ElRey D. Affonſo V. ordenou o meſmo por ſua Carta patente, eſcrita aos Eſtados, accreſcentando, que o filho, ou filha do Principe D. Joaõ ſeu primogenito, ſendo legitimos, herdaſſem o Reyno, e naõ filho ſegundo ſeu. Poſto iſto, bem ſe infere, que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deſte Reyno, por repreſentar a ſeu pay, que ſe vivêra, havia de ſer Rey diante da Senhora Dona Iſabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ſer femea.

V. Dado, que em Portugal naõ houveſſe

ley,

ley, nem Ordenaçaõ expressa, que admitta representaçaõ na succeſſaõ dos Reynos; ha com tudo ley, que o caſo, que naõ eſtiver nas Ordenaçoens delle decidido, ſeja julgado pelas leys Imperiais; e ſe neſtas naõ eſtiver, pelas Gloſas de Acurſio; e ſe neſtas naõ, por Bartholo, ou pela cõmum opiniaõ dos Doutores. E o caſo preſente da maneira que o reſolvemos, ainda que naõ eſtá na Ordenaçaõ deſte Reyno, colhe-ſe do Direito Civil, e eſtá determinado por Acurſio, Bartholo, e os Doutores, e admittido, e praticado em Portugal, e muitos outros Reynos, como moſtrámos. VI. Porque as femeas pódem ſer admittidas á ſucceſſaõ dos Reynos de Portugal; e ſe prova, de que a ſucceſſaõ deſtes Reynos ſe differe *jure hæreditario*, como herança do Rey ultimo poſſuidor: e conſta confórme a Direito, que as femeas por teſtamento, e *ab inteſtado*, ſaõ admittidas ás heranças hereditarias, aſſim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores, que ſe hoje guarda: e pois neſte Reyno naõ ha ley, que as prohiba, claro eſtá, que pódem ſer admittidas, aſſim como o ſaõ em todos os Reynos, e Eſtados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz *Tiraquel. tom.* 1. *q.* 10. *á n.* 4. e aſſim eſtá

 decla-

declarado em Portugal, e se colhe da doaçaõ feita ao Conde D. Henrique, e sua mulher Dona Theresa, que dizia: *Para elle, e seus successores.* E confórme a Direito esta palavra (*successores*) admitte tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual ElRey D. Affonso II. em seu testamento admitte a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no Reyno: e no Reyno do Algarve se prova particularmente da doaçaõ delRey D. Affonso o Sabio de Castella a ElRey D. Affonso o III. Conde de Bolonha seu genro, para seus filhos, e filhas para sempre. Destes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da Carta, que ElRey D. Affonso V. escreveo aos Estados do Reyno, pela qual, quando entrou em Castella, determinou o modo, que se havia de guardar na successaõ destes Reynos, dizendo assim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deos naõ mande, que o Principe, meu sobre todos muito amado, e prezado filho, faleça antes de meu passamento deste mundo, e delle fiquem filhos, ou filha legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal, e dos Algarves, e naõ outro algum meu filho, ou filha.* De tudo o dito se colhe, que as femeas em Portugal saõ habeis para herdarem esta Coroa, e que a Senhora Dona Ca-

tharina

tharina naõ a podia perder por femea.

VII. Os Reynos herdaõ-ſe mais pelo direito hereditario, que pelo do ſangue. em Caſtella querem muitos que prevaleça o direito do ſangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Caſtelhanos pegaraõ do direito do ſangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal: mas achando, que tambem por eſta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito, pegaraõ do hereditario; e parece que os moveo o verem, que poſſuîa Filippe, Navarra, Leaõ, e Caſtella com direito ſó hereditario, e naõ ficava conſoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que poſſuîa os outros. Donde ſe deve notar, que com o direito, que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina, perdiaõ os Reynos, que poſſuîaõ: e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido, e a Senhora Dona Catharina de melhor condiçaõ.

VIII. Direito do ſangue he aquelle, que vem por inſtituiçaõ antiga, que diſpoz foſſe correndo a herança pelos parentes mais chegados em ſangue ao inſtituidor, como ſe vê nos Morgados. Direito hereditario he aquelle, que ſem attentar para as tais inſtituiçoens, dá a fa-

zenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De maneira que no direito do ſangue ſuccede ao primeiro inſtituidor, e no hereditario ao ultimo poſſuidor; e ſe bem attentarmos em ambos eſtes direitos, eſtava a Senhora Dona Catharina diante delRey Filippe: no do ſangue, por vir por linha maſculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha; e no hereditario; porque a inſtituiçaõ do noſſo Reyno era, que ſe déſſe ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e naõ a eſtrangeiro, como era Filippe. E prova-ſe da cauſa; porque elegeo Portugal o ſeu primeiro Rey natural, que foy, por ſe eximir do governo de Leaõ. E que eſte diſcurſo, e opiniaõ eſteja confórme a Direito, e razaõ, confirma Caſtella com ſemelhante caſo, em que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de ſua Coroa, que lhe vinha por ſua mãy Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que aſſiſtiaõ em Caſtella.

IX. O Duque D. Joaõ, marido da Senhora Dona Catharina, era deſcendente por linha maſculina do primeiro Rey de Portugal D. Affonſo Henriques; e he certo, que quando de alguma herança he excluîda a femea a favor de varaõ,

naõ

naõ tem isto lugar, quando ella he cazada com agnado da mesma familia. Donde tambem por esta cabeça de successaõ hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina; e só podia haver duvida entre o Duque D. Joaõ, e a Senhora Dona Catharina sua mulher, por terem ambos o direito do sangue, e serem agnados, e precedello ella em ser mais chegada ao ultimo possuidor, e elle a ella, em ser varaõ: mas toda a duvida se solta no filho, que de ambos nasceo, o Senhor D. Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as razoens, que se cõmunicaraõ a seu neto ElRey D. Joaõ IV. o qual fundado nellas tomou posse pacifica do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha direitamente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona Catharina a força, e violencia, com que ElRey Filippe invadio este Reyno, e tomou posse delle; e já mostrámos, que a força em causas juridicas tira o direito, a quem a faz: e esta se prova em Filippe; porque mandou declarar por rebeldes, e traydores, com privaçaõ de vida, e fazenda a todos, os que com opiniaõ mais que provavel trataraõ da defensaõ de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem promettido fidelidade: e por este principio deo garrote secreto a immensos Religiosos, que man-

dou lançar no mar com pedras aos peſcoços. E que foſſe injuſta, ou tyrannica eſta violencia, moſtrou-o o Ceo negando por muito tempo o peixe aos peſcadores, que foraõ ao Arcebiſpo D. Jorge de Almeida queixar-ſe, que eſtava o mar excõmungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravaõ muitos corpos de Frades. E foy aſſim, que mandando o Arcebiſpo abſolver o mar com as ceremonias da Igreja, começou a dar peſcado, e ceſſou a maldiçaõ, que melhor abrangeria a quem tal juſtiça executou. Mais fez para violentar naõ ſó os corpos, ſenaõ tambem as almas, que mandou a todos os Prelados Eccleſiaſticos deſte Reyno, que revogaſſem logo todas as licenças a todos, quantos houveſſe approvados para confeſſar, e prégar; e que as naõ concedeſſem de novo, ſenaõ aos que foſſem conhecidos por de humor Caſtelhano; e que puzeſſem cenſuras reſervadas, de que com nenhuma Bulla ſe pudeſſem abſolver, os que de palavra, ou por eſcrito ſignificaſſem opiniaõ contraria á de Filippe. E diſto tenho na minha maõ hum papel, ou Regimento, que já atraz toquey, digno de ſe imprimir pelas muitas couzas deſproporcionadas, que contém, e por ſer da maõ, e letra delRey

Filippe

Filippe o Prudente, que neſtes pontos moſtrou, que o naõ era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogaſſem os poderes das Bullas, e as licenças, que ſó os Summos Pontifices pódem tirar: mas como a pertençaõ principal era nulla, naõ ha que eſpantar, de que os meyos para ella foſſem tudo nullidades.

XI. E porque de hum abſurdo ſe ſeguem muitos, como diz o Filoſofo; deſte da força, e violencia, ſe ſeguiraõ tantas injuſtiças, em que logo ſe deſempenhou Caſtella, que menos baſtavaõ para lhe tirar o direito, dado, e naõ concedido, que algum tiveſſe, e para corroborar o da Senhora Dona Catharina, ainda que foſſe fraco. Vinte e quatro Capitulos cheos de promeſſas, que Filippe jurou a eſte Reyno, quaſi todos ſe quebraraõ, tendo no fim delles, que ſendo caſo, o que Deos naõ permittiſſe, nem ſe eſperava, que o Sereniſſimo Rey D. Filippe, ou ſeus Succeſſores, naõ guardaſſem a tal concordia, ou pediſſem relaxaçaõ do juramento, os tres Eſtados deſtes Reynos naõ ſeriaõ obrigados a eſtar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a ſugeiçaõ, e vaſſallagem, e que lhe naõ obedeceſſem, ſem poriſſo incorrerem em perjuro, crime de *leſæ Majeſtatis*, nem outro máo caſo

algum.

algum. XII. Admittindo nós as injuſtiças allegadas em commum, que logo moſtraremos em particular; e dado, e naõ concedido, que a Real Caſa de Bragança naõ tiveſſe a eſte Reyno o direito, que temos moſtrado, eſtava o Sereniſſimo Duque neto da Senhora Dona Catharina obrigado a tratar do bem deſte Reyno, por ſer natural, e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica póde tratar qualquer do povo, procurando ſeu augmento, e ſegurança: he ley certa deſte Reyno, por ſer opiniaõ de Bartholo, que naõ tem niſto, quem o contradiga. He tambem certo em Direito, que quando hum Reyno eſtá affogado, e opprimido com injuſtiças, tyrannias, e inſolencias do Rey, que o poſſue, e de ſeus Miniſtros; que o Rey mais viſinho he o ſeu protector, e a quem toca, e compete acudir-lhe: e com mais razaõ os Senhores Duques de Bragança Condeſtaveis deſte Reyno, deſcendentes dos noſſo Reys, podiaõ tomar á ſua conta a liberdade da Patria, de ſeus parentes, e criados. Eſta doutrina admittem até os Caſtelhanos, e he de todos.

XIII. Eſtá hoje ElRey D. Joaõ o IV. em poſſe de boa fé; porque dado, que houveſſe duvida no direito, ou violencia interpoſta de

huma

huma das partes, a resoluçaõ pertencia ao povo, que póde eleger por Acclamaçaõ, como elegeo o neto da Senhora Dona Catharina, usando de hum quasi postliminio no direito de eleger, que teve radicado do principio, e depois o transferio hereditario nos Reys; assim Portugal decidio a sentença, que o Cardeal Rey naõ deo, e que o Castelhano nullamente fulminou. XIV. Sobre este fundamento da Acclamaçaõ voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes naõ menos forçozo, para renderem obediencia aos Descendentes da Senhora Dona Catharina, e sacudirem o jugo de Castella; e foy o das injustiças, com que esta os governava: e prova-se ser bom em toda Europa; em Castella com o Rey D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Christierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foy excluîdo do governo por sua froxidaõ, e teve a seu irmaõ o Conde de Bolonha por seu substituto: com este titulo se livraraõ os Hollandezes, e se livraõ os Catalans, se levantou Napoles, se amotinou Secilia; e Portugal declarou por seu Rey, a quem por direito o era, para o governar, como natural sem tyrannias.

RE-

REPOSTA DELREY FILIPPE
Contra as razoens
DA SENHORA DONA CATHARINA
Com ſeu deſengano.

I. REpoſta contra a primeira razaõ. *Terrible caſo* [diz Filippe] *que quiten los Portuguezes un Rey Catholico, y tan buen Chriſtiano como ellos, de ſu ſilla, y que ſe jacten, lo hazen con raſon, colgandola de una linea, y que arraſtren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado con mi prima, a quien devia yo preceder por Varon, y mas viejo que ella!* Mas eſta repoſta ſe desfaz, como nevoa á viſta do Sol, com a ley, e razaõ da repreſentaçaõ, que já deſcutimos. II. Contra a ſegunda. *Admito, que podia Portugal hazer ley, que eſtrangeros nò le heredaſsen: mas niego, que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la Reyna de Caſtilla Doña Beatrìs, hija unica del Rey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de ſu padre fuè jurada en Portugal por Reyna, y Señora ſuya; y confirmaſe con el Rey D. Manuel, quando heredò los Reynos, y Eſtados de Caſtilla en nombre de ſu hijo D. Miguel: y ſiendo poderoſos para defenderſe, lo recebieron amoroſamente, nò obſtante ſer eſtrangero; y quando deſpues los heredò el Archiduque de Auſtria, aunque era Aleman,*

Aleman, hizieron lo mismo: y que de la misma manera deve Portugal ser unido a Castilla. Mas estas repostas, e instancias tem facil resoluçaõ; porque a certeza da ley consta muito bem a Castella, que a sumio com as Cortes de Lamego, como fica dito: e a nós bastanos a tradiçaõ por certeza, que se prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites porisso a jurou Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque se fez Castelhana: e se Castella admittia estrangeiros, era, porque naõ tinha ley em contrario, como Portugal tem: e tambem, porque os fazia naturais com a assistencia continua; e com esta faltou a Portugal, naõ pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravandolhe o jugo como estranho, e porisso com muita razaõ o sacudio.

III. *Que nò tenia necesidad de dispensacion en esta ley, porque era Portuguez, hijo de madre Portugueza, y se hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en sus Provisiones, y despachos, conservando las costumbres, y leyes de los Portuguezes; con Palacio Real en su Reyno, y Tribunales, prometiendo asistir en él el tiempo necessario para ser tenido, y avido por natural, y nò por estraño.* Mas isto se bem o disse, mal o cumprio; porque nunca veyo a Portugal, mais que a tomar posse

se

ſe armado como inimigo, metendo preſidios Caſtelhanos em todas as forças do Reyno, e Miniſtros Caſtelhanos nos Tribunais, armando a que todos foſſemos Caſtelhanos; porque ſó aſſim tratava de ſer natural noſſo: e para hum homem ſer natural requer a ley deſte Reyno, que ſeja naſcido nelle, e que ſeu pay tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada diſto teve Filippe. IV. *Al punto de la repreſentacion negamos ficciones, y chimeras de Legiſtas, y tomámos poſseſion por la realidad.* Mas já fica deſenganado na repoſta, que démos á razaõ quinta do ſeu Manifeſto; álem dos exemplos, que na quarta razaõ da Senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem moſtraõ, quam praticada foy ſempre a repreſentaçaõ em todos os Reynos da Europa, e neſte de Portugal muito particularmente, e eſtabelecida por ley.

V. *Que los Reyes, como Señores Soberanos, nò ſon ſugetos a las leyes, que ſe hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando reſultaren en daño de la Corona; que es la primera coſa, que ſe pretende conſervar con el derecho.* E diz muito bem em Reys tyrannos, para os quais naõ ha ley, mais que a de ſua vontade, conforme aquelle texto, que ſó elles guardaõ: *Sic volo,*

ſic

ſic Jubeo; ſic pro ratione voluntas. Mas deverá advertir, que na oppoſiçaõ preſente naõ fazia figura de Rey, ainda que o era, ſenaõ de filho da Senhora Dona Iſabel, e como tal em figura de particular pertendia eſte Reyno, e naõ como filho do Emperador; por onde, ainda que era Rey, naõ lhe pertencia eſta Coroa. VI. *Lo que toca, a que las hembras pueden ſer admitidas a la ſuceſion de los Reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a quien preceden los varones, que ſe oponen en igual grado, y ſe prueva en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra.* Mórmente que de tal devido, como o dito D. Joaõ Henriques havia com o dito D. Fernando, he da parte das mulheres; que ſegundo coſtume, e ley de Eſpanha, dos filhos a fóra naõ pódem ſucceder em tal dignidade. Mas eſte argumento bem ſe vê que naõ vem a propoſito; porque ſe tomarmos o texto como ſôa, tambem a filha do ultimo poſſuidor naõ poderia herdar o Reyno, contra o que temos provado, e Filippe admitte. Donde ſó ſe entende dos parentes collateraes, que naõ deſcem do Sangue Real dos noſſos Reys, como naõ deſcia D. Joaõ Henriques Rey de Caſtella, e poriſſo naõ devia ſucceder a ElRey D.

Fer-

Fernando, posto que fosse seu primo com irmaõ; porque este parentesco era por parte das mãys, que naõ desciaõ dos nossos Reys.

VII. *Que todos los Reynos tienen sus leyes, y derechos particulares, que en sus heredamientos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la sangre, y otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questaõ, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar, que assim em hum direito, como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razaõ do seu Manifesto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nò podia heredar Castilla, porque tienen estas leyes, y privilegios, que lo vedan: y Castilla podia heredar Portugal, porque nò avia impedimiento de ley, que se lo estorvasse.* Mas a isto já dissemos, que temos leys, que naõ passe este Reyno a estranhos, e atraz na segunda razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e se as nega Filippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França; e queremos, que nos valha neste caso, se foy bom o estylo, que entaõ usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquisté,*

quiſté. Yo lo heredé, porque me lo reſolvieron muchos Doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquiſté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquiſtado es, de quien lo heredó, compró, y conquiſtó: de la miſma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nò de la Señora Catalina, que nò lo heredó, ni lo compró, ni lo conquiſtó, como yo. Diz bem que o herdou por dito de Doutores, que corrompeo com dadivas, e terrores. Mas naõ rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da repoſta quinze ao ſeu Manifeſto; e o meſmo Juriſconſulto referindoſe-lhe huma viſaõ, que tivera huma peſſoa louvada em virtude, que lhe moſtrara Deos a alma de Filippe paſſando do Purgatorio para o Ceo, reſpondeo perguntando: Reſtituîo elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho naõ reſtituir, naõ creyo, que eſtá no Ceo. E eſte he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquiſta que allega. Herdou, o que lhe naõ pertencia; comprou, a quem naõ era dono, que pudeſſe vender; conquiſtou contra direito, e aſſim o ficou perdendo a tudo pelas meſmas tres cabeças, por onde jacta, que ſe fez Senhor. X. *Al punto de la fuerça ſe dize, que* vim vi repel-

lere licet. *Que una fuerça grande nò se deshace sinò con otra mayor.* E diz bem, que sentio grande força intrinseca no direito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinseca naõ a havia nella: antes com paz, e socego se punha na razaõ, que Filippe naõ quiz admittir, nem ouvir; e porisso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeo todo o direito, que affectava.

XI. *Que tal juramento de guardar capitulos, y perder el Reyno, si nò los guardasse, responde, que nunca lo hizo, ni se mostrará autentico; y que lo prometido en las Cortes se cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen govierno de las cosas, que nò pueden siempre mirar a un solo fin, que los Reyes pueden alterar para mejor govierno, y mayor provecho de sus Estados.* E falla verdade em dizer, que naõ está authentico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581. porque o naõ deixou imprimir na Carta patente de confirmaçaõ dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impressa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. 129. E o certo he que naõ he mayor o poder nos Reys, para condemnarem por traydores os vassallos, que no promettido, e jurado lhes faltarem; que

nos

nos mesmos póvos, para lhes negarem a obediencia, e os excluirem, quando os Reys lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de sua promessa. Está nos póvos a eleiçaõ, e creaçaõ de seus Reys, e nella contrataõ com elles haverem-nos de administrar em sua conservaçaõ, e utilidade. Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conservar, os pódem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a ElRey D. Filippe, depois de o admittir intruso, e violento. XII. Ridicula he a reposta, que Castella dá á XII. razaõ da Senhora D. Catharina; porque consta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, prejuros, traidores, tiranos: y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hacer justicia, y poner el derecho en su lugar y puncto, &c.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeadas, que mais se confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promette: e entre tanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho:* quanto mais, que onde as daõ: e naõ ha pé, que naõ ache forma de seu çapato.

XIII. *Niega Phelipo estar el pueblo en posse-*

ſion de eligir Reyes; porque nò tenian mejor privilegio de eligir Rey en Portugal, que en los otros Reynos de Heſpanha, los quales ſon de ſuceſion, en quanto vive deſcendiente legitimo de la familia Real; y en eſta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros Reynos; porque procede de donacion de los Reyes de Caſtilla, y de conquiſta de los Reyes de Portugal: y como el pueblo nò diò el Reyno, nò puede aver caſo, em que ſea poſible eligir. Bem eſtá: aſſim he. Mas nas duvidas naõ ha duvida, que tem o povo direito para as decidir, quando naõ ha, quem as reſolva limpamente, e ſe ſente offendido: porque ſe haõ no tal caſo os Reynos, como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de ſua inſtituiçaõ, antes de terem Reys, em que os póvos pódem eleger quem quizerem: e bem ſe prova, que os de Portugal nunca quizeraõ a ElRey Filippe; pois nunca lhe deraõ hum viva, como notaõ até ſeus Chroniſtas, nem na mayor pojança do horrendo triunfo, com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamaçoens de vivas, com que ElRey D. Joaõ o IV. foy ſublimado ao Throno, para deſengano do mundo todo, que ſabe muito bem, que a concorde, e voluntaria acclamaçaõ dos póvos he o melhor titulo, que ha para reynar; por-

porque assim se instituîraõ os Reynos, e fizeraõ os primeiros Reys. Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppositores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do povo, que primeiro fez os Reys.

XIV. Finalmente responde Filippe: *Que nò se pueden presumir tiranias de un Rey Catholico, ni injusticias de un Monarcha tan poderoso, que de nada necesita, para ajustarlo todo, dando medio con suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.* E diz bem; porque em duvida, de todos os Reys se ha de presumir bem: mas quando as couzas saõ evidentes, naõ ha escusa, que as livre. A evidencia das injustiças, que Castella usou com Portugal sessenta annos, que o teve sugeito, mostrará o capitulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal, e Castella; e bem curto de visto será, e bem cego de paixaõ, quem com a luz destas verdades naõ vir, que Portugal naõ tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este Reyno muito grandes.

****

CAPITULO XVII.

Em que se resolve, que as unhas de Castella saõ as mais sarpantes por injustiças.

DO que temos dito fica assás claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Castella sempre usou dellas. E porque póde haver, quem naõ alcance tantas razoens; assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas, que naõ vêm luz, poremos aqui huma demonstraçaõ taõ clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que estejaõ dormindo. Cesteiro, que faz hum cesto, fará cento, diz o proverbio. E se isto he verdade, como o he; mais o será, se dissermos: Cesteiro, que faz hum cento de cestos, quero dizer de furtos, he mais que certo; e naõ he necessario para os provar, trazermos aqui Cetros, nem Coroas, como a de Navarra, de que se intitula ainda Rey o Francez; nem Milaõ, que o mesmo appellida por seu: nem Napoles, sobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Castella, e Leaõ, sobre que reclamaõ hoje os Lacerdas em Medina

dina Cæli: nem Secilia, que tem Senhor, que a naõ logra por falta de poder: nem Aragaõ, que lá tem no ſeu Limoneiro o direito, que o certifica da violencia que padece, nem os mais: que ſe com eſtes ſe forem para ſeus donos, ficará Filippe como a gralha de Hiſopete. Naõ nos he neceſſario diſcorrermos por Reynos alheos, dentro no noſſo daremos pilhagens aos milhares, em que enſanguentou tanto ſuas unhas Caſtella, que baſtaõ, para provar, que as tem muito grandes; e que naõ repararia em levar eſte Reyno de hum golpe, ſem ſer ſeu; pois naõ reparou em o desbalijar por partes, depois de o poſſuir com unhas tyrannicas. Das injuſtiças naſce a tyrannia, naõ para eſtarocioſa, mas para obrar mais injuſtiças. E he aſſim que os Autores a dividem em duas, quando a definem. A primeira ſe dá, quando ſe occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A ſegunda, quando o Rey o governa contra as meſmas leys. A primeira manifeſta fica nos dous Manifeſtos, e em ſuas repoſtas. A ſegunda ſe manifeſtará nas injuſtiças ſeguintes.

Quando Portugal paſſou para Caſtella, hia aperfeiçoando ſuas Conquiſtas com novos modos de tratos, que ſe deſcobriaõ; hia-ſe ampliando, e propagando noſſa ſanta Fé. Tudo parou logo,

e com o tempo foy tornando para traz. Tinhamos poderosas armadas, immensas armas, muita gente destra para tudo; quasi de repente, e sem o cuidarmos, nos achámos sem nada. Pôz-nos mal Castella com todas as Naçoens; com que se diminuîo o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os estrangeiros naõ podendo vir a nossos pórtos buscar nossas drogas, hiaõ buscallas a nossas Conquistas, lançandonos dellas; porque naõ tinhamos forças, para lhe resistir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavanos a direcçaõ do governo, e o cabedal, que nos devorava Castella. Capitulou por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Nórte, deixando fóra dellas, o que fica para o Sul, onde cahe o principal de nossas Conquistas, como quem se naõ dohia dellas. Deu licença a estrangeiros para hirem commerciar a nossas Conquistas com grande perda, assim de particulares nossos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640. mandou publicar nos Estados de Flandes obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaesquer pórtos nossos: e mandou, que as nossas bandeiras variassem de côr, para se differençarem das suas. Diminuiraõ-se as náos da India; despachavaõ-se taõ tarde, que arribavaõ; pro-

viaõ-se

viaõ-ſe taõ mal, que pereciaõ, e as que vinhaõ, governavaõ-ſe de modo, que davaõ á coſta: até as armadas naõ logravaõ effeitos, por má direcçaõ; e as que nos mandavaõ fazer, e preparar a titulo de acodirem a noſſas Conquiſtas, feitas, as tomavaõ para as de Caſtella, e lá pereciaõ. A gente, que cá ſe aliſtava, mandavaõ, que cá ſe buſcaſſe o dinheiro para a pagarem; e o meſmo para as armadas, com que os hiamos ſervir. As noſſas Fortalezas andavaõ taõ mal providas, que as tomavaõ os inimigos, como ſe vio na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, &c. Tomaraõ-nos mais de ſete mil peſſas de artelharia: e huma vez ſe viraõ na Ribeira de Sevilha mais de nove centas peſſas de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés, e armadas; de que reſultou ficarem noſſos mares ſaqueados, e naõ eſcapar embarcaçaõ noſſa; até os peſcadores nos tomavaõ os Mouros: até os direitos, e fintas particulares, que os homens de negocîo davaõ para fabrica de armadas, que os defendeſſem, incorporaraõ em ſi; e comiaõ-nos os ordenados das galés ſem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Caſtella. Dizem que nos acodiaõ com ſuas armadas, como ſe vio na reſtauraçaõ da Bahia. Reſponde-

mos

mos que o fizeraõ para aſſegurarem as ſuas Indias, e que ſe pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, ſempre foy á noſſa cuſta, como ſe vio na noſſa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os ſerviços da noſſa Coroa feitos á de Caſtella, pagavaõ-ſe com premios de Portugal, e os ſerviços feitos á noſſa Coroa nunca tinhaõ premio. Com iſto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra, para as emprezas de Caſtella, ficavaõ as noſſas deſamparadas, e ſe perdiaõ. Mandavaõ obedecer noſſas armadas ás ſuas Capitanîas, e Almeirantas contra noſſos fóros; com que nenhum homem de bem queria ſervir, por naõ perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que ſe lhe naõ poria tributo, ſenaõ admittido em Cortes; e jurando Caſtella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalîa ſem Cortes o real dágua, accreſcentou a quarta parte das cizas, no ſal novos, e intoleraveis tributos em Caſtelhano, e ſobre as caixas de açucar. Incorporouſe na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos, que os póvos concederaõ para fortificar muros, e Caſtellos. Faziaõ eſtanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Rey-

no a comprar o peor, mandando para fóra o melhor. Andava isto de tributos taõ desaforado, que se atreviaõ os Ministros a lançalos sem ordens Reaes; como o das barcas pescadoras, que obrigaraõ em Lisboa a hir registar ás torres, para pagarem novas imposiçoens, álem das muitas, que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neste Reyno a moeda de Belhaõ, os despachos em Castelhano, o papel sellado, e nos Concelhos de Madrid naõ nos queriaõ despachar senaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ para Castella o procedido delle; naõ se despendendo o seu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o naõ julgasse por tyrannico, álem de ridiculo: e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejaraõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas anatas, que se pagavaõ até de titulos vaõs, e fantasticos, e inuteis, e do que era devido por justiça. Fizeraõ praticar neste Reyno couza nunca vista entre Portuguezes, venderem-se a quem mais dava os officios, que antigamente se davaõ de graça, sem olharem se as pessoas eraõ dignas. E porque as indignas saõ, as que por dinheiro sobem aos officios, ficava a Republica mal servida, e perturbada: o sobir sem meritos, e o naõ cahir por

erros igualmente ſe vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por elles, nem os que pertendiaõ pot interpoſta peſſoa: prohibiaõ ás partes virem com embargos a tais provimentos, e ſe alguem dava mais pelo officio já comprado, lho largavaõ ſem reſtituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem ſatisfaziaõ com que apontaſſe, e pediſſe outra couza. Vendiaõ Habitos até gente indigna delles, e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos; e dos que poſſuîaõ bens da Coroa a quarta parte: negaraõ os quarteis das tenças, e dos juros era muitó ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Communidade, e Prelados, que déſſem ſoldados veſtidos, armados, e pagos á ſua cuſta, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Cataluna; para o obrigar aſſim exhauſto, deſarmado, e ſugeito ao que quizeſſem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinouſe Evora, reſiſtiraõ os póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que ceſſaraõ outros muitos tributos, de que eſtavaõ já proviſoens pelas Comarcas.

marcas. Cresciaõ as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavaõ-se as perdas: destruîa-se a Monarquia, e tudo se gastava em appetites: faltavaõ as armadas, e nos tanques do Retiro navegavaõ baixeis. Triunfando os Hollandezes de Espanha pelas companhias, que contra ella levantavaõ; a da nossa India se consumio, e desappareceo, sem os póvos receberem ganho, nem se lhes restituir se quer, o que lhes tinhaõ feito contribuir, nem se tomar conta aos Ministros, que o devoraraõ. As necessidades, em que nos punhaõ com este modo de governo, tomavaõ por achaque de novas imposiçoens para as remediarem; do castigo faziaõ remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os Juizes Castelhanos julgavaõ, e sentenceavaõ os Portuguezes, que se achavaõ em Castella; e elles tinhaõ em Portugal Juizes Castelhanos. Chamavaõ a Madrid as demandas dos Portuguezes; cõmettiaõ-nas a Juizes Castelhanos; e se alguem resistia a isto, era punido. Quando se lhes devaçava de algum caso commettido neste Reyno por Portuguezes, e Castelhanos; pagavaõ tudo os Portuguezes, se sahiaõ culpados, e os Castelhanos eraõ remettidos a seus Juizes, que sempre os absolviaõ livres de culpa, e pena. In-

venta-

ventaraõ huma companhia de S. Diogo, onde ſe matriculavaõ com quantos delles deſcendiaõ; para que gozando dos privilegios de izento, ſe naõ extinguiſſe o nome Caſtelhano, antes ſe augmentaſſe entre nós, e foſſe mais eſtimado, e appetecido. Punhaõ olheiros Caſtelhanos nas noſſas Alfandegas, naõ os havendo Portuguezes nas de Caſtella em noſſo favor, ſendo hum Miniſtro Caſtelhano tido por menos limpo de mãos, que cem Portugnezes: e applicava-ſe a hum ſó delles mais ordenado, que a todos os Miniſtros noſſos do Tribunal, em que ſe punhaõ, e ſe lhes pagava deſta Coroa. Faltaraõ-nos com as promeſſas de nos libertar nos direitos dos Pórtos ſecos; e com outras mil de huns, e outros, que naõ conto. Levaraõ para Caſtella o provimento dos Corregedores, Provedores, e Juizes do primeiro banco, para os fazerem dependentes, e os divertirem para lá: tudo contra o promettido, e jurado. Faltou-ſe á Real Caſá de Bragança com algumas preeminencias, e cortezias devidas á ſua grandeza, e concedidas por Reys paſſados. Entregaraõ o menêo deſte Reyno, e ſeu total governo a dous Miniſtros, cunhado, e genro, que correſpondendo-ſe hum em Madrid, e outro em Lisboa, com intelligencias diabolicas, nos tyrãnizavaõ. Pu-

zeraõ

zeraõ por Vice-Rey a Duqueza de Mantua eſtrangeira, e que naõ era parenta do Rey no gráo, que ſe requeria para tal governo: puzeraõ-lhe Collaterais, e Conſelheiros Caſtelhanos, que ſe naõ doeſſem de nós dependentes, para que ſugeitaſſem ſeus votos. Fizeraõ que todos eſtes votos foſſem fechados, e ſecretos, para que ſe pudeſſe attribuir aos tais votos tudo, o que tyrannicamente ordenaſſem. Aſſim ſe fizeraõ os dous ſobreditos, cunhado, e genro, como o valîdo, ſenhores abſolutos. Diſſe o Rey Filippe hum dia ao Conde Duque a ſolas: *Que haremos con eſtos Portuguezes? Nò acabaremos con ellos de una vez?* O valîdo, que fabricava fazernos Caſtelhanos, e Provincia, para aſſim nos extinguir, reſpondeo: *Dexe V. Mageſtad eſto a mi cuenta, que yo ſe le daré buena dellos.* Manifeſtou iſto hum Grande, de quem entaõ ſe naõ acautelaraõ pela deſeſtimaçaõ da idade.

Aſſim ſe portava Caſtella com Portugal no governo temporal, e menêo da Politica de ſeus Eſtados. E que direy do que obrou contra o governo eſpiritual, e Eccleſiaſtico? Nas duvidas, que ſe moviaõ com os Colleitores, ſe davamos ſentença em favor da Igreja, eramos privados por Caſtella dos cargos; ſe contra ella, deixavanos eſtar

excômun-

excõmungados, e com interditos, ſem remediar nada, para que naõ ſó os corpos, ſenaõ tambem noſſas almas padeceſſem. Tiravaõ dinheiro das peſſoas Eccleſiaſticas com eſperanças, que lhes davaõ dignidades: nem tiveraõ pejo de provocar os Biſpos com cartas, que ao que mais déſſe, levantariaõ com mayores honras, e dignidades. Naõ ſe tinha por illicito, nem indecente, o que trazia comſigo algum lucro: e daqui vinha darem-ſe os premios da virtude á maldade, porque tinha eſta dinheiro, com que as comprava. Os depoſitos das Ordens militares, que reſultavaõ das comendas vagas, conſumiaõ-ſe em uſos profanos contra os Breves Apoſtolicos. Promettiaõ-ſe as comendas, antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas, os legados pios, e até das Miſſas das Almas ſe tomavaõ a titulo de empreſtimo; e a reſtituiçaõ eraõ em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. As Capellas eraõ premio, de quem as accuſava, e ficavaõ as Religioens perecendo, e as Almas do Purgatorio ſem ſuffragios penando. E porque o colleitor Caſtra Cani reſiſtio a iſto, como Miniſtro fiel da Igreja, foy prezo, arraſtado, e deſterrado com grande affronta de todo o Eſtado Eccleſiaſtico, e eſcandalo da gente Catholica. Da reſidencia dos Prelados nenhum caſo

ſe

ſe fazia, gaſtando-os em miniſterios temporais com grande damno eſpiritual de ſuas ovelhas. A Bulla da Cruzada ſe applicava a outros uſos fóra da defenſaõ de Africa, para que foy concedida: até das rendas da Igreja tomavaõ ſubſidios, e mezadas: para alguns pediraõ Breve, allegando que os póvos queriaõ, ſendo aſſim, que reclamaraõ ſempre. Multiplicavaõ as proviſoens das Mitras, com que hia muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavaõ as ſimonias.

E eu tenho dado conta das injuſtiças, e roubos, que Caſtella executou em Portugal; e porque eſtou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha conſequencia, de que, quem tal fez, que naõ faria? Quem teve unhas taõ farpantes para deſtruir hum Reyno, que appellidava ſeu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe conſtaſſe, que era alheo. E em concluſaõ: Caſtella ſe tem havido em tudo com Portugal taõ deſarrezoada, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba diſſe hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Caſtelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes déſſe ouro: cathequizava-o hum Religioſo de S. Franciſco neſte eſtado; e tendo-o já reduzido a receber

o bautiſmo; para hir ao Ceo: perguntou, ſe hiaõ lá Caſtelhanos? E reſpondeo-lhe o Religioſo, que ſim; diſſe, que naõ queria receber o bautiſmo, nem hir ao Ceo, por naõ ver lá taõ má gente. Fr. Bartholomeu das Cazas Autor Caſtelhano, e da Ordem dos Prégadores, refere eſte exemplo com outros muitos das crueldades, que uſaraõ em Indias: e nós dizemos, naõ tanto como eſte Regulo, mas pelo menos, que naõ queremos neſte mundo trato, nem commercio com tal gente; e aſſim me deſpido della, e de ſuas unhas, para continuar na emenda das que nos tocaõ.

****

CAPITULO XVIII.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas.

NAs Republicas, que lograõ muitos annos paz, naõ ha duvida, que com a ocioſidade ſe fomentaõ, e criaõ vicios; porque ſaõ como as charnecas, onde porque nunca entra nellas a fouce roçadoura, tudo ſaõ malezas. Mal grande he a guerra, mas traz hum bem comſigo,

que

que traz a gente exercitada, e divertida de alguns males mais perniciosos, e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem naõ haver no tempo da guerra tantos ladroens formigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que tem inclinaçaõ a furtar, applicaõ os damnos ao inimigo, onde naõ temem castigo, e deixaõ a sua Republica illesa. Mas como naõ ha estado, nem tempo, que escape desta praga mais, ou menos, todos os tempos tem unhas, que os infestaõ, assim na paz, como na guerra; desta diremos logo: da paz digo agora, que naõ estou bem com ladroens,que furtaõ metendo espinguardas no rosto, desparando pistólas, esfolando caras, como o ladraõ Gayaõ, e o Sol Posto, que sahiaõ ás estradas mais para matar, que para roubar. Mais humanos saõ, os que com boa paz saudando a gente lhe pedem a bolça por bem p ara seu mal. Tal foy aquelle, que na charneca de Aldêa Galega pondo chapéos pelas moutas com páos, que pareciaõ espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles senhores, que lhes fizessem mercê de os soccorrer com o que podessem: e assim davaõ quanto traziaõ, para que os deixassem passar em paz: e tais eraõ, os que em tempo de Castella pediaõ do-

nativos pelas portas a titulo de ſoccorros, e empreſtimos, ſem nos porem os punhais nos peitos: mas quem naõ dava até a camiza, quando outra couza naõ tiveſſe, ſempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir eſmola com potencia, he pedir ſoccorro nas eſtradas publicas com carapuça de rebuço; e armas á deſtra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve taõ pacifico, que fazia exhibir aos paſſageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? E lançando as contas ao que lhes baſtava para a jornada, iſſo lhes reſtituîa, com nunca Deos queira que voſſas mercês lhes falte o neceſſario para ſeu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em huma feira de maõ cõmum outras tantas peſſas de panno de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e ſeis. Ficou-ſe hum com eſta, por ſer o capatáz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum ſua: acharaõ-ſe defraudados nas ſeis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que naõ guardava igualdade, nem juſtiça, com taõ fieis companheiros. Reſpondeo que tinhaõ razaõ, e que naõ era elle homem, que ſe levantaſſe ás mayores com o alheo; e partindo as ſeis varas deu a cada hum duas dizendo: Ajude Deos

a cada

a cada qual com o que he ſeu *pro rata.* Taõ pacificas como iſto tinha eſte ladraõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que paſſeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemo-los comparar com as rameiras, que cheirando a almiſcar, e fazendo praça de lizonjas, e afagos, eſtafaõ as mais inexpugnaveis bolças, e eſcorchaõ os mais privilegiados depoſitos.

Naõ ſey, ſe pertencem a eſte Capitulo as piratagens, que ſe uſaõ por eſſes Almoxarifados, e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juros, tenças, e mercês, que ſobre as rendas Reaes ſe carregaõ. Vaõ os acrédores pedir os quarteis a ſeu tempo, e a repoſta ordinaria, que achaõ, he: Naõ ha dinheiro; e com eſte cabe poem de ré até aos mais poderoſos requerentes: mas ſe apertados da neceſſidade, que naõ tem ley, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes ſobeja, e vós deſpachaõ, paſſando-lhes vós provimento, ou eſcrito, de como recebeſtes tudo; e aſſim o carregaõ na deſpeza, tirando para ſi do recibo as reſultas, com que ſe guarnecem em bella paz livres de demandas, e contendas. Bem conhecido foy neſta Corte hum homem honrado, que ſe fez dos mais ricos della pela maneira ſeguinte. Lançava nas rendas Reaes

ſempre mais que os outros, e poriſſo ſempre as levava: mas punha no contrato huma clauſula, de que naõ ſe fazia caſo, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça parte em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tiveſſe dividas para cobrar delRey, que vieſſem ter com elle, e que á viſta lhas pagaria, ſe foſſem de receber os creditos dellas. Choviaõ-lhe em caſa os acrédores; que ſempre os ha deſeſperados de nunca cobrarem, porque a fazenda Real he parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-ſe por fim de contas, que lhes daria a ametade; e tais havia, que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos; e por eſta arte taõ quieta, e pacifica, ſem ſe abalar de ſua caſa, veyo a medrar mais, que os que levaõ groſſos cabedais ao Braſil, e navegaõ com grandes riſcos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma, que com grande valimento, e mayor paz governou a Monarquia de Eſpanha por muitos annos, livrando todos ſeus Eſtados de muitas guerras. A traça, que tomou para taõ louvavel empreza, foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçaõ

de

do Rey todos os annos, e eſte deſpendia em pei-
tas, com que comprava o ſegredo de todos os
Reys, Principes, e Potentados da Europa: ti-
nha em todas as Cortes da ſua maõ hum Conſe-
lheiro, que lhe correſpondia com os aviſos de
tudo, o que ſe tratava; e a cada hum dava por-
iſſo cincoenta mil cruzados, que era muito boa
propina. Corriaõ eſtes cannos muito occultos; e
tanto que tinha aſſopro, que ſe maquinavaõ guer-
ras, logo lhes divertia a agua com cartas, e
embaixadas a outro propoſito taõ bem armadas,
que deſarmavaõ tudo, apagando temores, ex-
tinguindo ſuſpeitas, e grangeando de novo ami-
zades: tanto monta a deſtreza, e ardil de hum
bom Miniſtro, ſagaz, e prudente! E aſſim di-
zia eſte ao ſeu Principe: Senhor as couzas leva-
das por mal, arrebentaõ em guerras, e levadas
por bem, florecem com paz. Hum anno de guer-
ra gaſta muitos milhoens de dinheiro, abraza
muitas fazendas de particulares, extingue mui-
tas vidas dos vaſſallos: e a paz ſuſtenta tudo em
pé, ſaõ, e illeſo: e com hum milhaõ, que ſe gaſ-
ta cada anno em peitas, compramos eſte bem
taõ grande, e nos livramos dos gaſtos de mui-
tos milhoens, e das inquietaçoens, que traz
comſigo a guerra. Neſte paſſo me pergunta o

 curioſo

curioſo Leitor: aonde eſtaõ aqui as unhas pacificas? Perguntaſtes bem: mas reſponderey melhor: que eſtaõ nos Senhores Conſelheiros, que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum, vendendo por elles o ſegredo dos ſeus Principes, que he huma joya, que naõ tem preço; porque depende delle o augmento dos ſeus Eſtados, que muitas vezes ſe apoya na execuçaõ prompta de huma guerra juſta. Mas podemos-lhe dar eſcuza nas conſequencias da paz, que ſempre he mais proveitoſa para os póvos; cujo bem, e conſervaçaõ deve ter ſempre o primeiro lugar nos diſcurſos de todo o bom governo, ſe naõ trouxer comſigo mayor perda, como a com que nos enganou Caſtella. Alguns Eſtadiſtas tiveraõ para ſi, que fora grande ventura paſſar a Coroa de Portugal a Caſtella pela paz, com que nos conſervava ſua potencia dentro no Reyno. He verdade, que naõ entraraõ cá inimigos com exercitos, que nos inquietaſſem o ſomno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima ſurda nos hia gaſtando, e conſumindo, ſem darmos fé do damno, ſenaõ quando já quaſi que naõ tinha remedio. Deos nos livre de tal paz: paz fingida he peor, que guerra verdadeira, e eſta he melhor; porque a boa guerra faz a boa paz.

A boa

A boa paz he a melhor droga, que nos trouxe o cõmercio do Ceo á terra, e como tal a applaudiraõ os Anjos em Belém depois da gloria de Deos: e porisso he bem que digamos os frutos della, e os documentos, com que se grangea.

****

CAPITULO XIX.

Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se, que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos naõ damnifiquem.

O Officio do Principe he procurar, que seus vassallos vivaõ em paz: e porisso quando o juraõ, leva na maõ direita o Cetro, com que ha de governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel Militar na maõ esquerda, que he a do escudo, para denotar, que as Republicas bem governadas tem mais necessidade de se defenderem, para conservarem a paz, que de offenderem a outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra he castigo de peccados: e

assim

aſſim ſe devem conſiderar ſempre as cauſas, que houve para ſe romper a paz; e tratem de as reparar. Para ſer firme a paz haõ de procurar, os que a fazem, de terem a Deos propicio: e tellohaõ, ſe lhe pedirem, que lhes dê juizo, e entendimento para adminiſtrar juſtiça. Será a paz de dura, ſe as condiçoens della forem honeſtas, e ſe ſe aſſentar com vontade verdadeira ſem enganos. Melhor he a paz com condiçoens honeſtas, que guerra perigoſa com intereſſes incertos. Os Lacedemonios, e Athenienſes diziaõ: Prouveſſe a Deos que noſſas armas eſtiveſſem ſempre cheas de têas de aranhas. Quem trata de paz, ſe a naõ puder concluir, faça pelo menos treguas; porque por meyo das treguas ſe alcança muitas vezes a paz; porque daõ tempo a ſe conſiderarem, e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-ſe advertir, ſe quem pede a paz, he gente de ſua palavra: e quem eſtá vitorioſo deve concedella, porque ſe lhe admittem mais facilmente as condiçoens que quer. A guerra faz-ſe para ter paz, e poriſſo he melhor ſempre admittir eſta, que fazer aquella. As condiçoens da paz ſaõ de grande momento para ſer de dura. Os Romanos na paz, que fizeraõ com os Carthaginezes, puzeraõ-lhes por condiçaõ,

que

que lhes entregaſſem a armada, que tinhaõ: puzeraõ-lhe o fogo, e ficaraõ todos quietos. Ninguem ſe deve fiar muito na paz feita com inimigo porfiado; porque a malicia, e a ambiçaõ com pretexto de paz ſe valem de enganos, e cautelas, peores que a guerra: e poriſſo o Principe prudente no tempo da paz naõ deve deixar os enſayos da guerra, e exercicios militares; nem que os ſeus vaſſallos ſe dêm ao ocio, e regalos; porque, como diz Tito Livio, naõ fazem tanto damno á Republica os inimigos, quanto fazem os regalos, e deleites. Na mayor paz ter as armas, e armadas preſtes enfrêa os inimigos. Paz deſarmada he mais arriſcada, que a meſma guerra. Naõ eſtaõ ocioſos os galeoens no eſtaleiro, nem as armas com bolor nos armazens: dalli ſem ſe moverem, eſtaõ reprimindo os impetos do inimigo, que ſe acanha ſó com cheirar, que ha de achar reſiſtencia. O Emperador Juſtiniano tem, que os Principes haõ de eſtar ornados com as armas da guerra, e armados com as leys da paz, para governarem bem os póvos, que tem a ſeu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o deſprezo das leys, onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeo Babylonia, naõ matou, nem cativou, os que lhes reſiſtiraõ: mas

ſó

ſó mandou para ſe vingar delles, que naõ exercitaſſem mais as armas, e que ſe occupaſſem em tanger, cantar, e dançar, e em ſerem jograis, e taverneiros; e com iſto conſeguio, que a gente daquella Cidade taõ inſigne no mundo foſſe vil, e fraca. Tal foy a paz, que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral, que deu a todos os que lhe reſiſtiraõ: e houve Eſtadiſtas taõ ſabios, que tiveraõ iſto por felicidade.

Da maneira que os corpos, e ſubſtancias terreſtres naſcem, creſcem, e morrem; e quando naõ tem de fóra, quem os gaſte, dentro em ſi criaõ, quem as conſome: aſſim as Republicas quando naõ tem inimigos de fóra, dentro em ſi criaõ, quem as deſtroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira, que no ferro naſce a ferrugem, que o gaſta, ſe o naõ uſaõ; e no páo o gurgulho, que o come, ſe o naõ movem, e até o mar ſe corrompe em ſi meſmo, onde lhe faltaõ as marés que o abalem; aſſim nas Republicas naſcem bandos, e diſſençoens, que as inquietaõ, e conſomem, ſe com a paz deixaõ entrar nellas a ocioſidade. O Principe dos Filoſofos no cap. 7. lib. 5. da ſua Politica adverte tres couſas partos da ocioſidade, que aſſolaõ as Republicas. Primeira: admit-

tirem-ſe

tirem-se poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segunda: excluîrem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira: levantar-se hum valîdo com o menêo de tudo. De tudo resulta, que com tyrannia se izentaõ, com ambiçaõ roubaõ, e com soberba atropelaõ os inferiores; e fazendo-se odiosos movem revoluçoens, como em nuvem prenhe de exhalaçoens, que naõ socega, até que naõ arrebenta com trovoens, e rayos, assolaçoens, e ruinas. Plataõ diz que a Republica ociosa cria muitos pobres, que logo daõ em ladroens, e sacrilegos, mestres de maldades. Convêm que assim como as abelhas naõ consentem zangaõs na sua Republica; assim os que governaõ a nossa, naõ devem consentir gente ociosa exposta a vicios, novidades, e inquietaçoens. Aristoteles, que sempre contradiz a seu Mestre Plataõ, affirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder se eximem da obediencia das leys, e com a ociosidade estaõ prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: impedem a reformaçaõ dos costumes, relaxaõ a modestia do povo com gastos superfluos no comer, e vestir, incitando o vulgo a desobedecer. E se o Principe os naõ vigiar para os trazer

a todos

a todos em regra com temor, e amor, darlhe-haõ com a Republica, e com a Monarquia atravéz, e vem a ſer conſequencia infallivel, que peccados publicos tolerados aſſolaõ as Republicas como fogo: naõ ſaõ os dos Reys, os que fazem o mayor damno, ſenaõ o deſcuido, com que toléraõ as demazias dos póvos, que Deos caſtiga com Pharaóes, Caligulas, e Neroens, que lhe ſervem de algozes: e quando o Principe he bom, permitte, que tenha Miniſtros tais, como eſtes Emperadores, e que os naõ poſſa atalhar, porque o enganaõ com a hypocreſia maſcarada com côr de virtude, e zelo. Livrarſe-ha deſtes enganos, farſe-ha admiravel, e florecerá invencivel o Rey [diſſe hum Sabio] que guardar inviolavel quatro leys. Primeira, que naõ conſinta que os grandes opprimaõ aos pequenos, e ſerá tido por juſto. Segunda, que naõ diſſimule nenhuma deſobediencia, por leve que ſeja, ſem caſtigo pezado: e farſe-ha temido. Terceira, que naõ deixe paſſar nenhum ſerviço ſem premio: e ſerá bem ſervido. Quarta, que ninguem de ſua preſença ſe aparte deſconſolado: e ſerá de todos muito amado. E hum Rey juſto, temido, bem ſervido, e amado, conſervará ſua peſſoa ſegura, ſeu Imperio inexpugnavel, ſua fazenda com augmentos, e

ſeus

ſeus vaſſallos ſem faltas. E em chegando a eſte auge, logrará proſpero ſeu Cetro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos pacificas.

****

CAPITULO XX.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares.

SAnto Agoſtinho lib. 1. *de Civitate Dei* cap. 3. diz, que aſſim como os Medicos curaõ aos doentes com diétas, evacuaçoens, ſangrias, e fogo; aſſim Deos cura os peccados do mundo com fomes, que ſaõ as diétas; com peſtes, que ſaõ as evacuaçoens, e com guerras, que ſaõ as ſangrias, e o fogo. E vem a ſer os tres açoutes, que Deos moſtrou a David, com os quais coſtuma caſtigar os homens: e por mayor ſe póde ter o da guerra; porque a nada perdôa, tudo leva, ſagrado, e profano, fazendas, honras, e vidas. E como na agua envolta achaõ mayor ganancia os peſcadores; aſſim nas revoltas da guerra achaõ mais, em que ſe empolgar ſuas unhas, que chamamos Militares. Na reſtauraçaõ da Bahia

entre-

entregou o Monarca dous, ou tres milhoens a D. Fadrique de Toledo para as deſpezas da guerra. Houve depois deſgoſtos entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-ſe eſte do valimento para ſe vingar do Fadrique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meyo milhaõ apertou com elle, que o pagaſſe, ou déſſe deſcarga: deu elle eſta em huma palavra, que gaſtára o reſto em Miſſas ás Almas, em eſmolas, e obras pias, para que Deos lhe déſſe a vitoria, que alcançou, que muito mais valia. E pudéra dizer tambem, que grande parte ſe foy por entre os dedos das unhas militares, que a ſorveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas mãos, he como o pêz, e breu, que logo ſe pega aos dedos, e mete por entre as uhas.

Seraõ eſtas por ventura ſua, ou deſgraça noſſa as unhas dos pagadores; os quais ſe ſe mancomunaõ, ou deſcuidaõ huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro delRey, que o deixaõ em paſſamento, e os ſoldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quareſma? Se naõ ſaõ eſtas, póde ſer que ajudem; porque eſcrevendo deſpezas, onde naõ houve recibos dos ſoldados, recebem para ſi todos os reſ-

tos,

tos, que com ſerem groſſos, naõ ſe enxergaõ no fim das contas, que capêaõ ſua malicia com titulo de milicia: e ficando eſta taõ defraudada no cabedal, e poriſſo nos ſoldados, vale-ſe tambem das unhas, que mais propriamente ſaõ Militares, para que naõ falte aos ſoldados o neceſſario, e tambem o ſuperfluo; e daqui vem, que o meſmo he ſer ſoldado, que naõ vos fiardes delle. Tem a guerra grandes licenças, naõ lho nego, mas nunca he licito fazer preza no alheo ſem titulo, que cohoneſte a pilhagem; e naõ póde haver eſte, onde ſe naõ falta com o neceſſario. Os póvos concorrem com o tributo das décimas para a ſuſtentaçaõ dos ſoldados, que he baſtante, e de ſobejo; e poriſſo os ſoldados ſaõ obrigados a defender os póvos, que naõ padeçaõ injurias, damnos, nem perdas. E ſobre eſta obrigaçaõ, ſahirem da meſma milicia unhas, que deſtruaõ os póvos, he grande injuſtiça, a qual vem a cahir, ſobre os que occaſionaõ nos ſoldados com defeito das pagas tais neceſſidades, que os obrigaõ a buſcar remedio para naõ perecerem; e o que ſe lhes offerece logo mais á maõ, he meter a maõ até o cotovello pelo alheo, quando ſe lhes falta com o proprio. Metaõ todos os Miniſtros, Cabos, e Officiais as mãos em ſuas conciencias,

e acharáõ, que tanta pena como o ladraõ merece, quem lhe dá occasiaõ semelhante para o ser. E se achar que fallo escuro, naõ mo tache; porque o tempo anda carregado; acenda huma candêa no entendimento, e verá logo, que he obrigado a restituir, naõ só o que embolçou, mas tambem o que o soldado furtou, por elle lhe naõ pagar.

Naõ saõ os pagadores, nem os soldados sós, os que jogaõ unhas militares: tambem os senhores Capitaens, e Cabos mayores tem suas unhas, tanto mayores, quanto o saõ os cargos. Offerece-se hum destes a Sua Magestade, que lhe dê huma gineta, e que elle levantará a Bandeira de infantes á sua custa. Contenta o alvitre no Concelho, porque fórra de gastos a fazenda Real: sobe a consulta; desce a provisaõ: parte o supplicante com ella; aguarda duzentos, ou trezentos mancebos solteiros, filhos de pays ricos, e pouco poderosos: chovem intercessoens, e logo as peitas, para que os largue: vay largando os que daõ mais, naõ por esse titulo, mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado, a mãy cega, ou irmãas donzellas: e o menos, que tira de duzentos, que liberta, saõ quinze, ou vinte mil reis por cabeça; e ajunta assim quatro,

tro, ou cinco mil cruzados: gasta delles mil e quinhentos, quando muito nas pagas, e comboy de cem infantes, que naõ se puderaõ livrar da violencia por miseraveis, e fica-se com tres mil cruzados de ganancia ao menos, com que vay luzindo na marcha, e poem em pés de verdade, que tudo he á sua custa: e deste serviço, e outros semelhantes faz outra unha, com que alcança huma comenda. E como estas pilhagens tem propriedade de crescerem ao galarim, vem a engrossar tanto, que por meyo dellas dá caça a officios, e beneficios, com que enche, e ennobrece toda a sua geraçaõ: e vem a ser tudo destreza sua; que aonde outros achaõ a forca, por furtarem sem arte, elle acha thronos com esperanças de mayores accrescentamentos. Nos Vice-Reys da India vimos em tempos passados exemplos desta fortuna prosperos, e tragicos; porque os que lá naõ furtavaõ, para cá remirem sua vexaçaõ, morriaõ no Castello com ruim nomeada; e os que traziaõ milhoens furtados, de tudo se escoimavaõ galhardamente com nome de muito inteiros. Emfim o que reza este paragrafo já naõ corre. Seria immenso, se quizesse esgotar aqui todas as unhas militares, assim em naõ pagarem o que devem, como em cobrarem o que naõ he seu,

 ajudan-

ajudando-ſe para iſſo da juriſdiçaõ das armas. Acabo eſte capitulo com huma habilidade dos Aſſentiſtas, e contratadores, a que poucos daõ alcance, e nenhum o remedio. He certo em todas as economias humanas, [e tambem nas divinas] que quem mayor cabedal mete, mayor premio merece: e poriſſo ninguem repara nos grandiſſimos lucros, que os Aſſentiſtas colhem da obrigaçaõ que tomaõ de prover as fronteiras; porque ſe ſuppoem que empregaõ niſſo ao menos hum milhaõ de dinheiro; e a hum milhaõ de emprego claro eſtá que deve correſponder hum grandioſo lucro; e tal lho deixaõ recolher, ſem ſe advertir, que he mayor o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de cabedal, baſtaõ, e ſobejaõ para todo o menêo de dous milhoens. E he aſſim, que Sua Mageſtade lhos vay pagando *pro rata* aos quarteis dentro no meſmo anno; de ſorte, que quando os acabaõ de gaſtar, os acabaõ tambem de cobrar: e a difficuldade eſtá ſó no principio, e no primeiro quartel das pagas, que ſe fazem antes de cobrarem da fazenda Real alguma couſa; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, baſtaõ os cem mil cruzados, que temos dito, com que entraõ de cabedal: e quando naõ cheguem ao

fiado,

fiado, e ao puxado, remedeaõ o primeiro quartel; e quando vem o ſegundo, já tem cobrado das conſignaçoens delRey, o que baſta para navegar por diante, e ſupprir atrazados; e aſſim fazem os gaſtos com a fazenda Real, e cuida o mundo, que os fazem com a ſua, e que ſaõ poriſſo merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora lá os Eſtadiſtas, ſe he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo, ſe a que nos fazem eſtes amigos com o dinheiro.

****

CAPITULO XXI.

Moſtra-ſe, até onde chegaõ unhas militares, e como ſe deve fazer a guerra.

HE a guerra hum de tres açoutes, com que Deos caſtiga peccados neſte mundo, já o diſſe: e poriſſo traz comſigo grandes trabalhos, aſſim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre

ſi as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que ſe toma he furto, e na guerra muito menos, declararey tudo, o que permittem as leys da guerra, e logo ficará claro, até onde pódem chegar as unhas militares. Já que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que naſceo com a eſpada na maõ; armas lhe deraõ o primeiro berço, com as armas creſceo, dellas vive, e veſtido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo; bem he, que ſaiba tudo, o que permittem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiraõ a conſervar o proprio, e deſtruir o alheo, para que com a potencia naõ deſtrua o contrario.

He erro cuidar, que ha prohibiçaõ de guerra entre Chriſtãos; e he hereſia dizer que he intrinſecamente máo, ou contra a caridade fazer guerra: porque ainda que ſe ſigaõ della muitos males, ſaõ menores, que o mal, que com ella ſe pertende evitar. A guerra, ou he aggreſſiva, ou defenſiva. A defenſiva naõ ſó he licita, mas he obrigaçaõ fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vi repellere licet*. E he obrigaçaõ fazella, quem tem a ſeu cargo defender a Republica. A aggreſſiva naõ he máo fazer-ſe, antes póde ſer bom, e neceſſario: naõ he

máo,

máo, porque temos muitas na Sagrada Escriptura mandadas fazer por Deos; e he necessario fazer-se, porque a razaõ a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ser justa, saõ necessarias tres circunstancias. Primeira, que se faça com poder legitimo; segunda, com causa; terceira, que se guarde a moderaçaõ devida. Só o Rey, ou Principe, que naõ tem Superior, e seus Ministros com vontade expressa, ou presumpta de sua cabeça, pódem fazer guerra; porque lhes pertence a defensaõ.

O mesmo dizemos dos Ecclesiasticos, que tem poder supremo no temporal; porque militaõ nelles as mesmas razoens, e naõ ha direito, que lho prohiba: e como pódem pôr Juizes nos Tribunais, que sentenceem causas criminais, pódem pôr exercitos em campo, que conservem illesa a sua Republica; porque naõ intentaõ com isso direitamente homicidios, senaõ actos de fortaleza, que he virtude. Mayor duvida he, se pódem os Ecclesiasticos tomar armas, e pelejar? Na guerra defensiva naõ ha duvida, que pódem; porque o direito Natural permitte, e o Positivo naõ prohibe aos Ecclesiasticos defenderem suas vidas, e fazendas. A guerra aggressiva he prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras,

 por

por ſer indecente ao eſtado : mas dado , que quebrantem eſte preceito , naõ ſeraõ obrigados a reſtituir o que pilharem , ſe a guerra for juſta ; porque ainda que peccaõ contra Religiaõ , naõ peccaõ contra juſtiça : e pela meſma razaõ naõ ficaõ irregulares , ſe naõ matarem peſſoalmente ; como nem os que exhortaõ á peleja , ou aconſelhaõ aos ſeculares , que vaõ á guerra. Se a guerra for injuſta , todos ficaõ irregulares , até os ſeculares , e os que naõ cõmetterem homicidio , porque baſta , que o corpo do exercito o cõmetteſſe. O Papa póde dar licença aos Eccleſiaſticos para militarem , porque póde diſpenſar nos preceitos da Igreja : e em tal caſo naõ incorrem irregularidade , porque diſpenſados no principal , ficaõ livres no acceſſorio.

O Papa ainda que naõ tem juriſdiçaõ temporal fóra do ſeu dominio , tem direito para avocar a ſi as cauſas da guerra dos Principes Chriſtãos, e julgalas , e ſaõ obrigados a eſtar pela ſua ſentença , ſe naõ for injuſta : e daqui vem que raramente ſuccede ſer juſta a guerra entre Principes Chriſtãos , porque tem o Papa , que póde determinar ſuas cauſas : mas muitas vezes naõ convêm interpor o Summo Pontifice ſua authoridade , para que naõ ſe ſigaõ outros inconvenientes ma-

yores ,

yores, qual ſeria rebellar contra a Igreja a parte desfavorecida: e em tal caſo naõ ſaõ obrigados os Principes a eſperar definiçoens do Papa, nem pedillas, e pódem levar a couza por força de armas; e fica de melhor partido para a concienncia o Principe, que naõ deu occaſiaõ ao Papa, para ſe abſter no juizo da tal demanda.

A guerra, que ſe faz ſem legitima authoridade, he contra a juſtiça, ainda que ſeja com cauſa legitima; porque o acto feito ſem juriſdiçaõ naõ he valioſo: e ſerá obrigado a reſtituir os damnos da guerra, quem a faz, ſe naõ recompenſou com elles alguma perda, que o inimigo lhe tiveſſe dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra, como contraria ao bem commum da Igreja, peccará contra juſtiça o Principe fazendo-a, e ſerá obrigado a reſtituir os damnos; porque no tal caſo já naõ tem titulo para levar a couza por força, pois eſtá dada ſentença.

A Gentilidade antiga teve para ſi, que baſtava para fazer guerra o titulo de adquirir nome, e riquezas; mas iſto bem ſe vê, que he contra o lume natural; pois nunca he licito tomar o alheo ſem cauſa, que o poſſuidor déſſe. A tres cabeças ſe reduzem todas as cauſas juſtas. Primeira: ſe hum Principe toma a outro, o que naõ he

ſeu.

ſeu. Segunda: ſe cauſou leſaõ grave na fama, ou na honra. Terceira: ſe nega o direito das gentes, como ſaõ paſſagens, e cómercios; porque o Principe tem obrigaçaõ de conſervar os ſeus illeſos neſtas couzas. Da meſma maneira póde ſoccorrer o Principe ao que ſe meteo debaixo de ſua tutéla, ſe tiver alguma deſtas cauſas por ſi. Quem fizer guerra ſem alguma deſtas cauſas, pecca contra juſtiça, fica obrigado a reſtituir os damnos: e tendo cauſa juſta, ſe ſe ſeguirem da guerra mayores damnos á ſua Republica, que lucros á ſua vitoria, naõ póde fazer em conciencia a tal guerra, porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da ſua Republica: e naõ ſe ſegue daqui ſer neceſſaria certeza da vitoria, porque eſta he contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os Principes Chriſtãos pódem fazer guerra aos Principes infieis, que impedem ás ſuas Republicas receber a Ley de Chriſto; porque neſta parte defendem innocentes, que tem direito para a tal guerra pela injuria, que ſe lhes faz. E por eſta via conquiſtou Portugal os Reynos, e Eſtados, que tem Ultramarinos. O exame das cauſas da guerra pertence ao Principe, que a faz, e naõ aos Vaſſallos: os Conſelheiros ſaõ obrigados a tomar plenario conhecimento de

todos

todos os fundamentos; porque a Republica he como o corpo humano, onde á cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia, de que se trata, for duvidosa igualmente por ambas as partes, prevalecerá a que estiver de posse; porque assim se julgaõ as demais causas civeis em todos os Tribunais; e se nenhuma das partes estiver de posse, partirse-ha a contenda, se for de cousa partivel; e se o naõ for, lançar-se-haõ sortes, ou pagará a ametade á outra parte, que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razaõ natural, e o direito cõmum.

Os soldados, e vassallos naõ saõ obrigados a examinar as causas da guerra: e pódem hir a ella, se lhes naõ constar, que he injusta; porque os subditos saõ obrigados a obedecer a seu Superior; e devem presuppor, que elle terá averiguado tudo em razaõ, e direito, como he obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos soldados estipendiarios, que naõ saõ subditos, que se pódem deixar hir, por onde vaõ os outros; álem de que pelo estipendio ficaõ subditos. O modo, que se deve guardar na execuçaõ da guerra, depende de tres gráos de gente, que saõ: o Principe, os Capitaens, e os Soldados, em tres tempos distintos, que saõ: antes da batalha, no actual con-

flicto,

flicto, e depois da vitoria. E em tudo isto se devem considerar tres couzas; o que se póde fazer ao inimigo, o como se deve haver o Principe com os Soldados, e como se devem haver os Soldados com o Principe. O Principe he obrigado a sustentar os Soldados, e estes apelejar por elle sem fugir, nem largar os seus póstos: e daqui se segue, que naõ pódem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do Principe, e que seráõ obrigados a restituillas: mas depois da vitoria pódem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, he obrigado o Principe a propor as causas della á Republica contraria; e pedir-lhe por bem a satisfaçaõ, que pertende: e se lha der, he obrigado a desistir; mas poderá demandar os gastos feitos: e se a naõ der, procede a guerra justamente; e com direito á mayor satisfaçaõ pela nova injuria de naõ aceitar o contrato pacifico; e poderá pedir, e tomar o que parecer necessario, para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até se alcançar a vitoria, he licito, e justo fazer ao inimigo todos os damnos, que se julgarem necessarios para a satisfaçaõ, ou para a vitoria, sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a vitoria, tambem

tambem he licito dar aos vencidos todos os damnos, que bastem, para vingança, e satisfação dos damnos que deraõ: e naõ se devem computar aqui as pilhagens dos soldados, porque assim o tem o uso, e se lhes deve, por exporem suas vidas: mas deve ser permittindo-lho o Principe, que póde ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, se naõ se der por satisfeito; e cativallos, e tomar-lhes seus bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores senhores de todos os bens dos vencidos: e tudo se deve regular pela offensa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos se acharem alguns de amigos, devemse-lhes restituir. Se os damnos feitos aos inimigos bastarem para a satisfaçaõ, naõ se pódem extender aos innocentes. Innocentes saõ os meninos, e as mulheres, e os que naõ pódem tomar armas, e todas as pessoas Religiosas, e Ecclesiasticas. Os peregrinos, e hospedes, naõ se contaõ por membros da Republiea; mas se os tais damnos naõ bastarem, bem se pódem extender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque saõ partes da Republica. Entre Christãos já o uso tem, que os cativos naõ sejaõ escravos; mas pódem ser retidos para castigo, para resgate, ou troco. E porque este privilegio se introduzio

em

em favor dos fieis, pódem ſer eſcravos, os que apoſtataraõ para o paganiſmo, naõ para a hereſia; porque de alguma maneira ainda retêm o nome Chriſtaõ. Naõ ſó as peſſoas Eccleſiaſticas, mas tambem os bens das Igrejas ſaõ izentos da juriſdiçaõ da guerra pela reverencia, que ſe lhes deve; e porque a Igreja he outra Republica eſpiritual diſtinta, e izenta da temporal. E accreſcenta-ſe, que tambem os bens, e peſſoas ſeculares, que ſe recolhem nas Igrejas, ficaõ livres pela immunidade: mas ſe fizerem da Igreja fortaleza, para ſe defenderem, pódem ſer arrazados, deſpojados, e mórtos; porque naõ uſaraõ bem do favor.

Será juſta a guerra, em que ſe guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate ſe perguntaõ quatro couzas: Primeira, ſe he licito uſar de cilladas na guerra? Reſponde-ſe que he licito occultar os conſelhos, e eſconder as traças, mas naõ mentir. Segunda, ſe he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Naõ he licito, ſalvo faltando elle em algum concerto. Terceira, ſe ſe póde dar batalha em dia Santo? Sim, ſe for neceſſario, e a obrigaçaõ da Miſſa ſegue a meſma regra. Quarta, ſe póde o Principe Chriſtaõ chamar infieis, ou dar-lhes ſoccorro para guerra

justa? Bem póde ambas as couzas; se naõ houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem póde ajudar-se de féras, tambem poderá de animais racionaes.

Guerra Civil entre duas partes da mesma Republica nunca he licita da parte aggressiva; e muito menos contra o Principe, se naõ for tyranno: porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdiçaõ; e daqui se segue, que póde o Principe fazer guerra contra a sua Republica com as condiçoens requesitas, que temos dito. Desafios entre particulares nunca saõ licitos; assim porque saõ prohibidos, como porque ninguem he senhor da vida alhea, nem da sua, para a pôr em taõ evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para naõ ser tido por covarde, se naõ sahir ao desafio; porque isso saõ leys do vulgo imperito, que naõ devem prevalecer contra as do direito: e mayor honra he ficar hum valente tido por Christaõ entre prudentes, que por desalmado deferindo a ignorantes. Será licito o desafio com authoridade publica, como quando a batalha, e vitoria de dous exercitos se poem em dous soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a causa he justa, e o po-

e o poder legitimo: e ſendo licito pelejar todo o exercito, tambem o ſerá a parte delle; com tanto, que naõ ſeja evidente a vitoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem, que meneou arma offenſiva para matar, foy Caim contra ſeu irmaõ Abel. Os Aſſirios foraõ os primeiros, que capitaneados por ElRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens eſtranhas. Paõ, hum dos Capitaens de Bacho, inventou as alas nos exercitos, e enſinou o uſo dos eſtratagemas, e o vigiar com ſentinelas. Sinon foy o primeiro, que uſou fachos. Lycaon introduzio as treguas; Theſeo os concertos; Minos deo principio ás batalhas navaes; e os Theſſalos ao uſo da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças; os Martinenſes as eſpadas: e eſgremir eſtas armas enſinou Demeo. E ſobre todos campeáraõ Conſtantino Anclitzen Friburgenſe, e Bartholo Suarz Monacho., que deſcobriraõ o invento da polvora, e máquinas de artilharia, e fogo, para deſtruiçaõ do genero humano. E todos quantos na guerra empregaraõ ſuas forças, e induſtrias, bem examinados, nenhuma outra couza pertenderaõ mais, que accreſcentar-ſe a ſi á cuſta alhea: e vem a ſer as unhas militares, a que dediquey eſte capitulo,

para

para que se saiba até onde se pódem extender, e aonde he bem, que se encolhaõ.

****

CAPITULO XXII.

Prosegue-se a mesma materia do capitulo antecedente.

ESponja de dinheiro chamou hum prudente á guerra, e isso he o menos, que ella sorve; vidas, fazendas, e honras saõ o seu pasto, em que como fogo se céva: e tudo se toléra pelo bem da paz, que com ella se pertende, e alcança; quando naõ a pica a tyrannia do interesse. A boa guerra faz a boa paz: e porisso he mal necessario o da guerra. Como se póde fazer, já o disse no capitulo precedente: como se deve executar direy agora, para que as unhas militares naõ desbaratem, e malogrem milhões de ouro, q̃ nella se empregaõ.

Traz a guerra comsigo muitos perigos, trabalhos, e gastos; e porisso nenhum Principe a deve fazer, salvo quando as condiçoens da paz saõ mais prejudiciais a seu Estado, e reputaçaõ. Sendo necessario fazer-se, se considerar os damnos, que della resultaõ, nunca se resolverá em a fazer; e naõ se resolvendo, accrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E assim convêm, que

resolvendo-se em tomar armas, se resolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo: e conhecellas-ha em sabendo, qual tem mais dinheiro, porque este he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres couzas lhe saõ muito necessarias para a vitoria, e sem ellas naõ trate da batalha, porque será vencido: a primeira he dinheiro; a segunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terá quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a segunda terá armas de sobejo: e quem as tem melhores, assegura a vitoria. Com a terceira terá mantimentos; e exercito bem provido, tarde, e nunca he vencido. Veja logo qne Capitaens tem, porque se naõ forem esforçados, prudentes, e venturosos, perderá tudo: e naõ basta isto; porque he necessario tambem que os soldados sejaõ alentados, escolhidos, e bem disciplinados. Quando Julio Cesar deu batalha a Petreyo em Espanha, disse que pelejava com hum exercito sem Capitaõ: e quando pelejou com Pompêo, disse que dava batalha a hum Capitaõ sem exercito. Tanto monta ser tudo escolhido, e naõ introduzldo a caso, e de tumulto! Faça rezenha das armas, que tem, e

saiba

ſaiba as do inimigo, porque a vitoria ſegue ordinariamente, a quem tem melhores armas. Os ſoldados bem armados, e veſtidos cobraõ brios, e concebem esforço: çapato, e camiza nunca lhes falte: he concelho de hum grande Capitaõ Portuguez. Tres eſperanças deve ter o ſoldado ſempre certas, para pelejar com esforço, e ſer leal a ſeu Principe: primeira do ſoldo ordinario. Segunda da remuneraçaõ extraordinaria. Terceira da liberdade, quando lhe for neceſſaria. A primeira alenta; porque pela boca ſe aquenta o forno: e naõ devemos querer, que ſejaõ os ſoldados como os fornos da Arruda, que ſó huma vez na ſemana os aquentaõ, e iſto lhes baſta para cozerem o paõ de domingo a domingo: tem-ſe iſto por prodigio grande, e por mayor ſe deve ter, que aturem os ſoldados mezes, e mezes, ſem receberem hum real de ſoldo, para ſe veſtirem, e manterem. A ſegunda os faz conſtantes; porque o dezejo de montar, e creſcer he natural; e com a certeza, de que haõ de melhorar de poſto, e alcançar bons deſpachos, fazem pelos merecer, e naõ temem arriſcar as vidas; porque o eſtimulo da honra he o melhor alicate que ha para avançar a grandes emprezas; e tambem o do intereſſe. A terceira os faz leais; porque ſe ſe imaginaõ ca-

tivos, e que nunca poderáõ renunciar o trabalho da milicia, veſtem-ſe da condiçaõ de eſcravos, e he o meſmo que de odio a ſeus Senhores, e hamſe como forçados da galé. E naõ ſó he conveniente eſta razaõ, mas tambem he juſto que os ſoldados ſejaõ voluntarios, e que tenhaõ caminho para ſe libertarem, quando lhes for neceſſario, porque naõ ſaõ eſcravos comprados: nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade, em que naſceraõ, e de que eſtaõ de poſſe: nem a obrigaçaõ de ſervirem á patria prepondéra, quando de ſerem livres reſulta acodirem mais, e ſervirem melhor. Haja correſpondencia igual de ambas as partes: iſto he, que o Principe pague, como o ſoldado ſerve, e acodiráõ logo innumeraveis a ſervilo, ſem ſer neceſſario buſcallos: porque niſto ſaõ como as pombas, que acodem todas ao pombal, onde achaõ bom provimento, e fogem da caſa, onde as depennaõ.

Se examinarmos as cauſas, porque os ſoldados fogem das fronteiras para ſuas caſas, e tambem para o inimigo, acharemos, que pela mayor parte ſaõ duas deſeſperaçoens; huma da liberdade, e outra do provimento, e que para ambas as couzas tem juſtiça: para o provimento, porque quem ſerve, o merece; e para a liberdade,

de, porque nenhuma Naçaõ do mundo os obriga mais, que a tempo limitado: França em se acabando a facçaõ, mas que naõ seja mais que de tres mezes, logo os desobriga, e liberta, por mais soldo, e pagas, que tenhaõ recebido: e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armadas, que em se recolhendo, os deixa ir para suas casas: e naõ ha mayor razaõ para naõ se praticar o mesmo estylo, com os que servem na campanha pondo-lhe seus limites. Castella naõ faz exemplo; porque se obriga seus soldados para sempre, tambem lhes dá privilegios equipolentes: e se os leva amarrados com cordas, e algemas, naõ saõ esses os que melhor pelejaõ; e de tais extorsoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais, que se lá trataõ os vassalos como escravos, Portugal sempre se prezou de os tratar como filhos. Nem se achará Doutor Theologo, que approve o uso de Castella, e que naõ diga que he injustiça, indigna até de Turcos, naõ dar liberdade aos soldados depois de algum tempo; quando até aos forçados das galés se concede depois de dez annos, mas que sejaõ condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter o Principe amigos, e espias na terra

do inimigo, e conhecimento dos lugares, por onde marcha, e ha de ter encontros, he muito necessario. Faça muito por sustentar a reputaçaõ, e credito de sua pessoa, porque terá quem o sirva, e todos se lhe sugeitaráõ. Alexandre Magno divulgou, que era filho de Jupiter, para ser respeitado, e obedecido; justifique a causa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com Manifestos; porque dá animo aos soldados, que o servem, e acovarda os contrarios. As causas da guerra ao todo em geral ordinariamente saõ quatro. A primeira para cobrar, o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria, e fama. Quarta por ambiçaõ. A primeira, e a segunda saõ justas: a terceira he injusta: a quarta he tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a causa de sua ruina, se foy por falta dos Capitaens, se dos soldados, para emendar o erro: e se o naõ houve, nem no inimigo mayor poder, deve aplacar a Deos, tendo por certo, que o irritou contra si com as causas da guerra. E se com tudo foy por estar o inimigo mais poderoso, deve dissimular até se melhorar de forças: porque melhor he sofrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo, que hum dia de batalha, em que se perde tudo. Conservarse-ha em

pé

pé neſtas demoras conſervando o amor dos ſoldados, e a benevolencia dos póvos; eſta ganha-ſe adminiſtrando juſtiça, e aquelle uſando liberalidade.

Queſtaõ ha, qual ſerá melhor, ſe fazer a guerra na terra do inimigo, ſe na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender à patria dentro nella. Scipiaõ dizia, que mais util era fazer-ſe a guerra fóra de Italia. As conjunçoens das emprezas, e urgencias dos tempos enſinaõ, o que ſerá mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou confederado, he muito ordinario. Dom Fernando Quinto Rey de Caſtella favorecia ſempre ao que menos podia, para naõ deixar creſcer o contrario: nem entrava em ligas, de que naõ eſperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que naõ quizeraõ aceitar por vaſſallos muitos póvos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. No proveito do intereſſe, e credito da honra, devem levar ſempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, teraõ menos em que empolgar unhas militares: iſto he, que naõ haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz comſigo.

****

CAPITULO XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas.

EXcellencia he de todas as unhas o ſerem temidas; e tanto mais, quanto mais féro he o animal que as menêa. Quem ha, que naõ tema as unhas de hum tigre aſſanhado, e as garras de hum leaõ rompente? Até as de hum gato teme qualquer homem de bem, por valente que ſeja, quanto mais as de hum ladraõ, que eſcala o que mais ſe guarda, e o que muito mais ſe eſtima. Temidas ſaõ todas as unhas militares, de que até agora tratámos, porque as acompanha a potencia, e violencia das armas fulminando favor. Com tudo armas offenſivas nas mãos de hum Pigmeu naõ as temo; e ha ſoldados Pigmeus, que naõ paſſaõ de formigueiros: livrenos Deos das que movem Gigantes: deſtes fallo: Gigantes ha ladroens, e ladroens Gigantes: e aſſim ſaõ as unhas ſuas taõ agigantadas, que nada lhes pára diante; e poriſſo com razaõ todos as temem, e tremem. Eſtes ſaõ os poderoſos por nobreza, por officio, por titulo, e outras calidades, que

os

os ſazem affoutos, intrepidos, e izentos: e quando daõ em furtar, naõ ha outro remedio, que o de pôr em cobro com temor, e pavor, ou aprestar paciencia, e render á sua reveria as armas, e as fazendas; e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum destes, irmaõ leitor? Vê-se falto de vestido, e librés para seus criados: chama a sua casa o alfayate mais caudaloso, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia: bem me sabeis o humor: compray lá pannos, e sedas ao costume, fazeime tudo á moderna, e o preço de tudo corra por vossa conta, até que me venha dinheiro da minha comenda: tomay logo as medidas, e fazeime prazer, que dentro de oito dias venha tudo feiio: quando naõ entendey, que o sentirey muito, já me entendeis. Vay-se o official, sem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medir o corpo como hum polvo, se descrepar hum ponto de tanta costura. Vem a obra feita no dia assinalado; vestem-se todos como palmitos; e só o alfayate fica despido, e empenhado até á morte, e se fallar mais no custo, custa-lhe a vida. Outros milhafres destes de unha preta, e mais alentados poderá haver, que empinem mais o vôo, e para

e para que os naõ tenhaõ por lagarteiros empolguem no mais bem parado. Vaõ-ſe a caſa do mercador mais groſſo, eſcolhem as peſſas que querem de téllas, ſedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receita para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para ſua caſa, corta largo á cuſta da barba longa, e raſga bizarro brilhando na Corte: chega o tempo de cobrar o mercador, o que o poderoſo já rompeo, para correſponder a Milaõ, Flandes, e Inglaterra: reſpondelhe, que naõ ſeja importuno, ſe naõ quer que lhe ſeja moleſto, e que lhe cuſte mais cara a venda, que a elle a compra; e aſſim ſe vay deixando eſquecer com a fazenda alhea; e ſe o acrédor boqueja, lançalhe huma mordaça, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a ſua ainda melhor, com cortezia, e mais pela manſa. Já ſabem os homens de negocio, que tem dinheiro, fazem-lhe huma viſita a titulo de amizade, com que os deixaõ deſvanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar galego? E ſegundaõ logo com outra, a titulo de neceſſidade, que repreſentaõ, e para a remediar pedem empreſtado, e tambem a razaõ de juro,

que

que para elles tanto monta cinco, ou ſeis mil cruzados, de que lhe paſſaõ eſcrito, porque ſe obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno, e daõ á fiança, quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que lá tem huns figueirais no Algarve, &c. E como no tempo dos figos naõ ha amigos, aſſim no tempo da paga; porque álem de que nunca mais lhe cruzou a porta, mandalhe dizer na primeira citaçaõ, que lhe ha de cruzar a cara, ſe fallar na divida, ou ſe queixar á juſtiça. E o pobre do homem, porque lhe naõ paguem com cruzes os ſeus cruzados, dará outros ſeis mil, e que o deixem lograr ſuas queixadas ſans, e levar ſuas brancas limpas ao outro mundo, ainda que vá com a bolça limpa, e ſem branca. Outros, e ſaõ eſtes já mais que muitos, para ſe forrarem de tantos cuſtos, e riſcos, recopilaõ os lanços; eſperaõ em paragens eſcuſas, ou a deshoras ás peſſoas, que ſabem tem moeda copioſa, poemlhe duas piſtolas, ou dous eſtoques nos peitos, e que faça alli logo hum eſcrito: e eiſaqui papel, e tinta, e lanterna de furta fogo, ſe he de noite; com todo o encarecimento a ſua mulher, ou ao ſeu caxeiro, que entregue logo logo á viſta ao portador dous mil cruzados em ouro: e aſſim ſe eſtaõ a pé quedo, até que volta

hum

hum delles com a reposta em effeito. E andaõ taõ affoutos, que em ſuas proprias caſas enveſtem aos que ſentem capazes deſtes aſſaltos. Teſtemunha ſeja o Abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levaraõ por eſta arte huma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em remataçoens de fazendas, que fazem pôr em leilaõ por mil tranquilhas? Ha neſte Reyno Ley, que prohibe aos Miniſtros da Juſtiça, que naõ lancem nas fazendas, que ſe executaõ [e guarda-ſe exactiſſimamente nos officiais da Santa Inquiſiçaõ] porque com o reſpeito, que ſe lhes deve, e temor, que outros lançadores tem delles, defraudaõ muito nos preços, e ficaõ as partes enormemente leſas: mas como as leys ſaõ téas de aranha, que caçaõ moſcas, e naõ peſcaõ tritoens: logo eſtes buſcaõ traças: *De penſata la lege, penſata la malicia*; e fazem os lanços por terceiras peſſoas, manifeſtando pela boca pequena, que o lanço he de hum poderoſo, com que todos ſe acanhaõ: e aſſim lançando cincoenta, no que val duzentos, levaõ as couzas por menos da ametade do juſto preço; defraudaõ, e roubaõ as partes, naõ ſó no ſubſtancial dos bens moveis, e de raiz, que ſe vendem, ſenaõ tambem os direitos

Reaes,

Reaes, e as cizas, que ſe diminuem muito com taõ grande diminuiçaõ nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tributos Reaes: tais ſaõ, as que ſe levantaõ com as décimas, porque naõ ha juſtiça, que ſe atreva a executalas; e porque ſaõ mais que muitas, fundem as décimas muito pouco: ſaõ muitos os que as cobraõ, e poucos os que executaõ a ſi meſmos: ſaõ muitos os poderoſos, que ſe eximem, e pouco o cabedal dos pequenos, que as pagaõ. Entre peſſoa Real neſta empreza, a quem todos reſpeitem, e temaõ, e logo creſceráõ as décimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que opporſe-lhe quem ellas temaõ. Eſcrito eſtá eſte remedio no que fez hum Rey de Portugal a certo fidalgo, que tomou huma pipa a hum lavrador, e lhe entornou o vinho, que tinha nella para recolher o ſeu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa têmpera, que naõ ſe acanhava a medos, nem ameaças; deu comſigo na Corte, lançou-ſe aos pés delRey, contoulhe o caſo: mandou-o ElRey agaſalhar com hum toſtaõ por dia, e hum cruzado para ſua mulher, e filhos á cuſta do fidalgo, que mandou logo chamar á Beira: veyo muito contente eſperando grandes mercês, que todos cuidaõ as me-

recem.

recem. Seis mezes andou requerendo entrada, ſem achar audiencia; e no cabo o fez ElRey apparecer para ante ſi com o lavrador: e perguntandolhe, ſe o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro; e todos os cuſtos; e que naõ lhe dava mayor caſtigo por outros reſpeitos; mas que advertiſſe, que em ſua cabeça levava a vida, e ſaude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, ſe alguma deſgraça lhe ſuccedia; e que rogaſſe a Deos, que nem adoeceſſe; porque tudo havia de reſultar em mayor deſgraça ſua. E reſultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tîmidas: e eſte he o remedio que as açama, nem ha outro.

Eſte meſmo remedio de aſpereza me diſſe hum prudente, que ſe devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ moſtraõ-ſe os dentes, e naõ o coraçaõ. E bem ſe vê, que quanto mais buſcamos eſtas Naçoens com embaixadas, e concertos, tanto mais inſolentes, e deſarrazoadas ſe moſtraõ, pagando com deſcortezias, e ladroîces noſſos primores; porque lhes cheiraõ eſtes a covardia, e conſideraõ-ſe temidos, e blaſonaõ. Se elles naõ nos mandaõ a nós Embaixadores, ſendo piratas, e canalha do Inferno, porque lhos havemos nós de mandar a elles, que

ſomos

ſomos Reyno de Deos, e Senhores do mundo? Eſta razaõ naõ tem repoſta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de cobardes biſonhos, que ainda naõ ſabem, que caens ſó ás pancadas ſe amanſaõ. Mas diraõ que naõ temos páos para eſpancar tantos caens. A iſſo ſe reſponde, que antigamente hum ſó galeaõ noſſo baſtava para enveſtir huma armada groſſa, e botando fogo, e deſpedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes noſſos em huma bateira baſtavaõ para enveſtir duas galés; e renderaõ huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados comendo couros de arcas, e ſolas de çapatos ſuſtentavaõ cercos a muitos mil inimigos, que venciaõ: e ſempre foy noſſo timbre com poucos vencer muitos. Hoje ſomos os meſmos, e aſſim fica reſpondido, que temos páos, com que eſpancar a todos. Ainda me inſtaõ que eſtaõ mudadas as couzas, porque ainda que ſomos os meſmos, ſaõ os inimigos muito differentes: aquelles eraõ cobras, e eſtes ſaõ leoens, e mais déſtro que nós na artelharia, de que tem mayor copia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ eſſes mares, pejaõ noſſas barras, e tudo nos tomaõ ſem termos cabedal, com que reſiſtamos. Reſpondo, que poriſſo o naõ temos, por-

que

que lho deixamos tomar: o certo he que com nossa substancia engrossaõ: haja entre nós piratas para elles, assim como elles o saõ todos para nós: dê-se licença aos Portuguezes poderosos para armarem navios, que andem ao corso, como se deu antigamente aos de Viana, que em quatro dias alimparaõ os mares. A mesma Viana arma hoje como entaõ, se quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa seis, Setuval tres, o Algarve outros tres, e ElRey ajuntelhe dous galeoens por Capitanîas: e eisahi huma armada de vinte velas com duas esquadras; e arme-se huma bolça só para isto de gente voluntaria, e livre, e veremos logo as nossas barbas sem vituperios. Mas diraõ ainda os zelosos Criticos, que isto de bolças he pernicioso invento, que hereges introduziraõ, e que na do Brasil ha muito que emendar. Nego-lhe todas as consequencias. A do Brasil he muito boa, e só poderia ter de mal, se entrasse nella alguma gente, que tratasse só de seu interesse, ou nos pudesse ser suspeita: mas seriaõ inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui, ou dalli, he ponto que me naõ pertence: Doutores tem a Santa Madre Igreja, que está em Roma, e poderá supprir, e tirar os escrupulos. Quanto mais

que

que o que aponto de novo, nada leva desses escabeches, porque ha de ser de gente escoimada. E prouvéra a Deos que tiveraõ os fidalgos Portuguezes estomago, para fazerem outra bolça só para a India, pois he empreza sua: e serlhes-ha facil, se puzeraõ nella só, o que gastaõ em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e daõ a rameiras, e consomem na cura de males, com que estas lhes pagaõ: e ficariaõ elles de ganho, e o nosso Reyno sem tantas perdas temido, e venerado. Deos sobre tudo.

****

CAPITULO XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tìmidas.

TEnho por mais crueis, e damninhas estas unhas, que as passadas; porque os tîmidos, e covardes, para se assegurarem fazem mayor estrago, que os temidos, e valentes, que levaõ carta de seguro em seu braço. Hum leaõ contenta-se com a preza, que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais, em que as possa empregar. A rapoza, quan-

do dá em hum galinheiro, tudo degola, e eſpedaça até o ſuperfluo. Nem ha outra cauſa deſta diſparidade, ſenaõ que a rapoza he covarde, e o leaõ he generoſo, e valente. Taes ſaõ as unhas tîmidas, mayores damnos cauſaõ com ſeu temor, que as temidas com ſua potencia. E daqui vem as mortes que daõ, e as caras que esfolaõ ladroens formigueiros por eſſas eſtradas: temem o ſer deſcobertos, que lhes dêm na trilha, e para ſe aſſegurarem, nada deixaõ com vida: a meſma arte, que os enſina a furtar, para ſuſtentarem a vida, lhes deu eſta regra, para a aſſegurarem, que arredem teſtemunhas com as meſmas garras. Nem páraõ aqui os damnos, que adiante paſſaõ; porque nas meſmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relogio de ouro, que hia de Lisboa para hum Rey de Caſtella, por naõ ſerem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de huma ponte abaixo em hum rio. E os que furtaraõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela meſma cauſa a enterraraõ amaçada na eſtrada de Villa Viçoſa, junto ao poço de entre as vinhas, ſem ſe aproveitarem della para nada.

Dá hum ladraõ deſtes tîmidos em huma Alfandega

ſandega, tira o miolo a duas caxas de açucar, e naõ repara em derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima, para que ſe cuide, que o meſmo caminho levaraõ as duas, cuja ſubſtancia elle encaminhou para ſua caſa, e que as humidades do mar, e do ſitio obraraõ aquelle máo recado. Tira hum marinheiro dous almudes de vinho de huma pipa, e para que naõ ſe ſinta a falta, bota-lhe outro tanto de agua ſalgada; e faz iſto meſmo a vinte, ou a trinta, porque aſſim ſe foy brindando, e a ſeus companheiros toda a viagem; e naõ repara no damno, que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almudes, de que ſe aproveitou, porque no fim tudo ſe achou corrupto. Da meſma covardia naſce naõ reparar hum ladraõ deſtes tîmidos, em fazer rachas hum eſcritorio de madre pérola, que val mais que o recheyo, quando naõ póde levar tudo debaixo do braço; nem em pôr fogo a huma caſa, para que ſe cuide, que ſe foy no incendio a peſſa rica, com que elle ſe foy para ſua caſa, &c.

O remedio ſingular, que ha para todos eſtes, he a forca, porque como ſaõ tîmidos, ſó o medo della os póde enfrear: e ſe a nenhum ſe perdoar, todos andaráõ compóſtos, como lá diſſe

hum Poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœnæ.* E huma Rainha de Portugal dizia, que taõ bem parecia o ladraõ na forca, como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu naõ sou de opiniaõ, que se enforquem homens valentes, quando ha outros castigos taõ rigorosos como a forca, quaes saõ os degredos para as conquistas, onde pódem ser de prestimo: e em seu lugar discutiremos melhor este ponto, quando tratarmos das tesouras, com que se cortaõ todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforcar alguns, sejaõ os tîmidos, covardes, gente inutil, que bastaráõ para documento, e freyo, que sustente em regra os mais.

****

CAPITULO XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.

OS Padres da Companhia de Jesus crearaõ no seu Convento de Coimbra hum gato taõ déstro no seu officio de caçar, que até as aves do ar sugeitava á jurisdiçaõ das suas unhas. Este como se tivera o discurso, que os Filosofos ne-

gaõ

gaõ a animais, que carecem de entendimento; revolvia-se em lama, e com ella fresca dava comsigo no guarnel do paõ, e espojando-se nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-se ao Sol como morto, até que os pardais acodiaõ aos grãos de trigo, que lhes offerecia por esta arte: e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente, e agarrava hum, ou dous, com que se fazia prato todos os dias regalando a vida, como corpo de Rey com aves de penna. Tres disfarces se notaõ aqui; hum da lama, com que se vendia pelo que naõ era; outro da dissimulaçaõ de morto, com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerecia ás aves, para fazer dellas vianda. Traça he esta muito ordinaria em caçadores, e pescadores, que disfarçaõ o anzol, e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladroens por estes modos disfarçaõ tambem as unhas para o mesmo intento, e para se assegurarem a si, que isso tem de tîmidas: e até as mais temidas, e affoutas buscaõ disfarces,para evitarem pejos,e escandalos. E vimos a concluir, que naõ ha ladraõ, que se naõ disfarce para furtar; porque até os mais descarados, que salteaõ nas charnecas, cobrem o rosto com mascaras, e rebuços: e os de capa preta, que no povoado

nos ſalteaõ, ſe naõ cobrem a cara com carapuças de rebuço, ao menos o disfarçaõ com mil máſcaras, de que uſaõ, cores, e capas, que tomaõ para encobrirem ſua maldade, e fazerem a ſua boa.

Chega o pertendente ao Miniſtro, por cujas mãos ſabe, que correm os deſpachos de certo officio, ou beneficio, que pertende, e fazem hum concerto entre ſi, que perderá o Miniſtro duzentos mil reis, ſe naõ lhe houver o officio; e que lhe dará o pertendente cem mil reis, ſe lho alcançar: aſſeguraõ-ſe com eſcritos, que ſe paſſaõ de parte á parte, cuja letra, ou ſolfa, nem eu a ſey deſcantar, nem o diabo lhe entende o compaſſo: e com eſte disfarce acreditaõ ſeus primores, e encobrem os barrancos, que ſe ſeguem; e o que he ſimonîa, uſura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem, que parece virtude. E com dizerem, que ſe arriſcaõ a perder mais nos duzentos, gualdripaõ os cento, a que chamamos menos, e ficaõ muito ſerenos na conciencia, pela regra dos contratos oneroſos; como ſe no ſeu houvera algum riſco, quando elles tem todo o jogo na ſua maõ, e baralhaõ as cartas, e fazem o que querem *a dextris*, e *a ſiniſtris*.

Senhor, diz o outro, eu darey a v. m.

huma

ſhuma Quinta, que tenho muito boa, e dizima a Deos, ou a Voſſa Senhoria [que tambem entraõ Senhorias niſto] já que he omnipotente na Corte, ſe me livrar de huma tormenta de accuſaçoens, que actualmente chovem ſobre mim, em que me arriſco a ſahir confiſcado, ou com a cabeça menos. Sou contente, reſponde o Miniſtro; mas ha me Voſſa Mercê de fazer huma eſcritura de venda, em que confeſſe, que lhe comprey a tal Quinta com dinheiro de contado. Feita a eſcritura, toma com ella poſſe da propriedade; e mete velas, e remos, para livrar o donatario; e naõ deſcança, até o pôr em geneas eſcoimado, e limpo, como huma prata. E porque naõ ha couza occulta, que tarde, ou cedo, ſe naõ revéle, e os murmuradores tudo deslindaõ, veyo-ſe a deſcobrir o feito, e o por fazer na materia: chegaraõ accuſaçoens, a quem puxou pelo ponto: deraõ-lhe logo com a eſcritura nas barbas: fizeraõ mentiroſos os zeladores, e ficaraõ-ſe rindo; ſe naõ he que ficou chorando, o que perdeo a Quinta, por ver quaõ caro lhe cuſtou o disfarce da eſcritura, com que o ſeu valîdo capeou o conluyo. Outros com hum ſáguate de nonada, com hum açafate de figos disfarçaõ fidelidade, para confiardes delles cem

dobroens empreſtados, que vos pagaõ com mil figas. Do zelo, e ſerviço delRey fazem luvas, que encobrem unhas, que agarraõ emolumentos groſiſſimos dos bens da Coroa. Eſtou-me rindo, quando os vejo fervoroſos, e diligentes no maneo da fazenda Real: naõ dormem, nem comem, antes ſe comem com o cuidado, e diligencia, que moſtraõ em tudo, naõ perdoando a trabalho; e eu eſtou cá comigo dizendo: aſſim tu barbes, como tu tens mais amor ao proveito delRey, que a ti meſmo: que tens tu amor á fazenda delRey, eu o creyo, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com eſſes merecimentos. Quem introduzio cambios no mundo, disfarce inventou para palear uſuras, quando paſſaõ dos limites: e pratica de remir vexaçoens com peitas nas pertençoens de beneficios, capa he, eom que ſe disfarçaõ ſimonîas. Mudaõ os nomes ás couzas, para enganarem remorços. Desmentem humas maquinas com outras: arquitectaõ caſtellos de vento, para renderem á força da conciencia, e zombarem do preceito: *Sed Dominus non irridetur.*

CA-

****

CAPITULO XXVI.

Dos que furtaõ com unhas maliciosas.

AS unhas disfarçadas muito cheiraõ a maliciosas, mas tem estas de mais, que aquellas hum grande palmo, se naõ he covado: e porisso lhe damos particular capitulo. Naõ ha furto sem malicia, nem peccado sem malicia; donde se colhe, que se o furto he peccaminoso, tambem ha de ser malicioso: e porque em tudo ha mais, e menos, poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho os que escondem, e reprezaõ o paõ, para que naõ se veja abundancia, e appareça a carestîa, e suba o preço. O mesmo fazem os mercadores com sedas, e pannos: mostraõ-vos só huma pessa da côr, ou lote, que buscais, e juraõ-vos por esta alma, ponde a maõ na dos botoens da roupeta, que naõ ha em toda a rua Nova mais que este retalho, e assim vo lo talhaõ pelo preço, que querem; e em gastando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles: como o ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavaõ, tanto mais renas-

cia

cia cada vez mais formoſo. Mas que muito que façaõ iſto na rua Nova, quando até os que naõ profeſſaõ a ley velha, fazem o meſmo nas carnes, vinhos, e azeites, que vem vender a Lisboa: vem trazendo tudo aos poucos, porque ſe o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços: e para que ſubaõ, e enchaõ bem as bolças com aſſolaçaõ do povo, ajudaõ-ſe da malicia, que eſtá deſcoberta, e ſerá remediada, ſe ſe der por perdida toda a fazenda, que andar retida, e atraveçada com ſemelhantes eſtanques.

Arrendaſtes huma vinha por hum anno; puxaſtes por ella na póda, e fizeſtes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno ſeguinte, e furtaſtes com unhas malicioſas ao proprietario a ſubſtancia de hum anno, e póde ſer que de muitos. Em Béja vi huma eſtalajadeira comprar por dez reis duas côves murcianas; lançou-as em huma tigela com dous pimentoens bem pizados, e outros dez reis de azeite, deu-lhe duas fervuras, e ſem ſe erguer de hum tanho, fez trinta pratos, a vintem cada hum, com que banqueteou hoſpedes, e almocreves, que ſe deraõ por bem ſervidos: mas mais bem ſervida ficou a malicia da hoſpeda, que com hum vintem, que diſpendeo,

inte-

interessou seis tostoens, que embolçou. Naõ sey se diga, que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *læsæ majestatis*, quando chegaõ a tanto atrevimento, que fazem, e vendem cartas, e provisoens falsas, com firmas, e sellos Reaes? Hum freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa, e cercear a verdadeira: pedio-me lhe houvesse hum pequeno de chumbo em segredo; e sabida a couza, tratava de livrar-se appellando para outro foro: dizia que era Religioso de certa Ordem de Italia; e já tinha armada a Patente, e só lhe faltava o sello, e queria o chumbo para fazer delle o sinete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito maliciosas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado, para semear: sou contente, mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço, que correr na praça todo este anno, e nisso ficaraõ com assento feito. Succedeo, que nunca sobio o trigo de trezentos e vinte: mas o Cidadaõ mandou pôr na praça meyo moyo seu escolhido com ordem á vendedeira, que o naõ désse por menos de cinco tostoens: e para que naõ estivesse ás moscas, mandou logo seus confidentes com dinheiro, que para isso lhes deu, que

com

comprassem todo aquelle trigo, como para si pelo preço, que a medideira pedisse: e assim recolheo outra vez para sua casa o seu paõ, e o seu dinheiro, e tomou testemunhas de como se vendera toda aquella semana a quinhentos reis na praça. Veyo o lavrador a seu tempo pagar pontualmente a razaõ de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro: sahio-lhe o seu acrédor de soslayo com a tramoya; convenceo-o em Juizo com as testemunhas, e fez-lho pagar a quinhentos, em que lhe pêz. E ainda fez mais, que naõ tendo o lavrador dinheiro, lhe tomou o preço da divida em trigo, que entaõ valia a dous tostoens: e tudo bem somado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo, que recolheo em boa satisfaçaõ do moyo, que tinha emprestado havia poucos mezes.

Quasi semelhante a este he outro contrato, que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve: Vem os lavradores da Serra ás Cidades prover-se do que lhes he necessario dos mercadores, que lhes daõ tudo fiado até ás colheitas do figo, e paça, mas com tres encargos muito onerosos. Primeiro, que lhes encaxaõ, o que levaõ da loge, pelo mais alto preço a titulo de fiado. Segundo, que haõ de pagar em paça, e figo avaliando-o

pelo

pelo mais baixo a titulo do beneficio, que recebeраõ, quando lhes gaſtaraõ as mercadorias, que lhes apodreciaõ em caſa. Terceiro, que lhes haõ de pôr tudo na Cidade á ſua cuſta. Mais malicioſa eſtá outra onzena, que vi exercitar na Ilha da Madeira. Embarcaõ-ſe alli muitos paſſageiros para o Braſil, e os que naõ tem cabedal para ſe aviarem de matalotagem, e outros apreſtos, pedem aos mercadores dinheiro empreſtado a correſponder com açucar: Reſpondeo hum: vendo pannos, naõ empreſto o dinheiro, com que trato: ſe v.m. quer panno fiado darlho-hey, buſcará quem lho compre, e fará ſeu negocio com o dinheiro, de que neceſſita. Seja como v.m. quizer: ouro he, o que ouro val, e por ſer fiado, talhoulhe o preço por cima das gavias: e feita a compra, de que havia de fazer os cincoenta mil reis revendendo-a, ajuntou o mercador: para que v.m. ſe naõ canſe com hir mais longe, eu lhe comprarey eſſe panno pelo preço, que o coſtumo comprar em Londres, e contarlhe-hey logo o dinheiro, que he outro beneficio eſtimavel, e abateolhe em cada covado mais, do que lhe tinha levantado na venda; e pagou-ſe logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o ſeu empreſtimo, para ficar livre daquelle cuidado, e aſſegurou

rou o capital com boa fiança; e ficaraõ custando ao passageiro os cincoenta mil reis mais de cento: e o mercador interessando na correspondencia, e revenda do açucar, com que do Brasil lhe pagou mais de duzentos; e a isto chamo eu malicia refinada mais que açucar em ponto.

****

CAPITULO XXVII.

De outras unhas mais maliciosas.

GRande malicia he a das unhas, que agora tocámos; mas ainda ha outras mais maliciosas. Se houvesse contratador, que tivesse pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos marcados pela Camera, naõ ha duvida, que o poderiamos marcar por ladraõ de unhas mais que maliciosas; e para que naõ se tenha isto por impossivel entre gente de vergonha, conheci hum naõ longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dous alqueires que tinha; hum grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas, e covados ha muito que vigiar nesta parte, e nisto de medir, e pezar, saõ alguns taõ déstros, que arreme-

remeçando na balança o que pezaõ de pancada, e dando hum ſolavanco na medida; ou apertando mais, e menos a razoura, e eſtirando a peſſa com o covado, e vara, defraudaõ as partes em boa quantidade, com bem má conciencia.

Peço licença ao noſſo Reyno de Portugal para eſcrever aqui a mais deteſtavel malicia, que ha, nem póde haver entre Turcos, quanto mais entre Catholicos, e Portuguezes; a qual por ſer publica, e notoria, a ninguem fará eſcandalo referilla. Nem eu a crêra, ſe me naõ conſtara já por muitas vias: e a primeira foy em Barcellos, aonde fuy de Braga ha muitos annos ver as Cruzes, que milagroſamente apparecem em hum campo nos dias da Santa Cruz, aſſim de Mayo, como de Setembro, e ſeſta feira de Endoenças. A ver eſta maravilha veyo tambem de Viana Joaõ Daranton Inglez Catholico, do qual me contaraõ, que enfadado da fortuna, que o perſeguia com grandes perdas, ſe embarcara para o Braſil com ſua mulher, e quatro filhos, e todo o cabedal, que tinha, que ſempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com ſeus adjuntos, Meſtre, e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas das partes em ſuas caſas deſembarcando-as de noite ſecretamente.

Deraõ

Deraõ á vela, e deixaraõ-ſe andar mais de oito dias pela cóſta com naõ ſey que achaques, ſem acabarem de ſe fazerem ao alto, até que os paſſageiros entraraõ em ſuſpeitas, que buſcavaõ piratas para ſe entregarem; e os requereraõ apertadamente que fizeſſem ſua viagem. Deraõ entaõ com o navio á cóſta á meya noite, que he o ſegundo remedio, que tem para ſe eſcoimarem dos furtos, quando naõ achaõ ladroens que os roubem. O navio ſe fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar ſe afogou quaſi toda com o Piloto; e ſó Joaõ Daranton ſe ſalvou com toda ſua familia por juſto juizo de Deos, para dar nas caſas dos mareantes, onde achou ſua fazenda. E tenho-vos deſcoberta a maranha, irmaõ Leitor, e aſſim paſſa na verdade; e aſſim coſtumaõ fazer eſte ſalto homens do mar neſte Reyno, no Braſil, na India, e em todas noſſas Conquiſtas, com afronta grandiſſima da noſſa Naçaõ, encargo irremediavel de ſuas conciencias, e eſcandalo atroz de eſtrangeiros; que com ſerem ladroens por natureza, profiſſaõ, e arte, naõ ſabemos, que uſem de taõ horrenda, e deteſtavel malicia, e modo de furtar.

Eſtando eu na Ilha da Madeira, chegou á viſta huma Urcaça de S. Thomé, a qual ſe deixou

xou andar tres, ou quatro dias barlaventeando, ſem tomar o porto, até que o Governador, que entaõ era o Biſpo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entraſſe, como entrou em que lhe pez; e ſabida a cauſa pelo aranzel da carga, conſtou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado, onde lhe ſerviaõ mais que na Urca; e poriſſo buſcava mais os piratas, que o porto, para ſe entregar, e ter deſcarga, que dar aos correſpondentes, ſe lhe pediſſem a carga: porque ſatisfaz hum deſtes a todos com dizer, e moſtrar que foy roubado: o ſeu ganho mayor conſiſte na mayor perda; roubaõ mais, quando ſaõ roubados: e quando daõ á coſta, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para ſi a ſalvamento. O que mais me aſſombra, e deixa eſtupidos todos os meus ſentidos, e potencias, he ver que naõ repara hum deſtes lobizomes em dar com huma náo da India a travéz, e affogar dous, ou tres milhoens delRey, e das partes, pelo intereſſe de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvoroſa.

He a maldade deſtas unhas malicioſas mais deteſtavel, quando toca no bem cõmum, e da Coroa, que nos conſerva, e ſuſtenta a todos. Naõ ſey ſe o ſonhey, ou ſe mo contou peſſoa

ſidedigna: caſo he que me aſſombra! Valha o que valer: ſe naõ ſuccedeo, ſervirá de documento, para que naõ aconteça. Poderia ſer aſſim: Que hum Miniſtro, que tinha por officio pagar quarteis de juros, e tenças a todo o mundo, foy ſonegando muito a titulo de naõ haver dinheiro; e em poucos annos com eſta, e outras induſtrias taõ malicioſas, como eſta, ajuntou mais de cem mil cruzados, de que deu oitenta mil a ElRey noſſo Senhor, gabando-ſe que os poupara aos poucos, e que eraõ frutos [melhor diſſera furtos] da pontualidade, e primor, que guardava em ſeu Real ſerviço. Eſtimou Sua Mageſtade o lanço, tendo-o por legitimo; tanto, que lhe deu por elle huma cõmenda de cem mil reis. No cabo de ſua velhice apertou com elle o eſcrupulo, e tratando de ſua ſalvaçaõ, ſe foy á Meſa da Fazenda, e diſſe que devia mais á ſua alma, que a ſeu corpo; e que para deſcargo de ſua conciencia declarava alli, que toda, quanta fazenda tinha, era furtada dos bens da Coroa, e das tenças, e juros de todo o Reyno; que mandaſſem logo tomar poſſe de tudo em nome de Sua Mageſtade. Tinha eſte hum filho, que já ſervia o meſmo officio do pay, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que paſſava, pôem em pés de

verdade

verdade, que ſeu pay eſtava doudo: prendeo-o em caſa, amarrou-o com huma cadeya, ſem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deo, que era baſtante, para lhe dar volta o miolo; e com eſta arte evitou a reſtituiçaõ, que o pay queria fazer a ElRey, e ás partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digaõ-me agora os zelosos ſabios, que iſto tiveraõ por doudice, precindindo della: quaes foraõ mais malicioſas, as unhas do pay, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediraõ a reſtituiçaõ do pay? Venha o démo á eſcolha, taes me parecem humas, como as outras; e por taes tivera as de quem ſabendo iſto, ſe o diſſimulaſſe por reſpeitos, que naõ cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, aſſim no governo da paz, como no da guerra; ignorantes, malicioſos, e deſgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e hum Miniſtro ſabios, e venturoſos, he grande couza, para conſeguirem bom effeito ſuas emprezas: mas ſe com iſſo forem malicioſos, deſdouraõ tudo; e dos que ſaõ tocados deſta ſarna, ſe devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas, mais que de peſte; porque nunca ſe vio peſte, que levaſſe de coalho todo hum Reyno, ou Republica: e

huma traiçaõ forjada com malicia degola de hum golpe todo hum Reyno, ou Imperio: e por serem taõ arriscadas unhas maliciosas, se devem vigiar mais, que nenhumas outras; porque torcem todo o governo para seus intentos, deslumbrando os discursos do Principe com razoens palliadas, e empatando as execuçoens rectas com côres de mayor bem da Coroa: e bem examinado, he mayor damno; e se algum bem resulta, he para os particulares, que mechem a treta. Mil casos pudera tocar, que deixo, por naõ ferir a quem se poderá vingar rasgando esta folha, que no mais nada lhe temo; mas direy hum por todos, e seja o somenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neste Reyno, e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora, e o Convento de Aviz, sobre os beneficios de Coruche, que saõ muito pingues, qual os havia de prover. Chegou Aviz a tomar posse: veyo Evora com força esbulhalo della: interpoz seu braço ElRey, como Graõ-Mestre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia: acodio o zelo por parte de Evora: Senhor, veja Vossa Magestade o que faz; porque á manhãa quererá Vossa Magestade prover hum Infante neste Arcebispado, e será bom que ache nelle estes beneficios, para ter Sua Alteza que dar a seus

criados,

criados. E melhor dissera: Senhor ficando estes beneficios em Aviz, saõ todos de Vossa Magestade, que os poderá prover em quem quizer, como Graõ-Mestre; e ficando em Evora, saõ as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e só quatro saõ de Evora; e em Sé vacante he tudo de Roma, e de Evora nada: e assim sempre lhe fica melhor a Vossa Magestade serem os beneficios de Aviz. E esta he a verdade; mas a malicia calla tudo isto, e só representa o que lhe arma para seu intento, palliando tudo com razoens affectadas, e sophisticas, até dar caça ao que pertende em favor da parte, que lhe toca, ou que o peita.

****

CAPITULO XXVIII.

Dos que furtaõ com unhas descuidadas.

ATé agora reprehendemos a malicia, e vigilancia de todas as unhas; porque naõ ha furtar sem malicia, nem malicia sem cautéla. Donde se segue, que o ladraõ descuidado, ou naõ he ladraõ fino, ou anda arriscado a pagar a

cado paſſo o capital, e as cuſtas: com tudo torno a dizer, que ha unhas deſcuidadas, e que ſaõ peores, que as maliciosas, e muito vigilantes, nos damnos que cauſaõ. Tem obrigaçaõ, os que apréſtaõ náos, e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles deſcuidando-ſe das quantidades neceſſarias, cizaõ de tudo hum terço, ſe naõ for a ametade: dizem elles, que para ElRey; mas Deos ſabe para quem, e nós tambem. Deſcuidaõ-ſe na eleiçaõ da qualidade das couzas; e até dos lugares, onde as devem arrumar, ſe deſcuidaõ. E reſulta de tudo faltar o biſcouto, e agua no meyo da viagem; porque acertaõ os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala, e corda na occaſiaõ da melhor peleja; naõ ſe acharem as couzas, quando ſaõ neceſſarias, e ſerem ás vezes tais, que melhor fora naõ as haver, porque ſaõ corruptas, e de tal ſorte, que cauſaõ mayores males, e doenças com ſeu uſo. O meſmo ſuccede nos medicamentos, de que naõ ha provimento por deſcuido, que mal ſe póde livrar de malicia craſſa, e maldade ſupina: porque naõ ha Miniſtro taõ ignorante, que naõ ſaiba, que no mar ſe adoece; e que ſe morre, onde naõ ha remedio conveniente para atalhar o mal.

Outros

Outros descuidos, e esquecimentos ha muito geraes, e damninhos, que correm nas posses de fazendas, Mórgados, e Capellas, as quais se tomaõ muitas vezes sem titulo legitimo, por estarem auzentes as partes, a quem pertenciaõ; ou porque puderaõ mais os que as tomaraõ: e remordendo-lhes a conciencia no principio, se deixaõ hir ao descuido, até que esquece o escrupulo; e assim passa o esquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes, e bens da Coroa andaõ desta maneira sonegados; tanto, que se se fizer hum exame geral de titulos, poucos haõ de apparecer cabaes; salvo se se acolherem á posse immemoravel, a qual naõ val contra Reys, porque tem privilegio de menores, e força de mayores; mas naõ usaõ della ás vezes, por naõ inquietar seus Estados. Rendellos, e esbulhalos hum, e hum, facil couza seria; mas naõ se acabaria em cem annos a empreza: investillos todos juntos he perigoso; porque muitos unidos faraõ guerra a este mundo, e mais ao outro: e para se defenderem, naturalmente se ajuntaõ, ainda que sejaõ entre si contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte: acómette-os hum leaõ na mayor força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e se amigaõ em hum corpo, pa-

ra resistirem ao mayor contrario; e tanto se esforçaõ, que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Castella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos seus Reynos todos os titulos, escrituras, e provisoens do que possuîaõ, porque por descuido dos tempos andavaõ muitas couzas destraîdas, e desanexadas da Coroa. Fizeraõ seu conselho, e louvaraõ-se todos no Duque do Infantado, que estavaõ pelo que elle respondesse: e respondeo, que mostrasse ElRey os titulos, com que possuîa, quanto tinha de seu nos Reynos, e Estados, que governava: e que elles se obrigavaõ a mostrar outros titulos muito melhores do que possuîaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-se o decreto do Rey com boa ordenança por duas razões, que se deixaõ ver. Primeira, porque de dous males se deve escolher o menor: e menor mal achou, que era possuîrem alguns, o que se lhes tolerava por descuido, ainda que naõ fosse seu, que dar occasiaõ a todos se perderem, e naõ ganhar a Coroa, nem o Reyno nada com isso. Segunda, porque se se examinarem bem os bens, que possuem os Reys, ninguem ha taõ arriscado a possuir o alheo; porque a potencia os faz izentos, e a cobiça he cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á mayor supe-

ſuperioridade. Perigoſo foy ſempre bolir com o caõ que dorme: e poriſſo muitas vezes as couzas paſſaõ por alto até as ſepultar o eſquecimento: mas iſſo naõ tira ſer furto, o que por eſta via ſe arraſta. E eſtas ſaõ as unhas, que chamamos deſcuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por huma parte, e o medo por outra, as poem em eſtado de deſcuidadas, e eſquecidas: e aſſim fica tudo ſem remedio.

****

CAPITULO XXIX.

Dos que furtaõ com unhas irremediaveis.

DIgo que ha unhas irremediaveis, naõ porque admitta neſte mundo demazia, que naõ tenha remedio para ſe emendar; mas porque muitas vezes naõ ha quem lho applique: e quando as unhas creſcem em mãos poderoſas, ſaõ muito más de cortar. Declararme-hey com huma parabola, que ainda que he ténue, tem muita ſubſtancia, para todos me entenderem. E he, que a Republica dos ratos entrou em conſelho, e fez huma junta, ſobre que remedio teriaõ para ſe verem

rem livres das unhas do gato? Preſidio hum arganáz de bom talento: aſſentaraõ-ſe por ſuas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: Mudemos de eſtancia; vamo-nos para os Armazens delRey, onde naõ ha gatos, e ſobejaõ baſtimento, biſcouto arrodo, queijos a fartar, chacinas de toda a ſorte: e onde muitos homens de bem achaõ ſeu remedio, ſem lhes cuſtar mais que tomallo; tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganais-vos, diſſe o Preſidente, comer á cuſta delRey nunca he barato, nem ſeguro; porque quem a galinha delRey come magra, gorda a paga; e nos ſeus Armazens ha unhas peores, que as dos gatos, que nada lhes eſcapa. Votou o outro; devia de ſer alentado: Sou de parecer, que cortemos as unhas ao gato. Acodio o Preſidente: Calay-vos lá murganho: cortarlhas-heis vós? Naõ dizeis nada; porque logo lhes haõ de naſcer outras mayores, e mais peçonhentas. Iſto de unhas ſaõ como enxertos de mato bravo; ſaõ como ortigas, e tojos, que naſcem ſem que os ſemeem: por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de ver livre de unhas. Vote outro. Levantou-ſe entaõ hum de cauda larga muito reverendo, e diſſe: O meu voto he, que lancemos hum caſ-

cavel

cavel ao pescoço do gato; e assim sentiremos, quando vem, e pornos-hemos em cobro; como fazem os Tapuyas no Brasil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de cascavel. Bellamente dizeis, acodio o Presidente; mas quem ha de lançar o cascavel ao gato? Lançarlho-heis vós? Eu naõ, respondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, se nenhum de vós ha de fazer, o que diz, para que me votais aqui couzas impossiveis? Naõ vedes, que nos destruiremos a nós, e á nossa Republica, se intentarmos couzas, que naõ pódem ser, porque nos haõ de dar na cabeça todos esses remedios? E acabou-se a junta; e vêm a ser, que a mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica succede, quando os medicamentos, que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte; e isto he, quando os conselhos, que toma para se defender, disparaõ em maquinas para se destruir: e naõ cahe no erro, senaõ quando vê os effeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvarios. E estas saõ as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e entaõ mais irremediaveis, quando saõ incontrastaveis os Juizes, que meneaõ as perdas com applauso de ganancias.

Para

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Concelho de Eſtado, ou de Guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes o mal, que nos reſulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer aqui hum concelho? Faça-ſe, e ſeja logo. Arrojem-ſe cadeiras para todos. Eya Senhores Conſelheiros, aſſentem-ſe Voſſas Senhorias por ſuas dignidades. Quantos ſaõ por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He iſto aqui parlamento de Inglaterra? Onde ſe daõ tantas cabeçadas, por ſerem muitas as cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que baſtava. Naõ havemos miſter tantos Conſelheiros: baſtaõ quatro, ou cinco: vaõ-ſe os mais para as ſuas Quintas, onde naõ lhes faltará que fazer em ſuas ganancias: e quem nos ha de preſidir neſte concelho? Iſto eſtá claro: ha de preſidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavelo? Ainda ha memorias deſſe caõ! Vá-ſe preſidir no Inferno. Sabeis vós quem he eſte perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neſte mundo as Furias de Babylonia: e com ſer eſte, he de temer, que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro.

Naõ

Naõ queremos, que nos preſida a ley de taõ máo homem, que tem aſſolado, quantas Republicas o admittiraõ. A noſſa ley, e Ordenaçaõ do Reyno he a melhor, que ſe ſabe no mundo; ella he a que ha de preſidir, e aſſim propoem para tratar tres couzas. Primeira, a fortificaçaõ deſta Cidade de Lisboa. Segunda, o preſidio das fronteiras. Terceira, o cõmercio de álem-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro Conſelheiro, que naõ havemos miſter fortificaçaõ, onde eſtaõ noſſos peitos. Se o ſenhor Conſelheiro, que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos tais baſtavaõ para fortificar, e defender Lisboa, e o Reyno todo: mas he de temer, que naõ tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes, e galinhas, e que na occaſiaõ ſe retire, ou vá calçar as eſporas, para atar as cardas. Diga o ſegundo, como nos havemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com ceſtas. Tende maõ, naõ vades por diante: ceſtos? Cheyos, ou vazios? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas, teriaõ os ſoldados que comer. Só hum bem acho neſſes voſſos ceſtos, que naõ deixaráõ curſar os guarda infantes pelas ruas taõ livremente, como andaõ. Diga o

terceiro,

terceiro: Sou de parecer, que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Esperay: fortificamo-nos nós para dous dias, ou para muitos annos? Naõ vedes vós, que a primeira invernada ha de levar tudo isso de enxurrada, e que haveis de ficar á porta inferi. Diga o quarto: Digo que melhor he nada; e eu digo que boca, que sahe com nada, que a houveraõ de condemnar a que nunca entrasse por ella nada; e entaõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem preside, o que lhe parece, e isso faremos. Parece-me, diz a ley, que a fortificaçaõ se faça de pedra, e cal, com muitos, e bons baluartes, e artelharia nelles, porque tudo o mais he impossivel defendernos. Oh como diz bem! Mas ha de ser á custa do publico, e naõ do particular, para ser possivel; e todos os mais votos saõ juizos occultos, que vaõ dar em roubos manifestos, e irremediaveis. Irremediaveis digo, porque os apoya o Conselho, de donde só podia sahir o remedio. E naõ obstante esta opiniaõ, que he a mais segura, accrescento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarniçaõ, que mais barato he naõ se tratar dellas; porque posta essa gente em campo, faz hum exercito capaz de dar batalha, e alcançar vitoria, e Portugal assim se defende

mpre. Va-

Vamos á ſegunda couza. Que preſidio poremos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o primeiro voto, e he o de todos. E de donde havemos nós de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá máo homem, naõ vês que ſe fizermos iſſo duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno deſpovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando iſto, que has de comer, que has de veſtir, e calçar? Que Naçaõ viſte tu nunca, que fizeſſe guerra ſó com os ſeus naturais? Os mais guerreiros Reys do mundo ſe ajudáraõ de eſtranhos, que ſempre ſaõ mais comparados comnoſco; porque lá naõ ha Frades, nem Freiras, e poriſſo ſaõ tantos como moſquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos noſſos ramos; e ſe morrem, naõ pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercês. Trata-ſe aqui da conſervaçaõ dos naturais; e poriſſo elles fazem os gaſtos. De maneira, que quereis, que façaõ os gaſtos, e dem os filhos para ficarem ſem fazendas, e ſem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Eſſe voſſo voto eſtá muito bom para darmos atravéz com toda a Republica, mas para a conſervarmos, e defendermos, he impoſſivel. Muitas

tas Republicas depois de ſeus Capitaens, e Soldados ſerem vencidos, venceraõ com eſtrangeiros; como os Chalcidonenſes com Braſidas, os Sicilianos com Gelippo, os Aſianos com Liſandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E ſe alguns Capitaens eſtrangeiros tyrannizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da caſa Othomana, foy, porque naõ tiveraõ forças, os que os chamaraõ, para ſe defenderem delles: para evitar eſte inconveniente, naõ conſentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar, foſſem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-ſe de devorar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que ſe padece.

Vamos á terceira couza. Que me dizeis do cõmercio de álem-mar? O primeiro Conſelheiro diz, que naõ podemos com tantas conquiſtas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atalhou o Preſidente a razaõ, que hia dando: e perguntou-lhe muito ſério: Almoçaſtes vós já? Pois havia de vir em jejum ao Conſelho? Aſſim parece, e mais que naõ bebeſtes agua de neve. Hum conſelho vos déra eu mais ſaudavel para vós, do que eſſe voſſo he para nós: que vos guardeis dos rapazes, naõ vos apedregem, ſe ſouberem que foſtes de parecer

cer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos ganharaõ com tanta perda de seu sangue. Senhor, tenho que dizer a isso, replicou o Conselheiro. Calay-vos, naõ me insteis; que vos mandarey lançar hum grilhaõ nessa lingua: bem sey o que quereis dizer: naõ tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar hum braço, para naõ perdermos a cabeça: saõ isso discursos velhos, e caducos. A maxima das conveniencias he ter maõ cada hum no que he seu até morrer, e naõ largar a mãos lavadas, o que outrem nos ganhou com ellas ensanguentadas. Sois muito bacharel: naõ me sejais *Petrus in cunctis*; olhay que vos farey *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por aquella porta fóra. Oh de fóra! Está ahi algum porteiro? Chamai-me cá quatro archeiros, que me dêm com este zelote no Limoeiro, e vote o segundo. O segundo diz, que se trate do que haõ de trazer as náos, e frotas do Brasil, e India. Porque aqui naõ se trata [acodio o Presidente] do que haõ de levar, senaõ do que haó de trazer; vem a trazer pouco mais de nada, e faltaõ lá as forças para conservar o conquistado. Levem, disse o terceiro, muito bacalháo, muito vinho, azeite, e vinagre. Esperay: ides vós lá fazer alguma celada, ou merenda? Ainda naõ

diſſemos tudo , acodio o quarto. Levem muitos ſoldados , farinhas , traparias , e muniçoens , e iſto baſta. Aqui acodio a ley Preſidente , dando hum grito : Juſtiça de Deos ſobre tais Conſelheiros! Porque naõ dizeis todos , que levem Prégadores Evangelicos , que conquiſtem o Gentio para Deos , e Deos vos dará logo todos os bens temporais deſſas conquiſtas , que venhaõ para vós : *Quærite primùm regnum Dei , & hæc omnia adjicientur vobis.* Matth. 6. Sentença he de eterna verdade , que eſtabaleçamos primeiro o Reyno de Chriſto , e logo ficará eſtabelecido o noſſo Reyno , e tudo nos ſobejará. He Portugal patrimonio de Chriſto , que fundou eſte Reyno , para lhe propagar ſua fé. E cança-ſe debalde , quem trata de ſuas conquiſtas por outro caminho : furta a Deos , e ao Reyno o cabedal , que emprega em outros intentos , que nunca haõ de ſer bem ſuccedidos , porque vaõ fóra dos eixos proprios , e do centro verdadeiro. Todos os remedios , que applicar , para indereitar as rodas da fortuna , haõ de ſervir de mayor deſpenhadeiro ; e acabemos de cahir niſto , pois ſomos Chriſtãos Catholicos : naõ deſmintamos noſſa propria profiſſaõ ; e acabemos de entender , que de nós naſce o mal , e poriſſo naõ tem remedio ; porque o eſtorva , quem

quem lho houvera de dar. E já que as perdas saõ irremediaveis; porque naſcem de Conſelheiros, que tem por officio dar-lhes o remedio, e naõ ha outros, que emendem eſtes, e os melhorem; ponhamos aqui hum Capitulo, que nos deſcubra o ſegredo da abelha, e jarrete todas eſtas unhas.

****

CAPITULO XXX.

Que taes devem ſer os Conſelheiros, e conſelhos, para que unhas irremediaveis nos naõ damnifiquem.

HUm Alvitriſta, ou Eſtadiſta foy a Madrid, haverá vinte annos, e diſſe, que tinha achado hum remedio ſingular, para ſe dar fim brevemente ás guerras de Flandes com grande gloria de Caſtella. Eſtimou-ſe o alvitre, como merecia: fez-ſe huma junta de todos os Grandes, e Conſelheiros, para ouvirem o diſcurſo do novo Apollo, que o recopilou em breves razoens; e diſſe a todos ſem nenhum empacho: Senhores, todos vemos muito bem, que naõ prevalece Eſpanha contra Hollanda huma hora, mais que a

outra, ha tantos annos; e ſabemos, que o noſſo poder he mayor, que o ſeu: donde ſe colhe que todas as ventagens, que nos fazem, procedem, de que ſe ſabem governar melhor que nós: pelo que eu era de parecer, que a Mageſtade delRey Filippe mande ſeus Conſelheiros para Flandes, e que venhaõ os Conſelheiros de Flandes para Eſpanha; e logo tudo nos hirá vento em popa, e Hollanda de cabeça abaixo, e teraõ melhora as perdas irremediaveis, que nos aſſolaõ; porque as obraõ os Conſelhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Aſſim paſſa, que o que aſſola as Republicas ſem remedio, ſaõ os conſelhos quando erraõ.

Eſta palavra *Conſelho* tem dous ſentidos, hum material, e outro formal: no ſentido material ſignifica os Conſelheiros juntos, e o Tribunal, em que ſe aſſentaõ: no formal he o voto de cada hum, e a reſoluçaõ, que de todos ſe colhe: e vem a ſer quatro couzas diſtinctas. Primeira, Conſelheiros; ſegunda, Tribunal; terceira, o parecer de cada hum; quarta, a reſoluçaõ de todos. Digo logo de cada huma, o que releva.

Que

Que tais devem ser os Conselheiros.

QUestaõ he, se ha de ter o Principe muitos Conselheiros, se hum só? Hum só he arriscado a errar, mas que seja hum Architofel. Ter hum valîdo, de quem se fie, para o ajudar, he prudencia, e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes*, e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia; como hum para a paz, outro para a guerra; hum para a faz nda, outro para o trato de sua pessoa, &c. E naõ seja hum só para tudo, porque naõ póde assistir a tantas couzas, nem comprehendelas: e sendo varios, estimulaõ-se com a emulaçaõ a fazer cada qual sua obrigaçaõ por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque huns alcançaõ, e supprem o a que naõ chegaõ os outros; mas naõ sejaõ tantos, que se confundaõ, e perturbem as resoluçoens; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he, se devem ser os Conselheiros letrados, se idiotas; isto he, de capa, e espada? Huns dizem, que os letrados, com o muito, que sabem, duvidaõ em tudo, e nada resolvem; e que os idiotas com a experiencia sem especulaçoens daõ logo no que convêm. Outros tem para si, que as letras daõ luz a tudo;

 e que

e que a ignorancia eſtá ſugeita a erros: e eu digo, que naõ ſeja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados Theologos, e Juriſtas, para que naõ ſe cõmettaõ erros: e haja idiotas, que com a ſua aſtucia, ſagacidade, e experiencia deſcubraõ as couzas, e dêm expediente a tudo. Poucas vezes acontece, que concorraõ na meſma peſſoa engenho para diſcorrer ſobre o que ſe conſulta, e juizo para obrar, o que na conſulta ſe determina: muitos ſaõ de fraco juizo conſultados, mas para executar, o que ſe reſolve, ſaõ deſtriſſimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que daõ, mas na execuçaõ delles ſaõ taõ ineficazes, que os perdem. E poriſſo digo, que he melhor terem todos lugar no Conſelho, para ſe ajudarem, e ſupprirem huns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra queſtaõ ſe ſegue a eſta [dado que naõ póde neſte mundo tudo ſer perfeito, e cabal, porque naõ ha, quem naõ tenha ſeu pé de pavaõ] ſe he melhor para a Republica ſer o Principe bom, e os Conſelheiros máos; ou ſerem os Conſelheiros bons, e o Principe máo? Se o Principe ſe governar por ſeus Conſelheiros, diz Elio Lampridio, que pouco vay em que o Principe ſeja máo, ſe os Conſelheiros forem bons; porque mais depreſſa ſe faz bom hum máo com o exemplo de

muitos

muitos bons, que muitos máos bons com o exemplo, e conſelho de hum bom: e como a reſoluçaõ, que ſe ſegue, he dos bons, tudo fica bom. Mas ſe o Principe governar ſem reſpeito aos Conſelheiros, melhor he ſer o Principe bom, ainda que os Conſelheiros ſejaõ máos; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir á ſua imitaçaõ, os que o ſervem; e como diz Plataõ, e refere Tullio, quaes ſaõ os Principes, tais ſaõ os vaſſallos: ſe o Principe he virtuoſo, todos trabalhaõ por ſerem virtuoſos; e ſe he vicioſo, todos ſe daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta, todos fazem trovas: quando he guerreiro, todos trataõ de armas: por monſtro ſe tem em huma Corte haver, quem faça, ou diga couza, de que o Principe naõ goſte. E dado que os Conſelheiros naõ ſe refórmem com o exemplo do Principe, nem ſejaõ quaes pede a razaõ, para iſſo tem o Principe o poder na eſcolha dos ſugeitos, naõ ſe limitando aos que o cercaõ, ſenaõ eſtendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando maõ dos mais aptos. E para iſſo devem os Principes conſiderar, que da bondade de ſeus Conſelheiros depende a ſua fama, honra, e proveito de ſeus póvos. Se o Principe errar na eſcolha dos Conſelheiros, perde a ſua reputaçaõ, e

podemos presumir, que errará em tudo. De ter bons Conselheiros, se segue bom successo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputaçaõ com os estrangeiros; dos quaes será venerado, e temido, assim como amado, e obedecido dos seus. E para que o Principe possa acertar na escolha dos Conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os Autores, e Estadistas fazem grandes volumes.

O Conselheiro ha de ser prudente, e secreto, sabio, e velho, amigo, e sem vicios: naõ cabeçudo, nem temerario, nem furioso. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira, Precipitaçaõ, segunda Paixaõ, terceira, Obstinaçaõ, quarta, Vaidade: a primeira arrisca, a segunda cega, a terceira fecha a porta á razaõ, a quarta tudo tisna. Tres inimigos tem o segredo; Bacho, Venus, e o Interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo, perde-se a Repūblica. A sabedoria, e velhice se ajudaõ muito, esta com a experiencia, e aquella com o estudo; com tanto, que a velhice naõ seja caduca, e a sabedoria inutil. Se for amigo do Principe, e da Republica, tratará do bem cōmum, e naõ do particular, em que consiste a maxima da mayor virtude,

que

que deve professar hum Conselheiro, com que extinguirá todos os vicios, que o pódem deslustrar. E para assegurar este ponto, devem os Principes acautelar-se de pessoas, que tenhaõ aggravado; por mais talentos que tenhaõ, naõ fiem delles os póstos, em que pódem ter occasiaõ de se vingarem: Plataõ diz, que os Conselheiros haõ de estar livres de odio, e amor. Virgilio canta, que o amor, e a ira derrubaõ o entendimento. Salustio escreve, que devem estar apartados de amizade, ira, e misericordia; porque aonde a vontade se inclina, alli se applica o engenho, e a razaõ nada póde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo, e conselho. Carlos V. queria, que deixassem á porta do Conselho a dissimulaçaõ, e o respeito. Thucidides, que entendaõ a materia, em que votaõ; que naõ se deixem corromper com peitas, e que saibaõ propor os negocios com graça, e destreza. Innocenc o III. quer que saibaõ tres couzas. Primeira, se o que se consulta, he licito segundo justiça. Segunda, se he decente segundo honestidade. Terceira, se cumpre segundo Direito. E assim votaráõ sem temor de respeitos, que os possaõ encontrar: porque, como diz Santo Agostinho, melhor he padecer por dizer verdade, que rece-

ber

ber mercês por lisongear: e he conselho de Christo, que temamos a perda da alma, e naõ a do corpo.

Devem ter os Conselheiros todos seus bens nas terras do Principe, a quem servem, e todas suas espetanças póstas nelle; e o Principe naõ deve manifestar sua opiniaõ, para votarem livres. E póstos nesta liberdade, naõ sejaõ faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deraõ: movaõ-se por razaõ: porque naõ muda, nem varîa o conselho, diz Tullio, quem o varîa, e muda para escolher o melhor. Covardes ha, para que naõ lhes chamemos traydores, que capeaõ sua má tençaõ no conselho com astucias, que nunca lhes faltaõ, encobrindo sua natural fraqueza, que nelles póde sempre mais, que a razaõ, e que a experiencia; que muitas vezes lhes mostra, que naõ tiveraõ causas para temer, e que lhes sobejou má vontade para enganar, e porisso varîaõ. Livrarse-ha destes o Principe, se os vigiar, naõ lhes admittindo o conselho para effeituar couzas illicitas; nem meyos illicitos, para conseguir couzas licitas: e assim he, que nesta pedra de toque vaõ sempre esbarrar seus quilates. Alguns Autores querem que os Conselheiros saibaõ muitas linguas, ou pelo menos as dos

póvos

póvos, que o ſeu Principe governa, ou tem por aliados, e amigos; porque corre perigo deſcobrirem os interpretes o ſegredo, ou declararem mal as Embaixadas. Pedro Galatino diz que eraõ obrigados os Juizes de Iſrael a ſaberem ſetenta linguas, para naõ fallarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter liçaõ das hiſtorias, e corrido muitas terras, e Naçoens; ſaber as forças do ſeu Principe, de ſeus viſinhos, amigos, e inimigos. Sejaõ liberais; porque o povo paga-ſe muito deſta virtude, e a ama, e a adora: o avarento ſempre he aborrecido, e por acodir á ſua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, ſem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvir a todos, ſem eſcandalizar com palavras, nem dar occaſiaõ de deſeſperarem as partes. E finalmente ſeja o Conſelheiro bom Chriſtaõ, e terá todos os requiſitos; porque a pureza da Religiaõ Chriſtãa Catholica naõ permitte vicio, que naõ emende.

Tribunal como, e que tal.

ARiſtoteles no lib. 1. da ſua Rhetorica diz, que toda a Republica para ſer bem governada deve ter cinco Tribunais. Primeiro da Fazen-

da

da publica, e particular. Segundo da Paz. Terceiro da Guerra. Quarto do Provimento. Quinto da Justiça. E nesta parte estamos melhor que a Republica de Aristoteles; porq̃ temos doze Tribunais, que bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum se chama tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com sua Relaçaõ, para onde se appella, e aggrava. Para o segundo da Paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e saõ o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Conciencia; e dous para o profano, que saõ a Mesa do Paço, e a Casa da Supplicaçaõ. Para o terceiro da Guerra temos dous; hum que se chama tambem da Guerra, e outro Ultramarino. Para o quarto do Provimento temos outros dous; hum he o da Camera, e outro o dos tres Estados. E para o quinto da Justiça temos outros dous, que já ficaõ tocados, e saõ a Mesa do Paço, e a Relaçaõ. E para melhor dizer, todos os Tribunais tiraõ a hum ponto de se administrar justiça ás partes. E finalmente sobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Estado.

Os Romanos tinhaõ hum Templo dedicado á Deidade do Conselho, e era escuro, para deno-

denotar, que os conſelhos devem ſer ſecretos, e que ninguem deve ver, nem entender de fóra, o que ſe trata nelles. Licurgo naõ permittia em Lacedemonia, que foſſem magnificas, nem ſumptuoſas as caſas, em que ſe faziaõ os conſelhos, e punhaõ os Tribunais, para que naõ ſe divertiſſem, nem enſoberbeceſſem os Conſelheiros. E até neſta parte ſe acõmoda Portugal muito aos antigos: e por credito ſeu naõ digo, o que me parecem os apoſentos, em que arma os ſeus Tribunais. Em outras couzas tomaramos que imitára os antigos, como no magnifico, e grandioſo de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliſcos, e outras maquinas, com que ſe ennobrecem as terras, e ſe affamaraõ Gregos, e Romanos. E em Lisboa, Promontorio mayor, e melhor do mundo, naõ haver huma obra publica, que leve os olhos! Se em minha maõ eſtivera, já tivera levantadas columnas mais mageſtoſas, que as de Trajano, e Agulhas mais grandioſas, que a de Xiſto; humas de marmores, e outras de jaſpes, que nos ſobejaõ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e ſe vejaõ até dos mares; e ſobre ellas as Eſtatuas del-Rey noſſo Senhor D. Joaõ o IV. e da Senhora Rainha, e do Sereniſſimo Principe ſeu filho, que encheſ-

enchessem, e authorizassem com suas Reaes Magestades os terreiros, Rocîos, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ este Reyno, e nos livraraõ do jugo de Castella sem arrancar espada, nem dar mostras de acçaõ violenta, como rayos, que obraõ seu effeito, antes que se ouça o trovaõ. Nem seriaõ isto gastos superfluos, quando o credito, e admiraçaõ, que delles resulta, causaõ nas Naçoens estranhas assombro, e respeito, com que se enfreaõ; considerando, que quem tem posses, e magnanimidade para couzas taõ grandiosas na paz, tambem as terá, para as que saõ mais necessarias na guerra. Mas elles vêm, que naõ temos hum Cais, que preste; que naõ ha hum Mole em nossos pórtos, nem fortificaçaõ acabada em nossas fronteiras; perdem o conceito, que deveraõ ter de nós, e tomaõ orgulhos, e audacias, para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido, e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? He que naõ ha quem cure do publico: e porisso já naõ me espanto do pouco apparato, e lustre dos nossos Tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só hum bem tem, que he estarem quasi todos juntos dentro de hum pateo; com

com que ficaõ menos trabalhoſos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo, e paſſadas na buſca dos Miniſtros; que tambem fora bom viverem arruados todos, e naõ taõ eſpalhados, e remotos huns dos outros, que fará muito hum requerente muito ligeiro, ſe der caça a dous, ou tres no meſmo dia, para lhes lembrar o ſeu negocio. Ao bem de eſtarem juntos os noſſos Tribunaes, ſe devera ajuntar outro de ſerem cõmunicaveis por dentro com o Paço Real; de ſorte, que pudeſſe ElRey noſſo Senhor ſem ſer viſto, nem ſentido, ver, e ouvir o que nos Tribunaes ſe obra. O Emperador dos Turcos tem huma geloſia coberta com hum ſendal verde, por onde vê, e ouve tudo, quanto os Baxás fazem, e dizem, quando ſe ajuntaõ em conſelho; os quaes ſó com cuidarem, que os eſtará eſpreitando o ſeu Rey, adminiſtraõ juſtiça, e naõ gaſtaõ o tempo em praticas, que naõ pertencem ao ſerviço de ſeu Senhor, ou ao bem publico.

Em concluſaõ: as Republicas ricas devem moſtrar ſua grandeza na mageſtade de ſeus Tribunaes com caſas amplas de frontiſpicios magnificos, e bem guarnecidos por dentro, claras, e ſumptuozas; porque a excellencia dos apparatos exteriores eſperta no interior dos animos eſpiritos grandiozos

diozos, e resoluçoens alentadas: alojamentos humildes acanhaõ os brios, embotaõ os discursos, e até nos intentos generosos lançaõ grilhoens, e algêmas. Tamara lib. 1. cap. 7. dos costumes das gentes diz, que havia em França antigamente hum costume, que eu naõ posso crer, que o Conselheiro, que acodia muito tarde ao conselho, tinha pena de morte, a qual logo se executava. E que se algum se desentoava, ou fazia arroîdos no Tribunal, lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de tomar isto dos Grous, que quando se ajuntaõ na Asia, para se mudarem de huma regiaõ para outra, depennaõ, e mataõ o que vem ultimo de todos. Juntos os Conselheiros no Tribunal, a primeira acçaõ, que devem fazer, antes de tratarem nenhum negocio, he oraçaõ ao Espirito Santo, offerecendolhe hum Padre nosso, ou huma Ave Maria pedindolhe, que os allumîe a todos illustrando-lhes o entendimento, para que saibaõ escolher, o que for mais conveniente ao Divino serviço, e mais proveitozo para o augmento da Republica, e bem de seu Principe. Dar principio a couzas grandes sem implorar auxilio do Ceo, he acçaõ de Satyros, ou de A'theos.

Voto,

Voto, e parecer de cada hum.

O Conſelho, voto, e parecer dos Conſelheiros he hum bom aviſo, que ſe toma ſobre couzas duvidoſas, para naõ errar nellas: toma-ſe ſobre couzas, que naõ eſtaõ na noſſa maõ; naõ ſe toma ſobre couzas infalliveis, porque eſtas pedem execuçaõ, e naõ conſelho; deve ſer de couzas poſſiveis, e futuras; porque as impoſſiveis preſentes, e paſſadas já naõ tem remedio. Naõ deixa o conſelho de ſer bom, por ſahir o ſucceſſo máo; nem o máo conſelho deixa de o ſer, por ter bom ſucceſſo; porque os ſucceſſos ſaõ da fortuna, e dependem das execuçoens; que muitas vezes por ſerem más, damnaõ a bondade dos conſelhos; e tambem por ſerem boas, emendaõ ás vezes o erro do conſelho. Os Carthaginenſes enforcavaõ os Capitaens, que venciaõ ſem conſelho, e naõ caſtigavaõ aos vencidos, ſe conſultavaõ primeiro, o que depois obravaõ. Na guerra, que os Gregos fizeraõ a Troya, mais montaraõ os conſelhos de Neſtor, e Ulyſſes, que as forças de Achilles, e Ayas. Henrique III. de Caſtella dizia, que mais aproveitavaõ aos Principes os conſelhos dos ſabios, que as armas dos valentes; porque mais illuſtres couzas ſe obraõ com o entendi-

tendimento da cabeça, que com as forças dos braços: e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaraõ a Athenas os conſelhos de Solon, que as vitorias de Themiſtocles. He muito prejudicial ſaberem os Conſelheiros, o que o Principe quer; porque logo buſcaõ razoens, com que o juſtifiquem. O Conſelheiro naõ ha de approvar tudo, o que o Principe diſſer; porque iſſo ſerá ſer liſongeiro, e naõ Conſelheiro. Muitos naõ tem nos conſelhos reſpeito ao que ſe diz, ſenaõ a quem o diz; ſe he amigo, vaõ-ſe com elle: ſenaõ he do ſeu humor, ou parcialidade, reprovaõ-no: e he muito prejudicial modo de governar eſte. Pequenos erros, que no principio naõ ſe ſentem, ſaõ mais perigoſos, que os grandes, que ſe vêm; porque o perigo, que ſe entende, obriga a buſcar o remedio; mas os erros, que ſe naõ ſentem, ou diſſimulaõ, creſcem tanto pouco a pouco, que quando ſe advertem, já naõ tem remedio; como a febre thiſica, que no principio naõ ſe conhece, e quando ſe deſcobre, naõ tem cura.

Conſelhos bons ſaõ muito bons de dár, mas muito máos de tomar: muitos os daõ, e pouco os tomaõ. Conſelhos máos tem duas raizes: ou naſcem de odio, ou de ignorancia: por peores tenho os primeiros; porque a ignorancia procede

da

da fraqueza, e o odio resulta da malicia; e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conselhos pódem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os daõ, e poucos os tomaõ; ou seja no termo *á quo*, quando se dá conselho, pois todos o lançaõ de si; ou seja no termo *ad quem*, quando se recebe, pois poucos o admittem. Que sejaõ tomados com aborrecimento, he couza muito ordinaria: que sejaõ dados com odio, naõ he taõ commum; mas he grande mal; porque nunca póde ser boa a planta, que nasce de má raiz, ou se enxerta em roim arvore. E com ser máo o conselho deslindado nesta fórma, era muito bom para ser dinheiro pela propriedade que tem; e já dissemos, que muitos o daõ, e poucos o tomaõ. Em huma couza se parece muito o conselho com o dinheiro, e he, que ambos saõ muito milagrosos. Tres milagres muito grandes achou hum discreto no dinheiro; naõ ha quem os naõ experimente, e por serem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles. Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe pegasse doença. Segundo, que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle, que lhe pegasse doença; porque an-

dando por mãos de quantos leproſos, ſarnoſos, morbogallicos, e empéſtados ha no mundo, e paſſando dellas para as mãos do mais mimoſo fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença ſabemos, que lhes pegaſſe, mais que fome de lhe darem mais. Donde colho que naõ he bom o dinheiro para paõ; que ſe fora paõ, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro; porque o recolhem em bolças de ambar, e ſeda, o guardaõ no ſeyo, e até na boca o metem, ſem terem aſco delle, nem ſe lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelozas, e de lacayos rabugentos, e de negros rapoſinhos. E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem póde elle ſahir da mais immunda cloaca, reſpira nelle bemjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de cheirar a ambar, algalia, e almiſcar. Tal he o conſelho: ſe he bom, nenhum mal faz: ſe he máo, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do Inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do Paraiſo: e entaõ mais, quando vem deslumbrando com tais nevoas, que tolhem a viſta de ſeu conhecimento. De tudo o dito ſe colhe, que ſe divide o conſelho em bom, e máo:

e máo: ſe he bom, recebe-ſe com aborrecimento, ſe he máo, dá-ſe por odio. Quando ſe recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que ſeja; quando ſe dá por odio, pertende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que ſe aceita. Deos nos livre de ſer odioſo o conſelho, tanto me dá por reſpeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe: em manquejando por algum deſtes dous pólos, ou naõ temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz; e de qualquer modo cauſa ruinas, e grandes perdiçoens. Para ſe livrar o Principe de todas eſtas Scylas, e Charybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos, e animos de ſeus Conſelheiros: e faça poriſſo, porque niſſo eſtá a perda, ou ganho total de ſeu Imperio.

Reſoluçaõ do Conſelho.

A Reſoluçaõ he conſequencia dos votos, e della naſce a execuçaõ, e deſta o bom effeito, que he o fim, que ſe pertende nos Conſelhos. Nas emprezas devem-ſe executar as reſoluçoens, que tem menos inconvenientes; porque he impoſſivel naõ os haver: e quem ſe naõ aventurou, nem perdeo, nem ganhou: e hum perigo com outro ſe vence; e atraz do perigo vem o provei-

 to.

to. Naõ devem os que consultaõ deixar de executar, o que se determina, porque haja perigo na execuçaõ; se he mayor o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo, que de naõ executar se, encorre. Prudencia he consultar com madureza, e executar com diligencia: *O Conselho na almofada*, diz o Proverbio, *e a execuçaõ na estrada*; e porisso se dizia dos Romanos, que assentados venciaõ. Principes ha, que para que naõ lhes vaõ á maõ no que determinaõ, naõ admittem a Conselho, os que sabem lho naõ haõ de approvar, para que naõ lhes debilitem os animos, dos que esperaõ os ajudem no seu parecer: prejudicial modo he este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveo, naõ se devem lembrar do conselho, que deixaraõ de seguir; para que naõ lhes esfrie o gosto, que dá alma á execuçaõ: e esta naõ se deve cõmetter nunca a quem foy de contrario parecer; porque por fazer a sua opiniaõ boa, dá a travéz com toda a empreza por modos illigitimos, que seu capricho lhe inculca, e capêa já com a pressa, já com o vagar, que prova sofisticamente serem meyos necessarios. Negocios ha, que he melhor deixalos hum pouco, que executalos logo; porque executados se malograõ, ou concluem tarde; e dissimu-

ſimulados ſe esfriaõ mais cedo: muitas doenças ſara o tempo ſem mézinhas, e naõ o Medico com ellas: muitos negocios ſe perdem; porque naõ ſe executaõ em ſeus lugares, e conjunçoens: deve eſtar a empreza ſazoada para ſe effeituar, como a horta diſpoſta para ſe ſemear.

Quando o governo começa a deſcahir, porque ſaõ mais os que reſolvem mal, que os que reſolvem bem, pouco impedimento baſta, para que naõ ſe execute, o que na conſulta ſe examina; e ainda que alguns aconſelhem bem, naõ baſtaõ a ordenar, o que os mais deſordenaõ: nem ſerve de mais o eſtar no Conſelho, que participar da culpa, que tem os que governaõ mal: e ſó lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo, conhecido o erro: e he hum remedio muito prejudicial; porque diminue muito na authoridade do Principe, e augmenta impetos de deſobediencia nos Miniſtros para as execuçoens, que mais importaõ. O Principe conſulte, e cuide bem o que decreta; porque naõ parece bem retratado, ſalvo for em quadro com bom pincel; mas com penna nem de palavra, naõ fica gentil-homem. Se o erro for pequeno, melhor he ſuſtentallo, ſe naõ ſe ſeguir delle grande damno, ou alguma offenſa de Deos; porque prepondéra mais o credito do

Principe: e ſe for de qualidade, que peça emenda, haja algum Miniſtro fiel, que o tome ſobre ſi, e tambem a pena, que o Principe moderará, ou perdoará a titulo de deſcuido; e aſſim ſe dará ſatisfaçaõ a todas as partes, ficando illeſa a authoridade mayor. Se houveſſe Principe, que facilmente ſe retrataſſe, allegando que naõ he rio, que naõ haja de tornar a traz? Reſpondera-lhe que ha tres R.R.R. que naõ tornaõ atraz, por mais montes de difficuldades, que ſe lhe ponhaõ diante: e ſaõ: Rey, Rio, e Rayo, e o Rey muito mais; porque ſe dér em dobrar-ſe, em dous dias perderá o credito, que conſiſte em ſuſtentar ſua palavra; que como dizem palavra de Rey deve ſer inviolavel: e ſe o naõ for, faltarlhe-haõ os ſubditos com a inteireza da obediencia, em que ſe apoya a Mageſtade, e naõ o conheceráõ por Rey, nem por Roque. E ſeguirſe-haõ damnos irremediaveis, os quaes pertendemos atalhar em todo o diſcurſo deſte Capitulo; que bem conſiderado vem a ſer, que do bom conſelho ſe ſegue o bom governo, que ſuſtenta as Republicas illeſas; e do máo reſultaõ aſſolaçoens de Reynos, e ruinas de Imperios; e o mundo todo he pequena pelóta para o bote, ou rechaço de hum lanço de máo governo.

Ca-

****

CAPITULO XXXI.

Dos que furtaõ com unhas ſabias.

HA no Braſil, e Cabo Verde tantos bugîos, que ſaõ praga; e porque os eſtimaõ em Portugal, e em muitas partes por ſeus tregeitos, uſaõ lá hum modo de os caçar ſem os ferir muito facil, e recreativo. Lançaõ-lhes cocos abertos, e provîdos de mantimento nas paragens, onde andaõ mais frequentes; mas abertos com tal proporçaõ, que caiba a maõ do bugîo aberta, e naõ fechada; e com eſte animal ſer taõ ardiloſo, que cuidaõ os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do coco, nunca o larga, nem ſabe abrir a maõ para a tirar fóra. Daõ ſobre elles os caçadores de repente, tanto que os ſentem enfraſcados no ſevo; e porque tem ſeu valhacouto nas arvores, fogem para ellas, e faltandolhes as mãos para treparem, deixaõ-ſe apanhar, por naõ largarem a preza do mantimento. Mais ardilozas ſaõ as cobras, que para eſcaparem de animaes inimigos, que as perſeguem, fazem minas, em que ſe guarecem, largas no principio, e eſtrei-

eſtreitas no cabo com ſua ſahida apertada, por onde eſcapaõ, deixando entalado ſeu inimigo; e logo voltando-lhe nas coſtas pela primeira via, lhe tiraõ a vida a ſeu ſalvo, e logra o deſpojo do cadaver. Fazer huma facçaõ de grande porte he valentia, carregar nella de grande preza he felicidade; deixar-ſe render com a preza nas mãos, e perdella com o credito, e vida, he deſgraça, e he ignorancia de bogîo. Levarem-me a preza, e illa tirar das garras do inimigo, mas que ſeja com emboſcada, e eſtratagema, he prudencia de ſerpente: e eſtas ſaõ as unhas de que trato, que ſabem peſcar com ſabedoria, ſem deixar raſto de que lhe peguem, nem porta aberta, por onde o cacem.

Ha outras unhas, que poem ſua ſabedoria em fazerem bem o ſalto, e darem logo outro, com que ſe ponhaõ em cobro; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Caſtella os vi applaudindo ſeus medicamentos pelas praças; e para prova de ſua efficacia paſſavaõ com eſtocadas ſuas proprias tripas [ſe naõ eraõ as de algum carneiro] e untando a ferida ſe davaõ logo por ſaõs: e a gente immenſa, que iſto via, comprava ſem reparo as unturas, que vinhaõ a ſer azeite com

cera,

cera, e alecrim pizado; e os vendedores paſſavaõ avante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheyas de unguentos, que naõ preſtavaõ para nada. Melhor ſuccedeo a hum, que vi em Evora [Caſtelhano era] fez hum theatro na praça, poz nelle dous caixoens de canudos do unguento milagroſo, que ſervia para todos os males: bailou ſua mulher, e huma filha, que volteava por cima de huma meſa; fizeraõ entremezes, a que acodio toda a Cidade: diſſe elle no cabo tais gabos da mézinha, que naõ ficou peſſoa, que a naõ compraſſe a toſtaõ cada canudo, até vazar de todo os caixoens, que encheo de prata: e ao outro dia deu comſigo em Caſtella, levando de caminho outros lugares: e ſey que cegou huma peſſoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrévar de huma perna, potque a untou com elle.

Outras unhas ha taõ ſabias como eſtas, para pilharem dinheiro vendendo ſabedorias. Neſta Corte andou hum brixote veſtido de vermelho na era de 642. promettendo huma receita, ſe lhe déſſem tantos, e quantos, com que ſe conſervaria carne freſca mais de hum anno, frutas, e hortaliças: excellente invento para as náos da India, mas nada vimos, que conſeguiſſe effeito. Eu o vi

em Evora fixar carteis impressos pelos cantos, que tinha hum medicamento para conservar os vinhos, e melhoralos: e hum curioso lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel; e fora melhor fazella em hum quarto, para naõ perder duas pipas de vinho, que se lhe danou com a buxinifrada de arêa, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais sabichaõ que todos veyo vendendo, que sabia fazer bombardas de parafuzos, que pudessem levar cincoenta soldados cada huma em roscas, e armalla, e disparar aonde quizessem: poem-se a especulaçaõ em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e crisma a quasi todos. Outro taõ sabio em pilhar dinheiro como este prometteo fazer pessas de artelharia taõ leves, que pudesse levar duas huma azémola, como costaes em carga á campanha; e que as havia de fazer de couros crús, e cosidos, taõ fortes, que disparassem quatro tiros sem risco algum de arrebentarem: poz-se a maquina em effeito; e eu a vî em Elvas lançada em hum monturo, porque arrebentando com meya carga de prova nos descarregou a todos deste cuidado.

Outro gabando-se de engenheiro consumado, prometteo humas barcaças, que sahindo do Rio de Lisboa abrazariaõ todos esses mares, e

quan-

quantas armadas inimigas nelles houvessem: encheo os de palhas, e chamiços, que estavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. Joaõ, e day cá por cada invento destes tantos mil cruzados. Tal como este foy outro em Campo mayor, que se gabou sabia fazer huma arca de foguetes em fórma de gîrandola; e que haviaõ de sahir della de soslayo todos juntos, como rayos, a ferir as barbas do inimigo com ferroens de settas. Por mais louco tive outro, que trouxe a este Reyno hum segredo de armas de papel, que disse sabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova de mosquete, e taõ leves como a camisa. Que haja no mundo embusteiros, naõ he para mim couza nova; mas que haja em Portugal quem os ouça, e admitta, he o que choro; sem acabarem de cahir, que tudo saõ sonhos de Scipiaõ, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos armaõ, mais a levar o ouro do Reyno, que a defender a Coroa delle; e nisto he que poem toda a sua sabedoria, que trazem escrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós taõ sabias, que despontaõ de agudas: e podemos dizer dellas, o que disse Festo a S. Paulo: *Multæ te literæ ad insaniam convertunt.* Actor. 26. Que os fazem doudos

doudos as muitas letras que alrotaõ. Estes saõ os Estadistas, Alvitristas, Criticos, e Zoilos, que tem por ley seu capricho, e por idolo sua opiniaõ; e para a sustentarem, naõ reparaõ em darem atravéz com huma Monarquia: e ha gente taõ cega, que levada só do sequito, que os tais por outra via ganharaõ, até a seus erros chamaõ sabedoria, sem advertirem nos grandes damnos, que de seus conselhos nos resultaõ.

****

CAPITULO XXXII.

Dos que furtaõ com unhas ignorantes.

DItosas unhas saõ estas, porque depois de fazerem immensos damnos no que desfazem, e desbarataõ com seus assaltos, ficaõ sem obrigaçaõ de restituir, se a ignorancia he invencivel; que se he crassa, ou supina, corre parelhas com as dos ladroens mais cadimos. Ha humas ignorancias, que somos obrigados a vencellas pelas regras de nosso officio, que nos estaõ advertindo tudo: e quem he ignorante na arte, ou officio, que professa, todos os damnos, que dahi resultaõ ás partes,

tes,

tes, a elle se imputaõ, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendallo, o consente. Como póde ser Medico, quem nunca estudou Medicina? Como póde ser Piloto, quem naõ entende o Astrolabio? Como póde ser Advogado, quem nunca leo a Ordenaçaõ; e o mesmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate se naõ sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno: e hum sarralheiro, se naõ sabe dar a têmpera ao ferro, ou aço, damna-vos a pessa, que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se vem a refundir innumeraveis, e insofriveis perdas, que causaõ a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que saõ as couzas, que mais se estimaõ. Bem provîdo está tudo com Examinadores para todas as Artes, se naõ houvera peitas, e intercessoens, que corrompem até os mais escoimados Rodamantos. E se isto naõ basta, logo achaõ hum sabio na sua ciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinaçaõ, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo, que se tolére, e permitta provarem cursos em Coimbra mais de hum cento de Estudantes todos os annos, sem pôrem pé

na

na Univerſidade? Andaõ na ſua terra matando caens, e eſcrevem a ſeu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, repreſentando ſuas figuras, e nomes: e daqui vem as ſentenças laſtimoſas, que cada dia vemos dar a Julgadores, que naõ ſabem, qual he a ſua maõ direita, mais que para embolçarem com ella eſportulas, e ordenados, como ſe foraõ Bartholos, e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens, e pagarem-ſe, como ſe foraõ Avicenas, e Galenos. E a graça, ou mayor deſgraça he, que nem o diabo, que lhes enſinou eſtes enredos, lhes ſaberá dar remedio, ſalvo for levando-os a todos, que he o que pertende.

No ſerviço delRey naõ ſe devem tolerar tais ignorancias, porque ſe ſeguem dellas damnos graviſſimos. Quem perdeo as náos, que vinhaõ da India carregadas até ás gavias de riquezas? Dizem que o tempo: e he engano: naõ as perdeo, ſenaõ a ignorancia dos Pilotos, que foraõ dar com ellas em baixos, e cachópos. Quem desbaratou a frota, que hia para o Braſil? Dizem que os piratas: e he engano: naõ a desbaratou, ſenaõ a ignorancia dos marinheiros, que naõ ſouberaõ velejar a propoſito. Quem perdeo a vitoria na campanha? Dizem que a remiſſaõ da cavallaria:

e he

e he engano: naõ a perdeo, ſenaõ a ignorancia dos Coroneis, que naõ ſouberaõ diſpôr as couzas, como convinha. Gente biſonha, e mal diſciplinada occaſionaraõ com ignorancias intoleraveis perdas; e o que ſe deve ſaber, e advertir, nunca tem boa eſcuza: mas naõ ha morte ſem achaque, todos ſabem dar ſahida a ſeus erros, fazendo homicida á fortuna, que eſtá innocente no delicto. Mas como o mal, e o bem á face vem, logo ſe deixa ver a fonte da culpa: e he grande laſtima, que arrebente eſta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens taõ ignorantes, que ſempre deixaõ raſto como lêſmas, e a meſma preza os deſcobre; como o que furtou o trigo, ſem advertir, que era o ſaco roto, e pelo raſto delle, que hia deixando, lhe deraõ na trilha, e o apanharaõ. Outros porque ſe carregaõ tanto, que naõ pódem fogir, ſaõ alcançados. Outros porque ſe veſtem do que furtaraõ, ſaõ conhecidos; e todos ſó por ignorantes ſaõ deſcobertos. Antes he propriedade da ignorancia, que por mais, que ſe eſconda, naõ póde muito tempo eſtar occulta. Como ſuccedeo na Alfandega do Porto por deſcuido do Provedor, e incuria de ſeus Miniſtros, que a balança, em que ſe pézaõ

os açucares, e drogas, que pagaõ direitos pelo pezo, ſe falſificou de maneira, que a em que ſe punhaõ os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra, em que ſe punhaõ as caxas, e fardos, ſem ſe dar fé deſte delirio, ſenaõ depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos ſeus direitos. Iſto de balanças deve andar ſempre muito vigiado, e naõ excluo daqui a caſa da Moeda: pudera referir aqui muitos modos, que ha de furtar nellas, e deixo, porque naõ pertencem a eſte capitulo, ſeu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigaçaõ, ſe naõ enxirir aqui huma ignorancia fatal, que anda moente, e correnre neſte Reyno, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens, ainda que ellas obraõ com injuſtiça, o que nós podemos imitar ſem nenhum eſcrupulo. E he, que nenhuma gente ha taõ deſmazelada, que fazendo huma frota, ou armada para alguma empreza, naõ aſſegure os gaſtos della por todas as vias; de tal ſorte, que ſe o primeiro intento naõ ſucceder, ſe recupére no ſegundo, ou no terceiro. Como agora: faz o Hollandez, ou o Inglez huma armada, para hir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada huma grande preza: e ſe eſta lhes eſcapa das unhas, por ventura de huns, ou deſ-

graça

graça de outros, já levaõ destinada outra facçaõ, e outra em outras paragens, sejaõ quaes forem, para onde viraõ logo as prôas, e naõ se recolhem para seus pórtos, sem trazerem, com que refaçaõ ao menos os gastos, quando naõ enchaõ as bolças. Só Portugal he nisto taõ pródigo, que tem por timbre [chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia] entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fruto, que o de dar hum passeyo com bizarria por Val das eguas, e tornar-se para casa com as mãos vazias, e as frasqneiras despejadas. Quanto melhor fora levar logo no Roteiro, que se naõ acharem piratas, que os busquem até dentro em seus pórtos; que vaõ a Marrocos, que vaõ ás barras de nossos inimigos, que esperem, que sayaõ, e que naõ se venhaõ sem recuperarem por alguma via os gastos, pelos menos, os que vaõ fazendo; e a estes sem fruto chamo tambem unhas ignorantes.

****

CAPITULO XXXIII.

Dos que furtaõ com unhas agudas.

TOda a unha, que arranha, he aguda; e toda a unha, que furta, arranha até o vivo: logo todas as unhas, que furtaõ, ſaõ agudas. Bom eſtá o argumento, e bem conclue o ſyllogiſmo. Mas naõ fallo deſſa agudeza, ſenaõ da ſubtileza com que alguns furtaõ, ſem deixarem raſto, nem pégada de que lhes pegue: e aqui bate o ſubtil, e o agudo deſta arte. O eſtudante, que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Univerſidade de Coimbra, como ſe fora ſua, a hum homem do campo, naõ andou ſubtil; porque ainda que fez o contrato no páteo, e a entrega na Capella ſem teſtemunhas, e ſe acolheo com dez mil reis nas unhas, logo ſe deſcobrio a maranha, e o apanharaõ pelos ſinais, que deu o villaõ, e lhe fizeraõ pagar o capital, e mais as cuſtas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas, a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o poz em huma Igreja, onde eſtava o Padre Cura confeſſando, e chegan-

chegando-ſe a elle, lhe pedio por mercê á puridade, ſe lhe queria ouvir de confiſſaõ aquelle homem, e reſpondendo alto que ſim, e que eſperaſſe, que logo o deſpacharia, ſe deu o vendedor por ſatisfeito, cuidando o mandava eſperar, para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o ladraõ de ſe acolher com o furto; mas naõ advertio, que o podia conhecer o Confeſſor, como conheceo, de que reſultou ſahir o ladraõ da alhada com mais perda, que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da meſma Cidade de Coimbra hum foraſteiro bem veſtido, armou a lhe furtar o fato na volta: e armou bem para ſeu intento; porque o eſperou no bocal de hum poço, que eſtá na eſtrada, por onde havia de paſſar, chorando ſua deſgraça, e que lhe cahira naquelle inſtante huma cadêa de ouro dentro no poço, e que daria hum dobraõ, a quem lha tiraſſe. Moveo-ſe a compaixaõ o paſſageiro, que devia de ſer homem de bem, ſe naõ he que o picou o intereſſe, e poriſſo naõ preſumio malicia: gabou-ſe que ſabia nadar como hum golfinho, e que lhe tiraria a cadêa de mergulho: deſpio-ſe, ſem ſe deſpedir do veſtido, que logo ſe deſpedio delle; porque o matalote da cadêa, tanto que o vio debaixo da

agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato, e cabana, deixando a ſeu dono como ſua mãy o pario, ſem lhe deixar raſto, nem pégada, por onde o ſeguiſſe: nem podia, ainda que quizeſſe, pelo deixar prezo ſem cadêa, nem grilhaõ, como pintaõ as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid, e naõ menos ardiloſa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e ſemelhantes na guarniçaõ, e pregadura: meteo em huma tres mil cruzados de joyas, e na outra outro tanto pezo de chumbo, e pedras, que achou na rua; e eſcondendo eſta na manga, ſe foy com a outra a hum mercador rico, que lhe déſſe dous mil cruzados a cambio ſobre aquellas joyas: celebraraõ o contrato, ſem reparar ella na quantidade dos redditos, porque naõ determinava de os pagar; nem elle no capital, porque ſe aſſegurava com as joyas. Virou-ſe contra hum eſcritorio para tirar o dinheiro, e com mayor velocidade a ſenhora harpîa trocou as bocetas, pondo na meſa a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joyas; e levando a chave comſigo, para que lhe naõ enxovalhaſſem as joyas, ou atiraſſem com as pedras, ſe foy com os dous mil cruzados, onde nunca mais appareceo, nem

nem apparecerá, ſenaõ no dia do Juizo.

Naõ andou menos aſtuta outra Senhora na meſma Corte, para ſe veſtir de córtes os mais precioſos, que achou na calhé Mayor, á cuſta do mercador, que lhos cortou por ſua boca ſua medida. Alugaõ-ſe em Madrid amas, aſſim como em Lisboa eſcudeiros, para acompanhar: tomou huma, que tocava de mouca, e chamando-lhe madre mia, ſe foy com ella, aonde fez a compra de tudo o melhor que achou, ſedas, télas, e guarniçoens, que paſſáraõ de quinhentos cruzados, ſem reparar em medidas, nem em preços: e quando foy á paga diſſe: *Que nò trahia caudal baſtante, porque nò penſava, que hallaria coſas tan lindas, que alli quedava ſu madre, y que luego bolvia con todo el diñero: quede-ſe aqui madre mia, que yo voy con eſta niña, que lleva la ropa, y buelvo luego en hora buena*, reſponderaõ ambos mercador, e velha, ignorantes da treta; de que a velha ſe livrou em duas audiencias, provando, que era de Alquiler, e mouca, e ſervia a quem lhe pagava: e o mercador pagou as cuſtas ſobre o capital, que lhe acolheo, e naõ alcançou ainda. Em Lisboa certo picaõ tinha huma mulata mais amiga que ſua, porque era forra, e grande conſerveira, trato, com que vivia, e o

ſuſtentava a elle paſſeando ſem nenhum trabalho; e ſe algum tinha, era com os Confeſſores, quando ſe deſobrigava nas Quareſmas. Tratou por huma vez dar de maõ ao trato, e para iſſo fallou com hum Sevilhano, Capitaõ de hum navio, ſe lhe queria comprar huma mulata de grandes partes? E para que tomaſſe conhecimento dellas o convidou a jantar, e que o preço della ſeria, o que ſua mercê julgaſſe em ſua conciencia. Avizou-a que tinha hum hoſpede de importancia, e que ſe eſmeraſſe para o dia ſeguinte no jantar, a que o tinha convidado: meteo a innocente velas, e remos, e fez de peſſoa com todo o empenho hum banquete, que ſe pudéra dar a hum Emperador, e ſervio á meſa, como criada, dando-ſe por autora de todos os guiſados, e acipipes. Ficou o Caſtelhano ſatisfeito, tanto, que talhou a compra em duzentos cruzados, que logo contou em patacas ao picaõ: e ficaraõ de acordo, que lha entregaria no dia de ſua partida levando-lha a bórdo; e aſſim o fez enganando-a ſegunda vez; porque o Sevilhano a queria regalar no ſeu navio em retorno do banquete. Poz-ſe ella de vinte e quatro, como ſe fora a bodas; e ficou nos piozes; voltando-ſe o amigo para terra dizendo comſigo: veremos agora, ſe me negaõ a abſolvi-

çaõ

ção os Padres Curas. O navio deu á vela: gritava a triste, que era forra! Consolava-a o Castelhano: *Que luego se le iria aquella pasion, como se viesse en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa, y que iva para ser señora, más que esclava, de una casa muy noble, y rica, &c.*

Estas saõ as unhas agudas, que fazem a sua sem deixarem coimas:. e destas ha milhares, que na fazenda delRey fazem grandes estragos com alvitres, e conselhos, que despontaõ de agudos, e levaõ a mira em encherem as bolças; como se vio nos das maçarocas, e bagaços, de que naõ resultou mais que gastos da fazenda Real para Ministros. E destes ha alguns taõ déstros, que provêm todos os officios em seus criados, para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheos: e saõ os peores; porque com as costas quentes em seus amos, procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha destas, que por naõ encontrarem fazenda Real, em que empolguem, aproveitaõ-se da authoridade do Rey, para dar no povo com admiraveis traças, e habilidades, que a arte lhes ensina: e bem de exemplos a este proposito deixámos referidos no cap. 4. em que mostrámos, como os mayores ladroens saõ, os que tem por officio livrarnos de ladroens.

CA-

****

CAPITULO XXXIV.

Dos que furtaõ com unhas ſingelas.

MElhor diſſera rombas, ou groſſeiras, para as contrapor com as agudas, de que até-gora fallámos: mas tudo vem a ſer o meſmo, e muito mais ainda; e logo contraporemos eſtas com as dobradas, que ſe ſeguiráõ. E para intelligencia de hum, e outro capitulo, devemos preſuppor, que aſſim como ha unhas dobradas, tambem as ha ſingelas. Dobradas ſaõ, as que ſe apreſtaõ de varios modos, e invençoens, com tal arte, que nunca lhes eſcapa a preza. E daqui ſe infere, que as ſingelas eraõ as que naõ tem mais, que hum modo, e caminho, por onde furtaõ; naõ armaõ mais que a hum lanço, e ſe erraõ o tiro, ficaõ ſem nada. E accreſcento mais, porque ſingelo quer dizer ſimples; que furtar ninherias, e de modo, que vos apanhem, tambem he ſer ladraõ de unhas ſingelas. Furtar cinco, ou ſeis mil cruzados abrindo portas com gaſúas, ou arrimando eſcadas, e deſtelhando as cazas para decer por cordas, e dar no theſouro,

modos

modos saõ de furtar, que sabe qualquer ladraõ, antes de ser graduado, ou marcado, que he o mesmo. Mas levar o thesouro sem gasúas, sem escadas, sem cordas, nem sobresaltos, aqui está o subtil da arte, e o naõ ser aprendiz singelo. Furtar esse thesouro, e dar comsigo na forca, porque o apanharaõ com o furto nas mãos, ou com as mãos no furto, isso he furtar de ladroensinhos novatos, que naõ sabem, qual he a sua maõ direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de hum milhaõ, e outro em cima, e ficar taõ enxuto como hum inhame; e taõ escoimado, como hum noviço cartuxo, sem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroîce; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinaçaõ, com foro, e privilegio de mestre graduado nesta ciencia: e destes doutores ha mais de hum milhaõ, que cursaõ as Cathedras, e escólas de Mercurio, e Caco. E quem saõ estes? Perguntastes bem; porque como naõ trazem insignias de seus gráos, nem sinal manifesto de sua profissaõ, saõ máos de conhecer; e entaõ melhores mestres, quando peores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, saõ insignes.

Seraõ eſtes, os que vos ſayem nas eſtradas com carapuças de rebuço, e eſpingardas no roſto? Tiray lá, que ainda que lhes chamais ſalteadores por antonomaſia, ſaõ formigueiros por profiſſaõ; e taõ ſingelos, que nunca levantaõ caſa de ſobrado, nem tem bens de raiz, nem ajuntaõ moveis, que naõ caibaõ de baixo do braço; ſaõ como o caracol, que traz a caſa comſigo, e como o Philoſopho, que dizia: *Omnia mea mecum porto.* Tudo, quanto tenho de meu, trago comigo. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ſer alheo. Seraõ os alfayates, que lançando o giz álem das medidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ a limpo, ſujando a conciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calçaõ de veludo para ſi, e huma anagoa para ſua mulher? E tambem ſaõ ladroens ſingelos; porque ſaõ caſeiros, criados á maõ, naõ mataõ, nem ferem: quanto tomaõ, cabe em huma arca, que chamaõ rua; e poriſſo juraõ, quando lhes perguntais pelos retalhos, que ſobejaõ, ainda que ſejaõ muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficais ſem eſcandalo do que vos levaõ. Seraõ os Tabelliaens, e Eſcrivaens, que ha ſem numero neſta Corte, e em todo o Reyno, que com huma pennada tiraõ, e daõ cem mil cruzados

zados a quem querem? Esses grandes ladroens saõ, mas singelos, principalmente quando se applicaõ a si o que furtaõ, porque logo se lhes enxerga; como aquelle, que fez humas casas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje se chamaõ da Pennada; porque vendo-as ElRey D. Sebastiaõ, disse: Boa pennada deu alli o Tabelliaõ! De mais de que, como poem por escrito tudo, saõ faceis de apanhar seus erros de officio: e se dobraõ o partido com outro, para se justificarem, ficaõ á revelia de quem fará, que percaõ o feito, e o por fazer: e lá irá quanto Martha fiou, por se fiarem, de quem lhes naõ deu fiança a lhes guardar segredo no conluyo.

Seraõ os soldados de cavallo, que quando se vêm montados em ginetes, que naõ saõ de seu gosto, lhes daõ tal trato, que em quatro dias daõ com elles no almargem, e no monturo, para que os provejaõ de outros? Tambem saõ ladroens singelos; porque dando com isso grande damno a Sua Magestade, ficaõ com pouco proveito. Outros ha neste genero mais escrupulosos, que por naõ serem homicidas da fazenda Real, lhes ataõ sedas nos artêlhos dos pés, ou das mãos com tal arte, que os fazem manquejar, até que os provêm de outros. E o furto está no damno, que se

dá

dá a ElRey, e á milicia; porque ſe vende o cavallo manco por dous, ou tres mil reis, para huma atafona, ou nora, tendo cuſtado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o ſoldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvoshey eſte rocim ſaõ em duas horas? Concertaõ-ſe em dez, ou doze toſtoens; applicaſhe hum emplaſto de herva moura, para diſſimular a tezoura, que vay por baixo, e córta a ſedella, que lhe peſcou os toſtoenszilhos, e fica o cavallinho ſaõ como hum pero no meſmo inſtante; e quem o mancou, e deſmancou, taõ quieto na conciencia, como maré de roſas. Os infantes coitadinhos, querem alguns Criticos eſpeculativos, que ſejaõ de unhas dobradas, porque ſaõ multiplicados os ſeus furtos: mas naõ tem razaõ, que aſſás ſingelos andaõ; e ſe agaſalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que ſeja hum carneiro, ou huma vaca, quando vaõ de marcha por eſſes campos de Jeſu Chriſto, he, porque os achaõ deſgarrados, para que os naõ coma o lobo; e aſſás ténue vay tudo, e aſſás ſingelo. Andem elles fartos, quero dizer pagos, e póde ſer que tenha tudo emenda. A obrigaçaõ, que a todos corre, já o diſſe no capitulo 21. das unhas Militares.

Ca-

****

CAPITULO XXXV.

Dos que furtaõ com unhas dobradas.

JA' dissemos, que unhas dobradas saõ, as que se armaõ de varios modos, e invençoens, para furtar com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento, que chamamos Dilema; porque joga com duas proposiçoens, como com páo de dous bicos, que necessariamente vos haveis de espetar em hum delles. Tais saõ os ladroens, que chamo de unhas dobradas; porque as aguçaõ de sorte, que por huma via, ou por outra lhes haveis de cahir nellas: com hum exemplo ficará isto claro, e corrente. Quando Sua Magestade, que Deos guarde, manda fazer cavallaria para as fronteiras, he certo, que ha grandissima variedade nos preços, e que nunca se ajustaõ os avaliadores, humas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o Dilema, de que naõ póde escapar o furto: quando levantaõ o ponto, no escudo delRey vay dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores descarrega o golpe. E succede ordinariamente a pesca, sem os Ministros delRey serem sabedo-

bedo-

bedores das redes, com verem abertamente os lanços: ainda que pela experiencia bem puderaõ advertir na desproporçaõ dos preços: furta-se a ElRey, que manda comprar os cavallos, ou furta-se aos vendedores: e a restituiçaõ de ambos os furtos, se bem a averiguarmos, vem a ficar ás costas dos avaliadores; que ordinariamente saõ os alveitares das terras, onde se fazem as resenhas, e escolhas dos potros, cavallos, e dragoens mais aptos para a guerra: e succede assim, que se o vendedor he poderoso, intimída os ferradores, ou os peita, para que ponhaõ em quarenta, o que naõ vale vinte; e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade; e se o vendedor naõ tem ardil, nem poder, para agencear, e seguir esta trilha, avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem cõmum, a que se encostaõ, para engolir o escrupulo: e assim por huma via, ou por outra ordinariamente se afastaõ, e poucas vezes se ajustaõ com o legitimo preço, errando o alvo, ora por alto, ora por baixo. E he certo, que Sua Mageftade, que Deos guarde, naõ quer nada disto: naõ quer o primeiro; porque defrauda seus thesouros: naõ quer o segundo; porque offende seus vassallos; que tambem naõ saõ contentes de serem enganados em

mais

mais da ametade do justo preço: com que fica certissimo, que he furto manifesto por huma via, e por outra. Nesta agua envolta escorreraõ ás vezes os executores tambem com os poderes Reaes, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos: e talvez succede tomarem hum, e dous, e tambem tres por dez mil reis, e por oito cada hum, a titulo de irem servir com elles ás fronteiras, e dahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta, e por cem mil reis, por ser de boa raça, e melhores manhas. Se nisto ha furto, perguntem-no a seus Confessores, e veraõ o que lhes respondem com Navarro. Mas má hora, que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas, e póde ser, que mais proveitoso: e he, quando dous vaõ forros, e a partir no interesse, e succede na mesma cavallaria, quando della se fazem resenhas para as pagas; e tambem acontece o mesmo na infanteria. Tem hum Capitaõ oitenta cavallos sómente, passa mostra de cento e vinte, porque pedio quarenta emprestados a outro Capitaõ seu amigo, a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo, quando fizer a sua resenha: e assim embolçaõ ambos oitenta praças de ausentes, que bem esmadas por mezes, fazem

ſomma de mil e duzentos cruzados cada mez; e ſe durar a tramoya hum anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados: e ſe uſarem della muitos cabos, teremos de pôr de portas adentro pilhagens, e pilhantes peores, que os que nos vem de Caſtella ſaltear os boys, e ovelhas. Mas o General das armas [peço a ſua Excellencia licença para o nomear aqui] o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as couzas taõ correntes com notas, e contra divizas, que naõ póde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que ſe gualdripavaõ com achaque de doentes, e vinhaõ a ſer peor que praças mortas; porque tais doentes, e tais ſoldados naõ os havia no mundo: e mandando os ver á cama, e naõ os achando, deſcobrio a maranha: e ainda deu alcance a outra peor, em que punhaõ de cama ſoldados ſaõs com nomes mudados. Nada eſcapa á ſubtileza deſta arte de furtar: mas o zelo, e deſtreza do Conde General excede, e vence todas as artes no ſerviço delRey noſſo Senhor.

Em Viana de Caminha me enſinou hum Caſtellaõ a furtar com unhas dobradas com mais deſtreza; porque jogando o páo de dous bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Concerta-

certava-ſe com os navios, que vinhaõ de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caxa, e porvos-hey tudo ſeguro, onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e davalhes paſſagem ſegura para as loges dos mercadores. E feito eſte primeiro ſalto, dava ordem ao ſegundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: davalhe ponto, e avizo infallivel das paragens, onde acharia tais, e tais fazendas furtadas aos direitos. E aſſim era, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, huma das groſſas peitas, que davaõ ao Caſtellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixaſſe: e neſta ſegunda bolada tornava o Caſtellaõ a empolgar a ſegunda unha; e aſſim furtava com unhas dobradas effectivamente ſem errar o tiro de nenhuma.

****

CAPITULO XXXVI.

Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua.

MElhor dissera nos dentes, porque tem duas ordens, com que dobraõ a preza, e afferraõ melhor que a lingua; e tambem porque tudo, quanto se furta, vem a parar, ou desapparecer nos dentes. Espada na lingua já eu ouvi dizer, que a havia, e tambem pudéra dizer setta; porque fere ao longe como setta, e corta ao perto como espada; e peor, porque muitas vezes de feridas incuraveis, como espada columbrina, e setta hervada: mas unhas na lingua he couza nova. Ainda mal, de que he taõ velha, e tantas vezes renovada em gente Aulica. Vêllos-heis andar no Paço fazendo mizuras a cada passo, e tirando a gorra á legua, chapéo queria dizer, que já se naõ usaõ gorras: naõ lhes taxo a cortezia, que he virtude muito propria da Corte; mas noto a intensaõ, e palavrinhas, com que a acompanhaõ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia, saõ unhas de aço, que naõ só arranhaõ creditos alheos, mas empolgaõ

para

para si, que he o principal intento, em tudo ó precioso, que cuidaõ se poderá dar a outros. E para isso naõ ha provimento, que naõ desdenhem, nem despacho, que naõ menoscabem; até o que he nos outros paga de justiça, fazem negoceaçaõ de adherencia, para levarem a agua ao seu moînho, e fazerem canno das minguas alheas para as enchentes proprias, de que andaõ sequiozos. Façamos praça de exemplos, e correrá a verdade deste capitulo clara como agua.

Olhaime para aquelle Capitaõ, que entra na Audiencia com hum braço menos; porque lho levou na guerra huma bala: vede dous soldados, que vem com elle, hum com hum olho vasado de huma estocada, e outro com huma perna quebrada de huma mina; porque para os fazer assinalados sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos mayores riscos tem sua ventura a valentia, allegaõ a seu Rey, o que em seu serviço padeceraõ, para que os remunere com os despachos, que merecem: hum péde a Comenda, outro a tença, outro o Habito: todos merecem muito mais. Mas o invejoso, que está de fóra, e taõ de fóra que nunca entrou em tais baralhas; temendo que lhe vôe por aquella via o passaro, a que tem armado a costella, e que se lhe vá

da rede a preza; que pertende peſcar; puxa da eſpada da lingua; porque nunca arrancou outra para cortar o direito, que vê vaõ adquirindo, e diz do torto: olhay, o com que vem agora cá o tortéles Poliſemo! Por hum olhinho que perdeo, Deos ſabe aonde, póde ſer que bebendo em alguma taverna, quer que lhe dêm mais do que val toda a ſua cara: ainda lhe ficou outro olho, iſſo lhe baſta. Pois o outro Briareu, devia de querer cem braços, baſtandolhe huma maõ para empinar, quanto tem furtado com ambas; e por hum bracinho, que lhe cortaraõ, quer que lhe talhem huma Comenda, que naõ ſonharaõ ſeus avós: e o outro que por huma perninha lhe dêm hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem eſtas manqueiras, de que vem fazer gadanho para eſtafarem mercês, que ſó nós merecemos a ElRey, como ſe vê ao perto. E por eſta ſolfa ſe deixa eſte, e outros tais como elle, hir deſcantando ſemelhantes letras, até que ſayem com a ſua por eſcrito, eſtorvando, e tirando os deſpachos a quem os merece, para os incorporarem em ſi. E ainda mal, que lhes ſuccede. Teſtemunha ſeja hum Capitaõ, que eu vî deſpedirſe de hum amigo

go nesta Corte, para se voltar para as fronteiras com quatro mezes de semelhantes requerimentos: e perguntandolhe o amigo, como se hia sem esperar o seu despacho? Respondeo palavras dignas de se imprimirem: Vou-me desta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honroso esperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos, e repostas dos Ministros, e Aulicos de Sua Magestade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, naõ descançaõ, até que naõ enxotaõ toda a sorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a suas pertençoens, que por esta arte alcançaõ; e assim furtaõ, e pescaõ com os anzóes, e unhas da lingua o que naõ merecem, e de justiça se deve dar, a quem arriscou a vida, e naõ a quem a traz empapelada: e estes saõ os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que naõ he seu, nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e escrito está, e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra naõ se appliquem a serviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a este Reyno os dizimos de innumeraveis Comen-

das, que he ſangue de Chriſto para os Cavalleiros, que á cuſta de ſeu ſangue propagaõ a Fé, e defendem a patria: como ſe póde permittir, que logre eſtes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem honrou a patria? Naõ ſey ſe o diga? Que vî já Comendas em peitos inimigos de Deos, e algozes da patria. Calate lingua; naõ te arriſques: olha que temo chamem muitos a iſto murmuraçaõ, tomando-o por ſi: porque tudo o que pica deſagrada: e o que deſagrada, he ſinal que lhe toca. Toquemos a recolher, e vamonos dizer antes ſape a hum gato.

****

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtaõ com a maõ do gato.

LAdroens ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos que o gigante Briareu, porque naõ lhes eſcapa conjunçaõ, lugar, nem tempo; e como ſe tiveraõ mil mãos, *á dextris, e á ſiniſtris*, naõ erraõ lanço: e iſto vem a ſer furtar com mãos proprias, que naõ he muito; mas furtar até com as alheas, he deſtreza propria deſ-

ta arte, que vence na malicia a ſubtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar córpos fantaſticos para commetter abominaçoens: porque naõ póde haver mayor malicia, que deſpirſe huma criatura de ſeu proprio ſer, e veſtirſe da natureza alhea, ſaindoſe de ſua esféra, para poder mais offender a Deos. Tais ſaõ os homens ladroens, que ſe ajudaõ de mãos alheas: ſayem-ſe de ſua esféra, e vaõ mendigar nas alheas modos, e inſtrumentos, com que mais furtem. Naõ ſe contentar hum ladraõ com duas mãos, que lhe deu a natureza, e com cinco dedos que lhe poz em cada huma, armados com muito formoſas unhas, e hir buſcar mãos alheas, e empreſtadas, para mais furtar, e poupar as ſuas para outros lanços, he o ſummo da ladroîce. No como ſe verifica iſto, eſtá ainda a mayor difficuldade, que ſerá facil de entender, a quem olhar para a maõ de Judas, quando no officio das trevas apaga as candêas. Obrigaçaõ he que corre por conta dos Sacriſtaens: mas porque naõ chegaõ ás velas, ou por ſe naõ queimarem, valem-ſe da maõ alhea: e aſſim vem a ſer mãos de Judas todas, as que ajudaõ ladroens em ſeus artificios.

Ainda ſe naõ deixa ver, em que cabeça vay

dar

dar a pedrada deste discurso. Os senhores Assentistas me perdoem, que elles haõ de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digaõ-me Vossas Senhorias [e naõ estranhem o titulo, que he cortezia, que nos introduziraõ cá os Berlanguches, que logo entraráõ tambem nesta reste] se ElRey nosso Senhor lhe concede licença para recolherem comprado no novo o paõ, que baste para o provimento das fronteiras, o que pódem fazer por si, e seus criados, para que empenhaõ nisso os Juizes, Ouvidores, Corregedores, e Provedores de todo o Reyno? E porque estes saõ escoimados, e haõ medo de tomar peitas, á força lhas fazem aceitar, alcançando-lhes licenças de Sua Magestade para isso? Que he isto? Donde vem tanta liberalidade, em quem trata de sua ganancia? Interesse he tudo proprio: mãos de gato armaõ, e com saguates lhes aguçaõ as unhas, para as prezas serem mais copiosas passando dos limites, de cujas crecenças fazem negoceaçaõ, e venda a seu tempo com excesso, levando de codilho a substancia aos póvos famintos, obrando tudo com as mãos da justiça, que he, o de que me queixo; que a justiça chegue a ser entre nós maõ do gato, para que naõ lhe chamemos maõ de Judas, que atiça este incendio, em quanto os sobreditos tem

as

as ſuas de reſerva em luvas de ambar para agaſalharem os lucros, que com tantas mãos negocearaõ.

Dêmos huma de maõ aos Berlanguches, já que lha promettemos, e elles naõ querem, que lhes faltemos com o promettido. Ha perto da noſſa barra de Lisbóa huns ilhéos, que chamamos Berlengas; e porque paſſaõ por elles todos os eſtrangeiros, que vem do Nórte, chamamos a todos Berlanguches. Eſtes pois deraõ em nos virem meter na cabeça, que ſó elles ſabem fazer baluartes, attacar petardos, diſparar bombas, artificiar maquinas de fogo, e engenhos de guerra. Sendo aſſim, que de tudo, quanto obraõ, naõ vimos até agora fruto, mais que de immenſas patacas, e dobrões, que recolhem para mandar á ſua terra: até agora naõ vimos bomba, que mataſſe gigante, nem petardo, que arrazaſſe Cidade, nem maquina de fogo, que abrazaſſe armada, nem queimaſſe ſe quer hum navio. Poriſſo diſſe muito bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga [que em tudo he diſcreto] reſpondendo á petiçaõ de hum deſtes engenheiros, que demandava hum milhaõ de mercês pelas barcas de fogo, que arquitéctou contra os Parlamentarios, que nos pejaraõ a barra do Tejo no anno de 1650. que o

quei-

queimassem com ellas, por nos gastar a nossa fazenda com engenhos, que no cabo nada obraraõ. Somos como crianças os Portuguezes nesta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e estimamos só, o que vem de fóra, e apalpado tudo, he farello; porqué no fim das contas só o nosso braço he o que obra tudo, e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta hum curioso pelas unhas do gato? E eu lhe respondo, que olhe para os thesouros delRey, e para as nossas bolças, e verá tudo arranhado com estas invençoens dos Berlanguches, peores para nós, que maõ de gato; pois nos furtaõ, e levaõ com seus gatimanhos, o que fora melhor dar-se aos filhos da terra, que o trabalhaõ, e o merecem: e no cabo andaõ despidos, e os Berlanguches rasgando cochonilhas, e brilhando télas. Basta hum tostaõ, para qualquer homem de bem passar hum dia: hora demos-lhe a elles dous, com que pódem beber vinho, como boys agua; para que he dar-lhes setenta e quatro mil reis cada mez de ordenado? Desordenada couza chamára eu a isto; pois lhes vem a sahir a mais de hum tostaõ para cada hora, e mais de dous mil e quatro centos reis para cada dia, e hum conto para cada anno. Parece isto conto de velhas, e discurso de gigantes encantados: Gi-

gantes

gantes de ouro ſaõ iſto, que ſe nos vaõ do Reyno, conquiſtados por Pigmeus de palha, de que fazem a maõ do gato; que de palha borritada com polvora vem a ſer o fogo, com que abrazaõ mais a nós, que a noſſos inimigos: e elles o ſaõ mais verdadeiros, que os Caſtelhanos; porque eſtes nunca nos déraõ tal ſaco, nem entraraõ cá por tais esfolagatos.

E para que naõ pareça que ſó em eſtranhos damos com eſte diſcurſo, viremos a prôa delle para noſſas conquiſtas, e acharemos mãos de gato façanhoſas, de que uſaõ Portuguezes. Já toquey eſta treta ſuccintamente no §. ultimo do capitulo IX. a outro propoſito; mas agora a contarey mais diffuſa a eſte intento, em que tem mais artificio. Quer hum Capitaõ, ou Governador tornar para ſua caſa rico ſem eſcandalos, nem revoltas: mete-ſe de gorra com os mais opulentos do ſeu deſtrito, vendendo bullas a todos de valias, e pedreiras, que tem no Reyno: moſtra cartas ſuppoſtas, com avizos de deſpachos, habitos, cõmendas, e officios, que fez dar a ſeus afilhados: e como todos, os que andaõ fóra da patria, tem pertençoens nella, creſce-lhes a todos a agua na boca ouvindo iſto; e vaõ-ſe para ſuas caſas diſcurſando o caminho, que teraõ para terem entra-

da

da com taõ grande valia, que tantos compadres tem em todos os Conſelheiros, e logo lhes occorre a eſtrada coimbrãa das peitas; porque dadivas quebraõ penedos; e armaõ logo hum preſente para adoçar o ſenhor Capitaõ, ou Governador, e o hir diſpondo ao favor, que pertendem: e já ſe imaginaõ dando alcance á garça, que taõ alto lhes vôou ſempre: creſcem as viſitas, chovem os donativos de huns, e de outros; e quando chega a monçaõ de navios para o Reyno, chegaõ os memoriaes, e achaõ aos ſobreditos ſenhores fazendo liſtas para a Corte, eſcrevendo cartas, arrumando negocios de mil pertendentes, e de tudo fazem rede para peſcar os donativos, com que naturalmente ſe deſpenhaõ. Chega hum, e diz: Senhor, bem ſabe Voſſa Senhoria que ha vinte annos ſirvo a Sua Mageſtade á minha cuſta, e que he já o tempo chegado de lograr alguma mercê poriſſo: e para que eu deva eſta tambem a Voſſa Senhoria, eſpero que me favoreça por meyo de ſeus valîdos, a quem proteſto ſer agradecido. Tenha maõ v. m. acode a Senhoria, para que veja como trago a v. m. na caſa dianteira, e ſuas couzas diante dos olhos. Senhor Secretario, lêa v. m. lá as cartas, que eſcrevi hontem para Sua Mageſtade, e para o Concelho da Fazenda, e Ultramarino. E o Se-

o Secretario, que eſtá de avizo, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha eſcritas; e com a deſtreza, que coſtumaõ, relata logo de cada huma ſeu capitulo, que de repente vay compondo, talhado para as pertençoens do ſupplicante, em que o deſcreve taõ valente, leal, e bizarro, que nem a mãy, que o pario, o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens, e memoriaes Sua Senhoria, e manda ao Secretario, que ás anexe áquelle ponto: e ao ſobredito diz, que durma deſcançado, que em boa maõ jaz o pandeiro: e elle mais ſolicito, que nunca, vay-ſe para caſa, e manda logo o melhor que acha nella, para naõ ſer ingrato; e por eſta maneira de mil modos com eſtas abuiſes caçaõ os mais gordos tralhoens da terra, e metem nas redes os mayores tubaroens do alto: papos de almiſcar em Macáo, bocetas de baſares em Maláca, biſalhos de diamantes em Goa, alcatiſas de ſeda em Cóchim, barras de ouro em Moçambique, pinhas de prata em Angóla, caxas de açucar no Braſil; e em cada parte de tudo tanto, que enchem navios, que vem depois dar á coſta: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. E ficaõ desfeitas como ſal na agua todas as maquinas das pertençoens dos innocentes, e elles no limbo da

ſuſpen-

ſuſpenſaõ, e no Purgatorio do arrependimento; porque deraõ ao gato, o que naõ comeo o rato.

Tambem para ElRey noſſo Senhor ha mãos de gato, que lhe arranhaõ a fazenda, e arraſtaõ a grandeza de ſuas datas, e mercês; e ſaõ os exemplos tantos, que me naõ atrevo a contalos, aſſim por muitos, como por arriſcados. Direy hum imaginado, que poderia acontecer, e ſervirá de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira: vem conſultada em tres oppoſitores. O primeiro he o melhor, o ultimo o ſumenos: tem eſte por ſi mais amigos na Corte: temem fallar a Sua Mageſtade, porque ſaõ conhecidos, e ſabem, que eſpecúla muito bem os que ſaõ apaixonados, para naõ admittir ſuas informaçóes: buſcaõ huma maõ de gato, e armaõ os páos, que venhaõ a cahir nella: eſpreitaõ a occaſiaõ, em que Sua Mageſtade vê as conſultas: fallaõ-lhe, como a caſo: Senhor, para que ſe cança Voſſa Mageſtade em apurar gente, que naõ conhece; conſultas da Univerſidade ſaõ muito apaixonadas pelos bandos das oppoſiçoens, que muitas vezes poem no primeiro lugâr, quem havia de vir no ultimo: aqui anda o Lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os ſugeitos, e he deſintereſſado neſtas materias: informe-ſe Voſſa Mageſtade

delle,

delle, e verá logo tudo claro como agua. Tendes razaõ. Toca a campainha: acode o Moço Fidalgo: manday recado a fulano, que me falle á tarde. Aqui está na Sala, responde o mesmo: Deos o trouxe sem duvida, acodem os conjurados, que de proposito o trouxeraõ, e deixaraõ no posto bem instruîdo. Sayem-se todos para fóra, e entra o louvado: cōmunica lhe Sua Magestade a duvida: resolve-a elle fazendo-se de novas no ponto, que traz estudado: e affirma que os conhece a todos melhor que as suas mãos; que nunca Deos queira, que elle diga a seu Rey huma couza por outra, que nem por seu pay mudará huma cifra contra o que entende: e com estes ensalmos apeya os melhores do primeiro lugar, e levanta o ultimo aos cornos da Lua: e como naõ presume malicia, quem naõ trata enganos, persuade-se El-Rey, que aquella he a verdade; e tomando a penna despacha a consulta, e dá a Cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito: e estes saõ os modos, suave leitor, com que cada dia se tiraõ sardinhas com a maõ do gato.

****

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtaõ com mãos, e unhas postiças de mais, e accrescentadas.

DE hum ladraõ se conta, que tinha huma maõ de páo taõ bem concertada, que parecia verdadeira, e devia de ser a direita, porque encostando-a á esquerda por entre as dobras da capa, se punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concurso junto aos que lhe parecia, que poderiaõ trazer bem provîdas as algibeiras; e com a outra maõ, que lhe ficava livre, lhes dava saco subtilmente; e ainda que os roubados sentiaõ alguma couza, olhando para o visinho, de quem se podiaõ temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deos, persuadiaõ-se, que seriaõ apertoens da gente, o que sentiaõ. Assim me declaro nisto, que chamo furtar com mãos postiças, de mais, e accrescentadas: e melhor ainda me declararey, com os que occupaõ muitos officios na Republica, comendo, e devorando a dous carrilhos, como monstros, a substancia do Reyno: como se lhes naõ bastara a

maõ

maõ, que tomaõ em huma occupaçaõ, metem pés, e mãos no meyo alqueire com ſeu Senhor, e ajuntaõ moyos de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaraõ a maõ; e já lhes eu perdoára, ſe ſó huma maõ meteraõ na maſſa; iſto he, ſe ſó com hum officio ſe contentaraõ: mas manejar tres, e quatro com mãos poſtiças, he quererem agarrar eſte mundo, e mais o outro.

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com ſua milagroſa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da aſſiſtencia, que naõ ſendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que apparece na meſma tempeſtade em dous navios, he impoſſivel têlla em duas partes; e naõ quer, que coma, e beba o ſangue de Chriſto, ſem o merecer peſſoalmente. E como ha de haver no mundo, quem coma, e beba o ſangue dos pobres; e a fazenda delRey, e ſubſtancia da Republica, hum homem ſecular occupando dous póſtos, e dous officios incompativens: e porque ſaõ mais que muitos, chamo tambem a iſto ladroens, que furtaõ, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monſtros de duas cabeças. Muitas cabeçadas ſe daõ, e toléraõ em Republicas mal governadas: mas que na

noſſa taõ bem regîda, e diſpoſta ſe ſofraõ eſtas, he para dar os bem entendidos com as cabeças por eſſas paredes. Ver que faça dous officios, e tres, e quatro, e ſete occupaçoens hum ſó homem, que eſcaſſamente tem talento para hum cargo, he ponto, que faz fugir o lume dos olhos: e pouca viſta he neceſſaria para ver, que naõ póde eſtar iſto ſem grandes ladroîces: e a primeira he, que come os ordenados, com que ſe pudéraõ ſuſtentar, ſatisfazer, e ter contentes quatro, ou cinco homens de bem, que o merecem. A ſegunda, e mayor de todas, que como he impoſſivel aſſiſtir hum ſó ſugeito a tantas couzas differentes, paſſaõ-lhe pela malha mil obrigaçoens de juſtiça, naõ dando ſatisfaçaõ ás partes, trazendo-as arraſtadas muitos mezes, com gaſtos immenſos fóra de ſuas patrias: e no cabo deſpachaõ mil disbarates por eſcrito, para ſerem mais notorios; porque naõ tem tempo, para verem tantas couzas, nem memoria, para comprehenderem as certezas, que ſe lhe praticaõ: e quando vaõ a alinhavar as reſoluçoens, eſcapaõ-lhe os pontos, e embaraçaõ-ſe as linhas, que tinhaõ lançado huns, e outros; e perde-ſe o fiado, e o comprado, e o vendido; e vem a ſer mais difficultoſo encaminhar hum deſarranjo deſtes, que começar a demanda de novo.

Per-

Perdem-ſe petiçoens, ſomem-ſe proviſoens, faltaõ os Oraculos, reſpondem ſéſta por balhéſta, fazem-vos do Ceo cebola, metem-ſe no eſcuro dos ſegredos, com myſterios, que naõ ha: e Deos nos dê boas noites. Baldaraõ-ſe as peitas, fruſtraraõ-ſe as intercesſoens, perderaõ-ſe os gaſtos, e a paciencia; e appellay para o barqueiro, que de Deos vos póde vir o remedio; porque ſe o buſcardes na fonte limpa, que reprende com ſua clareza tantas aguas turvas, arriſcais-vos a huma enxurrada de Miniſtros, que vos tiraõ o Oleo, e mais a Criſma.

Finalmente digo, que aſſim como ha hereſias verdadeiras, que encontraõ verdades catholicas; aſſim ha hereſias politicas, que encontraõ as verdades, que eſcrevo: e aſſim como ſeria hereſia de Calvino, e Lutéro dizer que he mal feito ordenar a Igreja, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados; aſſim he hereſia na politica do mundo admittir que hum homemſinho de nonnada occupe dous officios, que requerem duas aſſiſtencias. He nota de alguns Eſcriturarios, que nunca Deos provêo dous officios juntos em hum ſó ſugeito: e para ſignificar a importancia diſto mandava, que ninguem ſemeaſſe dous legumes na meſma terra: e quando occupava algum ſervo

 ſeu

ſeu em huma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos neceſſarios, e forças convenientes: e iſto naõ pódem fazer os Principes da terra, que ſe bem ſaõ Senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, naõ o ſaõ dos talentos, nem os pódem dar, a quem os naõ tem, como póde Deos; e poriſſo deve hir attento nos provimentos, que fazem, porque até hum ſó, e ſingular requer homem capaz, para ſer bem ſervido. E para que ſe veja, como as couzas vaõ muitas vezes neſta parte, contarey o que ſuccedeo ha poucos annos em huma praça, onde foy provîdo por Capitaõ mór certo Cavalheiro, que preſumia de grande ſoldado: e no primeiro dia, em que tomou poſſe do ſeu feliz governo, lhe foraõ pedir o nome para as rondas daquella noite. Eſtava elle em boa converſaçaõ de amigos, e ſenhores, que o viſitavaõ com o parabem de ſua boa vinda: perguntou ao Cabo, que era o que demandava? Que me dê Voſſa Senhoria o nome para eſta noite, he o que peço, reſpondeo elle: e o ſenhor Capitaõ inſtou muito admirado: ainda me naõ ſabem o nome neſta terra? E muito mais o ficaraõ os circunſtantes do ſeu enleyo. Acodio o Sargento: bem ſabemos o nome de Voſſa Senhoria, o que peço he o nome para a ronda. Aqui areou

mais

mais o Capitaõ. E para naõ ſe arriſcar a reſponder outro deſpropoſito, diſſe-o peor, porque o mandou embora ſem reſoluçaõ, e que no dia ſeguinte tratariaõ o ponto com mais deſafogo. E eiſaqui que tais ſuccedem ſer os ſenhores, que occupaõ grandes póſtos: e ſendo tais, que faraõ, ſe os puzerem em muitos.

He engano manifeſto dizer-ſe, e cuidar-ſe, que naõ ha homens para os cargos, e poriſſo os multiplicaõ em hum Miniſtro. He o noſſo Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa ſejaõ todas as ciencias, e artes, que em Portugal acharaõ ſeus Autores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e chriſtandade entre nós andaõ em ſeu ponto. Todas as Naçoens do mundo pódem andar comnoſco á ſoldada neſta parte: mas naõ apparecem os talentos por tres razoens. Primeira, porque naõ ha, quem os buſque. Segunda, porque ha, quem os deſvie. Terceira, porque naõ ſaõ entremetidos; e iſſo tem de bons. Naõ ha quem os buſque, porque naõ ha quem os eſtime. Ha quem os deſvie, por ſe introduzir inutil. Naõ ſe offerecem, por naõ padecerem repulſas. E daqui vem andarem Scipioens valentes pelos pés das moutas comendo terra, e Terſiſtes cobardes pelos thronos cevando

vaidades: andaõ Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andaõ Heitores leaes arrastados á roda dos muros da patria, que defenderaõ, e Sinões traidores embolçando vivas, e triunfando em carros. Sejaõ ouvidos varoens desinteressados, sabios, e Religiosos, e elles descobriráõ as minas, onde está o ouro dos talentos mais preciosos: elles conhecem as talhas de barro, que conservaõ melhores vinhos, que jarras de ouro.

****

CAPITULO XXXIX.

Dos que furtaõ com unhas bentas.

UNhas bentas, parecerá couza impossivel; porque todas saõ malditas, e peçonhentas, como as dos gatos, que ha pouco discursámos. Mas como naõ ha regra sem excepçaõ, desta se tiraõ algumas: tais saõ as da graõ besta, de quem dizem os naturaes grandes virtudes: e com tudo isso tambem affirmaõ os mesmos, que até essas virtudes saõ furtadas ás conjunçoens da Lua; para que nenhuma unha se possa gabar, que escapou

da

da Estrella, que os Astrologos chamaõ Mercurio ladraõ famoso. E entre tantas unhas naõ ha duvida, que ha algumas bentas; naõ porque tirem almas do Purgatorio com perdoens de conta benta; mas porque lançadas as contas, lançando bençãos, e apoyando virtudes, e clamando misericordias, e amores de Deos, purgaõ as bolças, que encontraõ, melhor que pirolas de escamonéa. A mais de quatro Criticos se me vay o pensamento neste passo, naõ de passagem, mas de proposito, e reixa velha, a certos servos de Deos, a quem murmuradores chamaõ por desdem da Apanhia, levantando-lhes que mandaõ olhar a gente para o Ceo, em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas isto he praga, que só se acha, em quem naõ val testemunha confórme a sentença de Luiz Rey de França, que só hereges, e amancebados fallaõ mal dos tais sugeitos: estes, porq̃ os reprehendem com sua modestia; e aquelles, porque os convencem com sua doutrina. E o certo he, que esses mesmos Zoilos, que murmuraõ, quando querem a sua fazenda segura, ou o seu dinheiro bem guardado, que nas mãos destes Anjos da guarda depositaõ tudo.

As unhas, que usurpaõ a titulo de bentas, saõ aquellas, que empolgando piedades, fazem

a pre-

a preza em latrocinios. Explico isto com alguns exemplos, que daraõ noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dous soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos [desgraça ordinaria em todos] acordaraõ valer-se do Sagrado, para que o profano os remediasse. Houveraõ ás mãos huma Hostia, que pediraõ em certa Sacristia para huma Missa das almas: daõ comsigo, e com ella na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes mostre a melhor pessa de Londres: encaxalhaõ-lhe em huma dobra a Hostia dissimuladamente, mostraõ-se descontentes da côr, e pedem outra: vistas assim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como he costume. Mal eraõ medidos quatro, quando apparece a Hostia, a que elles fingindo lagrimas se prostraraõ batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe imputem de novo, o que em Jerusalem tomaraõ sobre si seus antepassados. Naõ he necessario declarar os extremos, que de parte á parte passaraõ: Resultou por fim de contas, que levaraõ a bom partido a pessa toda, sem outro custo, que o de jurarem, que ninguem saberia o caso succedido. Naõ sey se he isto furtar com unhas bentas? Selo-haõ mil

esmolas pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade, e misericordia, para pobres, para Missas, e Irmandades, as quaes vaõ arder na mesa do jogo, ou da gula. Hum mulato conheci, que tinha huma ópa branca, que comprou na roupa velha por dous tostoens, com a qual, com huma bacia, e duas voltas, que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as Missas de Nossa Senhora, ajuntava, o que lhe bastava, para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos, que a titulo de pobres se fazem ricos? Abrem chagas nas pernas, e nos braços, com causticos, e hervas: mostraõ suas dores com brados, que moveráõ as pedras: *Mira la plaga, mira la llaga!* Pelas Chagas de Christo nosso Redemptor, que me dêm huma esmola! Dizia hum destes na ponte de Coimbra de outro, que tinha huma perna muito chagada: boto a tal, que tem aquelle ladraõ huma perna, que val mais de mil cruzados! E assim he, que muitos mil ajuntaõ estes piratas: e lá se conta de hum aleijado, que morrendo em Salamanca, fez testamento, em que deixou a ElRey Filippe I. ou II. de Castella a albarda do jumento, em que andava; e acharaõ-se nella cinco, ou seis mil cruzados em

ouro.

ouro. Hum Fidalgo piedoſo lançou pregaõ na ſua terra, que tal dia dava hum veſtido novo por amor de Deos a cada pobre: ajuntáraõ-ſe no ſeu pateo infinitos; e a todos deu veſtidos nóvos, mas obrigou-os a que logo os veſtiſſem, e tomou-lhes os velhos, e nelles achou bem coſida, e eſcondida por entre os romendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes, que aque tinha gaſtado nos veſtidos. Eſtes tais naõ ha duvida, que ſaõ adroens, que com unhas bentas esfolaõ a Republica, tomando mais do que lhes he neceſſario; e fora melhor diſtribuillo por outros, que por naõ pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis ſaõ, as que profeſſaõ benſedeiras, e tem mais de ſiganas, que del beatas. Entra em voſſa caſa huma deſtas com nome de ſantinha; porque dizem della, que adevinha, faz vir á maõ as couzas perdidas, e depára cazamentos a orfãns, e deſpachos aos mais deſeſperados pertendentes. Pedis-lhes remedio para voſſos dezejos: pedevos huma cadêa de ouro empreſtada para ſeus enſalmos, quatro aneis de diamantes, meya duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas: mete

tudo

tudo em huma panéla nova com certas hervas, que diz colheo á meya noite, vespora de S. Joaõ, e enterra-a muito bem coberta de traz do vosso lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que naõ lhe deis quebranto: e a hum virar de pensamento, emborca tudo nas mangas do sayo, e fica vazia a ôlha, ou para melhor dizer chea de preceitos, que ninguem bula nella, sobpena de se converter tudo em carvoens, até passarem nove dias em honra dos nove mezes; e nelles se passa para Castella, ou França, com a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por tais as tivestes, quando a poder de bençaõs vos roubaraõ. Vedes vós isto piedoso leitor, pois sabey de certo, que succede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a naõ se deixar enganar taõ parvoamente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neste Reyno as décimas para a defensa delle, e a todos contentou muito esta contribuiçaõ; porque naõ ha couza mais racionavel, que assegurar tudo com a décima parte dos rendimentos, que vem a ser pequena parte comparada com o todo. Dizem os Ecclesiasticos neste passo, que saõ izentos de gabellas por Diplomas Pontificios; e eu naõ lho nego; mas

quize-

quizera-lhes perguntar, se gostaõ elles de lograr os lucros, que das décimas resultaõ, que saõ terem as suas fazendas seguras, e as vidas quietas das invasoens dos inimigos, que os nossos Soldados rebatem, alentados com as décimas? Naõ pódem deixar de responder todos, que sim. Pois se assim he, como na verdade he, lembrem-se do ditado, e do Direito que diz: *Qui sentit commodum, debet sentire, & onus.* E vem a ser o que diz o nosso proverbio, que quem quizer comer, depenne. Que se depenne, quem gosta de viver sem penas; e estando isto taõ posto em boa razaõ, segue-se logo a consequencia verdadeira, que devaõ dar seu consentimento na contribuiçaõ das décimas: e vindo elles nisto, como saõ obrigados pela razaõ sobredita: *Et scienti, & consentienti non fit injuria*; digaõ-me, onde encalha o seu escrupulo? Encalha nos Diplomas, de que fazem unhas bentas, para surripiar do cõmum, o que affectaõ para seus cõmodos particulares? E naõ se vio mayor sem-razaõ, que quererem conservar suas queixadas sans á custa da barba longa. E se ainda persistem na sua teima, ou interesse, que assim lhe chamo, e naõ escrupulo; respondaõ-me a este argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas, para as conser-

conſervarem, e defenderem em extrema neceſſidade: porque naõ lhes ſerá licito recolherem décimas dos Eccleſiaſticos, para os defenderem no meſmo aperto? Licito he, naõ ha duvida; porque eſta conſequencia naõ tem repoſta: e della ſe colhe outra, que reprehende de muita cobiça, e avareza, o que elles querem, que ſeja eſcrupulo, e excómunhaõ: e vem a ſer rapina verdadeira, a com que ſe levantaõ ás mayores fazendo unha da Religiaõ, para agarrarem o capital, e os redditos, ſem entrarem nos riſcos, que ſempre grandes lucros trazem comſigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opiniaõ de ſua cobiça, e malditas na de quem melhor o entende: e para que elles entendaõ, que ſabemos tambem o reſpeito, que ſe lhes deve, e que naõ ha diplomas, que encontrem eſta doutrina, direy claramente, o que enſinaõ os Theologos neſta parte, e he, que ſaõ obrigados os Eccleſiaſticos a concorrerem igualmente para os gaſtos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros: porque todos igualmente ſe ſervem, e aproveitaõ deſtas couzas: e ha de ſer em tres circunſtancias. Primeira quando a contribuiçaõ dos leigos naõ baſta. Segunda, com exame, e ordem dos Prelados. Terceira, ſem força na execuçaõ. Mas logo ſe

accreſ-

accrescenta, que os Prelados saõ obrigados a executalos: e isso he, o que queremos na contribuiçaõ das décimas: e melhor fora naõ se chegar a isso, pois em gente sagrada se devem achar mayores primores.

Naõ posso deixar aqui de acodir a huma queixa, que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta, e topa no Fisco Real, quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscaçaõ. Poderiaõ alguns zelosos dizer, que se gasta tudo no Tribunal, que o arrecada, e que he tanto, o que se confisca, que excede seus gastos: e que dos sobejos nunca resulta nada para Sua Magestade, que com grande piedade remette tudo nas conciencias de taõ fieis Ministros. Materia he esta muito delicada com ser pezada: e por credito da inteireza, que taõ Santo Tribunal professa, convêm que lhe demos satisfaçaõ adequada em capitulo particular, que será o seguinte.

****

CAPITULO XL.

Responde-ſe aos que chamaõ Viſco ao Fiſco.

POr fabula tenho, o que ſe conta do Sayvedra, que dizem meteo neſte Reyno, por enganos de breves falſos, o Tribunal, e Fiſco da Santa Inquiſiçaõ; porque naõ ha memoria diſſo nos Archivos do Santo Officio, nem na Torre do Tombo, onde todas as couzas memoraveis ſe lançaõ: nem ha outro teſtemunho, mais que dizello o meſmo Sayvedra, por córar com iſſo outros crimes, que o lançaraõ nas galés. O certo he, que o Rey Catholico D. Fernando lançou de Caſtella os Judeos na era de 1482. porque tinhaõ juramento os Reys de Eſpanha, por preceito do Concilio Toledano, de naõ conſentirem Hereges em ſeus Reynos. Muitos deſtes, ou quaſi todos, deraõ comſigo em Portugal. Admittio-os ElRey D. Joaõ II. por tempo determinado, que ſe iriaõ deſte Reyno, ſobpena de ficarem ſeus eſcravos, os que ſe naõ foſſem. Muitos ſe foraõ: e os que ſe deixaraõ ficar, correraõ a fortuna de eſcravos, e como tais eraõ vendidos: até que ElRey D. Manoel os

tornou a notificar com as mesmas, e mayores penas, que lhe despejassem todos o Reyno: alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautismo, e com isso aplacaraõ as penas: e ficaraõ taõ mal instruîdos, que ElRey D. Joaõ III. vendo, que naõ só professavaõ a Ley de Moysés publicamente, mas que tambem a ensinavaõ até aos Christãos velhos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribunal do Santo Officio no anno de 1531. e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apostolicos na conformidade, em que até hoje dura, e durará com o favor Divino por todos os seculos; porque a este Santo Tribunal se deve a inteireza da Fé, e reformaçaõ de costumes, com que este Reyno florece em tempos taõ calamitosos, que abrazaõ todo o Orbe Christaõ com corrupçoens, e heresias.

A mayor pena, que tem os Hereges álem da de morte, he a que lhes executa o Fisco da confiscaçaõ, e perda de todos seus bens: e he muito justa; porque as heresias nascem, e cévaõ-se com a cobiça das riquezas, com as quaes se fazem os Hereges mais insolentes, e pervertem outros, e com lhas tirarem, ficaõ mais enfreados; e só o Summo Pontifice póde applicar os bens confiscados, a quem lhe parecer mais conveniente; porque

he

he cauſa meramente Eccleſiaſtica. Os bens dos que forem Clerigos, applicaõ-ſe por Direito á Igreja, os dos Religioſos á ſua Religiaõ, os dos leigos a ſeus Principes, onde os tais bens exiſtem; e naõ onde ſe condemnaõ. Em Eſpanha, e Portugal pertencem os bens dos leigos aos Reys por particular conceſſaõ; e os dos Clerigos, mas que tenhaõ beneficio, por coſtume geral em toda a parte, pertencem ao Fiſco ſecular. De tudo iſto ſe colhem tres concluſoens certas.

Primeira concluſaõ: que os Principes ſeculares naõ pódem remittir aos Hereges as penas do Direito Canonico, nem do coſtume Eccleſiaſtico; nem ainda das leys, que os meſmos Principes puzeraõ, ſe foraõ approvadas pela Igreja, porque pela approvaçaõ ficaõ Eccleſiaſticas. Segunda: que naõ pódem os Inquiſidores remittir os bens confiſcados ſem conſentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao ſeu Fiſco; mas o Papa póde, porque he Senhor Supremo. Terceira: que depois de dada ſentença, de tal maneira ficaõ os bens confiſcados ſendo proprios do Principe pela doaçaõ do Papa, que póde delles diſpôr, e dallos a quem quizer, mas que ſeja aos meſmos Hereges, a quem ſe tomaraõ, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, naõ pódem pe-

las tres razoens, que ficaõ tocadas, que com as riquezas ſe cévaõ, e creſcem as hereſias, e os Hereges ſe fazem inſolentes, e pervertem outros: e tambem, porque he cauſa Eccleſiaſtica, e naõ tem direito aos bens, que lhes naõ eſtaõ ainda ſentenceados. Deſtas tres concluſoens ſe colhe huma conſequencia certa, que a confiſcaçaõ he pena Eccleſiaſtica, e que como tal naõ póde o Principe ſecular impedir a execuçaõ della ſem licença do Summo Pontifice, que lha póde dar como Senhor Supremo da Ley, que tem dominio alto ſobre tudo.

De tudo o dito fórmo agora hum argumento, com que acudo á queixa, que nos obrigou a fazer eſte capitulo. Os Reys em Portugal ſaõ Senhores dos bens confiſcados, depois de ſentenceados, de tal maneira, que os pódem dar até aos meſmos Hereges reconciliados: *ergo á fortiori*, poderáõ dar a adminiſtraçaõ, e dominio dos tais bens abſolutamente aos Senhores Inquiſidores, para que os gaſtem, como melhor lhes parecer; e que lhes tenhaõ dado eſte poder, he notorio, e ſe prova do facto, e da permiſſaõ continua ſem repugnancia, nem contradiçaõ. E ainda que a maſſa do Fiſco he muito grande, naõ ſaõ menores os gaſtos da ſuſtentaçaõ dos penitentes, das agencias

de

de ſeus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Miniſtros, das maquinas dos cadafalſos, e mil outras couzas, que emprezas taõ grandes trazem comſigo, que he facil conhecellas, e difficultoſo julgallas; porque o menos, que aqui ſe pondéra, he o que vemos, e o mais, o que ſe nos occulta com o eterno ſegredo, alma immortal do Santo Officio. Nem ſe póde preſumir que haja eſperdiços, onde ha tanta exacçaõ, e pureza de conciencias, que apuraõ o mais delicado de noſſa Santa Fé: antes ſe póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que ſó com a confiſcaçaõ dos Réos ſe ſuſtente maquina taõ grande, taõ illuſtre, e taõ poderoſa! E dado, que paſſe alguns annos a receita álem da deſpeza, ſuccedem outros, em que a deſpeza excede os bens confiſcados: e a providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contrapezos do outro: e vimos a concluir, que tudo, o que ſe póde metafiſicar de ſobejos, he pequena remuneraçaõ para taõ grandes merecimentos. Nem ha no mundo intereſſe, com que ſe poſſa gratificar, o que eſte Santo Tribunal obra em ſi, e executa em nós. O que obra em ſi, he huma obſervancia de modeſtia, e inteireza, que aſſombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque

 o meſ-

o meſmo he entrar hum homem Eccleſiaſtico, ou ſecular no ſerviço do Tribunal da Santa Inquiſiçaõ, que veſtir-ſe logo de huma composiçaõ de acçoens, palavras, e coſtumes, que fazemos pouco, os que os vemos, quando naõ lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ, bem ſe deixa ver na reformaçaõ dos vicios, na extinçaõ das hereſias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades, ſeria huma ſentina de vicios, ſeria huma Babylonia de erros, ſe o Santo Officio naõ vigiara as maldades, naõ caſtigara os vicios, e naõ extinguira os erros. He Portugal hum Promontorio commum de todas as Naçoens: nelle entraõ, e ſayem continuamente todos os hereges do mundo, ſem que os vicios das Naçoens nos damnem, ſem que os erros das hereſias ſe nos peguem. Naõ ha Reyno, nem Provincia na Chriſtandade, que ſe poſſa gabar de intacto neſta parte: ſó Portugal perſevera illeſo. A quem ſe deve taõ glorioſa fortuna? Ao Santo Officio, que tudo atalha vedando livros, açamando Seitas, caſtigando erros, e melhorando tudo. E vendo os Reys Sereniſſimos de Portugal a importancia de taõ grande ſerviço, como a Deos, e á Republica fazem taõ fieis Miniſtros, naõ fizeraõ muito em lhes largarem todo o Fiſco á ſua diſpoſiçaõ.

E ſe

E ſe ainda ſe naõ derem por ſatisfeitos os zeloſos na ſua queixa, ouçaõ, o que reſpondeo El-Rey Filippe o Prudente em Madrid a outra ſemelhante, que involvia notas com titulo de exceſſos no uſo do poder: *Dexadlos, que mas eſtimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos con treinta Clerigos, que todos eſsos intereſses, y reſpetos.* Fallou como Prudente que era; porque intereſſes, e reſpeitos temporaes, naõ tem comparaçaõ com lucros ſobrenaturaes. Eſte meſmo Rey paſſando pela Praça de Valhadolid com todo ſeu acompanhamento, e pompa Real, encontrou dous Inquiſidores, e em os vendo, ſe ſahio do coche, e com o chapéo na maõ os levou nos braços, dizendo: *Aſſi es bien, que honre yo, a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vòs!* Sabia conhecer, o que nós naõ ignoramos: e poriſſo affoutamente concluo, que cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que ſó gente ſuſpeita poderá grunhir; onde deſapaixonados cantaõ a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas, que merece. E nós deſcantemos por diante os exceſſos de outras unhas, pois nas do Fiſco naõ achamos o viſco, que ſó gente ſatyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

****

CAPITULO XLI.

Dos que furtaõ com unhas de fome.

NAs gazetas de Picardia ſe eſcreve, que houve hum moço taõ inclinado a ſeu accreſcentamento, que aſſentou praça de pagem com hum Fidalgo, que tinha fama de rico: mas ao ſegundo dia achou, que aſſentara praça de galgo; porque nem cama, nem vianda ſe uſava naquella caſa; e poriſſo o ſenhor della era rico, porque adqueria com unhas de fome o que entheſourava. Succedeo hum dia, que indo o novo pagem comprar huma moeda de rabaós para a cêa de todos, encontrou huma grande prociſſaõ de Religioſos, e Clerigos, que levavaõ a enterrar hum defunto, e de traz da tumba ſe hia carpindo a mulher, e lamentando ſua deſgraça, e ouvio que dizia entre lagrimas, e ſuſpiros: aonde vos levaõ meu mal logrado? A' caſa, onde ſe naõ come, nem bebe, nem tereis cama, mais que a terra fria? Em ouvindo iſto o rapaz, voltou para caſa como hum rayo fogindo, trancou as portas, e diſſe eſpavorido a ſeu amo: Senhor ponhamo-nos em armas,

mas, que nos trazem cá hum homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidás, que a nossa casa he Igreja. Bem sey, disse o moço, que esta casa naõ tem Igreja mais que o adro, que he v. m. ao meyo dia; e porisso entrey em suspeitas, se veriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo, porque a gente, que o traz, vem dizendo, que o levaõ á casa, onde se naõ come, nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem; e que fiz bem de fechar as portas, pois assás bastaõ os defuntos, que cá jazemos mórtos de fome, que he peor que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que couza saõ unhas de fome, que poupando furtaõ á boca, á saude, e á vida, o que lhes he devido; e assim chamamos unhas de fome a huns, que tudo escondem, e que tudo guardaõ, sem sabermos para quando, e he certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que saya á luz o que reservaõ: e quando vos daõ alguma couza, he sempre o peor, e o que naõ presta, ou de modo, que melhor fora naõ vos darem nada. Saõ estes como a rapoza de Hisopete, que banqueteou a cegonha com papas estendidas sobre huma lagem,

para

para que as naõ pudeſſe tomar com o bico. E ſe me perguntardes, onde eſtá aqui o furto, que parece o naõ ha em guardar cada hum o que he ſeu, e em poupar até o alheo? Reſpondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tôa iſto a deſpropoſito: mas eu naõ vî couza mais certa, ſe a entenderdes, como a entendo; e já me naõ haveis de entender, ſe me naõ declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda ElRey noſſo Senhor ao Braſil, Angóla, e outras partes: provêm-ſe de chacinas podres, bacalháo corrupto, biſcouto maſcavado, vinho azedo, azeite borra; porque achaõ tudo iſto aſſim mais barato na compra; e ſaye-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os paſſageiros, morre a ametade, malogra-ſe a viagem, perde-ſe tudo; porque foraõ provîdos com unhas de fome: e por pouparem o que ſe furta, fizeraõ com que o barato cuſtaſſe caro a todos.

Segundo exemplo ſeja do que ſuccede nas armadas: manda-as Sua Mageſtade provêr para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e daõ provimento para tres ſemanas: eiſque na ſegunda

ſemana

ſemana já falta a agua, e na terceira já naõ há paõ. Tornaõ-ſe a recolher ſem obrarem o a que hiaõ, e por milagre chegaõ cá com vida. Eiſaqui que couza ſaõ unhas de fome, que por matarem a ſua pôem em deſeſperaçaõ a alhea. Os provimentos Reaes, como os de toda a caſa bem governada, devem ſer como os de Deos; que ſempre nos dá remedios ſuperabundantes. Naõ devem hir as couzas taõ guizadas, nem taõ cerceadas, que nada ſobeje: o que ſobeja no prato, he o que ſatisfaz mais, que o que ſe come. Tres açoutes tem Deos, com que caſtiga o mundo, e o primeiro he fome: açoutar quer noſſa Monarquia, quem mete em ſuas forças fome. Nada poupa, quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que naõ quizeſtes dar ao gato. Perdem-ſe immenſos theſouros de gloria, e intereſſe nos cõmercios do mar, e nas vitorias da campanha por falta do provimento liberal, e conveniente. Deos nos livre da ganancia, que nos occaſiona taõ grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome, os que por forrarem de gaſtos, aguarentaõ os ordenados, privilegios, e favores aos Miniſtros, e Officiaes delRey, ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concede-

lhes

lhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça; hum lugar na náo capaz de ſua peſſoa, e fato; quatro fardos de canéla livres, e ſem taxa, para que engodados com eſtes intereſſes, e liberdades, abracem o trabalho, que he deſmedido. Vem o Regimento moderno, aguarentalhes tudo a titulo de poupar á fazenda Real: e ſegue-ſe dahi naõ haver, quem queira arriſcar ſua vida por taõ pouco, e irem forçados, e poriſſo negligentes em tudo. Nem ha, para que buſcar outra cauſa de ſe perderem tantas náos de poucos annos a eſta parte. As náos no mar ſaõ como os carros, que caminhaõ carregados por terra: ſe tem quem os guie, e governe com cuidado, e ciencia, eſcapaõ de atoleiros, e barrancos, onde ſe fazem em pedaços, ſe os deixaõ meter nelles. Como naõ haõ de dar as náos á coſta, e em baixos, ſe os que as guiaõ, e governaõ, vaõ deſcontentes, e ignorantes? Vaõ deſcontentes, porque vaõ forçados, e vaõ forçados, porque naõ vaõ bem remunerados: e daqui vem ſerem ignorantes; porque ninguem eſtuda, nem toma bem a arte, de que naõ eſpera mayor proveito: e aſſim nos vem a cuſtar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ intereſſes.

Aqui

Aqui me vem a curioſidade de perguntar, qual he a razaõ, porque nenhuma náo, nem galeaõ noſſo, ou vá de viagem, ou de armada, nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou eſcaceza: ignorancia naõ creyo que ſeja; porque naõ ha, quem naõ ſaiba, que ſe adoece no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo eſcaceza; por naõ gaſtarem dous, ou tres mil cruzados nos apreſtos para a ſaude, e vida dos paſſageiros, e ſoldados, ſem os quaes ſe perde tudo: perde-ſe a gente, que he o mais precioſo, morrendo como moſquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-ſe tudo, porque tudo fica ſem quem o defenda das inundaçoens do mar, e violencias dos inimigos. Muita ventagem nos fazem neſta parte os eſtrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e apreſtos muitas vezes, para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós eſcaſſamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma eſtopada.

****

CAPITULO XLII.

Dos que furtaõ com unhas fartas.

A Rapoza, quando ſaltêa hum galinheiro faminta, céva-ſe bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata; e como ſe vê farta, degola as demais, e vay-lhe lambendo o ſangue por acipipe. Iſto meſmo ſuccede aos que furtaõ com unhas fartas, que naõ páraõ nos roubos, por ſe verem cheos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no ſangue alheo: ſaõ como as ſanguixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andaõ ſempre doentes de hidropeſia as unhas deſtes: entaõ tem mayor ſede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á cuſta alhea; que naõ contentes, da meſma fortuna fazem razaõ de eſtado, para ſuſtentarem fauſtos ſuperfluos, engolfando-ſe mais para iſſo nas pilhagens, para luzirem deſperdiçando; porque ſó no que deſperdiçaõ achaõ goſto, e honra: chamara-lhe eu deſcredito, e amargura de conciencia, ſe elles a tiveraõ.

Olhem para mim todos os Miniſtros del-

Rey, que hontem andavaõ à pé, e hoje á cavallo: estejaõ-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e respondaõ-me a ellas, se souberem; e se naõ souberem, eu responderey por elles: Se os officios de vossas mercês daõ de si até poderem andar em hum macho, ou em huma faca, quando muito, e suas mulheres em huma cadeira: como andaõ vossas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a sua mesa se servia muito bem com pratos, saleiro, e jarro de louça pintada de Lisboa, como se serve agora com baixelas de prata, salvas de bastioens, confeiteiras de relevo? Naõ me diraõ, de donde lhe vieraõ tantas colgaduras de damasco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, escritorios marchetados, com pontas de abbada em cima? Deraõ de fartos em fome canina? Já que lhes naõ dá do que dirá a gente, naõ me diraõ, onde acharaõ estes thesouros, sem irem á India; ou que arte tiveraõ, para medrarem tanto em taõ pouco tempo, para que os desculpemos ao menos com a visinhança? Já o sey, sem que mo digaõ: houveraõ-se como a rapoza no galinheiro, em que entraraõ: cevaraõ-se naõ só no necessario, senaõ tambem no superfluo. Naõ se contentaõ com se verem fartos, e cheos, como esponjas, querem engordar com acipipes: e

por-

porisso lançaõ o pé álem da maõ, e estendem a maõ até o Ceo, e as unhas até o Inferno, e metem tudo a saco, quando o ensacaõ: e saõ como o fogo, que a nada diz, basta. E se querem saber a causa de suas demazias, lêaõ com attençaõ o capitulo, que se segue.

****

CAPITULO XLIII.

Dos que furtaõ com unhas mimosas.

ASsim como ha unhas fartas, tambem as ha mimosas, que saõ suas filhas, e porisso peores, por mal disciplinadas, porque para regalarem a seus donos furtaõ mais do necessario. Furtar o necessario, quando a necessidade he extrema, dizem os Theologos, que naõ he peccado; porque entaõ tudo he commum, e naõ ha meu, nem teu, quando se trata da conservaçaõ das vidas, que perecem por falta do que haõ mister, para se sustentarem: mas furtar o superfluo para amimar o corpo, e regalar a alma, he caso digno de reprehensaõ: e ainda mal, que succede muitas vezes. Como agora: Ponhamos exemplos; por-

porque exemplos declaraõ muito. He certo, que a qualquer Miniſtro delRey baſta o ordenado, que tem com as gages licitas do officio para paſſar honeſtamente confórme a ſeu eſtado. Pois ſe lhe baſta hum veſtido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe ſobeja hum gibaõ de tafetá, para que o faz de téla, quando ElRey o traz de olandilha? Para que raſga hollanda, onde baſta linho? Para que come galinhas, e perdizes, e tem viveiro de rolas, ſe póde paſſar com vaca, e carneiro? Para que diſpende em doces, e conſervas, o que baſtava para cazar muitas orfans? Baſtando paças, e queijo para aſſentar o eſtomago, ſem lhe cauſar as azîas que padece pelos muitos guizados, que naõ póde digerir. Para que ſaõ tantas moſtras do Reyno, e de Canarias, baſtando huma de Caparica, ou de mais perto? Por verdade affirmo, que vi em caſa de hum neſta Corte mais de quinze fraſqueiras, e naõ era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor ſe aliviaria, naõ lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos ſaõ eſtes, e que naõ pódem eſtar ſem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela maõ, e poriſſo lhes chamo unhas mimoſas. *Quien cabras nò tiene, y cabritos viende,*

 donde

donde le vienen? Meu irmaõ Miniſtro, ou official, ou quem quer que ſois, ſe voſſa caſa hontem era de eſgrimidor, como a vemos hoje á guiza de Principe? E até voſſa mulher brilha diamantes, rubîs, e perolas ſobre eſtrados broslados? Que cadeiras ſaõ eſtas, que vos vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, &c. Eu naõ ſou bruxo, nem adevinho; mas atrevome ſem lançar peneira affirmar, que voſſas unhas vos grangearaõ todos eſſes regalos para voſſo corpo, ſem vos lembrarem as tiçoadas, com que ſe haõ de recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os naõ lavraſtes, nem os roçaſtes, nem vos naſceraõ em caſa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem volo deu por voſſos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem ſe ſegue, que os furtaſtes: e vós ſabeis o como, e eu tambem: e para que outros o ſaibaõ, volo direy; porque eſtou certo o naõ haveis de confeſſar, mas que vos dêm tratos.

Entregaraõ-vos o livro das deſpezas, e receitas Reaes, enxiriſtes-lhe huma folha portatil no principio, outra no meyo, outra no cabo: acabou-ſe a lenda; levantaſtes as folhas com quan-

to nellas ſe continha, que eraõ partidas de mui-tos contos; e ficaſtes livre das contas, e encar-regado nos furtos, que ſó no dia do Juizo reſti-tuireis; porque ainda que vos vendais em vida, naõ ha em vós ſubſtancia, porque a eſperdiçaſ-tes; nem vontade, porque a naõ tendes, para vos deſcarregar de taõ grande pezo. Por eſta, e outras artes de naõ menor porte, que deixo, fa-zem ſeu negocio as unhas mimoſas; e tudo lhes he neceſſario, para manterem jogo a ſeus appeti-tes: e naõ houvera melhor Flandes, ſe o bicho da conciencia as naõ roera. Hum licenceado deſtes picado do eſcrupulo correo, quantos Moſteiros ha em Lisboa antigamente buſcando hum Confeſſor, que o abſolveſſe: e a razaõ que dava para ſer abſolto era, que naõ tinha mais que duzentos mil reis de ordenado, e gages, e que havia miſter mais de quinhentos mil para governar ſua caſa; e que naõ havia de ſer contente ElRey, que a ſua familia pereceſſe. Reſpondiaõ-lhe todos [porque todos eſtudavaõ pelos meſmos livros] he verdade que naõ quer Sua Mageſtade que ſeus criados mor-raõ de fome; mas tambem he verdade, que naõ quer, que o roubem: e ſe eſſe officio naõ vos abrange, moderay os gaſtos, ou largay-o, que naõ faltará, quem o ſirva com o que elle dá de ſi ſem

 eſſes

esses furtos: sois obrigado a restituir, quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o supplicante, allegando, que era muito o que estava comido, e bebido, e que naõ havia posses para tanto: mal mudarey de estylo, dizia elle, até agora tomava a ElRey diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras, daqui por diante accrescentarey tudo, e sahirá das partes cabedal, com que satisfaça, já que naõ ha outro remedio: e como as partes saõ muitas, e de mim desconhecidas, tomarey a bulla da Composiçaõ daqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas naõ faltou quem o advertisse, que naõ vale a tal bulla, a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaria tudo aguarentando os mimos, e regalos, em que dissipava tudo.

****

CAPITULO XLIV.

Dos que furtaõ com unhas desnecessarias.

EXcusadas saõ no mundo quantas unhas ha, que o arranhaõ com ladroîces, e porisso bem desnecessarias todas. Mas este capitulo naõ as comprehen-

prehende todas; porque só trata das superfluidades, que destroem as Republicas, peor que ladrões as bolças, a que daõ caça. E bem puderamos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invençoens, e costumes de vestidos, que se vaõ introduzindo cada dia de novo, esponjas do nosso dinheiro, que o chupaõ, e levaõ para as Naçoens estranhas, que como a bugios nos enganaõ com as suas invençoens: cada dia nos vem com novas cores, e teceduras de lãn, e seda, que na sua terra custaõ pouco mais de nada, e cá no las vendem a pezo de ouro: e como o q̃ vem de longe, sempre nos parece melhor, e o que nos nasce em casa, naõ agrada; desprezamos os nossos pannos, e sedas, que sempre se fizeraõ no Reyno com melhoria. Insania marcada, e politica errada foy sempre, antepor o alheo ao proprio com dispendio da cõmodidade. Haverá quarenta annos, que Castella lançou huma Pragmatica com graves penas, que ninguem vestisse seda, se naõ fosse fidalgo de bastante renda: e attentava nisto, ao que hoje se naõ attenta, que naõ gastassem superfluamente os vassallos furtando á boca, e aos filhos, e á Republica, o que punhaõ em luzimentos desnecessarios Queixaõ-se hoje, que naõ tem para pagar as décimas, com que ElRey lhes de-

 fende

ſende as vidas ; e nós vemos, que lhes ſobeja para gaſtarem, no que lhes naõ he neceſſario para a vida. Apodaõ eſte tempo com o antigo: chamaõ ao paſſado idade de ouro, e ao preſente ſeculo de ferro: e nós ſabemos, que quem entaõ tinha hum anel de ouro com hum par de colheres, e garfos de prata, achava que poſſuîa muito. Entaõ mandava ElRey D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda quando ſe murava, dizendo: naõ párem as obras por falta de dinheiro, empenhem-ſe eſſas arrecadas, que cuſtaraõ cinco mil reis, ou vendaõ-ſe, e vaõ os muros por diante, que logo irá mais ſoccorro. Eſtes eraõ os theſouros antigos! E hoje naõ ha mecanico, que naõ tenha cadêas de ouro, tranſelins de pedraria, e baixellas de prata. Naõ tornou o tempo para traz; mas a cobiça he, a que vay adiante pondo em couzas ſuperfluas, e particulares, o que houvera de empregar no augmento do bem commum, e defenſa da patria.

Eſta he a opiniaõ de muitos politicos Eſtadiſtas, que naõ ſabem adquirir augmentos para o commum ſem minguas dos particulares. A minha opiniaõ he, que todos luzaõ, porque a opulencia dos trajes ennobrece as Naçoens, e

cauſa

causa veneraçaõ nos Estrangeiros, e terror nos adversarios: pelos trajes se regula a nobreza de cada hum, e naturalmente desprezamos o mal vestido, e guardamos respeito ao bem ataviado: e quasi que he isto de fé: pelo menos assim o diz Santiago na sua Canonica, ainda que reprehende aos que desprezaõ os pobres; porque ás vezes: *Sub sordido pallio latet sapientia.* O luzimento com moderaçaõ he digno de louvor; o superfluo com prodigalidade he o que táxamos. Dou-lhe, que naõ valha nada esta invectiva: façamos outra, que porventura valerá menos na opiniaõ dos poderosos, que ella ha de ferir de meyo, a meyo. He certo que se gasta neste Reyno todos os annos das rendas Reaes quasi hum milhaõ, ou o que se acha na verdade, em salarios de officiaes, e Ministros, que assistem ao governo da justiça, e menêo das couzas pertencentes á Coroa: e he mais que certo, que com a ametade dos tais Ministros, e póde bem ser que com a terça parte delles, se daria melhor expediente a tudo; porque nem sempre muitos alentaõ mais a empreza, e se ella se póde effeituar com poucos, a multidaõ só serve de enleyo. Se basta hum Provedor em cada Provincia, para que saõ cinco ou seis? Se basta hum Corregedor para vin-

te leguas de deſtrito, para que ſaõ tantos, quantos vemos? Tantos eſcrivaens, meirinhos, e alcaides, em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que ſervem; ſe baſta hum para eſcrevinhar, e meirinhar eſte mundo, e mais o outro? Eſte alvitre ſe deu ao Rey de Caſtella naõ ha muitos annos, e naõ pegou; póde bem ſer, que por ſer bom para nós. Se eſmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as deſcutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas deſtes galfarros deſpendidas em ſalarios, e pitanças. Entremos nas ſete Caſas deſta Corte, mas que ſeja na Alfandega, e caſa da India, acharemos tantos officiaes, e miniſtros, que naõ ha quem ſe poſſa revolver com elles: e todos tem ordenados: e todos ſaõ taõ neceſſarios, que menos póde ſer fizeſſem melhor tudo. A hum Miſter de Lisboa ouvi dizer, que baſtavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha ſete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras; e accreſcentava: para que ſaõ na meſa do Paço oito, ou dez Dezembargadores, ſe baſtaõ quatro, ou cinco? Na caſa da Supplicaçaõ, para que ſaõ vinte, ou trinta, baſtando meya duzia? E em todos eſſes Tribunaes, para que ſaõ tantos Conſelheiros, que ſe eſtorvaõ huns aos outros. Engordaõ particulares com ſalarios, e em-

magre-

magrecem as rendas Reaes no commum, e naõ ha poriſſo melhores expedientes: muita couza fantaſtica ſe ſuſtenta mais por uſo, que por urgencia. Eſtive para dizer a eſte Licurgo, o que diſſe Apelles ao çapateiro, que lhe emendava o veſtido, e roupagem de hum retrato: *Ne ſutor ultra crepidam.* Quem te mete Joaõ topete com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que naõ entendemos. E em Tribunaes mayores, que conſtaõ de ancianidade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha miſter ajudada, e alentada, e poriſſo ſe permittem mais Miniſtros, e mayores ajudas de cuſto. Deos nos livre de Miniſtros, que antes de lhe chegar o tempo de os apoſentarem, vencem ſalarios ſem os merecerem, e ſem trabalharem.

As guerras de Flandes eſtiveraõ muitos annos de quedo, ſuſtentando exercitos groſiſſimos com immenſos gaſtos, e ſoldados de Cabos, que os comiaõ com huma maõ ſobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era neceſſario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o eſtreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que naõ exiſtem, ſe eſtaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Eccleſiaſticas; e ninguem repara niſto; porque ſe reparaõ com eſſes lucros, os que houveraõ

veraõ de zelar eſtas perdas. Chegaraõ os motins de Flandes hum dia a eſtado, que ſe haviaõ de concluir com huma batalha, em que meteraõ os levantados o reſto. Entraraõ em conſelhos os Caſtelhanos, e ſahio por voto de todos, que pelejaſſem, porque eſtavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-os o Preſidente, que ficavaõ todos ſem rendas, e ſem remedio de vida, ſe as guerras ſe acabavaõ: e retrataraõ-ſe todos, mandando dizer aos adverſarios, que guardaſſem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos naõ ſucceda iſto meſmo cada dia entre nós nas occaſioens, que ſe offerecem opportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occaſiaõ, deixaõ-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os ſuſtenta.

****

CAPITULO XLV.

Dos que furtaõ com unhas domeſticas.

JOaõ Euſebio Eſcritor inſigne, e Autor erudituſſimo da Companhia de Jeſus, refere na ſua

ſua Philoſophia natural, que ha no mundo Novo humas plantas, que poderáõ ſer como cá melóes, cujos frutos ſaõ viventes, e imitaõ a eſpecie de borregos, ou cabritos: eſtes em quanto verdes eſtaõ amortecidos, e vaõ creſcendo com o ſuco da planta: como amadurecem, levantaõ-ſe vivos, e comem a herva circumviſinha, até que ſe deſpedem da vide, em que naſceraõ: e ſe os naõ vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ, e tudo he pouco para a fome, com que ſayem da prizaõ materna, e vem a ſer o que diz o Proverbio: *Criay o corvo, e tirarvos-ha o olho.* Tais ſaõ as unhas domeſticas, que naõ contentes com o que lhes dais, e baſta, querem dominar tudo, quanto encontraõ na caſa, em que as admittiſtes, e tudo he pouco para ſua cobiça, e voracidade. Criados, e eſcravos a ſeus ſenhores, filhos a ſeus pays, e mulheres a ſeus maridos, e tambem aos que o naõ ſaõ, naõ ha duvida que furtaõ muito, e por mil maneiras; e que ſaõ eſtas verdadeiramente unhas domeſticas; porque de portas a dentro vivem, e fazem ſuas pilhagens muito a ſeu ſalvo; os criados ſobindo o preço no que ſeus amos lhes mandaõ comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas auſencias de ſeus pays; e as mulheres eſcorchando

os eſcritorios com chaves falſas. Dera eu de conſelho aos amos, pays, e maridos, que ſejaõ mais liberaes, para que de ſua eſcaceza naõ reſultem perdas mayores, que as com que a liberalidade coſtuma reparar tudo. Mas naõ ſaõ eſtas as unhas domeſticas, que a mim me cançaõ; porque o que eſtas peſcaõ, pela mayor parte na meſma caſa fica, e em couzas uſuais ſe gaſta. As que me tocaõ no vivo, declararey com huma repoſta, que dey a hum velho aſtuto, que me fez eſta pergunta.

Folgara ſaber, dizia o bom velho mais ſagaz que zeloſo, que couza he hum Rey dando audiencia publica? Devia de querer, que lhe reſpondeſſe, que era hum pay da Patria, que ſe expunha a todos para os amparar, e remediar como a filhos: e fazerme deſta repoſta alguma invectiva para ſeu intereſſe: mas eu furteylhe a agua ao intento, e reſpondilhe. Hum Rey dando audiencia a ſeus vaſſallos debaixo do ſeu docel he o Martir S. Vicente noſſo Padroeiro poſto no Eculeo, cercado de algozes, que o eſtaõ desfazendo com pêntens de ferro, e unhas de aço; porque todas, quantas petiçoens lhe appreſentaõ, ſaõ garavatos, e ganchos, que armaõ a lhe derriçar a ſubſtancia da Coroa: e he couza certa, que

que nenhum lhe vay levar couza de ſeu provei-to, e que todos lhe vaõ pedir o que haõ miſter, al-legando ſerviços como criados, e merecimentos como filhos; e que ElRey he Pelicano, que com o ſangue do peito os ha de manter a todos: ſem attentarem, que padece o Rey, e o Reyno mayo-res neceſſidades que elles, e que ſe deve acodir primeiro ao commum, que ao particular. E atre-vome a chamar a eſtas pertençoens furtos domeſ-ticos neſte tempo, em que deveramos vender as capas para comprar eſpadas, como diſſe Chri-ſto a ſeus Diſcipulos, e naõ deſpir ao Reyno até a camiza. O noſſo Reyno he pequeno, e aſſim tem poucas datas: e he muito fertil de ſugeitos, e talentos; e poriſſo naõ ha nelle para todos: mas tem as Conquiſtas do mundo todo, aonde os manda ſer ſenhores do melhor dellas, para que venhaõ ricos de merecimentos, e gloria, com que comprem as honras, e melhores póſtos da patria: e pertendellos por outra via ſerá furto domeſtico notorio, e digno de caſtigo.

Senhores pertendentes, levem daqui eſte deſengano, que o Rey, que Deos nos deu, he de cera, e he de ferro: he de cera para nós, e he de ferro para ſi, e para noſſos inimigos: he de cera para nós pela brandura, e clemencia,

com

com que nos trata; nenhum vaſſallo achou nunca na ſua boca má repoſta, nem nos ſeus olhos máo ſemblante: exercita naturalmente o conſelho, que Trajano guardou por arte, com que ſe conſervou, e fez o melhor Emperador; que nunca nenhum vaſſallo ſe apartou delle deſconſolado, nem deſcontente. He de ferro para ſi; bem vemos como ſe trata. E tambem o he para noſſos inimigos com valor mais invencivel que o aço; e para ſuſtentar o impeto adverſario neceſſita, que o ajudemos com noſſas forças: e ſerá muito eſtolido, quem neſte tempo tratar de lhe diminuir as ſuas. O dinheiro he o nervo da guerra; e onde eſte falta, arriſca-ſe a vitoria, e o prol do bem commum, de que he bem ſe trate primeiro que do particular; que totalmente ſe perde, quando ſe naõ aſſegura o commum: e para que a nós, e a nada ſe naõ falte, he bem que nós naõ faltemos da noſſa parte, contentandonos com o que o tempo dá de ſi, e com a eſperança certa da proſperidade, que he infallivel depois da fortuna aſpera, beatificando com exceſſos, o que malogra na adverſidade.

E para todos os Reys me ſeja licito pôr aqui tambem huma advertencia, que naõ ſejaõ tanto de cera, que ſe deixem imprimir; nem tanto de

ferro,

ferro, que naõ se possaõ dobrar: naõ se deixem imprimir de conselhos peregrinos: naõ se deixem dobrar a exacções rigorosas; porque estas recompensaõ-se com furtos domesticos, lima surda dos bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimentos cõmuns O dictame, e acordo de hum Rey vale mais que mil alheos: naõ reprovo conselhos: anteponho o do Rey a todos, porque he menos arriscado a erros: esta resoluçaõ para mim he evidente, naõ só pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos assegura o commum dos Santos, e Theologos, que os Reys tem dous Anjos de guarda, hum que os guarda, outro que os ensina; e porisso saõ mais illustrados, que todos seus Conselheiros. Donde quando as opinioens se baralhaõ, o mais seguro he seguir o discurso do Rey, se naõ for intimado por outrem, que Rey naõ seja. E assim pediráõ os Reys, o que lhes he necessario, e naõ tomaráõ, o que lhes he superfluo: daraõ a seus vassallos o que merecem, e naõ o que lhes naõ he devido: e em nenhum haverá occasiaõ de se recompensar com furtos domesticos.

****

CAPITULO XLVI.

Dos que furtaõ com unhas mentiroſas.

PEſſoas ha, que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamaõ mentiras; mas naõ ſaõ eſtas as unhas mentiroſas, que mais tem de pretas, que de candidas; e furtaõ de mil e quinhentas maneiras, ſempre mentindo. Teſtemunhas ſejaõ, os que com certidoens falſas pedem mercês a Sua Mageſtade allegando ſerviços, que nunca fizeraõ, e dando teſtemunhas, que tal naõ viraõ: e porque ha niſto muitos enganos, naõ me eſpanto da exacçaõ, com que ſemelhantes papeis ſe examinaõ, ainda que ſeja com moleſtia das partes. Outros ha, que levaõ as mercês com ſerviços equivocos, que tem dous roſtos, como Jano, com hum olho para Portugal, com outro para Caſtella. Jogaõ com páo de dous bicos: contemporizaõ com ElRey D. Joaõ, e fazem obras, que lhe pódem ſervir de deſculpa com ElRey D. Filippe: cá tem hum pé, e lá outro; cá o corpo, e lá o coraçaõ. E por vida delRey meu Senhor, que ſe fora poſſivel ao Dou-

tor

tor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente, em quantos eſcritorios, e algibeiras ha neſte Reyno, que houvera de achar em mais de quatro cartazes Caſtelhanos, que promettem titulos, e Comendas, a quem der ordem, com que ſe baralhem as couzas; iſto he, que ſayaõ as náos tarde, que naõ haja galés, que ſe malogrem armadas, e frotas, que ſe desfaça a bolça, que naõ ſe façaõ cavallos, nem infantes, que naõ ſe paguem eſtes, nem dêm cevada a aquelles, que naõ ſe criem potros, que naõ ſe peleje nas occaſioens de urgencia, que naõ ſe fortifiquem as praças, que ſe altérem as décimas, que ſe gaſte o dinheiro em couzas ſuperfluas, e fantaſticas; e em concluſaõ, que naõ ſe paguem ſerviços. E quando praticaõ, ou votaõ eſtas couzas, o fazem com tais tintas, e deſtreza, que fazem crer ſéſta por balhéſta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo naõ me enganaõ, ſe no fim naõ quizeraõ, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios eſcuros, que com ſeus embuſtes nos cauſaõ.

Outros ha, que com ſerem muito leais, furtaõ a trecheo com unhas mentiroſas; porque á força fazem parecer ſerviço trabalhoſo, e digno de grande mercê, o que pudéramos reprehender de

grande calaçaria: ſem ſahirem da Corte, nem de ſuas caſas, e Quintas, empolgaõ nos premios de campanha; levaõ ás barretadas, o que ſe deſignou para as lançadas: e naõ ſe correm de tomarem com mãos lavadas, o que ſó parece bem em mãos, que ſe ençoparaõ no ſangue inimigo: cheos como colmêas ao perto, ſe eſtaõ rindo dos que por ſervirem longe eſtaõ vazios. Falta a eſtes ſenhores a generoſidade, que ſobejou ao Sereniſſimo Duque D. Theodoſio, digniſſimo Progenitor do noſſo invictiſſimo Rey D. Joaõ o IV. de glorioſa memoria, o qual convidado por ElRey Filippe III. de Caſtella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pediſſe mercês, reſpondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: Voſſos, e noſſos avós encheraõ noſſa caſa de tantas mercês, que naõ me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercês, e ricos ſó de merecimentos, em quem V. Mageſtade póde empregar ſua Real magnificencia. Eſte grande Heróe apurando aſſim verdades notorias enſinou harpîas domeſticas, que acabem já de ſer ſanguixugas de ouro, eſponjas de honra, cameleoens fingidos, e Protêos falſos.

Outros ha, que ſeguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes

montes

montes de dinheiro, que usurpaõ a seu Rey, e á sua patria: por tais tenho, os que vencem praças mortas sem aleijoens, nem merecimentos: os que fingem praças fantasticas, que tem na lista, e nunca existiraõ no terço: os que embolçaõ os salarios de soldados, e officiaes defuntos, e ausentes: na Ilha da Madeira vi dous meninos, que nos braços venciaõ praças de Capitaens: os que dizem, que trazem nas fabricas dos galeoens, e das fortificaçoens duzentos obreiros, trazendo só cento e cincoenta. Os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres, ou quatro criados, para que ostentem authoridade em seu serviço, e vaõ sem elles servindo-se dos marinheiros, e soldados; e assim comem os ordenados dos criados, que naõ levaõ: os que introduzem officios com ordenados sem ordem delRey; e fintaõ os subditos com qualquer achaque para couzas, que naõ se obraõ. Todos estes, e muitos outros, que naõ relato, saõ milhafres de unhas mentirosas. Mas os mayores de todos a meu ver, saõ os que trataõ em escravos.

Este ponto de escravaria he o mais arriscado, que ha em todas nossas Conquistas: e para que todos o entendaõ, havemos de presuppor, que o natural dos homens he, que todos sejaõ livres, e só pódem ser escravos por dous principios. Pri-

meiro de delicto. Segundo de nascimento. Por delicto saõ verdadeiros escravos nossos os Mouros, que cativamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os Christãos, que tomaõ. E os negros tem entre si leys justas, com que se governaõ, por virtude das quaes cõmutaõ em cativeiro o castigo dos crimes, que mereciaõ morte; e tambem os que tomaõ em suas guerras, aos quaes pódem tirar a vida. Por nascimento só pódem ser cativos descendentes de escravas, mas naõ de escravos, pela regra: *Partus sequitur ventrem.* Posta esta doutrina, que he verdadeira, vaõ Portuguezes a Guiné, Angóla, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto. E para estas emprezas tem homens ladinos, que chamaõ *pombeiros*, e os negros lhe chamaõ *tangomaos*; estes levaõ trapos, ferramentas, e bugiarias, que daõ por elles, e os trazem nûs, e amarrados, sem mais prova de seu cativeiro, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente: e succede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, ir-se aos mattos, e apanhar o mesmo, que o vendeo, e levallo a outros mercadores, que lho compraõ a titulo de escravo seu por nascimento. Outros os tem em carceres, como em açougues, para

os

os irem comendo: e estes, para se livrarem da morte injusta, rogaõ aos Portuguezes, quando lá chegaõ, que os comprem, e que querem ser seus escravos, antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que he senhor de sua liberdade, com tudo tem sua raiz na violencia, que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem escravos com melhor conciencia, se vestiraõ em habitos de Padres da Companhia, dos quaes naõ fogem os negros pela experiencia, que tem de sua muita caridade, e enganando-os assim com capa de doutrina, e pretexto de Religiaõ os trazem, e metem na rede do cativeiro. E em conclusaõ todo o trato, e compra de negros he materia escrupulosa por mil enganos, de que usaõ, assim os que lá os vendem, como os que os compraõ.

Que direy dos Chins, e Japoens! Ha ley entre nós, que naõ os cativemos; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins, e Japoens escravos. Tambem para os Brasis ha a mesma ley, e sabemos, que naõ se repara em os cativar. E naõ sey que diga a estes cativeiros tolerados sem exame? Direy, o que ouvi prégar muitas vezes a Varoens doutos, e de grande virtude, e experiencia,

que a razaõ, porque Portugal eſteve cativo ſeſſenta annos em poder de Caſtella injuſtamente, padecendo extorſoens, e tyrannias, peores, que as que ſe uſaõ com eſcravos, foy, porque injuſtamente Portuguezes cativaõ Naçoens innocentes. Juſto juizo de Deos, que ſejaõ ſaqueados com unhas mentiroſas, os que com as meſmas roubaõ tanto.

****

CAPITULO XLVII.

Dos que furtaõ com unhas verdadeiras.

SE ellas ſaõ unhas, verdadeiras unhas devem ſer; e aſſim naõ haverá unha, que naõ ſeja unha verdadeira, e todas pertenceráõ a eſte capitulo. Nego-vos eſſa conſequencia: porque huma couza he ſer verdadeira unha, e outra couza he ſer unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha; mas unha verdadeira he ſó, a que trata verdade, e deſtas ſó trata eſte capitulo: e parece muito, q̃ haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade naõ permitte: mas eſſa he a fineza deſta arte, que até fallando verdade vos engana, e eſtáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de ſum-

ſumma importancia; porque quer lhe dêm huma comenda por ſerviços de ſeus avós; e pelos de ſeu pay quer lhe dêm huma tença groſſa para ſua mãy, que eſtá viuva; e quer por contrapezo ſobre tudo iſſo, que lhe dê Sua Mageſtade para duas irmans dous lugares em hum Moſteiro. Toma eſte tal o pulſo ás vias, por onde ha de requerer; informa-ſe das valias dos Miniſtros, corre-os todos com memoriaes. Hum lhe diz, que traz ſua mercê requerimentos para tres annos: e falla verdade; mas que forrará tempo, ſe ſouber contentar os Miniſtros: e falla verdade. Outro lhe diz, que ſe naõ vem armado de paciencia, e provîdo de dinheiro para gaſtar, que ſe póde tornar por onde veyo; porque nada ha de effeituar: e falla verdade; mas que elle ſabe hum canno occulto, por onde ſe alcançaõ as couzas: e falla verdade: e ſe v.m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde navegue vento em popa: e falla verdade. Outro lhe diz: Senhor, iſto de memoriaes he tempo perdido, porque ninguem os vê: e falla verdade: trate v. m. de couzas, que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio; porque os ſinos de Santo Antaõ por dar daõ, e aſſim o diz o Evangelho: *Date, & dabitur vobis*: e falla verdade. A mulher de fulano pó-

 de

de muito com ſeu marido, e eſte com tal Miniſtro, e eſte com tal Prelado, e eſte com fulano, e fulano com ſicrano, que tem grandes entradas, e ſahidas: e aſſim tece huma cadêa, que nem com vinte de ouro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E paſſa aſſim na verdade, que bate todas eſſas moutas, de caſa em caſa, ſem lhe baſtar, quanto dinheiro ſe bate na caſa da Moeda. Contarey hum caſo, que me veyo ás mãos ha poucos dias, e apoya tudo iſto bellamente. Veyo hum pertendente da Beira requerer hum officio, ſe naõ era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que julgou lhe baſtavaõ para ſeus gaſtos: diſpendeo-os em peitas: errou as poldras a todos como biſonho, e achou-ſe em branco, e ſem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páos em outra occaſiaõ. Para achar eſta com bom ſucceſſo, tornou á patria, fallou com duas irmãas, que tinha, deſta maneira: Irmãas, e ſenhoras minhas, haveis de ſaber, que venho da Corte taõ cortado, que lá me fica tudo, e ſó eſperanças trago de alcançar alguma couza: ſe vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as voſſas legitimas, e que façamos de tudo até mil cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que ſe me foraõ por entre os de-

dos.

dos. Aqui naõ ha ſenaõ fechar os olhos, e lançar o reſto, e morrer com capúz, ou jantar com charamelas. Vieraõ as irmãas em tudo: deu comſigo em Lisboa com os mil cruzados á déſtra, e lançou-os em hum canno de agua clara, que lhe tirou a limpo ſua pertençaõ com eſte preſuppoſto: Se v. m. me alcançar hum officio, ou beneficio, que renda duzentos mil reis, darlhe-hey trezentos para humas meyas, ſem que haja outra couza de permeyo. Ajuſtaraõ ſuas promeſſas de parte á parte com as cautélas coſtumadas de aſſinados de dividas, e empreſtimos: tudo foy huma pura verdade: e todos ficaraõ ricos empregando unhas verdadeiras; hum nas datas delRey, e o outro nas do pertendente, que foy brindar o jantar de ſuas irmãas com charamelas.

Nos Advogados, e Julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque naõ ſe póde preſumir, que minta gente douta, e que profeſſa juſtiça, e razaõ. O que me admira he, que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos, e entre dentes; hum para a defender, e outro para a impugnar; eſte pelo Autor, e aquelle pelo Réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que tem juſtiça. Como póde ſer, ſe ſe contratariaõ, e hum diz que ſim, e outro que

naõ?

naõ? Neceſſariamente hum delles ha de mentir; porque a verdade conſiſte em indiviſivel, como diz o Filoſofo. Com tudo iſſo ambos fallaõ verde; porque cada hum diz á ſua parte, que tem juſtiça; iſto he, que terá ſentença por ſi, ſe quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a ſentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-ſe, que lhe roubaraõ a juſtiça: melhor diſſera, que lhe roubaraõ as peitas, pois de nada lhe ſerviraõ. Reſpondem os Juizes, que deraõ a ſentença, aſſim como a julgaraõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que naõ andou diligente de pés, nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade ſe encheraõ de alviçaras,donativos, e eſportulas: e eſtas ſaõ as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras, que todas, e ſaõ as dos que agenceaõ, e defendem cauſas Reaes. Deve ElRey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a meſma parte cinco mil a Sua Mageſtade; citaõ-ſe, e demandaõ-ſe por ſeus procuradores em Juizo competente: e ſaye logo ſentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Mageſtade. Replíca, que ſe paguem os cinco mil dos quinze, que lhe

deve

deve a Coroa, e que lhe dêm os dez, que reſtaõ, ou pelo menos ametade. Tornaõ a ſentencear, que pague os cinco, como eſtá mandado, e que demande de novo a Coroa pelos quinze, que diz lhe deve; e ſenaõ, que o executem até lhe venderem a camiza, ſe naõ tiver por onde pague; e que ElRey ha miſter o que ſe lhe deve: e aſſim he na verdade. E tambem he verdade, que quebra a corda pelo mais fraco. E ſegue-ſe deſte lanço, e de outros ſemelhantes, que naõ conto, abrirem-ſe huma, e mil portas francas, por onde entraõ unhas verdadeiras na fazenda Real recompenſando-ſe, para remirem ſua vexaçaõ. E quando naõ encontraõ cabedal da Coroa, em que ſe empreguem, deſcarregaõ-ſe no foro da conciencia com outros acrédores, a quem devem; e dizem-ſe huns aos outros: Senhor, vós deveis a ElRey quinze mil cruzados, de que elle naõ ſabe parte, e poriſſo nunca vos ha de demandar por elles: ElRey deve-me a mim outros quinze, como muito bem ſabeis: eu devo-vos a vós outros tantos: tomay-me por paga, os que me deve Sua Mageſtade, e aſſim ficareis deſobrigado a lhe reſtituir, o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E aſſim paſſa na verdade, de que ſuccede iſto cada dia com grandiſſimo detrimento da fazenda Real, onde ſeus Miniſtros

negan-

negando ſahidas para pagar, abrem entradas a eſtas unhas para a deſtruir.

****

CAPITULO XLVIII.

Dos que furtaõ com unhas vagaroſas.

A Maxima deſta arte he, que todo ladraõ ſeja diligente, e apreſſado, para que o naõ apanhem com o furto na maõ. Com tudo iſſo ha unhas, que em ſerem vagaroſas tem a maxima de ſeu proveito: ſaõ como o fogo lento, que poriſſo menos ſe ſente, e melhor ſe atêa. Qual he a razaõ, porque arribaõ náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razaõ, porque partem tarde? Porque as aviaõ de vagar? Porque em quanto ſe apreſtaõ, tem unhas vagaroſas, em que empolgar. Mas deixando o mar, onde poſſo temer alguma tempeſtade, ſaltemos em terra, e ſeja á véla, e com vigia; porque tambem acharemos pégos ſem fundo neſta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque naõ ſaõ bons de vadear. Deos me guie, e me defenda.

Que

Que couzas ſaõ as demoras de hum Miniſtro, que naõ deſpacha? Saõ deſpertadores continuos, de que lhe deis alguma couza, e logo vos deſpachará. E porque o tal he peſſoa grave, e que ſe pêja de aceitar á eſcancara donativos, remette-vos ao ſeu official, quando apertais muito com elle; e o official traz-vos arraſtado hum mez, e dous mezes, e ás vezes ſeis com eſcuſa ordinaria, que naõ acha os papeis, porque ſaõ muitos os de ſeu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encomendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reſerva, eſperando, que acabeis já de lhe dar alguma couza. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeînha, que lhe offereceſtes: dais hum diamante de vinte e quatro quilates ao ſobredito, e dá-vos logo os papeis peſpontados de vinte e quatro alfinetes, como vòs quereis: e o menos, que vos roubou com ſeus vagares, foy o diamante; porque ſendo obrigado a deſpachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gaſtos exceſſivos fóra de voſſa caſa, onde tambem perdeſtes muito com taõ dilatada auſencia. Em Italia ha coſtume, e ley, que ſuſtente a Juſtiça os prezos, em quanto eſtiverem na cadêa: e he bom remedio, para que lhes apreſſem as cauſas. Em Por-

tugal

tugal ainda a juſtiça naõ abrio os olhos niſto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; ſe acertaõ de ſer miſeraveis, como ordinariamente ſaõ quaſi todos, na prizaõ perecem ſem cama, e ſem mantimento, porque a Miſericordia naõ abrange a tantas obrigaçoens da juſtiça, que as pódem temperar todas ſó com lhe apreſſar as cauſas. Se houvera ley, que pagaſſem os Miniſtros as demoras culpaveis, póde ſer, que elles, e os ſeus officiaes andaſſem mais diligentes.

Miniſtros ha incorruptos, e que fazem ſua obrigaçaõ neſta parte, e até neſtes fazem ſeu officio unhas vagaroſas. Explico eſte ponto com hum caſo notavel. Importava a huma parte, que ſe detiveſſe o ſeu feito hum anno nas mãos de Rodamanto, em cuja caſa nunca nenhum feito dormio duas noites: armou-lhe por conſelho de hum Rabula eſperto com outro feito, que comprou na Confeitaria muito grande, pezava mais de huma arroba, e altou ſobre elle o ſeu, que era pequeno, e deu com elles, como ſe fora hum ſó, em caſa do Julgador; o qual em vendo a maquina eſmoreceo, e mandou-a pôr de reſerva para as ferias, com hum letreiro em cima, que aſſim o declarava. A outra parte requeria fortemente, que naõ tinha o feito que ver, e que em hum quarto de hora o

podia

podia despachar : agastava-se o Dezembargador com tanta importunaçaõ , e ameaçava o requerente , que o mandaria meter no Limoeiro , se mais lhe fallava no feito , que era de qualidade , que havia mister mais de hum mez de estudo , e que porisso o tinha guardado para as ferias : chegaraõ estas dahi a hum anno , vio o feito , descobrio-se a maranha do parto supposto , e alcançou o grande mal , que tinha feito á parte com as detenças , que pudéra evitar , se desatara o envoltorio. O que neste passo estranho mais que tudo , he sofrerem-se neste Reyno Letrados procuradores , os quaes se gabaõ , que faraõ dilatar huma demanda vinte annos , se lhe pagarem. O premio, que tais letras mereciaõ , era o de duas letras : L. e F. impressas nas costas , e naõ lhe esperarem mais , para o que ellas significaõ.

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer serviços a esta Corte : aconselhou-se com hum Religioso letrado sobre o modo , que havia de seguir , e cõmunicou-lhe tudo : Perguntou-lhe o servo de Deos , que cabedal trazia para os gastos? Respondeo , que hum cavallo , e dous homens de serviço , e oitenta mil reis , que fez de hum olival que vendeo. Traz v. m. provimento para oitenta dias quando muito , lhe disse o Religioso ,

visto

visto trazer tantas bocas comsigo: e só para entabolar suas pertenções ha mister mais de trezentos dias: e se o naõ sabe, dirlho-hey: Ha v. m. de fazer huma petiçaõ, que ha de gastar mais de oito dias, aconselhando-se com Letrados: segue-se logo esperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e nisto ha de gastar outros oito, se naõ forem quinze. Sua Magestade no mesmo dia, em que lhe daõ as petiçoens, logo lhes manda dar expediente; mas naõ sayem na lista senaõ dalli a seis, ou sete dias, que v. m. ha de gastar espreitando na sala dos Tudescos, para ver aonde o remettem. Acha que ao Conselho da Fazenda. Corre logo os Secretarios, e seus officiaes, e gasta dez, ou doze dias, perguntando-lhes pelos seus papeis; até que apparecem, onde menos o cuidava. Busca valias para os Conselheiros, e gasta outros tantos em alcançar as entradas com elles: e no cabo daõ-lhe por despacho, que requeira no Conselho de Guerra, e he o mesmo, que gastar outra quarentena, até haver o primeiro despacho, que he: *Justifique*: e em justificar suas certidoens gasta muitos dias, e naõ poucos reales. Torna o justificado, e tornaõ a rebatello com *Vista ao Procurador da Coroa*, ou da Fazenda, que ordinariamente responde contra os pertendentes, porque esse he

o seu

o ſeu officio: e com eſte deſpacho máo, ou bom, tornaõ os papeis á Meſa dahi a muitos dias: e gaſtaõ-ſe logo mais que muitos na fabrica da Conſulta, porque ſe paſſaõ ás vezes ſemanas, ſem haver Conſelho de Guerra. Feita a Conſulta, *a Dios que te la depare buena*, ſóbe a Sua Mageſtade, ou para melhor dizer a outros Secretarios, os quaes a detêm lá quanto tempo querem, e o ordinario he dous, e tres mezes; e ſe paſſa de ſeis, he neceſſario reformar outra vez tudo; e he o meſmo, que tornar a começar do principio: e iſto ſuccede ſem culpa muitas vezes; porque eſtaõ lá outros papeis diante, que por hirem primeiro, tem direito para o tempo, e por ſerem muitos, o gaſtaõ todo. Deceo por fim de contas a Conſulta deſpachada, com parte do que v. m. pedia, ou com tudo: he viſta no Conſelho de Guerra com os vagares coſtumados, e dahi a tempos remettem a execuçaõ della á Meſa da fazenda, onde ſe movem novas duvidas; e a bem livrar, quando o Alvará ſaye feito dahi a hum mez, para hir a aſſinar por Sua Mageſtade, negoceou v. m. muito bem. Torna aſſinado dahi a dous mezes, lança-ſe nos Regiſtos, e delles vay correr as ſete eſtaçoens de Chancellarias, Mercês, direitos novos, e velhos, ou meyas natas, &c. E tenho dito a v. m. o que

 paſſa,

passa, ou ha de passar, e ainda lhe naõ disse tudo: mas se o quizer saber mais de raiz, falle com pessoas, que ha nesta Corte de tres, de cinco, e de oito annos de requerimentos, e ellas lhe diraõ o como isto pica. A reposta, que o Fidalgo deu ao Religioso, foy, que se ficasse embora, que se tornava para Campo Mayor.

Alguns requerentes ha taõ pouco considerados, que attribuem estes vagares á pessoa do Rey, como se os Reys tiveraõ corpo reproduzido, e de bronze, que pudesse assistir a todos os negocios, em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes Religiosos tem seu dia de suéto cada semana, e suas horas de descanso entre dia, para que se naõ rompa o arco, se estiver sempre entezado com a corda do rigor: e delRey nosso Senhor sabemos, que naõ dorme entre dia, nem joga, nem gasta o tempo em couzas superfluas; e se algum entretenimento tem, he muito licito, e só lhe dá as horas, que furta do descanço, que lhe era devido; e o mais todo o gasta no expediente das guerras, e em compôr as tormentas de negocios innumeraveis, sem admittir regalos, nem ostentaçoens de festas, que o divirtaõ. Cada hum quer, que se lhe assista ao seu negocio, como se outro naõ houvera; e daqui nascem as queixas,

que

que porisso saõ muito desarrazoadas. Da Villa de Goes veyo a esta Corte certo homem de bem com huma appellaçaõ em caso crime; e no primeiro dia, em que lhe deu principio, passando pelo terreiro do Paço, vio huma mó de homens; chegou-se a elles, e perguntou-lhes, se estavaõ fallando sobre o seu pleito? Responderaõ-lhes, que o naõ conheciaõ, nem sabiaõ que pleito era o seu. Pois em Goes [acodio elle] naõ se falla em outra couza. Assim passa, que cada hum cuida que só nelle, e no seu negocio se deve fallar. Senhores requerentes, levem daqui averiguado este ponto, para saberem, de quem se haõ de queixar: que os negocios saõ muitos, e que na maõ de Sua Magestade naõ fazem detença: vejaõ lá, onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, se querem que ande; e com isso seráõ apressadas unhas vagarosas, e ainda com isso duvido se seraõ diligentes; porque póde acontecer, o que Deos naõ queira, ou naõ permitta, que haja Secretario, ou Official, ou Conselheiro, que naõ despache cada dia mais que sete, ou oito papeis, acctescendo-lhe cada dia quinze, ou vinte de novo. E se isto assim for, já naõ me espanto dos montes de papeladas, que vejo por essas Officinas, nem das queixas, que ouço por essas ruas. Trabalhem

os Officiaes, e Miniſtros, que bons ordenados comem, e naõ dêm com o ſeu deſcanço trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo ſeis centos mil reis de ordenado, quatro centos para ſi, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mamava os cento, e cincoenta para ſi, e poriſſo naõ ſe dava expediente a nada.

****

CAPITULO XLIX.

Dos que furtaõ com unhas apreſsadas.

PAra intelligencia deſte capitulo contarey a hiſtoria, que aconteceo a hum Fidalgo Portuguez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer ſeus deſpachos, e levou para elles, e para ſeu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gaſtou hum anno requerendo ſem effeituar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gaſtado mais de mil cruzados. Lançou ſuas contas: ſe iſto aſſim vay, lá hirá quanto Martha fiou, e ficarey ſem o que eſpero, e ſem o que tenho. Bom remedio, buſque-

buſquemos unhas apreſſadas, já que naõ me ajudaõ unhas vagaroſas. Informou-ſe, que Dama havia no Paço mais bem viſta das Mageſtades; e como as de Caſtella ſaõ de poucas ceremonias, facilmente fallou com ella, e diſſe-lhe claramente que tinha tres mil cruzados de ſeu, e que daria dous a ſua Senhoria, ſe lhe fizeſſe deſpachar logo huma cõmenda por grandes ſerviços, que offerecia. *Dé acá ſus papeles Señor mio*, lhe diſſe a Dama, *y buelvaſe a ver conmigo daqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra, quando eſtoy triſte.* Contou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio, e voltou pontualmente com os dous mil em dobroens, e achou a Dama com o deſpacho nas mãos, ſem lhe faltar huma cifra; e pondo-lhe nellas o promettido, recebeo o que naõ houvera de alcançar por outra via. E eſtas ſaõ as unhas apreſſadas, de que fallo, e deſtas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na meſma Corte gaſtou annos allegando innumeraveis ſerviços, para o deſpacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que ſe lhe goravaõ ſuas pertençoens pelas vias ordinarias, tratou de ſe ajudar de unhas apreſſadas, que he o ultimo remedio, ou para melhor dizer, o primei-

 ro

ro, em quem trata de remir ſua vexaçaõ; e achou-as com pouco diſpendio do ſeu cabedal, que era já bem limitado, no pincel do melhor pintor de Madrid: mandou-ſe retratar muito ao vivo quaſi morto, com quantas feridas tinha recebido no ſerviço delRey, que paſſavaõ de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offenſivas, com que os inimigos o feriraõ, que por ſerem diverſas, faziaõ com o ſangue hum eſpectaculo horrendo no retrato. Na cabeça tinha huma alabarda, no roſto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atraveſſavaõ; ſobre a maõ eſquerda hum alfange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum moſquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompiaõ o peito: huma perna de todo quebrada com huma roqueira, e dez, ou doze punhaes, e eſpadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com eſta pintura, e ſeus papeis ſe appreſentou diante delRey Filippe em audiencia publica, e deſenrolando-a lhe diſſe em alta voz: Senhor, eu ſou o que moſtra eſte retrato: neſtes papeis authenticos trago provas de como recebi todas eſtas feridas no ſerviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago eſcrita em meu corpo, que Voſſa Mageſtade póde mandar

dar

dar ver, e achará, que em tudo fallo verdade. Seja Vossa Magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços, e merecimentos. Enterneceo-se o Rey, pasmaraõ os circunstantes, e sahio logo dalli despachado o pertendente com huma cõmenda grande, a que poz embargos a inveja, e lha fez cõmutar em outra pequena; porque naõ era Fidalgo, ou porque naõ encheo as unhas apressadas, que tudo alcançaõ, ou tudo estorvaõ.

Acabo este capitulo com hum exemplo da nossa Corte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da Casa da Supplicaçaõ está huma argóla, em que hum Rey nosso mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma bolça de dobroens, que huma velha lhe offereceo para lhe favorecer, e apressar certa causa de importancia, que lhe movia huma parte rija. Foy o Rey em pessoa á Relaçaõ para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e naõ se sahio dalli sem o deixar colgado. Louvo a reprehensaõ: naõ approvo o rigor. Antes sou de opiniaõ, que naõ devem ser enforcados homens Portuguezes: e porque naõ tenha alguem esta conclusaõ por inutil, seja-me licito provalla aqui com o apostrophe seguinte.

Em Roma havia ley, que nenhum Romano fosse açoutado; porque se tinhaõ todos por muito nobres; ou porque a infamia acanha os espiritos bellicos, que os Romanos queriaõ nos seus sempre vigorosos. Portuguezes saõ a gente mais nobre do mundo por seu valor, e por seus illustres feitos, e heroicas emprezas; e quando mereçaõ morte por delictos, tem Portugal conquistas, aonde os póde mandar por toda a vida, que he hum genero de morte mais penoso, que o de forca; porque esta acaba-se em huma hora, e aquella dura muitos annos com trabalhos peores de sofrer, que a mesma morte. Costumavaõ os nossos Reys antigos mandar aos condemnados á morte, que lhe fossem descobrir terras: e se morriaõ na empreza, empregavaõ bem a vida, e se escapavaõ, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos valentes por quasi nada, tenho grande lastima, porque me parece que fora melhor mandallos á India, ou a Africa. Custa muito hum homem a criar, e he muito facil emendar-se de hum erro. Se Deos castigara logo, quantos o offendem mortalmente, já naõ houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que daõ sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua maõ estivera, despovoariaõ o Reyno. Vî

hum

hum Padre da Companhia de Jeſus propor huns embargos, para livrar hum pobrete da forca: fallava com hum deſtes Miniſtros, que era o Relator, na eſcada da Relaçaõ; e allegava-lhe, que o réo naõ peccára mortalmente no homicidio, por quanto fora *motus primo primus*, e em ſua juſta defeza; e que tinha ſua mercê naquella razaõ, de que pegar para favorecer a Miſericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito ſabio, ſe era Theologo? Reſpondeo o Padre muito modeſto, que ſim. Pois he Theologo [diſſe o Dezembargador já picado] e allega-me que póde hum homem matar outro ſem peccar mortalmente! O Padre lhe inſtou muito ſereno: v. m. vay agora matar hum homem, porque vay ſentencear eſte á morte, e cuida que vay fazer hum acto de virtude: e o algoz, que o ha de enforcar, naõ tem neceſſidade de ſe confeſſar diſſo: hum bebado, hum doudo, e hum colerico mataõ vinte homens, e naõ peccaõ: logo bem digo eu, que póde hum homem matar outro ſem peccar. Naõ ſoube o ſenhor Doutor reſponder a iſto com toda a ſua garnacha, e deu as coſtas, e levou ávante a ſua opiniaõ, ſem querer amainar da ſua teima. Eiſaqui como morrem muitos ao deſamparo, entregues ao cutelo deſtes ſabios, porque naõ tem,

quem

quem acuda por elles, nem cabedal, para lhes modificar a pena, que he a ſua eſpada, e ás vezes unha. Nem me digaõ zeloſos, que convêm caſtigar-ſe tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhe direy, que o ſeu zelo, quando mais ſe refina, he como o do outro, de quem diſſe o Poeta: *Dat veniam corvis, vexat cenſura columbas*; e ainda mal que tantos exemplos vemos, em que ſe cumpre ao pé da letra, o que diſſe o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi.* E vem a ſer o que nós chamamos, Juſtiça de Guimarens. Naõ nego, que ha crimes, que ſe devem caſtigar com morte a fogo, e ferro, quaes ſaõ os de *Læſæ Majeſtatis Divinæ, & humanæ.* E em taes caſos he bem, que moſtrem os Reys com o ultimo ſupplicio o poder, que Deos lhe deu até ſobre os Sacerdotes. E porque a praxe deſta doutrina pareceo em algum tempo eſcandaloſa, no que toca aos Sacerdotes, he bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lêa o capitulo que ſe ſegue.

****

CAPITULO L.

Moſtra-ſe, qual he a juriſdiçaõ, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes.

HE o Sacerdocio izento da juriſdiçaõ dos leigos, por direito Divino, e humano. E com iſto eſtá, que ha muitos caſos, em que os Eccleſiaſticos ficaõ ſugeitos ás Leys Civîs, como os Seculares: e para melhor intelligencia deſta verdade, havemos de preſuppôr, que eſte mundo he como o corpo humano, que naõ ſe póde governar ſem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epiſt. 4. *Ductores ſequuntur ſuos: in apibus principes ſunt; grues unum ſequuntur ordine literato.* Os Grous ſeguem hum que os guia; as abelhas tem huma que as governa: e todos os animais reconhecem dominio em outros. Os homens levados deſte dictame da natureza, que he ley muito forçoza, para naõ ſerem mais eſtolidos, que os brutos, fizeraõ Reys, e eſcolheraõ Magiſtrados, a quem ſe ſubmeteraõ, para ſerem regîdos. Deos no principio creou o homem livre, e taõ livre, que a nenhum concedeo dominio ſobre outro: e

até

até Adaõ cabeça de todos, por ſer o primeiro, ſó de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em cõmunidades deu poder, para ſe governarem com as leys da natureza. E neſta conformidade todos juntos, como ſenhores cada hum de ſua liberdade, bem a podiaõ ſugeitar a hum ſó, que eſcolheſſem, para ſerem melhor governados com o cuidado de hum, ſem ſe canſarem outros. E a eſte eſcolhido pela cõmunidade dá Deos o poder, porque o deu á cõmunidade, e transferindo-o eſta em hum, de Deos fica ſendo. E neſte ſentido ſe verificaõ as Eſcrituras, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E ſe alguem cuidar, que ſó de Deos, e naõ do povo, recebem os Reys o poder, advirta, que eſſe he o erro, com que ſe perdeo Inglaterra, e abrio a porta ás hereſias, com que ſe fez Papa o Rey, admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul eſcolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a acclamaçaõ do povo o recebeo, e Deos naõ fez mais, que eſcolhello, e appreſentar-lho como digno da Coroa. E advirtaõ tambem os póvos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, naõ lhes fica livre o revogar-lho, nem limitar-lho; porque a ley da

verda-

verdadeira juſtiça enſina, que os pactos legitimos ſe devem guardar, e que as doaçoens abſolutas valioſas naõ ſe pódem revogar.

Deſta poteſtade livre, e ligitima dos póvos, para fazerem Rey, naſce poderem ſer muitos os Reys, aſſim como as Naçoens o ſaõ; e naõ ſer neceſſario, que ſeja hum ſó para toda a Chriſtandade, ainda que ſeja huma em ſua cabeça eſpiritual. E tambem ſe colhe, que o Papa naõ he Senhor temporal de tudo; porque Chriſto ſó o poder eſpiritual lhe deu, e o temporal ſó os póvos lho podiaõ dar, e conſta que naõ lho deraõ. Poſtas aſſim eſtas duas poteſtades ſecular, e Eccleſiaſtica, derivadas de ſeus principios, como temos dito: para chegarmos ao noſſo ponto, de qual he o poder, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes, he neceſſario averiguarmos as poteſtades, que ha no Sacerdocio, para aſſim conhecermos, por onde póde o Rey entrar na juriſdiçaõ Eccleſiaſtica.

Ha no Sacerdocio duas poteſtades, huma, que ſe chama das Ordens, e outra da Juriſdiçaõ. A das Ordens de Chriſto a recebem, e ſó para o culto Divino, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e eſta claro eſtá, que naõ tem lugar nella os Reys. A da Juriſdiçaõ ſe diſtingue em duas, huma

ma para o foro interno, e outra para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que naõ póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma he eſpiritual, e outra temporal, e ſaõ diſtinctas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celeſtial. A eſpiritual de Chriſto procede, que a cõmunicou ſó aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico, que preſumiſſe tal poteſtade. A temporal ha duvida, de donde, e como procede; ſe de Chriſto, ſe dos homens? E ainda ſe divide em duas; huma, que domîna os bens dos Eccleſiaſticos, e outra, que ſe eſtende ás peſſoas dos meſmos. E ſobre eſtas duas he a noſſa queſtaõ, ſe as tem os Reys de alguma maneira ſobre os Sacerdotes, e Eccleſiaſticos.

Que foſſem os Eccleſiaſticos exemptos do foro ſecular por Chriſto immediatamente, he queſtaõ controverſa: que o Direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximaõ, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Chriſto os exime, porque os Papas os eximem com o poder, que receberaõ de Chriſto. E daqui ſe colhe concluſaõ certiſſima, que naõ poderáõ nunca ſer privados deſte privilegio ſem conſentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; aſſim porque legiti-

mamen-

mamente o podia conceder, como tambem, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittiraõ. E desta mesma exempçaõ se colhe, que pódem ser sugeitos aos Reys, e Magistrados seculares nos casos, que permittirem os Summos Pontifices, que os eximiraõ: porque a exempçaõ naõ lhes vem das Ordens, como se vê nos Clerigos cazados, que naõ gozaõ o privilegio do foro Ecclesiastico, porque os Papas lho tiraraõ. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razoens, e occasioens, que habilitaõ os Reys, para procederem contra os Ecclesiasticos: as principaes saõ, Costume, Concordia, Privilegio, Justa defensaõ. Costume; porque este tolerado pelos Papas tem força de ley. E assim vemos os Clerigos sugeitos ás leys Civîs, que olhaõ pelo bem cómum; como os que taxaõ os preços das couzas, as que irritaõ contratos, as que prohibem armas, &c. Concordia: porque quando consentem o Ecclesiastico, e o secular em huma couza, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razaõ, porque em França saõ julgados os Ecclesiasticos, assim como os leigos, no juizo secular em causas civeis, e crimes; e neste Reyno pódem ser Autores, ainda que naõ possaõ Réos. Privilegio: porque se o Papa o conceder nos casos,

que

que póde, he valioſo; como ſe vê nos feudos, cujas cauſas ſe demandaõ ſempre no Juizo ſecular, e nos bens da Coroa, quando ſe daõ a Clerigo com tal obrigaçaõ; moeda falſa, e crime *Læſæ Majeſtatis* tem em alguns Reynos o meſmo privilegio. Juſta defenſaõ: porque *Vi vim repellere licet.* E para defender hum Rey ſua peſſoa, e a ſeus vaſſallos innocentes, póde proceder contra a violencia dos Eccleſiaſticos. E eſta he a razaõ, porque vimos neſte Reyno muitos Eccleſiaſticos, aſſim Clerigos, como Religioſos, e tambem Biſpos prezos, e confiſcados, por conſpirarem contra a peſſoa Real, e bem cómum de todo o Reyno: e no tal caſo, por todos os principios de neceſſidade, coſtume, concordata, privilegio, e juſta defenſaõ, foy tudo licito, e bem obrado, ainda que de outro principio naõ conſtaſſe, mais que do da juſta defenſaõ: e aſſás moderado, e modéſto andou ElRey noſſo Senhor em naõ fazer mais, que retellos prezos, para aſſim reprimir ſua audacia, e força.

Tudo, o que tenho dito neſte capitulo, he a doutrina mais verdadeira, que ha neſtas materias: e ſe algum admittir outra contraria a eſta, arriſcarſe-ha a cahir nos precipicios, em que ſe deſpenháraõ muitos Hereges. E baſte iſto para

deſen-

desenganarmos a piedade superstíciosa de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as couzas á carga serrada, appellidaõ em suas conciencias zelos fantasticos, com que se inquietaõ sem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

****

CAPITULO LI.

Dos que furtaõ com unhas insensiveis.

DO aspide escrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta suavidade, que naõ se sente: e porisso Cleopatra escolheo esta morte enfadada da vida pelo repudio de Marco Antonio. Tais saõ as unhas insensiveis: tiraõ a vida aos Reynos mais robustos, e esgotaõ a alma aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade, que naõ se sente o damno, senaõ quando está tudo morto. Estas saõ as unhas dos Estadistas, Alvitristas, aspides do Inferno, que persuadem aos Reys com razoens suaves, e sofisticas, que lancem fintas, que ponhaõ tributos, que peçaõ donativos aos póvos sem mais necessidade, que a

de ſua cobiça. Digo que ſaõ ſuaves as razoens que daõ, porque naõ ha couza mais ſuave, que recolher dinheiro; e digo que ſaõ ſofiſticas, porque as veſtem de apparencias do zelo do bem cõmum, e na realidade ſaõ cutelos, que degolaõ as Republicas. Declaro iſto com hum diſcurſo, ou conſequencia, que vî fazer ao diabo: caſo he, que me paſſou pela maõ haverá vinte annos: Navegámos de Lisboa para a Ilha da Madeira, quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval, grande palreiro: dez, ou doze homens muito valentes naõ baſtavaõ ao ter maõ, até que acodio hum Sacerdote Religioſo, que com os Exorciſmos o ſubjugou. Muitas perguntas lhe fizeraõ? A todas deu repoſtas taõ ladino, que bem moſtravaõ ſahirem de entendimento mayor que á ruſticidade de hum marinheiro. E que foſſe eſpirito máo, moſtrou-o bem nas faltas occultas, que deſcobrio a hum ſoldado meyo Caſtelhano, que com demaſiada fanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apoſtata, e outros nomes affrontoſos, que até o diabo os naõ ſofre; e poriſſo lhe revidou, pondo-lhe em publico couzas naõ menos affrontoſas, que elle tinha obrado em ſecreto, de q̃ corrido, por naõ ouvir mais, ſe retirou. Hum dos circunſtantes [devia de ſer Sebaſtianiſta] dezejoſo de

ſaber

ſaber ſe era vivo ElRey D. Sebaſtiaõ, tudo era apertar com o Padre Exorciſta, que lho perguntaſſe. Mas o Padre lhe reſpondeo humilde, que ſeu officio era apertar ſeriamente com o eſpirito maligno, que deixaſſe aquelle homem, e naõ fazer perguntas eſcuzadas. O diabo, que nada lhe cahe no chaõ, acodio a tudo, e póde ſer o faria por divertir os Exorciſmos: e diſſe eſtas palavras formaes: Se vós tendes Rey, para que quereis outro Rey? Sabeis, qual he o verdadeiro Rey? He o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo: porque quem o dá he ſenhor, e quem o toma he ladraõ. O Rey, que faz mercês, corrobora ſeus vaſſallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita ſeus Eſtados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como he iſto? He como as fintas, com que agora andaõ, para defender o Reyno; e erraõ o meyo da melhor defenſaõ, que ſeria eſpalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor, com que ſervir. Mais arengas infiou a eſta: tudo deixo, porque o dito baſta para o intento.

Bem ſey que o diabo he pay da mentira: e tambem ſey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens, que naõ merecem melhores menſageiros, como ſe vio na Pitonſia de Saul, e na que jurou S. Paulo; e a expe-

riencia nos tem mostrado a certeza, com que fallou este espirito; pois vimos que os tributos, e fintas de Castella, de que até o diabo se queixava entaõ, vieraõ a ser a unica causa de sua total ruina. Suave, e insensivelmente foy desfrutando tudo o pingue de seus Reynos; e porisso os acha agora taõ debilitados, que naõ se pódem sustentar a si, nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte, ou trinta milhoens, que gastou nas superfluidades do Galinheiro; ou se os deixara estar nas mãos de seus vassallos, outro galo lhe cantara, e naõ os achara todos galinhas, quando lhe servia serem Leoens; titulo, e nomeada, de que se prézaõ.

Confórme a isto, naõ foy pequeno indice de perpetuidade a resoluçaõ generosa, com que ElRey D. Joaõ o IV. nosso Senhor, que Deos guarde, e prospere, mandou levantar todos os tributos, que Castella nos tinha posto, tanto que tomou posse pacifica destes seus Reynos de Portugal. Nem se condemnaõ com isto as décimas, que poz para a defensaõ de sua Monarquia; porque he tributo, que Deos approva, e a Ley Divina pede a todos os fieis, para a conservaçaõ, e augmento da Igreja Catholica: tais saõ os dizimos de todos os frutos temporaes. O que se estranha,

e deve

e deve reprehender, e caſtigar em exacçaõ taõ juſta, he o rigor, e deſaforo, com que alguns Miniſtros vexaõ as partes, executando-as por pouco mais de nada, até nos giboens, que trazem veſtidos as pobres mulheres, e até nas enxadas, com que ganhaõ ſeu ſuſtento os pobres maridos, e até na pobre manta, com que ſe cobrem, porque naõ achaõ outra couza. E deſtas violencias fazem ſerviço, para ſerem deſpachados com mayores officios devendo ſer caſtigados ſeveramente; porque no meſmo tempo diſſimularaõ com décimas de ricos, e poderoſos, tais, que a unica de qualquer delles faria quantia mayor, que a de todos os pobres, que esfolaraõ: e porque ſe naõ dá fé diſto, chamo tambem a iſto unhas inſenſiveis: aſſim porque o naõ adverte, quem o devera emendar, como porque o naõ ſente, quem ſe deixa ficar com a contribuiçaõ, que por abranger a todos, o naõ deſobriga na conciencia; porque logra o bem, que da contribuiçaõ dos outros reſulta, ſem ſentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas inſenſiveis nas armadas, que ſe apréſtaõ, e ſayem por eſſa barra fóra: todo o tempo que ſe detêm no rio, que ordinariamente he muito, e he hum perpetuo canno, por onde deſagua, e

desova todo o provimento á formiga por tantas mãos dobradas, quantos saõ os soldados, officiaes, e passageiros, que continuamente estaõ a mandar para terra pelos filhos, parentes, e amigos; que os visitaõ todos os dias os lenços, e sacos de biscouto, que ao pé do Paço delRey se está vendendo; as chacinas, e frascos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murraõ, cartuxos de polvora. E se algum nota algum lanço destes, respondem rindo: Rica he a ordem: isto naõ he nada. He verdade, que nada he hum lenço de biscouto, e quasi nada hum saco delle, mas tantos mil vem a ser muito. Bom fora porem-se guardas, quando sayem, assim como se poem, quando vem, aos navios de carga; pois mais vay a Sua Magestade em assegurar sua fazenda, que a alhea, e naõ sejaõ como hum, que vendeo por seis mil reis huma amarra delRey, que tinha custado setenta mil; que assim guardaõ elles, o que lhes mandaõ vigiar.

CA-

****

CAPITULO LII.

Dos que furtaõ com unhas, que naõ se sentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe.

QUem bem considerar a monstruosa fabrica do Galinheiro de Madrid, que no capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamaraõ Bom retiro, para lhe emendarem o primeiro nome, que merecia; achará nelle hum espelho claro deste capitulo; porque he certo se gastaraõ nelle mais de vinte milhoens, que com pedidos, fintas, e tributos, foraõ roubando aos poucos, que entaõ o naõ sentiaõ, porque lhes hiaõ dando os xaques aos poucos, e á formiga: até que veyo o tempo a dar volta, convertendolhe a bella paz em feróz guerra, para a qual acharaõ menos os milhoens, que tinha devorado o Galinheiro como milho: e se os tiveraõ de reserva, naõ lhes cantaraõ tantos galos contrarios no poleiro. He couza muito ordinaria naõ se sentirem damnos ordinarios, que parecem leves, senaõ quando de pancada chega depois delles a

ruina, como na casa, que se vay calando pouco, e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemór o Novo conheci hum Juiz de fóra bom letrado, que deu em hum modo de furtar, qual estou certo naõ achou em Bartholo, nem Acursio. De toda a carne, que se comia em sua casa, apartava os óssos; e os tornava ao açougue, mandando de potencia absoluta, como Juiz que era, que lhe déssem outra tanta carne por elles, allegando, que naõ comprava óssos, nem era caõ para os comer. O marchante os foy ajuntando, e no cabo do triennio tinha huma meda delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na residencia allegando a perda, que lhe dera na sua fazenda, ainda que a naõ sentira ao perto, por ser aos poucos, que vinha a ser muito consideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razaõ, e fez-lhe justiça, mandando que o Juiz pagasse logo o preço de outra tanta carne, como pezavaõ os óssos: e deu-lhe hum boléo na bolça muito bastante; e outro no credito que perdeo, em fórma que nunca mais entrou no serviço delRey, até que morreo em Evora viuvo. Ambos Juiz, e marchante, se arranharaõ no fim das contas asperamente, ainda que o naõ sentiraõ no principio: mas foy

com

com differença, que o marchante achou cura para as ſuas arranhaduras, e o Juiz naõ achou remedio, e peorou do mal até morrer.

Nas armadas, e frotas deſta Coroa ſuccedem caſos notaveis de grandiſſimas perdas, por furtarem, ou pouparem ninherias. Parece que naõ vay nada em prover de vaſilhas, para os ſoldados tomarem ſuas raçoens de agua, e mantimentos; e ſegue-ſe dahi, que por naõ terem, em que guardem a agua, quando ſe reparte, haõ de bebella, ou vertella a deshoras: comem depois o toucinho ſalgado, e mal aſſado em eſpeto, que fazem dos arcos das pipas, e ficaõ eſtalando á ſede. No biſcouto ha tambem mil erros, por falta de induſtria, ou ſobeja malicia: a cama he a que achaõ pelas taboas, ou calabres do navio: e como a vida humana depende de todos eſtes abrigos, e elles ſaõ tais, adoecem todos, e morrem aos centos, e ſente-ſe no fim da jornada o mal grande, que ſe urdio no principio com faltas leves, e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta, e ſorve o mar, o que com huma bochecha de agua ſe pudéra ſalvar.

Nos exercitos, e campanhas ſe experimenta o meſmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de polvora, ſe perdem vitorias; e por naõ

mete-

meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, ſe recolhem ſem concluirem a empreza, que era de mais ganho, e proveito, que o que ſe poupa na reſerva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma glorioſa vitoria, e foy aſſim; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta deſta mancou o cavallo, e faltou o Capitaõ, que hia nelle, em ſeu officio, e faltou logo o governo, e perdeo-ſe tudo. Em huma viagem, que fiz por eſſes mares, foy tal a injuria no provimento, que por naõ comprarem pipas novas fizeraõ aguada em humas, que tinhaõ ſervido de chacinas, e ſalmouras: e a graça he que allegaõ ſer melhor a agua de pipas velhas: e era tal a deſtas, que fora melhor beber a do mar. Seguio-ſe deſta bolada taõ judicioſa, que eſteve toda a gente do navio arriſcada a morrer de ſede, ſe Deos nos naõ levara em breves dias a parte, onde tivemos agua, e refreſcos, com que emendámos erros de unhas, que naõ ſe ſentindo ao perto, arranhaõ muito ao longe.

Tomára aqui todos os Reys, e Principes do mundo, para lhes dar eſte avizo de ſumma importancia, que façaõ muito caſo do que parece pouco, quando he repetido; porque de muitos graõs ſe faz hum grande monte. Parece que naõ

he

he nada hum desabrimento hoje, e outro á manhãa: parece ninheria negar huma mercê a este, que a pede por serviços, e huma esmola áquelle, que a pede por necessidade: e vem-se a conglobar de muitas repulsas hum motim de desconsolados, que se achaõ menos na occasiaõ de prestimo: e o peor de tudo he, que estes corrompem outros, e os damnaõ com suas queixas, e vay muito em correr linguagem de bom Principe temos: ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigaçaõ. A obrigaçaõ do Principe he lutar com este gigante, que he o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Protêo, e Achelóo, que se transfórme em leaõ, e em cordeiro; que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua. Socega-se este mundo bem com huma politica, a que os prudentes chamaõ sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderáõ ter; e pouca vista he necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, naõ póde nascer bom fruto: e que huma pequena faisca despresada póde causar grandes incendios; e assim succede, que o que naõ se sente ao perto, damna muito ao longe.

Ca-

****

CAPITULO LIII.

Dos que furtaõ com unhas viſiveis.

RAra he a unha, ou nenhuma, que naõ procure fazer-ſe inviſivel, para que naõ a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor, do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas, que por mais inviſiveis, que ſe façaõ, ſempre ſe manifeſtaõ em ſeus effeitos; tanto, que por mais luvas de ſahidas, e eſcuzas, que lhes calceis, naõ póde o juizo aquietarſe, e eſtá ſempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba.* Aqui ha harpîas. Entrey hoje em caſa de hum homem, que conheci hontem pagem çafado de hum Miniſtro opulento: vejo-lhe colgaduras, e quadros, eſcritorios, e cadeiras, bugios ás janelas, e papagayos em gayolas de marfim, eſpelhos de criſtal na ſala, relogios de madre perola, e outras alfayas, que as naõ tem tais o Rey da China: e fico paſmado ſem ſaber, quem me diga a iſto! E digo cá comigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viende de donde le viene?* Eſte homem naõ foy á India, nem achou theſouro; porque ſe o achara, ElRey

havia

havia levar pelo menos a ametade delle. Isto he thesouro encantado: e se quereis, que volo descante, direy o que dizem todos; que este homem he hum grandissimo ladraõ: perdoe-me sua ausencia: e isso está assás provado, e manifesto nestes effeitos: nem ha mister mais devaça.

Em minha casa estou eu trancado, porque quem naõ se tranca no dia de hoje, naõ vive seguro: e estou tirando devaças, que tais as soubera tirar a justiça delRey, que deve de andar dormindo, pois naõ dá fé do que olhos fechados, e trancados vêm. Vejo que anda a cavallo com dous lacayos aquelle Ministro, que naõ tem de ordenado mais que oitenta mil reis: sey que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil reis. Elles naõ trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem os pavoens de Juno em casa, que lhes ponhaõ ovos de ouro! Pois que he isto? Saõ unhas visiveis, e bem se mostraõ em estes effeitos, e em outros, que calo de tafularias, amisades, &c. Hum molde, de como isto se obra visivelmente, porey aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India: despachava-se a fazenda de hum passageiro: e vieraõ a juizo tres, ou quatro escritorios bem

enfar-

enfardelados com ſeus couros, e lonas, porque o mereciaõ, e debaixo deſtas capas, para virem mais bem acondicionados, traziaõ varios godrins muito bons, que os eſtofavaõ, e eraõ de preço. Ha hum regimento naquelle deſpacho, que fiquem as capas dos fardos, que ſe abrem, para os officiaes, que aſſiſtem a eſtas véſtorias: abriraõ os eſcritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançaraõ mãos dos godrins chamandolhes capas, e com elles ſe ficaraõ, que bem valiaõ vinte mil reis. Levantando mil falſos teſtemunhos ao regimento, que na verdade ſó as capas de couro, e lona lhes concede, e naõ o mais, que vem regiſtado, como fazenda.

Em Villa Viçoſa conheci hum criado da grande, e Real Caſa de Bragança, que gaſtava os dias, e as noites em continuas queixas de naõ lhe mandar pagar o Sereniſſimo Senhor Duque D. Theodoſio ſeus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que ſe foy valer do Confeſſor, para que puzeſſe a Sua Excellencia em eſcrupulo aquelle ponto com todas as razoens de ſua juſtiça. Aſſim o fez o Reverendo Padre Confeſſor: e o Duque prudentiſſimo com o animo Real, e grandioſo, de que Deos o dotou, lhe reſpondeo: Naõ ſey ſe ſabeis vós, que eſſe fidalgo entrou no ſerviço

deſta

desta Casa, sem trazer de seu mais que huma capa de baeta, e hoje anda em coche, e sua mulher, e filhos vestem galas, e comem taõ bem, como os que se sustentaõ da nossa mesa. Perguntay-lhe vós, se lhe faltou depois que nos serve, algum dia alguma couza? E dizey-lhe, que assás mercê lhe fazemos, em naõ mandar ao nosso Dezembargo, que lhe tome contas, e examine as superfluidades de sua casa, e de seu trato; porque se puxarmos porisso, he de temer, que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eisaqui como se fazem visiveis as unhas em seus effeitos, por mais que se escondaõ.

Mais claramente se fizeraõ em Evora as unhas invisiveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Mosteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no claustro tinha depositado hum Maltez dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas subtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para naõ fazerem estrondo: tambem levaraõ farellos, para menearem a moeda sem chocalhada. Deraõ nos caixoens da pecunia, encheraõ alcofas, e sacos, sua boca, sua medida, até mais naõ quererem, ou naõ poderem levar para suas casas: onde começaraõ a lograr os frutos de sua diligencia, mas taõ

incau-

incautos, que ſendo trabalhadores de enxada, já naõ hiaõ puxar por ella no ſerviço das vinhas, como coſtumavaõ. Nem fora iſto baſtante para os deſcobrir a grande diligencia, com que a juſtiça por todas as partes batia as moutas. Até que em huma ſeſta feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum deſtes comprava ſolho para jantar a toſtaõ o arratel, coſtumando a paſſar com ſardinhas. Deu aſſopro ao Juiz de fóra, que lhe deu em caſa de repente, e com poucos foroens deſcobrio a caça, e achou a mina, de donde ſahiaõ os gaſtos, que o fizeraõ manifeſto, com prova baſtante para o pôr no potro, onde chorou ſeu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos ſobre as portas da Cidade fazendo ſuas unhas ainda mais manifeſtas.

****

CAPITULO LIV.

Dos que furtaõ com unhas inviſiveis.

TEla *præviſa minus nocent*. Diz o Proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para eſcapar delle: mas o

rayo, que naõ ſe vê, a bala, que naõ ſe enxerga, ſenaõ quando vos ſentîs ferido, ſaõ males irremediaveis: e tais ſaõ as unhas inviſiveis em ſuas rapinas. E paſſa aſſim na verdade, que naõ damos fé dellas, ſenaõ quando ſentimos ſeus damnos. Raro he o ladraõ, ſe naõ he de eſtradas, que naõ trate de eſconder as unhas, e fazer-ſe inviſivel, quando furta: e por eſta via pódem pertencer a eſte capitulo quaſi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o aſſalto ainda mais inviſivel, pondo-vos á viſta o harpéo, com que vos esfolaõ, ſem dardes fé delle.

Abroquelem-ſe os mecanicos, que começa eſta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro hum par de obra por boa, e legitima,e como tal lhe talha o preço, que vós deſembolçais muito contente, e elle agarra pouco eſcrupuloſo: dahi a dous dias arrebentaõ as coſturas, porque o canamo do fio era podre, ou ſingelo, devendo ſer ſaõ, e dobrado: viſtes as entreſolas, que eraõ de pedaços, devendo ſer inteiras, e os contrafortes de badana, que deveraõ ſer de cordovaõ, ou vaqueta. E tudo fez inviſivel a deſtreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deos, e em ſua conciencia. Vende-vos hum al-

ſayate o veſtido feito, ou faz-vos o que lhe mandaſtes talhar: mete lãa por algodaõ nos acolchoados, trapos por hollanda nos entreforros, linhas nos peſpontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas coſturas: e paga-ſe, como ſe tudo fora direito como huma linha; e tem para ſi, que nada fica a dever, porque de nada déſtes fé, ſenaõ quando ſe foy gaſtando a obra, e appareceraõ eſtes furtos no voſſo negro, a quem déſtes o veſtido, porque naõ dizia com voſſa peſſoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neſte Reyno, mandou fazer humas calças altas no tempo, que ſe uſavaõ, e deu para os entreforros dous covados de baeta muito fina; e o ſenhor meſtre, que as talhou, e peſponteou, tomando a baeta para ſi, poz-lhe em ſeu lugar hum ſambenito, por ſe forrar dos cuſtos, que lhe tinha feito; feitas as calças, ſem nenhuma ſuſpeita do que levavaõ dentro, achou o Fidalgo, que pezavaõ muito, e que o aquentavaõ mais que muito: mandou-as abrir para ver ſe tinhaõ chumbo, ou fogo dentro, e achou o ſambenito de mais, e a ſua baeta menos: naõ conto o mais que ſuccedeo, porque iſto baſta para ſe ver, que ha nos alfayates unhas inviſiveis.

Os cerieiros, que eſpalmaõ cera preta debai-

xo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mafcavado, e borras com duas mãos de fino. Os pafteleiros, que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os eftalajadeiros, que bautizaõ o vinho, e daõ vianda de cabra por carneiro. O tofador, que fem pôr tefoura na peffa de vintedozeno, vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a befta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar, e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candêa no emplafto, que pede oleo de minhocas na receita: O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra, que teceo de duas velhas, que defmanchou: O fombreireiro, que trabalhou lãa groffa, e podre, debaixo de huma pafta fina, para vender o chapéo, como fe fora de caftor: O ferralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova: O ourives, que defcontou a pezo de ouro o azougue, com que ligou o douramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que mifturou na peffa. E todos, quantos elles faõ, [que feria muito correllos todos] tem eftas trêstas, e outras mil, com que efcondem as unhas, que invifivelmente nos roubaõ.

Mas dirá alguem, que tudo ifto faõ ninherias, que naõ tiraõ honra, nem defmandaõ ca-

ſamentos. Seja aſſim. Vamos ávante: *Paulo maiora canamus.* Levantemos de ponto, e venha a juizo gente mais granada, e os que provêm as armadas, e frotas delRey noſſo Senhor, ſejaõ os primeiros. Naõ tem conto as pipas de vinhos, e azeites, que nellas arrumaõ, para provimento, e droga: tudo vay fechado cravado o batoque: e ſe no fim da jornada ſe acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias, com que corrompe tudo, e o ladraõ a deſculpa na maõ, com que gualdripou, o que vay de mais a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra: e fica o ſalto, que foy inviſivel em Lisboa, manifeſto álem da Linha; como Santelmo, que ſe faz inviſivel em tempo ſereno, e na tempeſtade apparece.

Os ladroens nocturnos ſaõ ainda mais inviſiveis, como aquelle, que mudou hum tranſelim da cabeça de ſeu dono para outra, a que naõ pertencia; era elle de diamantes, e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pedras, e feitio: e foy o caſo, que quando ElRey Filippe III. de Caſtella veyo a eſte Reyno, lançou o Duque de Aveiro eſta gala, com que brilhou mais que todos: Encheo os olhos de huma ave de rapina, que ſe fez nocturna, para lhe dar

caça

caça mais ſegura: eſperou que o Duque ſe recolheſſe do Paço Real alta noite; inveſtio-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada baſtante para ter boa ſahida o chapéo, e peſſa, que voou pelos ares com ſeu ſegundo dono; que ainda naõ ſe ſabe, ſe o engolio a terra, ou ſe o levaraõ os ventos; porque ſe fez logo taõ inviſivel, como clandeſtino.

Pela trilha deſte ſe deſempenhaõ muitos, a que chamaõ neſte Reyno capeadores: eſperaõ que anoiteça: fazem-ſe inviſiveis por eſſes cantos das ruas de melhor paſſagem: eſpada, e broquel com piſtóla ſaõ os ſeus fiadores: e em paſſando couza, que lhes arme, deſarmaõ de repente com huma tempeſtade de eſpaldeiradas, e ameaças de morte: e ſe lhes reſiſtem, aplaca logo tudo a piſtóla póſta nos peitos; e com largar a capa, e a bolça, rime ſua vexaçaõ o paſſageiro, ſem conhecer o autor da preſente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de barato, quando taõ caro lhe cuſta o tornalla para ſua caſa illeſa. Nas Chronicas de Portugal ſe conta, que houve hum Rey em Lisboa antigamente taõ ſolicito de atalhar furtos, que até aos inviſiveis dava caça. Deraõ-lhe avizo os ſeus eſpias, que ſe furtava muito na caſa da India, e na Alfandega, e que de noite ſe abriaõ as

portas, e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza, que os mariolas da Ribeira eraõ os portadores alugados. Disfarçou-ſe o bom Rey á guiza deſtes, e entre elles paſſou huma noite, e outra, até que chegou a infauſta para todos: deixou-ſe hir ao chamado dos officiaes, que os levaraõ todos á Alfandega; e o ſeu mayor cuidado foy dar teſouradas nas capas de todos ſem ſer ſentido. Fez-ſe tudo, como os pilotos da facçaõ mandaraõ, pagaraõ ſeu trabalho aos mariolas, e recolheo-ſe o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante ſi todas as Juſtiças, Miniſtros, e officiaes de ſeu ſerviço com os meſmos veſtidos, com que tinhaõ rondado aquella noite: e al naõ façais, com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros ſaõ leys inviolaveis, aſſim vieraõ todos: foy-lhe vendo as capas, e poz de reſerva todas, as que achou feridas, para pôr a ſeus donos de dependura. E aſſim paſſou o negocio, que com teſouradas inviſiveis aſſegurou thezouros, que unhas inviſiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças, e modos, para evitar damnos, mas que pareçaõ irreparaveis por inviſiveis. Tais foraõ, os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos

Reaes

Reaes com hum Ministro, que tirava folhas dos livros do recibo taõ subtilmente, que ficava invisivel a falta; mas viraõ-se logo as sobras dos restos das contas no largo, que invidava o resto na casa do jogo: e se soubera fazer invisivel o lucro dos direitos, como fez invisivel o salto, com que os roubava, ainda estariaõ invisiveis as unhas, que o levaraõ á forca: por sinal que endoudeceo sua mulher: e ainda naõ se sabe, se foy de prazer por perder o marido, se de pezar por lhe confiscarem a fazenda. Por tudo seria.

****

CAPITULO LV.

Dos que furtaõ com unhas occultas.

PArecerá a alguem este capitulo semelhante ao passado das unhas invisiveis, mas elle he muito differente; porque as unhas o saõ tambem muito entre si, como logo mostraráõ os exemplos; e a razaõ tambem o mostra; porque as invisiveis saõ, as que de nenhuma maneira se pódem conhecer no fragante, e as occultas bem se pódem alcançar logo, se fizermos diligencia. Succedeo o caso, e eu o vî em huma feira de tres,

que se fazem todos os annos em Villa Viçosa, haverá desasete annos. Vinha alli muito açafraõ de Castella, e naõ taõ caro como hoje val: no primeiro dia naõ havia achallo por menos de dous mil reis, e isto em muitas tendas: no segundo dia só hum vendedor se achou delle, e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deu isto que cuidar, porque naõ havendo mais, que hum mercador de huma droga, a razaõ pedia que lhe levantasse o preço, mas a semrazaõ, que elle usava, o ensinou ao abater, para se expedir mais depressa, e pôr-se em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dous mil reis, e a vendeo toda a mil e quinhentos. Assim passa: mas ahi val a unha occulta, que misturou com o açafraõ puro outro tanto pezo de flor de cardo tinta de amarello, feveras de vaca, arêa miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceo a droga outro tanto, ou mais; e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessando no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em taõ grande quantia. E ainda que as partes se acharaõ no primeiro jantar defraudadas, naõ foy com tanta pressa, que a naõ puzessem mayor as

unhas

unhas occultas, em ſe porem em cobro, antes de as fazerem manifeſtas.

Hum ſegredo natural ha neſta materia de unhas occultas, que ſuccede cada dia, de que ſó aos Confeſſores ſe dá parte, e poriſſo os Senhores ficaõ defraudados neſta parte. Logo me declararey: Ninguem cuide que taxo os Confeſſores de deſcuidados em mandarem reſtituir: póde ſer que ſe governem neſte caſo pelos conſelhos de Sanches. He couza certa, que o paõ, quando ſe recolhe das eiras para os celleiros, que vem ſeco, e iſtitico do mayor Sol, que nellas padece: e outroſim he certiſſimo, que os celleiros pela mayor parte ſaõ humidos: e daqui vem, que o paõ penetrado da humidade incha em ſeu tanto de maneira, que eſtá averiguado, que cada dez moyos lançaõ hum de creſcenças. Entrega ElRey por eſſas Lyſirias mil moyos de paõ a ſeus Almoxarifes no Veraõ, e quando lho pede no Inverno, he mais que certo, que fazem a reſtituiçaõ dos mil moyos, e que lhes ficaõ cem nos celleiros pela rega infallivel das creſcenças, que temos dito. O Almoxarife, que he bom Chriſtaõ, acha-ſe enleado: por huma parte o pica a conciencia, vendo em ſua caſa bens, que naõ herdou; e por outra parte tambem ſe lhe ſocega, porque ninguem o demanda

da

da por elles, e vê que ElRey eſtá ſatisfeito. Vay á confiſſaõ da Quareſma, e diz: Accuſo-me, que comi cincoenta moyos de trigo, que naõ ſemeey, nem herdey, nem comprey; e tambem declaro, que os naõ furtey; porque me naſceraõ em caſa dentro em huma tulha, aſſim como me podia naſcer hum alqueire de verrugas neſtas mãos. E deſtrinçado o caſo, fica a couza occulta, e em opiniaõ; e quem a quizer ver decidida veja o Doutor, que já toquey, que eu naõ profeſſo aqui enſinar caſos de conciencia: ainda que ſey, que a praxe deſte eſtá reſoluta nos celleiros do Eſtado de Bragança, onde ſe pedem as creſcenças aos Almoxarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre; e a regateira foy taõ ardiloſa, que a foy cevando com agua pelo batoque ao compaſſo, que a hia aquartilhando pela torneira: e aqui eſtá eſcondido outro ſegredo natural, que aquella agua botada aos poucos, ſe vay convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque ſe deſtempéra; e neſta parte he como o caõ damnado, que irritado ſe azeda mais: e vem a fazer a ſenhora vendedeira de huma pipa tres, ou quatro; e fica-ſe com o

reſto,

reſto, que he mais outro tanto em dobro: e alimpa o eſcrupulo com lhe chamar fruto de ſua induſtria.

Aqui pódem entrar os taſues, que jogaõ com dados falſos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com tais disfarces ſe manifeſtaõ, e fazem ſua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay ſenhor do jogo, e ſabedor da maranha. E niſto naõ ha opiniaõ, que os eſcuſe de furto mais aleivoſo, que a do ladraõ, que ſaltêa nas eſtradas. Tambem he occulta a trêta, de quem poem mal com ElRey a poder de mexericos o Capitaõ, que vem de álem-mar muito rico, para que naõ lhe dê audiencia, e o traga desfavorecido, até que ſolicito buſca caminho, para ſe congraçar com ſeu Senhor: e como o de boas informaçoens he o melhor, trata de buſcar quem lhe desfaça as más, e apoye ſeu credito: e naõ falta logo quem lhe diga: Senhor valey-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor ſahida á voſſa pertençaõ; e póde ſer, que vem eſte mandado pelo meſmo, que o poz em deſgraça, para o trazer a eſtes apertos de o buſcar com os donativos coſtumados, que ás vezes paſſaõ de vinte caixas de açucar, porque em mais ſe eſtima a graça de hum Principe. E tanto que ſe

alcan-

alcança eſte intento das caixas, peſſas, ou biſalhos, ſegue-ſe o ſegundo de desfazer a maranha, e abonallo, até o pôr em pés de verdade reſtituído á ſeu primeiro ſer, e valimento.

****

CAPITULO LVI.

Dos que furtaõ com unhas toleradas.

TErrivel ponto, e arriſcado he, o que ſe nos offerece para deslindar neſte capitulo, porque parece, que offende a juſtiça, e bom governo dizermos, que ha unhas, que furtaõ, e ſe toléraõ. Males ha neceſſarios, como diz o proverbio, e que ſe toléraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he a de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que ſe ſoffrem para divertir as más inclinaçoens, e evitar outros vicios mayores: mas o furtar ſempre he taõ máo, que naõ ſe póde tolerat para deſmentir vicio mayor; pela regra que diz: *Non ſunt facienda mala, ut veniant bona.* Donde o tolerar ladroens nunca he bom; porque havelos he máo, e conſentilos peor: e outra regra diz, que tanta pena merece o con-

o conſentidor, como o ladraõ. Nem ſe póde dizer, que a juſtiça os conſente, nem que os Reys os diſſimulaõ; porque a razaõ naõ os permitte. Pois que unhas toleradas ſaõ eſtas, que aqui ſe nos entremetem, para ſerem deſcuidadas? Para ſerem emendadas, folgára eu de as propor, e declaralas-hey com hum par de exemplos, taõ notorios, e correntes, que por ſerem tais, ninguem repara nelles. Seja o primeiro de longe, e o ſegundo de perto; eſte de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia eſtá Roma, Cabeça do mundo, que pelo ſer, nos deve dar documentos de juſtiça, e ſantidade; e poriſſo naõ eſtranhará taxarmos, o que ſe deſviar deſta regra. Lá ha huns officiaes, que chamaõ Banqueiros: e eſtes tem por todo o mundo, onde ſe acha obediencia Romana, ſeus correſpondentes, que intitulaõ do meſmo nome: e aſſim huns, como outros, agenceaõ diſpenſações, graças, e indulgencias, e expediente de Igrejas, e Beneficios, que vem por Breves, e letras Apoſtolicas dos Summos Pontifices, para partes, que naõ pódem lá hir negoceallas; e por tal arte meneaõ as couzas, que naõ lhas trazem ſenaõ a pezo de dinheiro; e vem a ſer neſte Reyno hum rio de prata, para que naõ lhe chamemos de ouro, que eſtá correndo continuamente para a Curia Sacra,

por

por letras de Biſpados, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças; tudo por taõ exceſſivos preços, que vem a fazer mais de hum milhaõ todos os annos; ſendo aſſim, que nas Bullas de tudo ſe diz, que daõ tudo de graça: *Gratia ſub annulo Piſcatoris.* E aſſim he na verdade, que Saõ Pedro peſcador; e nada logra de taõ copioſa peſca. Os peſcadores, que engordaõ com eſtes lanços, bem ſe ſabe quaes ſaõ: e porque ſaõ, os que naõ convêm, ſe livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do ſello, ſem avaliar o muito, ou pouco, que ſe concede, porque iſſo todas as Bullas dizem, que vem de graça. Caſtella ſe ſuſpeita, que tem a culpa do que Portugal padece neſta parte; porque alargou a maõ para ſeus intentos; ou porque a tinha entaõ mais chea, que hoje com as enchentes de ouro, e prata, que lhe vinhaõ do mundo Novo; e como Portugal lhe era ſugeito, e ſempre foy liberal, e grandioſo, foy ſeguindo ſuas pizadas; e vendo-ſe picado, e opprimido com tal carga, e com o pé Italiano ſobre o peſcoço, tudo toléra a titulo de piedade; como ſe naõ fora impiedade defraudar-ſe a ſi, para encher as unhas de milhafres Banqueiros; cuja fé naõ aſſegura a verdade das letras, que apraza a Deos naõ ſejaõ

falſas.

faltas. Doutos houve já, que confiderando o muito ouro, que difpenfaçoens fó dos matrimonios levavaõ defte Reyno, refolveraõ, que podia ElRey noffo Senhor fazer Ley, que anullaffe todo o contrato de matrimonio entre parentes: mas mais facil era mandar com pena de confiscaçaõ de todos os bens, que ninguem paffe lá dinheiro para tais graças, pois concedem que vem de graça; e atalharfe-hia affim de pancada tudo; pois naõ ha razaõ, que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais Chriftianiffima.

Que venha hum Colleitor a efte Reyno por tres annos a governarnos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de hum milhaõ, quando nada, para fi, e feus officiaes, he couza, que naõ entendo, e poriffo naõ lhe fey dar remedio: e fe o entendo, naõ me atrevo a receitarlhe a mézinha, porque naõ me levantem, que finto mal do Ecclefiaftico. E a verdade he, que finto n'alma ver chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as noffas. Chamo-lhe incuraveis, naõ porque naõ tenhaõ remedio, mas porque faõ toleradas de tanto tempo; que de velhas naõ tem cura, e poriffo ninguem fe cura já dellas. Aqui fe me poem huma inftancia: tal qual he, eu a deftroçarey: dizem os que de nada

da ſe doem: como póde hum ſó Colleitor com tres Monſenhores Varoens de letras, e virtude, recolher tanta pecunia; ſe elles ſó trataõ do eſpirito? Reſpondo, que ha neſte Reyno mais de dez mil Frades, e mais de quinze mil Freiras, e mais de trinta mil Clerigos, e mais de cincoenta mil embaraços de conciencia em leigos; e todos movem demandas de lana caprina; porque o Frade quer comer na meſa traveſſa; a Freira quer janela ſem grade, e grade ſem eſcuta; o Clerigo quer viver á ley do leigo, e o leigo quer ordens ſem cabeça, em que lhas ponhaõ, e deſcaſarſe de duas, ou tres, que o demandaõ; *& ſic de reliquis:* e todos para ſahirem com a ſua entraõ com Monſieur Auditor, e com Monſieur Albornós, e com Monſieur Catrapuz; huns daõ ouro, outros prata, e outros pedras, q̃ ſe naõ achaõ na rua; porque de fraſqueiras, capoeiras, canaſtras, coſtaes, &c. já ſe naõ faz caſo, por ſerem drogas de mais volume que lume: e com eſtas pedradas daõ a batalha, e alcançaõ a vitoria, e alimpaõ o bico, pondo em pés de verdade, que Roma naõ ſe move por peitas, e aſſim he, porque tudo ſaõ graças. Naõ ſey, ſe me tenho declarado! Mas ſey que tudo ſe toléra, porque corre tudo por cannos inexcructaveis, e que fora bom haver hum breve de contramina, que

anullaſſe

anullaſſe tudo, o que por tais minas ſe agenciaſſe.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros; remato eſta teima com hum caſo, que me paſſou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma diſpenſaçaõ, ou abſolviçaõ importante: hum pedio duzentos mil reis, outros cem mil, o terceiro foy mais moderado, e diſſe que por menos de oitenta era impoſſivel impetrar-ſe. Naõ havia nos penitenres cabedal para tanto: fallou-ſe a peſſoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e propoſto o negocio, reſpondeo, que era de qualidade, que ſe expedia na Curia ſem gaſtos de hum ceitil, e ſe offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e aſſim foy, que de graça veyo: contey por graça iſto ao matalote dos duzentos mil reis, reſpondeo marchando os beiços: ſaõ lanços, que naõ tiraõ ſeus direitos aos homens de negocio; e melhor diſſera lançadas de Mouro eſquerdo, que merece gente, que com ſua infernal cobiça infama a ſinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira ſofre ſimonias; como actualmente o tem moſtrado a Santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falſificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neſte Reyno, no qual tambem ha outras ſuas proprias, que toléra, e

todas tomará cortadas. Arma hum fronteiro huma facçaõ por ſeu capricho; entra por Caſtella com dous, ou tres mil Portuguezes, gaſta na carruagem, muniçoens, e baſtimentos da cavallaria, e infanteria, oito, ou dez mil cruzados: ſuccedelhe mal a empreza; e ainda que lhe ſucceda bem, perde em armas, cavallos, e infantes mais de outro tanto, e recolhe-ſe dizendo: bella maré levavamos, ſe naõ ſe viràra o barco. E dado que nada perca, e que traga huma grande preza, eſtá bem eſmada, e mal baratada: lança ao quinto delRey ao mais arrebentar duzentas cabeças de toda a ſorte, que naõ baſtaõ para recuperar mais de duzentos moſquetes, e outras tantas piſtólas, que deſappareceraõ; piques, que ſe quebraraõ, e gaſtaraõ em aſſar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil couzas, que naõ ſe contaõ; com que lançadas as contas, ſempre as perdas excedem os ganhos. Alem de que na giravolta ſe deſtroça o fiado, deſconta o vendido, e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos noſſos lavradores, que o naõ aggravaraõ, deixando-os ſem boys, nem gados, para cultivar as terras. Tornaõ lá os noſſos a ſatisfazer eſta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, naõ

ſe

ſe recuperaõ os lavradores; tudo he dos ſoldados, que o malograõ, e dos atraveçadores, que o diſſipaõ. E aſſim ſe vaõ encadeando perdas ſobre perdas, que unhas toleradas vaõ cauſando ſem remedio; porque naõ ſe deu ainda no ſegredo deſta eſponja. Olhaõ para o applauſo da valentia, e as medras, dos que ſe empenhaõ nellas, lançaõ hum véo pelos olhos de bizarria a todos, e outro de lizonja ſobre a ruina da fazenda Real, que paga as cuſtas; e os lavradores choraõ, o de que ſe ficaõ rindo os pilhantes, que neſta agua envolta ſaõ os que mais peſcaõ.

E que direy das innumeraveis unhas, que ſe toléraõ na grande Cidade de Lisboa! Envergonha-la-hemos com Cidades muito mayores, que ha na China, nas quaes ha taõ grande vigilancia niſto de unhas de gente vadîa, que de nenhuma maneira eſcapa peſſoa viva, de que ſe naõ ſaiba quem he, o que trata, e de que vive, para evitar roubos, e outras deſordens, de q̃ ſaõ autores os ocioſos, e vagamundos em grandes Republicas. E na noſſa ha deſtes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheas, ſem haver quem lhes pergunte, ſe ſe ſabem benzer, nem quem ſe benza delles; porque delles naſcem os roubos nocturnos, raptos clandeſtinos, homicidios quotidianos: nelles achareis teſtemu-

nhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça huma eſcritura falſa, e huma proviſaõ, que até ElRey, que a naõ aſſinou, a tenha por verdadeira: tudo ſe toléra, porque naõ ha quem vigie. Sou de parecer, que aſſim como ha Meirinho mór para reſguardo do Paço Real, haja ſegundo Meirinho mór, para guarda de toda a Corte neſta parte dos vadîos, e gente ocioſa; e que prenda todo o homem, que naõ conhecer, ſem lhe formar outra culpa: ſe provar no Limoeiro, que he homem de bem, ſerá ſolto; e ſe for da vida airada, vá para as Conquiſtas, onde terá campo largo para eſprayar ſuas habilidades, e ficaremos livres deſta praga, que tanto á noſſa cuſta ſe toléra.

****

CAPITULO LVII.

Dos que furtaõ com unhas alugadas.

TOleradas ſaõ tambem eſtas unhas, pois ſe alugaõ; mas ſaõ peores nas correrias, que fazem, como mulas de Alquiler. Os Doutores Theologos tem para ſi, que naõ ha mayor maldade, que

que a que ſe ajuda de forças alheas, quando as proprias naõ lhe baſtaõ, para executar ſua paixaõ. E eſtá em boa razaõ, porque ſaye da esféra, e limite daquillo que póde: e obrar huma peſſoa mais do que póde para o mal, he grandiſſima maldade; aſſim como obrar mais do que póde para o bem, he grandiſſima virtude. Naõ póde hum ladraõ arrombar a porta de hum mercadot á meya noite, que remedio para lhe peſcar hum par de peſſas ſem eſtrondo, nem difficuldades? Aluga hum trado, e com elle, como com lima ſurda, faz hum buraco, quanto caiba huma maõ; mete hum gancho agudo taõ comprido, quanto baſte para chegar ás peſſas, que eſmou de olho ao meyo dia; fiſgalhe huma ponta, e como camiſa de cobra as revira, e eſcôa todas pela taliſca. Mas naõ ſaõ eſtas as unhas alugadas, que fazem os mayores damnos na Republica. Outras ha, de que Deos nos livre, mais nocivas: eſtas ſaõ as ſerventias de quantos officiaes de juſtiça ha no mundo; correlos todos he impoſſivel: direy ſómente de varas, e eſcrivaninhas, o que vemos, e choramos, e naõ remediamos, porque naõ ferem ſeus damnos, a quem pudéra dar-lhe o remedio. Que couza he a vara de hum meirinho, ou de hũ alcaide, no dia de hoje? Se Ariſtoteles fora

 vivo,

vivo com todo o ſeu ſaber naõ a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a de Moyſés. A vara de Moyſés na ſua maõ vara era; mas fóra da ſua maõ era ſerpente. Tal he qualquer vara deſtas, de que fallamos: na maõ de ſeu dono vara he, ſe he bom Miniſtro; mas fóra da ſua maõ he ſerpente infernal, e ſe anda alugada, he todos os diabos do inferno; porque hum diabo naõ tem poder, para ſe transformar em tantos monſtros, como huma vara de ſerventia alugada ſe transfórma: e elles meſmos o confeſſaõ, que naõ póde al ſer, para pagarem ao orfaõ, ou á viuva, cuja he, e ficarem com ganho, que os ſuſtente a todos á cuſta das perdas de muitos. Olhay para a vara de hum aguazil damninho, parecevos vaqueta de arcabúz; e ella he eſpingarda de dous cannos; porque vay por eſſes campos de Jeſu Chriſto, a melhor marrãa, que encontra, e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para caſa, acha-os eſtirados na ſua loge, ſem gaſtar polvora, nem dar eſtouros. Tambem he canna de peſcar fóra da agua: vay á Ribeira, lança o anzol na melhor peſcada, e no melhor congro, ou ſavel, e ſem cedella, que puxe, dá com elles no ſeu prato. Tambem he béſta de pelouro, que mata galinhas aos pares, e pombas ás duzias; perdi-

zes

zes nenhuma lhe eſcapa, ſe as acha nos açougues; porque no ar erra a pontaria. Tambem he cadéla de fila, e quando a açúla a huma vitéla, mas que ſeja a huma vaca, berrando a leva aonde quer. Tambem he covado, e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor: aſſim como he, entra em caſa do mercador, e mede como quer panno, e ſeda. Tambem he garavato de colher fruta, e ſem ſe abalar por hortas, nem pomares, colhe, e recolhe canaſtras cheas. E vedes aqui irmaõ leitor a vara de Condaõ, com que nos embalavaõ antigamente, que fazia ouro de pedras, e paõ de palhas, e da agua vinho; e eſta ainda faz mais, porque faz, e desfaz, quanto quer, quem a alugou.

O meſmo, e muito mais pudera aqui dizer das eſcrivaninhas alquiladas; mas naõ quero nada com pennas mal aparadas, naõ acerte de lhes vir a pello eſte noſſo tratado, que no lo depennem, ou jarretem com alguma ſentença grega, ou deſalmada. Só direy, que ſaõ alguns, ou quaſi todos, taõ fracos officiaes, que he grande valentia ſaber-lhes ler, o que eſcrevem. Eu ſey hum, que o fizeraõ vir de Evora a eſta Corte, para que leſſe o que tinha eſcrito em hum feito, que naõ era pequeno, e naõ ſe achava em toda Lisboa, quem

em tal eſcritura attinaſſe com boya, como ſe fora a de ElRey Balthaſar. E com eſtes gregotins alimpaõ as bolças ás partes, e ſujaõ quantas demandas ha no Reyno, eſcrevendo ſéſta por balhéſta, e alhos por bugalhos: e já lho eu perdoara, ſenaõ ſuccedera muitas vezes tirarem dos feitos as ſentenças por tal eſtylo, que naõ ſe daõ á execuçaõ, porque naõ ha entendellas. Muito ha que reformar nas officinas, e cartorios deſtes ſenhores, como em todos, quantos officios andaõ no Reyno arrendados.

****

CAPITULO LVIII.

Dos que furtaõ com unhas amorozas.

QUem dizia no capitulo 39. que naõ ha unhas bentas, porque todas ſaõ malditas, e ſugeitas a mil excõmunhoens, quando furtaõ; tambem dirá agora, que naõ ha unhas amoroſas, porque todas arranhaõ; mas ſernos-ha facil deſenganalo com quantas unhas ha de damas, que eſtafaõ a ſeus amantes. E tais ſaõ tambem as unhas de todos os valîdos, mimozos, e paniaguados dos gran-

grandes: daõ-lhes francas entradas em ſeu ſeyo, ſem verem que abrem com iſſo ſahidas enormes a ſeus theſouros. Ouçame o mundo todo huma Filoſofia certa: he certo, que animaes de differentes eſpecies naõ ſe amançaõ: caens com gatos, aguias com perdizes, eſpadartes com balêas nunca ſuſtentáraõ bom cõmercio: e ſe algum dia houve bruto, que ſe ſugeitaſſe a outro de differente eſpecie, foy, naõ porque a natureza o inclinaſſe a iſſo, mas por alguma conveniencia util para a conſervaçaõ da vida. Ha entre os homens eſtados taõ diverſos, que ſe diſtinguem entre ſi mais, que as eſpecies dos brutos. Hum Fidalgo cuida, que ſe diſtingue de hum eſcudeiro, mais que hum leaõ de hum bugio: e hum eſcudeiro preſume, que ſe differença de hum mecanico, mais que hum touro de hum cabrito. E que ſerá hum Duque, ou hum Rey, comparado com qualquer deſſes? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde ſe infere, que quando ha uniaõ de amor entre tais ſugeitos, naõ he, porque a natureza os incline a iſſo, he a conveniencia do intereſſe; e como eſta vay diante ſempre, ſempre vay fazendo ſeu officio, aproveitando-ſe do amor para ſuas conveniencias.

Entra aqui outra circunſtancia, que dá

grande

grande apoyo a este discurso; e he, que o mayor ama ao menor, como couza sua; e o menor olha para o mayor, como para couza, que o domîna: e isto de ser dominado, nunca causa bom sabor; e porisso vicîa o amor, que naõ sofre disparidades. Donde se colhe evidente, e infallivelmente, que póde haver amor verdadeiro do superior para o inferior, e que naõ he certo havello do inferior para o superior; porque leva sempre a mira no que dahi lhe ha de vir; e essa he a pedra de toque, em que aguça as unhas, que chamo amorosas; porque com achaque de benevolencia, e amor, que seu amo lhe mostra; mete a maõ no que a privança lhe franquêa com tanta segurança, como se tudo fora seu pela regra, que diz: *Amicorum omnia sunt cõmunia.* O grande nunca sofre igual, quanto mais superior, e porisso naõ se humana senaõ com o inferior; e este porque tem iguaes, com quem faça sociedade, naõ necessita do bafo dos grandes, mais que para engodar; e he quanto lhe permitte o careyo, que lhe daõ, e usaõ delle os valîdos com insolencia; porque o acicate, que os move, estriva mais em medras proprias, que em serviços, que pertendaõ fazer aos seus Mecenas. Reciprocaõ-se o amor do grande, e o interesse do pequeno: o amor abre a porta, o interesse estende

tende as unhas; e como na arca aberta o justo pecca, empolga sem limite; e como o amor he cego, naõ enxerga a damno; e se acerta dar fé delle, porque ás vezes he taõ grande, que ás apalpadelas se sente, tambem o dissimula; e assim se vem a refundir na affeiçaõ todos os damnos, que padece, e grangeaõ titulo de amadas, e amorosas as unhas, que lhos causaõ.

Naõ se condemna com isto terem seus valîdos os grandes; porque nem os Summos Pontifices se pódem governar bem sem Nepótes, a quem de todo se entregaõ, para descançarem nelle o pezo de seus negocios, e segredos: e os Principes seculares necessitaõ muito mais deste auxilio, porque as couzas profanas naõ se domestîcaõ tanto como as sagradas. O que se taxa he a demazia, e desaforo de alguns valîdos; dos máos ha duas castas, huns que escondem as medras, e outros, que as assoalhaõ: estes duraõ pouco, porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e sua propria fortuna, e insolencia os jarreta, como a Belisario: aquelles mais duraõ, e he em quanto se sustêm em seus limites; mas por mais, que se dissimulem com trajos humildes, e alfayas pobres, logo seus augmentos os manifestaõ; porque saõ como o fogo,

que

que ſe deſcobre pelo fumo, e abraza mais, quando mais ſe occulta. Se nós virmos hum deſtes comprar Quintas como Conde, receitar dotes como Duque, e jogar trinta, e quarenta mil cruzados como Principe; e ſoubermos, que entrou na privança ſem humas luvas, como havemos de crêr que cortou as unhas? Creſceraõ-lhe ſem duvida com o favor como planta, que regada medra. Grande louvor merecem neſta parte todos os Miniſtros, que aſſiſtem a ElRey noſſo Senhor, porque vemos, que tudo o que poſſuem, com naõ ſer muito, he mais para o ſervirem, que para o lograrem. Nem ſe póde dizer de Sua Mageſtade, que Deos guarde, que tem valîdos mais que dous, que ſe chamaõ, Verdade, e Merecimento. Como pódem, e devem os Principes ter valîdos para ſe ſervirem, e ajudarem de ſuas induſtrias, e talentos, já o diſſemos no capitulo 30. ao titulo dos Conſelheiros §. 1.

CA-

****

CAPITULO LIX.

Dos que furtaõ com unhas cortezes.

NAõ ſey, ſe he certa huma murmuraçaõ, ou praga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais ſe ganha no Paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella he certa, he grande roubo, que ſe faz á razaõ, e juſtiça, que eſtá pedindo, e mandando, que ſe dêm as couzas, e façaõ as mercês, a quem mais trabalha, e padece. Privilegio he de chocarreiros, que ganhem ſeu paõ com lizonjas; mas a honra guarda outro foro, que ſendo muito cortez, naõ pertende, nem eſpera premio por ſua cortezia, porque lhe he natural; e pelos actos naturaes, dizem os Theologos, que nada ſe merece, nem deſmerece. E daqui vem, que o que ſe leva por eſta via, vem a ſer furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos chamar eſtafadores. Andaõ no terreiro do Paço, no Rocîo, e por eſſas ruas de Lisboa; e como ſaõ ladinos, e verſados, conhecem já de face a todos; e tanto que vêm algum

gum

gum de novo, ou que parece eſtrangeiro, chegaõ-ſe a elle raſgando cortezias, envoltas com louvores de v. m. me parece hum Principe, a cuja ſombra ſe proſtra hoje minha pobreza: ſou hum homem nobre, e foraſteiro, ſuſtento aqui pleitos para remediar filhas orfans, que trouxe comigo para vigiar ſua limpeza: ſemanas ſe paſſaõ, em que naõ entra paõ em noſſa caſa, e pondo a maõ na cruz da eſpada, jura que naõ traz camiſa: e por eſta toada diz mil couzas, que traz eſtudadas, como oraçaõ de cego; até que remata com a petiçaõ, a que foy armando todas ſuas arengas, com o chapéo na maõ, o pé atraz, e o joelho quaſi no chaõ. O pobre novato, que he ás vezes mais pobre, que elle, movido por huma parte da compaixaõ, e por outra picado das cortezias, abre a bolça, e pedindo perdoens dá-lhe a pataca, ou ao menos o toſtaõ, que o ſupplicante vay brindar logo na primeira taverna: e ſabida a couza, nem filhas, nem demanda teve nunca, e ſempre foy eſtafador cortezaõ, que he o meſmo que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara, ou eſcrivaninha no ſeu regimento dous, ou tres vintens, que ſe lhe taxaõ por eſta, ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de ſua cobiça, que he pouco: teme

teme pedir mais com medo do castigo; que naõ falta, quando Sua Magestade sabe as desordens: pergunta o requerente bisonho o que deve? Responde-lhe: de graça dezejara servir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e sustenta casa com este officio, dê v. m. o que quizer. E se o requerente insta, que lhe diga ao certo o que deve, porque naõ traz ordem para dar mais, nem he bem que dê menos? Torna a responder, que em mayores couzas o dezeja servir, que se naõ quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ seu cativo ficará assim como de antes. Bem se vê, que isto he estafa, pois nunca o vio em sua vida, senaõ aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, mostra-lhe hum livro muito grande, e o muito, que nelle se rabiscou, &c. Pasma o supplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde só devia dous vintens; recolhe-as o senhor escriba, de prata Fariseo, e despacha-o com aqui me tem v. m. a seu serviço taõ certo, como obrigado. E se estes mancebinhos puzerem no fim de seus despachos os preços delles, como saõ obrigados, saberaõ as partes o que devem, e naõ haverá enganos; mas quando o salario he pouco, naõ o escrevem, para ter lugar a trêta; e se he muito, galhardamente o explicaõ. Seja suspenso todo o

que

que o callar: e eisahi o remedio.

Isto saõ ninherias em comparaçaõ de outras prezas, que a cortezia agarra sem muitas ceremonias; como na India, em Cóchim, e outras praças semelhantes de mayor cõmercio. Quer hum Capitaõ Mór oitenta, ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os emprestados a bom pagar na sahida com esta arte, que o desobriga para o futuro, e naõ dá molestia ao presente. Haverá em Cóchim, e seu districto, mais de cincoenta mil mercadores entre Christãos, e Banianes de bom trato: manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias, de como he chegado para os servir, e que lhes faz a saber, como vem pobre, e que trata de armar hum empregosinho para a China, e que por naõ ser molesto a suas mercês, quando vem para os ajudar a todos, naõ quer de cada hum mais que dous, ou tres xerafins emprestados em boa cortezia; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em emprestar taõ pouco, e muito menos em o cobrar a seu tempo, porque haõ mister ao senhor Capitaõ para muito; e assim se fica com tudo, que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que succeda isto na India, acolá taõ longe; quando vemos

cá

ca mais ao perto dentro em Portugal casos semelhantes! Hum Prelado grave, ou para melhor dizer gravissimo, conheci neste Reyno, que com achaque de huma jornada á Corte de Madrid pedio emprestado por boa cortezia a cada Paroco da sua Diocesi dous cruzados, com que veyo a fazer monte de mais de quatro mil: e quando veyo á paga, com a mesma cortezia nenhum lhos aceitou, como os Banianes da India. Por esta arte anda a Politica do mundo chea de mil trêtas, de sorte, que por mal, ou por bem, naõ ha escapar de roubos.

****

CAPITULO LX.

Dos que furtaõ com unhas Politicas.

ANda o mundo atroado com Politicas, de que fazem applauso os Estadistas: a huma chamaõ sagrada, a outra profana; e ambas querem, que tenhaõ immensos preceitos, com que instruem, ou destroem os governos do mundo, segundo seus Pilotos os applicaõ. E he certo, que toda a maquina dos preceitos, assim de huma,

como da outra ſe encerraõ em dous: os da ſagrada ſaõ, amar a Deos ſobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti meſmo. Os da profana ſaõ, o bom para mim, e o máo para ti. Mas he engano craſſo, a que repugna Minerva, cuidar que ha politica ſagrada: iſſo chama-ſe Ley de Deos, que com nada contemporiza, nada affecta, nem diſſimula, lavra direito, e ſem torcicolos contra os axiomas da Politica. Pelo que, iſto que chamamos Politica, ſó no profano ſe acha: e eſta ſó he a que tem as unhas, de que falla eſte capitulo; e para ſabermos, que tais ellas ſaõ, he neceſſario averiguarmos bem de raiz, que couza he Politica? E apóſto que ſe o perguntarmos a mais de vinte, dos que ſe prézaõ de politicos, que nenhum a ſaiba definir pelas regras de Ariſtoteles, aſſim como ella merece?

Todos fallaõ na Politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a vio, nem ſabe de que côr he. E atrevo-me a affirmar iſto aſſim, porque com eu ter pouco conhecimento della, ſey que he huma má peſſa, e que a eſtimaõ, e applaudem, como ſe fora boa: o que naõ fariaõ bons entendimentos, ſe a conheceraõ de pays, e avós, tais, que quem lhos ſouber, mal poderá ter por bom o fruto, que naſceo de taõ más

plantas:

plantas: e para que naõ nos detenhamos em couzā trilhada, he de ſaber, que no anno, em que Herodes matou os Innocentes, deu hum catarro taõ grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e deſta ſe gerou hum monſtro, aſſim como naſcem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamaraõ os Criticos Razaõ de Eſtado: e eſta Senhora ſahio taõ preſumida, que tratou de cazar; e ſeu pay a deſpozou com hum mancebo robuſto, e de más manhas, que havia por nome Amor proprio, filho baſtardo da primeira deſobediencia: de ambos naſceo huma filha, a que chamaraõ Dona Politica: dotaraõ-na de ſagacidade hereditaria, e modeſtia poſtiça: Criou-ſe nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello, Pelagio, Calvino, Lutéro, e outros Doutores deſta qualidade, com cuja doutrina ſe fez taõ vicioſa, que della naſceraõ todas as Seitas, e hereſias, que hoje abrazaõ o mundo. E eiſaqui, quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal, baſta vermos a variedade, com que fallaõ della ſeus proprios Chroniſtas; que ſe bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que eſtamos vendo, que leva toda a agua a ſeu moinho. Se he Letrado, todas as regras da Politica vaõ dar, em que ſe favoreçaõ

as letras, que tudo o mais he aire: Se professa armas o Autor, lá arruma tudo para Marte, e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi. E se he Fidalgo, tudo apoya para a nobreza, e que tudo o mais he vulgo inutil, de que se naõ deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo, que todos seus preceitos se encerraõ em dous, como temos dito, o bom para mim, e o máo para vós. E pósta neste primeiro principio, entra logo sua mãy Razaõ de Estado, ensinando-lhe, que por tudo córte, sagrado, e profano, para alcançar este fim; e que naõ repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que sejaõ do outro mundo, porque só do cõmodo deste deve tratar, e de seu augmento, e da ruina alhea; porque naõ ha grandeza, que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros saõ meus accrescentamentos; sou obrigado a me conservar illeso; e naõ estou seguro, tendo junto de mim, quem me faça sombra: e para nos livrarmos deste çoçobro, dêmos-lhe carga, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas, que chamaõ Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira, e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça: e nada deixa em pé, que naõ escale, e meta a saco. Este Reyno he meu, e

esta

esta Provincia he o menos, de que se trata: Os Imperios mais dilatados, e opulentos, saõ pequeno prato para estas unhas; e o direito, com que os agarraõ, escreve o outro com poucas letras, sem ser Bartholo, na boca de huma bombarda; e vem a ser: *Viva, quem vence.* E vence quem mais póde, e quem mais póde, tenha tudo por seu; porque tudo se lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triunfo, e sua mãy Razaõ de Estado rindo-se de tudo, como grande Senhora, e seu pay Amor proprio logrando próes, e precalços; e seu avô o Diabo recolhendo ganancias, embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho; porque fizeraõ do Ceo cebola, e deste mundo Paraiso de deleites, sendo na verdade labyrinto de desasocegos, e inferno de miserias, em que vem dar tudo, o que nelle ha, porque tudo he corruptivel.

Este he o ponto, em que a Politica errou o nórte totalmente, porque tratou só do temporal, sem pôr a mira no eterno, aonde se vay por outra esteira, que tem por roteiro dar o seu a seu dono, e a gloria a Deos, que nos creou para o buscarmos, e servirmos com outra ley muito differente, da que ensina a Politica do mundo. E lá virá o dia do desengano, em que se acharáõ com as mãos vazias, os que hoje as enchem da substancia alhea.

Teſtemunhas ſejaõ o famoſo Beliſario, terror de Vandalos, aſſolaçaõ de Perſas, eſtragador de milhoens, que dos mais altos córnos da Lua o poz ſua fortuna ſem olhos em huma eſtrada á ſombra de huma choupana, pedindo eſmola aos paſſageiros: *Date obolum Beliſario.* E o grande Tarmolaõ, cujo exercito enxugava rios, quando matava a ſede; taõ poderoſo, que trazia Reys ajoujados como caens debaixo da ſua meſa roendo oſſos; o qual á hora da morte mandou moſtrar a ſeus ſoldados a mortalha, com hum pregaõ, e deſengano, que de tanto, que adquirio, ſó aquelle lançol levava para o outro mundo.

****

C A P I T U L O LXI.

Dos que furtaõ com unhas confidentes.

QUe tenha a minha maõ confiança comigo, para me ſervir, e coçar, liſonja he, que bem ſe permitte; mas que a tenhaõ as minhas unhas, para me darem huma coça, que me esfolem a pelle, naõ ſe ſofre. Pois tais ſaõ, os que os Reys applicaõ, como mãos proprias, a ſeu Real

ſervi-

ſerviço, e elles eſquecidos da confiança; que á Mageſtade Real faz delles, eſtendem as unhas, para applicarem a ſi, o que lhes mandaõ ter em reſerva para o bem cõmum, e de muitos particulares, que esfolaõ. Ha neſte Reyno Theſoureiros, Depoſitarios, e Almoxarifes ſem conto; todos arrecadaõ em ſeus depoſitos, que chamaõ arcas, grandes copias de dinheiro, hum delRey, outro de orfaõs, e muito de outras muitas partes: e ſendo obrigados a tello a ponto para toda a hora, que lho pedirem, aproveitando-ſe da confiança, que ſe faz delles, metem o dito dinheiro em ſeus tratos de compras, e vendas, com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E ſe lho pedem no tempo, em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riſcos de ſe hir o ruço a traz das canaſtras, fingem auſencias, e que tem a arca tres chaves, que dahi a quinze dias virá da feira das Virtudes Bento Quadrado, que levou huma, que ahi eſtá o dinheiro cheo de bolor na arca: e paſſaõ-ſe quinze mezes, e naõ ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a reſidencia, e alcança os ſobreditos em muitos contos. E eſtes ſaõ os confidentes da noſſa Republica, que fazendo-ſe proprietarios do alheo, alienaõ o que naõ he ſeu, e daõ atravéz com os theſouros alheos.

 Nas

Nas fronteiras ſuccedem caſos admiraveis neſta parte. Eſtá hum deſtes [pouco digno em hum, podendo dizer mais de cento, mas hum exemplo declara mil.] Eſtá hum deſtes a la mira eſpreitando, quando voltaõ as noſſas facçoens de Caſtella com grandes prezas de boys, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados: e como os ſoldados vem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que naõ pódem guardar, nem ſuſtentar; e o ſobredito ſe vê ſenhor dos depoſitos dos pagamentos, que foy atrazando, para naõ lhe faltar moeda neſta occaſiaõ, atraveſſa tudo, reſgatando-o por pouco mais de nada, ſem haver quem lhe vá á maõ, porque todos dependem delle, e o affagaõ, para o terem da ſua maõ: e dahi a quatro dias, e tambem logo ao pé da obra, vende a oito, e a dez mil reis a lavradores, e marchantes os boys, que comprou a quinze toſtoens quando muito, e o meſmo computo ſe faz no mais. E vem a ſer o mais rico homem do Reyno, ſem meter no trato vintem, que ganhaſſe, nem herdaſſe de ſeus avós. Melhor fora venderem-ſe os tais gados aos noſſos lavradores pelos preços dos ſoldados, para ſe refazerem de ſemelhantes prezas, que os inimigos nos levaraõ, e naõ ficarem exhauſtos de criaçoens, os que ſuſtentaõ a

Repu-

Republica, e cheos, os que a deſtroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-ſe eſtas unhas; e ſe naõ houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; tirem-lhe o cabedal, e ponha-ſe, onde haja vergonha, e honra, que ſe pêje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hum barbeiro, o qual enfadado do pouco, que lhe rendia a ſua arte, ſe deu a ſangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos eſcritorios: e para o fazer a ſeu ſalvo, e com credito de ſua paſſoa, foy-ſe metendo de gorra com ſeus freguezes, dando-lhes alvitres, de que ſe fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro empreſtado para tais, e tais empregos, que ſe lhe offereciaõ rendoſos, e que partiriaõ os ganhos dentro de breves dias: e com a pontualidade foy ganhando terra para accreſcentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acrédores, os foy cevando, e metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o reſto. Já ſe naõ curavaõ de fianças, nem penhores, para com elle. E vendo aſſim o campo ſeguro, deu de repente em todos abonando hum lanço, que fingio ſe lhe abria de grandiſſimo intereſſe, e que convinha

meter

meter nelle todo o cabedal, para ficarem todos ricos. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha; e tal houve, que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dous, a tres, e a quatro, sem saberem huns dos outros. Deu com tudo em hum navio estrangeiro, que estava a pique, e deu á vela pela barra fora: e o mancebinho nunca mais appareceo, nem novas delle, nem rasto do dinheiro, por mais Paulinas, que se tiraraõ. E esta saõ as verdadeiras unhas confidentes. E naõ saõ menos damninhas as confiadas, de que já digo casos memoraveis.

****

CAPITULO LXII.

Dos que furtaõ com unhas confiadas.

PAra que naõ pareça este capitulo o mesmo, que o passado, contarey huma historia, que declara bem o muito que se distinguem. Succedeo em Lisboa, que fazendo huma Confraria em certa Igreja a festa do seu Orago muito solemne, ajuntou para isso muita prata de castiçaes, alampadas, peviteiros, e caçoulas, que pedio por empres-

empreſtimo a outras Igrejas, Moſteiros, e Irmandades: e como o theſouro era de muitos, tinhaõ direito todos para virem buſcar, e levar as ſuas peſſas. Entre os que vieraõ, acabada a feſta, foy hum ladraõ cadimo com dous maráos, que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum, e duas canaſtras mais grandes, que pequenas: e entrando muito confiado, como ſe fora mordomo mór de toda a feſta, pôz a capa, e o chapéo ſobre hum caixaõ, aſſegurando primeiro a auſencia dos que lhe podiaõ pôr embargos: abaixou diante de Deos, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas, e tirando dos altares os caſtiçaes, que baſtaraõ para encher as canaſtras, pôz tudo ás coſtas dos mariolas, e ſacodindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança; e eſcapou por ſua arte dando com a prata, onde nunca mais appareceo; ficando mil almas, que eſtavaõ na Igreja, perſuadidas, que aquelle homem era o legitimo dono, como manifeſtava a confiança, com que fez o ſalto, que naõ foy em vaõ. E iſto he, o que chamo unhas confiadas, ſem ſerem confidentes: e deſtas ha muitas a cada paſſo, e no ſerviço del-Rey naõ faltaõ; mas falta-me a mim coragem para moſtrar aqui, o que recolhem, como ſe fora ſeu, com tanta confiança, como ſe o cavaraõ, e o roçaraõ,

çaraõ, ou o herdaraõ dos ſenhores ſeus avós. E aſſim digo, que naõ me meto com averiguaçoens, de que a pezar da verdade poſſo ſahir deſmentido. Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em ſegredo [chamolhe aſſim, por naõ eſpecificar cargos, de donde ſe poſſaõ colligir peſſoas, com quem naõ quero pleitos] perguntemos a eſtes, com que authoridade, ou para que fazem tornar a traz os pagamentos da milicia, que Sua Mageſtade deſpacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rezaõ as ordens verdadeiras? Nada reſpondem: metem-ſe no eſcuro das razoens de Eſtado, e he couza clara, que accreſcentaõ ſeu eſtado: e ainda mal que vemos accreſcentados, os que para bem houveraõ de ſer diminuidos. Eſtes ſaõ, os que com grande affouteza, e confiança, metem a ſaco a Republica, cujos ſacos vaſaõ para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e iſſo he o menos, o mais he o volume immenſo de outras drogas, de que enchem ſobrados, que haõ miſter eſpeques para ſuſtentar o pezo, ſem temor da forca, que fora melhor fabricarſe deſſes pontoens. Aponto ſó o damno, naõ trato, de quem leva o proveito; porque a confiança, com que nelle apoyaõ ſuas unhas, as faz impunes. Mas deixando pontos inintelligiveis, paſſemos a outra couza.

Ahi

Ahi naõ póde haver mayor confiança, que a de hum Cabo, a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de ſeus ſoldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mórtos, vay-ſe á caſa da tafularia, poem o dinheiro na taboa do jogo, como ſe fora ſeu, ou lhe viera de caſa de ſeu avô torto; e ſem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos, e o perde com ambas, ſem lhe ficat nellas, mais que o taleigo vazio, e o focinho cheo de paixaõ, com que ſatisfaz ás partes; de ſorte que nenhum ſoldado ouza apparecer diante delle: e he eſtremada traça para naõ lhe puxarem pela divida. Mais confiados que eſtes ſaõ outros, que ha na caſa da India, e nas Alfandegas, que naõ ſey como ſe chamaõ ſeus officiaes, nem o quero ſaber, por naõ ſer obrigado a nomealos por ſeu nome: eſtes tem por obrigaçaõ ver todos os fardos, e examinar todas as fazendas, que vem de fóra, para orçar ao juſto os direitos, que ſe haõ de pagar a Sua Mageſtade; e elles por quatro patacas examinaõ as couzas taõ ſuperficialmente, que deixaõ paſſar por eſtimaçaõ de anil o pacote, que vem cheo de baſares; e contaõ por calcaveis o barril, que vem recheado de coraes, e alambres. Que fardos de télas finas, e brocados de tres altos cor-

raõ

raõ praça de bocachim, e calhamaço, naõ o cre-
rá, ſenaõ quem o vio. Ballas de meyas de ſeda fa-
zem figura de reſmas de papel. E he facil deslum-
brar os olhos de todos os Argos, a quem eſtá en-
comendada a vigia diſto, com hum par de peſſas
reſplandecentes de vidros de Veneza, e cryſtaes de
Genova. E para que naõ ſe diga, que naõ viraõ
tudo, mandaõ abrir coſtaes, que já vem marca-
dos, e preparados para o effeito: os quaes trazem
na primeira ſuperficie, o que val menos; mas o
amego he do mais precioſo. Já ſe vio caixaõ, e
quartola, que trazia na boca chocalhos, e no
fundo peſſas de ouro, e prata. E ſe algum Miniſ-
tro fiel requer, que ſe examine tudo, reſpondem,
que naõ ſeja deſconfiado: e com duas gracetas
paſſaõ deſgraças, que naõ conto. Declaro ſobre
tudo iſto, que já eſta moeda naõ corre, como
em tempo de Caſtella; porque eſtá ſeu Dono em
caſa, que a vigia, e faz a todos, que naõ ſejaõ
taõ confiados, como o Carvalho.

Naõ ſey, ſe ponha aqui huma confiança ad-
miravel, que naõ podia crer até que a vi. Bem he
que ſaiba Sua Mageſtade tudo, para que o emen-
de com ſeu Real zelo, e para iſſo digo. E he que
todas as dividas, que ElRey noſſo Senhor manda
pagar, ou eſmolas, que manda fazer por via da
fazen-

ſazenda, achaõ todos os deſpachos correntes até o theſouro, onde topaõ com ordem ſecreta, que a todos diz, que ſatisfará como tiver dinheiro, e conſta por outras vias, que o tem aos montes para outros preſtimos; mas para iſto de dividas, e eſmolas, naõ ha tirarlhe hum real das unhas: e occaſionaõ com iſto a ſe cuidar, que a tal ordem baixou de cima: e he ponto, que nem hum Turco o preſumirá de Sua Mageſtade; mas he confiança de Miniſtros, que devem de preſumir, que o naõ virá a ſaber Sua Mageſtade, que deve ſentir muito lanços, que tem mais de aleivozia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que ſim, e com as obras q̃ naõ. Doutrina he, que Chriſto reprehendeo muitas vezes ſeveramente aos Fariſeos: e aſſim ſe deve eſtranhar entre Chriſtãos. E eu naõ acabo de dar no alvo, a que tira eſta confiança, quando tira aos pobres, o que ſeu dono lhes manda dar. Dizerem que he zelo da fazenda Real, que naõ querem ſe eſperdice, ainda pecca mais de confiada eſta repoſta; que naõ deve o criado ter mais amor á fazenda, que ſeu Senhor; álem de que ſeria eſtolida confiança tomar ſobre ſi os encargos de tantas reſtituiçoens, de que o Senhor fica livre, ſó com mandar que ſe paguem. E em concluſaõ levem todos daqui eſta verdade, que naõ empobrece

ce

ce, o que ſe dá por eſmola, nem faz falta, o que ſe paga por divida. Vejaõ lá naõ enriqueçaõ eſtas demoras a outrem: e eſte he o tópe, em que vem esbarrar todo o diſcurſo, que ſe póde formar neſta materia: e nem iſto he bem que ſe creya de gente honrada.

Neſte capitulo entraõ de molde mulheres, que ha em Lisboa, as quaes vivem de deſpir meninos, aſſim como os acima dito de deſpir pobres: tanto que achaõ alguma criança na rua, ſem que olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como ſe foraõ ſuas amas, levaõ-na nos braços, recolhem-ſe na primeira loge, e a titulo de lhe darem o peito, ou penſarem, lhe deſpem toda a roupa; em taõ boa hora, que lhe deixem a camiſa. Se acerta alguem de as ver, daõ tudo por bem feito, julgando-as por domeſticas, como moſtra a lhaneza, e confiança, com que lhe metem a papa na boca: e feita a preza, fazem-ſe na volta do çaragaço a buſcar outra; e tiray lá carta de excómunhaõ, para vo la reſtituirem no dia do Juizo.

Huma mulher houve taõ confiada neſta Corte, que contentando-lhe huma cruz de ouro, e pedraria, que eſtava por ornato de huma feſta no altar de certa Igreja, eſperou que ſeus donos ſe auſentaſſem, e póſta no meyo da Igreja, porque

naõ

naõ podia chegar perto com o concurſo, levantou a voz dizendo: alcancem-me cá aquella cruz, e venha de maõ em maõ, por me fazerem mercê. Todos julgaraõ que ſeria ſua, pois com tanta confiança a demandava; e de maõ em maõ veyo, até chegar ás da harpîa, que deu ao pé com ella ſem ajuda de Simaõ Cyrineo, porque lhe cuſtou menos a achar que a Santa Helêna. Tambem ha muitos, que furtaõ confiados, em que Deos perdoa tudo; mas já Santo Agoſtinho os deſenganou a todos, que naõ ſe perdoa o peccado, ſem ſe reſtituir o mal levado. E neſte mundo, ou no outro haõ de pagar pela bolça, ou pela pelle.

****

CAPITULO LXIII.

Dos que furtaõ com unhas proveitoſas.

GRaças a Deos, que foy ſervido de nos deparar humas unhas boas entre tantas roins. Mas dirá alguem, que nenhumas ha, que naõ ſejaõ proveitoſas para ſeu dono, no que agarraõ. Naõ fallo deſſas, que aſſás damnoſas ſaõ até a ſeu ſenhor, pois muitas vezes daõ com elle na for-

ca. Trato das que ſaõ proveitoſas para ambas as partes ſem riſco de damnos: e explicalas-hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neſte Reyno pelo ſeu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo naõ ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de ſahirem tórtos com a ferradura, ſerviaõ de anzóes a ſeu dono, com que peſcava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que póſtos em qualquer dedo da maõ, eraõ remedio preſentiſſimo para gota arterica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e aſſim naõ ſerá couza nova acharem-ſe unhas proveitoſas para ambas as partes: tiravaõ de ſi dinheiro, os que levavaõ os cravos para remediarem a outrem, e remediavaõ-ſe todos.

Tais ſeraõ, os que no governo de hum Reyno, e no menêo de ſuas fabricas, e emprezas, tirarem de huma parte para remediarem outra, e ſerá o meſmo, que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores, que de gota coral, e arterica, que mal ſerá acodirlhe o Braſil com alguma ſubſtancia, que a alente, ainda que ſeja por modo de empreſtimo: nem correrá niſſo o ditado, que naõ he bom deſcobrir hum Santo para cobrir outro, pois tudo reſpeita, e

ſerve

ſerve o meſmo corpo debaixo de huma Coroa. Padece o Braſil falta de mantimentos, naõ vejo razaõ, que tolha acodirem-lhe as Alfandegas do Reyno, e de outras Conquiſtas, ſupprindo-lhe os gaſtos, e ſoccorros, até que ſe melhore. O meſmo digo de Angóla, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom ſe pararia o corpo humano, ſe a maõ eſquerda naõ ajudaſſe a direita, e a direita a eſquerda, e hum pé ao outro. A Republica he corpo myſtico, e as ſuas Colonias, e Conquiſtas membros della; e aſſim ſe devem ajudar reſervando, e reparando ſuas fortunas, e conveniencias. Superſtiçaõ he, e naõ axioma politico de Eſtado, negarem-ſe auxilios, os que vivem juntos na meſma communidade: e aqui corre certiſſimo o Proverbio, que huma maõ lava a outra. Hum Rey empreſta ao outro, e tira de ſeu cabedal ſoccorros, com que ajuda o viſinho; quanto mais o deve fazer hum Rey a ſi meſmo, e a ſeus vaſſallos, que ſaõ partes integrantes da ſua Coroa. A contribuiçaõ das décimas neſte Reyno he muito grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verdade, que as daõ os póvos para as fronteiras, e he o meſmo, que para ſe defenderem dos inimigos, que nos infeſtaõ por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz os mon-

tes. E o outro lado, que fica defcuberto por outro tanto diſtricto de mar, parece que o naõ conſideraraõ, e que ha miſter muito mayores gaſtos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as coſtas; e que as forças Reaes acodem a mil ſoccorros de álem-mar, de donde eſtaõ outros tantos Portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que naõ he bem lhos neguemos. Naõ vêm olhos cegos, o que ſe gaſta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens; que ainda que naõ nos ajudem, he bem que os componhamos, para que naõ nos deſcomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, ſe França, e Catalunha, naõ divertiſſem o Caſtelhano no tempo, em que eſtavamos menos apercebidos? Eſtas correſpondencias naõ ſe alcançaõ ſem gaſtos; eſtes de nós haõ de ſahir, como do couro as correas: que mal he logo, que ſe tomem eſtas das décimas com unhas taõ proveitoſas, quando vemos, que os outros cabedaes naõ baſtaõ para ſeus menêos proprios.

Naõ poſſo deixar de picar aqui em hum eſcrupulo de alguns zelotes, que tem para ſi, que ſe faz theſouro, e que he já taõ grande, que ha miſter eſpeques: e a graça he, que grunhem ſobre iſſo. Prouvéra a Deos, que aſſim fora, e que

arrui-

arruinaſſem já com o pezo as caſas, que o recolhem, que devem ſer encantadas, pois as naõ vemos: mas para me conſolar quero crer, que aſſim he, e aſſim o fio da grandiſſima providencia de ElRey noſſo Senhor, que ſabe muito bem, que foy coſtume celebre dos mais acordados Reys terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós naõ eſtamos fóra de as termos mayores, que as que vemos: e para huma occaſiaõ de honra coſtumaõ os prudentes reſervar cabedal, que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro, que inteſouraõ. Tudo vem a ſer unhas proveitoſas.

Neſte paſſo ſe enviaõ a mim, os que tem penſoens de juros, e tenças na Alfandega, na Caſa da India, ou nas ſete Caſas, Almoxarifados, &c. e me fazem o meſmo argumento dizendo: ſe he bom, e licito tirar de huma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que naõ ſe nos paguem da caſa da India as tenças, e os juros, aos que os temos na Alfandega, quando neſta faltaõ os rendimentos, para ſatisfazer a todos? Aos meſmos pergunto, quando tem duas herdades, huma dizima a Deos ſem nenhuma penſaõ, e outra carregada de fóros, ou juros; ſe eſta ficou eſtéril hum anno ſem os poder

pagar, porque os naõ ſatisfazem da outra, que deu muitos frutos? Reſpondem, que a outra he livre. Pois tambem a caſa da India no noſſo caſo eſtá livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra inſtancia, que Donas coſtumaõ pôr, e he: que do meſmo modo, que a herdade, que eſte anno naõ pagou fóros, nem juros, porque naõ deu frutos, fica deſobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno ſeguinte, ainda que dê frutos em dobro; aſſim a Alfandega fica deſobrigada para ſempre do anno, que naõ teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando ElRey toma todos os rendimentos deſte anno para acodir a alguma neceſſidade urgente [chamaõ a iſto tomar os quarteis] ſe ſerá obrigado a refazer eſta tomadîa no anno ſeguinte, quando a Alfandega eſtiver mais pingue, e elle mais deſafogado? Reſponde-ſe a iſto, que as unhas proveitoſas ſaõ muito privilegiadas, quando empregaõ no bem cõmum as prezas que fazem em bens proprios, ainda que obrigados a outras partes da meſma cõmunidade: e niſto ſe diſtingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vaſſallos; que eſtes ſaõ obrigados a refazer, o que gaſtaraõ de partes em uſos proprios, e os Reys naõ, no caſo,

que

que o gaſtaõ em bem de todos: aſſim o enſinaõ os Doutores Theologos: e iſto baſta.

****

CAPITULO LXIV.

Dos que furtaõ com unhas de prata.

EM Sevilha, Cabeça de Andaluzia, e Promontorio maximo de todos os cõmercios de Heſpanha, entrou o diabo no corpo de hum Caſtelhano, e devia de ſer muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava, e de tudo dava razaõ: e entre as couzas notaveis, que ſe deixou dizer, foy huma a mais admiravel de todas: que já elle teria poſto de ré a Fé de Chriſto, embrulhado o genero humano, e ſe teria feito ſenhor do mundo abſoluto, ſe Deos lhe naõ prohibira tres couzas: a primeira bulir na Sagrada Eſcritura: ſegunda falſificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira dizia, que desfaria noſſa Santa Fé pervertendo, e mudando nas impreſſoens, e em todos ſeus volumes os ſentidos da Eſcritura Sagrada. Com a ſegunda, que confundiria os homens variando-lhes

as provas de ſuas demandas, e falſificando-lhes as ſentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de ſi, dando-lhe dinheiro, prata, e ouro, que elle ſabe muito bem aonde eſtá. E naõ ha duvida, que diſcurſou a propoſito, e que fallou verdade, com ſer pay da mentira; porque ſe Deos com ſua admiravel juſtiça o naõ aferrolhara de maneira, que nenhuma deſtas tres couzas póde executar, já teria concluîdo com o genero humano, e com o mundo univerſo, que Deos por ſua infinita miſericordia aſſim conſerva. E ſó a ultima couza de dar dinheiro, que lhe concedera, com ſer a menos nociva, ella ſó baſtara, para ſe fazer o demonio ſenhor do mundo: porque iſto que aqui chamamos unhas de prata, ſaõ as mais poderoſas garras, que ha para arraſtar, e levar tudo a traz de ſi. Naõ podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel, e inacceſſivel, perguntou ſe poderia lá chegar, ou ſobir huma azemola carregada de dinheiro? E tanto que eſta bateo á porta, logo ſe lhe abrio, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com tais unhas empolgou nella.

Famoſo invento foy o do dinheiro, pois com elle ſe alcança tudo, e naõ ha couza, que ſe lhe naõ renda: do mais incorrupto Juiz alcança

ça ſentença: da mais ariſca dama tira favores, no mais invencivel gigante obra ruinas, do mais numeroſo exercito alcança vitoria, nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas, arromba portas de diamantes melhor, que petardos; arraza torres, quebra omenagens, tudo ſe lhe ſugeita, nada lhe reſiſte! As fabulas antigas dizem, que Plutaõ inventou o dinheiro, e que foy tambem inventor da ſepultura, e Deos do inferno: nem podiaõ deixar de dar tais nomeadas, a quem ſe ſoube fazer ſenhor do dinheiro, que tudo rende, como a ſepultura, e morte; que tudo violenta, como o inferno. Os Lidios foraõ os primeiros, que fizeraõ moeda de ouro: Jano foy o primeiro, que formou moedas de cobre; e porque foy o inventor das coroas, pontes, e navios, lhe eſculpiraõ tudo iſto nas ſuas moedas; porque o dinheiro dá paſſagem, como ponte, para as mayores coroas; e navega vento em poupa aos mais dilatados Imperios. Hermodice, mulher de Midas Rey dos Phrigios, foy a primeira, que bateo moeda de prata: e eſtas ſaõ as unhas de prata, que propoem eſte capitulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro; como o peſcador, que com hum caramujo, que lança no anzol, apanha grandes barbos. Peſcadores ha de anzol, e peſcadores

dores ha de redes: até os que pescaõ com redes, usaõ de isca, e cevadouros, com que engodaõ o peixe: e os pescadores, de que aqui tratamos, naõ tem melhor engodo, que o do dinheiro, se souberem usar bem delle, pescaráõ quanto quizerem, e enredaráõ o mundo todo.

Bem usou do dinheiro hum mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados, que se lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempestade a hum porto de Marrocos, tomaraõ-lhe os Mouros a náo por perdida em ley de contrabando, tratou de a recuperar por justiça; mas naõ achou quem lha fizesse, porque he droga, que naõ se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de seu quatro, ou cinco mil cruzados, que escapou em joyas, e boa moeda: fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve mercê, que lhe pedio, e elle lhe concedeo facilmente: que déssem hum passeyo ambos a cavallo pelas ruas, e praças da sua Corte, fallando sós amigavelmente. Feita a mercê, dado o passeyo, e pagos os tres mil cruzados, tudo foy o mesmo: mas muito differente o que se seguio; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ, que aquelle homem era grande pessoa, e muito privado, e valîdo do seu Rey: todos o visitaraõ logo por tal; mandavaõ-

davaõ-lhe preſentes, e donativos de grande pórte, imaginando, que por aquella via abriaõ porta a ſuas pertençoens: e elles abriraõ-na para a reſtauraçaõ do mercador, que aſſim ſe hia refazendo; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ condemnado a náo, lha abſolveraõ: e aſſim peſcou com unhas de prata de tres mil cruzados, que ſoube dar, mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por eſta arte peſcaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que naõ he ſeu, com grande deſtreza.

Aportou á Ilha da Madeira huma náo de carga, ſaltáraõ em terra os paſſageiros a fazer viniagas, e entre elles hum Clerigo, que eu vî [grande pirata devia de ſer pelo tear, que armou para fazer ſeu negocio melhor, que todos.] Viſitou o Biſpo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou na páteo, fez eſmola de toſtaõ, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o Biſpo, ſahiraõ eſtas campainhas pela Cidade, dando huma alvorada do Clerigo, que baſtava para o canonizarem em Roma: huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo, outros o Abbade rico, outros o Peruleiro; em tanto, que creſceo a cobiça nos mercadores da terra, e ſe picaraõ a fazerem negocio com elle. Eſte ſervo de Deos, depois de dar obediencia, e beijar a maõ ao

Biſpo,

Biſpo, lhe pedio foſſe ſervido de lhe mandar dizer duas mil Miſſas, e que daria avantajada eſmola por ellas, para que Deos lhe déſſe bom ſucceſſo em hum emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A ſegunda viſita, que fez depois do Biſpo, foy aos prezos da cadêa, dando a cada hum ſeu toſtaõ de eſmola: e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou diſpoſta para lhe darem ao fiado tudo, quanto ſua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dous barris de patacas, para dar plenaria ſatisfaçaõ a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados, a titulo de empreſtimo, para levar a bordo os empregos, que fazia, e que havia de dar huma peſſa boa para a Sacriſtia. Armava o mendicante a dar á vela no dia, em que tinha promettido o pagamento das patacas: e ſem duvida ſahira com a preza da groſſa pilhagem, que tinha feita com dez, ou doze mil reis, que diſpendeo á cuſta alhea, ſe o Biſpo naõ preſentira a tramoya por indicios, que teve; e ſe naõ ſe picára o tempo em fórma, que obrigou á náo a dilatar a jornada. Naõ conto o que daqui por diante ſe ſeguio, porque o dito baſta, em fórma, de que entendamos, que ha unhas de prata, que com diſpendios pequenos avançaõ

gran-

grandes lucros: o ponto eſtá na têmpera, e na diſpoſiçaõ dos meyos, para aſſegurar os lanços. E vem a ſer iſto hum jogo de ganha perde, perder para ganhar; como os que jogaõ com cartas, e dados falſos, que no principio ſe deixaõ perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar huma maõ, com que lhe varraõ todo o cabedal.

Vejo alguns mandar preſentes, e donativos, a quem lhes naõ pertence; e ſey, que ſaõ de condiçaõ, que nem a ſua mãy daraõ huma vez de vinho, quanto mais fraſqueiras, com que cantaráõ os Anjos, a quem nunca trataraõ! Daõ cargas de fruta, tabuleiros de doces, joyas de preço, ſacos de dinheiro: e fico atordoado examinando, de donde lhe vem a Pedro fallar gálego? Irmaõ, ſe tu nunca entraſte em barco, nem meteſte o pé em meyo alqueire com eſte homem, como te diſpendes com elle? Iſto tem myſterio: e buſcada a raiz, he ganancia grande, que ſolicita com diſpendios leves: adoça a paſſagem, para haver o que pertende, deſpachos de officios, cõmendas, Igrejas, titulos, &c. Para os quaes até a propria conciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebraõ penedos, acha que por eſte caminho torcerá a juſtiça, e vem a ſer hum

genero

genero de latrocinio de má casta; porque ás vezes cheira a simonia, e he hydropesia da ambiçaõ. Acabo este capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que estas.

Na Corte de Madrid se achou hum tratante de Indias com grande quantidade de esmeraldas lavradas, sem lhes achar gasto, nem sahida, para se desfazer dellas. Poz duas escolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas presente á Rainha Dona Margarida, que as estimou muito; porque tudo o dado de graça leva comsigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas saõ o espelho de todas as Senhoras de seu Reyno, em estas vendo a estima, que a Magestade fazia das esmeraldas, cresceo nellas a estimaçaõ, e logo o dezejo, que o mercador estava esperando para as levantar de preço; e se tivera hum milhaõ dellas, todas as gastara talhando-lhes o valor, que em nehum tempo viraõ. He irmaõ gêmeo deste successo outro semelhante, que outro mercador fabricou na mesma Corte, para dar expediente a vinte pessas de panno fino, que naõ tinha gasto por razaõ da côr: offereceo a ElRey hum vestido delle muito bem guarnecido, e obrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazelo se quer oito dias: e naõ eraõ bem quatro andados,

dos, quando já o mercador naõ tinha na loge de todo o panno, nem hum só retalho, e se mil pessas tivera, tantas gastara. E estas saõ as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vans apparencias.

****

CAPITULO LXV.

Dos que furtaõ com unhas de naõ sey como lhe chamaõ.

OS Rhetoricos daõ nomes ás couzas, tirandolhos de suas propriedades, e derivaçoens: e assim o temos nós dado a todas as unhas desta *Arte*: e indo já no fim della, se me offerecem algumas tais, que naõ sey, que nome lhes ponha; porque se lhes ólho para os effeitos, acho-as necias; se para a derivaçaõ, acho-as sem principios, nem fim util. E chamar-lhes parucas, he descortezia; chamar-lhes sem principio, nem fim, he fazellas eternas, contra o que pertendemos, que he extinguillas. Ora emfim a Deos, e á ventura, chamo-

chamo-lhe tolas, e ſaya o que ſahir. E paſſa aſſim na verdade, que bem conſideradas, achará nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar ſó por fazer mal ao proximo ſem utilidade propria. Segunda, furtar o que haõ de reſtituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes haõ de demandar, e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar ſó por fazer mal ao proximo ſem nenhuma utilidade para ſi, naõ ha duvida, que he tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alhea, ou poem em fogo a ſeára de ſeu viſinho, ſó por ſe vingar de huma paixaõ, que teve contra elle: e ſe o tal he Chriſtaõ, creſce nelle a tolice, pela obrigaçaõ, que ſabe lhe accreſce de refazer o damno, que deu: donde ſe ſegue, que a ſi fez todo o mal, e naõ ao proximo, pois he obrigado a lho recompenſar por inteiro. E ha homens neſta parte taõ cegos, que por darem hum deſgoſto a ſeu inimigo, naõ reparaõ no que poriſſo ſobre ſi tomaõ. Houve hum Rey antigamente neſte mundo, que ſabendo de dous vaſſallos ſeus, que eraõ grandes inimigos entre ſi, mandou chamar ao mais apaixonado, e diſſe-lhe: Quero-vos fazer huma mercê, e ha de ſer a que vós me pedirdes com advertencia, que a hey de fazer

zer

zer dobrada a fulano, de quem ſey, ſois grande inimigo. Beijou a maõ ao Rey pelo favor, e pedio logo por mercê, que lhe mandaſſem arrancar hum olho; porque aſſim ſeria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficaſſe cego, ainda que elle ficaſſe torto. E bem cego eſtava, quando procurava damno alheo ſem proveito proprio.

Quanto á ſegunda: furtar o que haõ de reſtituir. Melhor diſſera: o que naõ haõ de reſtituir, porque raro he o ladraõ, que reſtitua; mas fallamos da obrigaçaõ, que lhes corre, ſe he que ſaõ Chriſtãos, e trataõ de ſe ſalvar. E bem devem de ſaber, o que dizem os Doutores, que naõ ſe perdoa o peccado, a quem podendo naõ reſtitue o mal levado. Todos dizem, quando ſe confeſſaõ, que haõ de reſtituir, como tiverem por onde. Pois noſſo irmaõ, ſe vós o haveis de reſtituir, para que o furtaſtes? Reſpondem, que ſabe melhor o furtado, que o comprado: e naõ poderáõ, que o amargor da reſtituiçaõ he mayor, que a doçura do furto; e poriſſo diſſemos, que he grande tolice furtar, o que ſe ha de reſtituir. Furtaraõ tres officiaes mancomunados nove mil cruzados á fazenda de Sua Mageſtade: repartiraõ-nos entre ſi, e navegaraõ com o cabedal, hum para a India, outro para Angóla, e para o Braſil outro;

e depois de chatinarem valentemente, tomou-os por lá 'a hora da morte. Tratou cada hum por ſua parte de ſe pôr bem com Deos pelos Sacramentos da Penitencia, que he o ultimo valhacouto dos peccadores; e chegando ao ſetimo Mandamento, picavaõ a conciencia de cada hum os tres mil cruzados, que lhe couberaõ, e declaravaõ, como tinhaõ de obrigaçaõ, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavaõ-ſe todos com cabedaes, que tinhaõ adquirido, baſtantes para reſtituir tudo. Dizia o Confeſſor da India ao ſeu penitente, que era obrigado a reſtituir os nove mil cruzados por inteiro, viſto naõ lhe conſtar, ſe ſeus companheiros tinhaõ dado ſatisfaçaõ á ſua parte. O Confeſſor de Angóla, e do Braſil diziaõ o meſmo aos ſeus moribundos, que ſe achavaõ novos na nova obrigaçaõ, que ſe lhes impunha, e argumentavaõ: ſe eu naõ logrey mais que tres mil, como hey de reſtituir nove mil? Mas a reposta eſtava á maõ, e clara; porque foſtes cauſa do damno por inteiro com a ajuda, que déſtes a voſſos companheiros, conſta-vos do furto, e naõ vos conſta da reſtituiçaõ; e aſſim ſois obrigado a vos deſcarregar do que he certo, e naõ vos póde valer a deſcarga, que he incerta. Eiſaqui outra

tolice

tolice mayor, furtar o que se ha de restituir dobrado, e tresdobrado, confórme o numero dos companheiros, que entraraõ ao escote. Alguns neste ponto fazem-se mancos por naõ remar: dizem que naõ tem posses para restituir, e que naõ saõ obrigados, senaõ quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro está a obrigaçaõ de se sustentarem a si, e a sua casa, para que naõ pereçaõ: e nós vemos, que poderáõ aguarentar mil superfluidades, e estreitar os gastos, e pouparem para dar o seu a seu dono. Lá se avenhaõ: só lhes lembro, que haõ de viver mais no outro mundo, que neste, e que tudo cá lhes ha de ficar, testemunhando ser justa sua condemnaçaõ.

Quanto á terceira tolice: furtar para outrem, digo que he mayor, que a primeira, e segunda; porque naõ ha duvida, que he insania muito grande empenhar-se hum homem, pelo que naõ ha de lograr. Os Reys devem pagar a quem os serve, e pagaõ-lhe com ordenados, e mercês; chega o tempo de cobrarem, passaõ-lhe os Reys portarias, e alvarás, com que se descarregaõ: vaõ com estes papeis os acrédores aos Veadores, e Thesoureiros, para que entreguem, o que nelles se contêm; e fechaõ-se á banda como ouriços cacheiros, em que naõ ha mais, que espinhos de repostas picantes,

tes, e bem devem ſaber, que a retençaõ do que ſe deve he verdadeiro furto: e tomara perguntarlhes, para quem furtaõ iſto, que naõ pagaõ? Naõ faltará, quem cuide, que para ſi; e ſe naõ for para ſi, ſerá para o Rey, que já ſe deſobrigou com mandar, que ſe pague; e aſſim vem a ſer ladroens, que furtaõ para outrem, e he o que chamamos grande tolice: e a graça he, que ſe ficaõ rindo com eſtas retençoens, como ſe foraõ chiſtes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias tem por ſi: e eu ſey, q̃ as marcaõ os meſmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraõ na cabeça a hum mancebo vagamundo, que ſe fingiſſe filho de hum homem nobre, e rico, para o herdar. Foy o caſo, que eſte homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte, que naõ ſabia delle: appareceo neſte tempo naquella Villa hum pobretaõ, que repreſentava a meſma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem, o enſayaraõ, como havia de dizer, que era ſeu filho, e lhe enſinaraõ hiſtorias, e circunſtancias, para ſe dar a conhecer, e que os allegaſſe por teſtemunhas: o pay ſuppoſto negava-o de filho fortemente, e dava por razaõ, que naõ ſe lhe alvoroçara o ſangue, quando

do o vio. O mancebo demandava-o diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o naõ herdava por morte: as hiſtorias, que contava, e teſtemunhas, que dava, conteſtaraõ de maneira, que deu o Juiz ſentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por ſeu filho. Caſo raro, e nunca viſto, nem imaginado! Que no meſmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo, e o velho dizia: eſte ſim, que ſe me alvoroçou o ſangue, quando o vi. O outro deſappareceo logo, e eu perguntava aos embaidores, ſe advertiaõ, que era furto os alimentos, que faziaõ dar com ſeu teſtemunho, a quem os naõ merecia? E que negoceavaõ para outrem, e naõ para ſi o fruto da demanda, que iniquamente venciaõ? Naõ deviaõ de ignorallo, ainda que ſe moſtravaõ niſſo grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ, que tem diſculpa, quando furtaõ para darem remedio a ſeus filhos; mas crêaõ, que naõ eſcapaõ da meſma nota, porque ſeus filhos naõ os haõ de tirar do Inferno, quando lá forem, pelo que para elles mal, e ſujamente adquiriraõ. Em certo lugar deſte Reyno tinha hum alfayate tres filhas ſem dote para lhes dar eſ-

 tado:

tado: acordou de as caſar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comſigo, e com elles no Algarve: fingindo-ſe Conde vomitado das ondas, que eſcapara com aquelles criados de hum naufragio; tinha preſença, e labia, para perſuadir tudo; que vinha de Indias, e perdêra mais de meyo milhaõ em barras de ouro, e pinhas de prata, que até as panélas da ſua coſinha eraõ do meſmo, e que ſe via como Job poſto de lodo. E com eſtas, e outras impoſturas, perſuadia ás Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde paſſava, que o ajudaſſem contra ſua fortuna: todos ſe compadeciaõ, e para os mover mais, moſtrava em pergaminhos ſua grande proſapia, e os famoſos cargos, que ſervira. O menos que lhe davaõ, até nos lugares pequenos, e humildes, eraõ os dez, e os vinte cruzados, que nas Villas grandes, e Cidades ricas, paſſava ſempre o donativo de vinte mil reis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem aſſim o Reyno quaſi todo pela póſta, achou-ſe o ſenhor Conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por eſta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como ſe foraõ tres Condeſſas: e elle ficou taõ alfayate como dantes, ſem lograr de tantos furtos,

mais

mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de ſeus genros, que ſe bem o ajudaraõ, mal lho agradeceraõ. E naõ diz mais a hiſtoria.

Quanto á quarta: furtar o que vos haõ de demandar, e fazer pagar, em que vos pez, he a mayor tolice de todas, como ſe vio no que ſuccedeo ao Carvalho na ſemana, em que componho eſte capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheas muito bem, porque as punha em ſua caſa, como ſe foraõ ſuas: foy demandado poriſſo; e porque naõ deu boa razaõ de ſi ás partes, o puzeraõ por portas repartido: pertendeo levantar cabeça á cuſta alhea, e levantaraõ-lha dos hombros á ſua cuſta. Setecentos caſos pudéra contar para apoyo deſta tolice; livrome com hum deſte particular, e de todo eſte capitulo. Em Angóla tinha ElRey noſſo Senhor naõ ha muitos annos hum Miniſtro [tomara-lhe muitos ſemelhantes] que empregava os direitos Reaes em eſcravos, que mandava ao Braſil com direcçaõ, que ſe vendeſſem, e fizeſſem do procedido caxas de açucar para o Reyno, e aſſim ſe augmentaſſe a fazenda de Sua Mageſtade tres vezes ao galarim; mas o Miniſtro, que reſpondia no Braſil, fazia ſeu negocio melhor que os alheos. Chegava huma partida de trinta, ou qua-

ſenta negros, achava ſerem mórtos dous na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para ſi reſuſcitados: eraõ os que reſtavaõ mancebos, e bem diſpoſtos: mandava vir do ſeu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou eſtropeados, punha-os no numero delRey, e tirava outros tantos para ſi moços, e de bom recibo: e vendida a partida aſſim como ſuccedia, fazia o emprego da reſulta nos açucares tanto a ſeu modo, que ſempre as perdas eraõ Reaes, e os ganhos proprios. Havia olheiros zeloſos, que viaõ iſto, mas andavaõ taõ intimidados, que nem boquejar ſe atreviaõ, até que o tempo deſcobridor de mayores ſegredos trazia tudo a luz; e para eſcurecer eſta, tinha o ſobredito na Corte outros officiaes, a quem reſpondia com os ganhos; e poriſſo o defendiaõ, e conſervavaõ, fazendo-ſe as barbas com ſabonetes de açucar, a pezar, que ficava tida por mentira, e talvez como tal caſtigada. Mas como a verdade traz comſigo a luz, por mais que a eclypſem, ſempre ſe manifeſta: e provada eſta, que ſerá bom que ſe faça ao tal Miniſtro? Deixo iſſo a ſeu dono, que tem de caſa a juſtiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que naõ ſeja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Ceo com

huma

huma joeira; e que naõ ſaiba, o que já fica dito por boca de hum arganás no capitulo 24. que quem a galinha delRey come magra, gorda a paga.

****

CAPITULO LXVI.

Dos que furtaõ com unhas ridiculas.

FUrtar para rir he muito máo modo de zombar; porque ordinariamente ſe converte o riſo em pranto, como aconteceo em Coimbra a huma corja de eſtudantes, por ſinal que eraõ graves, e bem naſcidos. Deraõ no galinheiro de Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e fizeraõ tal deſcante nas galinhas, perús, e ganços ſem compaſſo, que meteraõ tudo a ſaco, ſem deixarem mais, que dous, ou tres galos veſtidos de luto, arraſtando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-ſe o Procurador do Convento á juſtiça, tirou-ſe devaça; e como tinhaõ contado em banquetes, o que depennaraõ, foy facil apanhálos a todos; e choraraõ as penas, que mereciaõ, e ſe lhes perdoaraõ por miſericordia,

reſpeitando ſua authoridade, e nobreza. Mais ardiloſos ſe portaraõ outros tais na meſma praça: ſouberaõ, que vinha do celebre Lorvaõ, por occaſiaõ de Natal, huma valente conſoada para o Biſpo: ſeis mulheres a traziaõ em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copioſa, para taõ alentados combatentes, que lhe cortaraõ o paſſo, antes de chegarem á Cidade; e aliviando-as da carga, as fizeraõ voltar de vaſio, enchendo-ſe de doces para a feſta, e carregando-ſe de amargozes para a Quareſma; ainda que ſahiraõ em paz deſta batalha, porque naõ deraõ com a lingua nos dentes, contentando-ſe, com darem a ſeu ſalvo com os dentes na conſoada. Chegou a ſemana Santa, mordeo-os a conciencia, como coſtuma; fizeraõ petiçaõ ao Biſpo, que os perdoaſſe, ſem ſe aſſinarem nella: poz-lhes por deſpacho: Appareçaõ os ſupplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foy o meſmo, que deixar-lhes a reſtituiçaõ ás coſtas a cada hum por inteiro, ſe todos juntos a naõ ſatisfizeraõ; e aſſim ganharaõ mayor pena, que o riſo, que lograraõ.

Em Villa Viçoſa conheci hum Fidalgo, ha mais de vinte annos, no ſerviço da Real Caſa de Bragança, o qual tomou por materia de riſo calçar todo o anno, ſem pagar nenhum pár de

obra

obra aos çapateiros, que vieraõ a dar-lhe na trilha, levantando-se ás mayores com palavra, que correo entre todos, que nenhum se fiasse delle, nem lhe désse calçado, sem lho pagar primeiro. Vendo-se o Fidalgo posto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos sem o dinheiro na maõ, mandou ao moço, que pedisse hum só çapato á prova; e que se lhe contentasse, mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o official, hum çapato levará vossê, mas dous naõ os verá seu amo, sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo ficou hum çapato delle, persuadindo-se, que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lho restituiria, naõ lhe servindo. Vendo-se assim com dous, calçou-os, e foy-se ao Paço rir sobre a historia; e os officiaes ficaraõ bramindo a nova zombaria, sobre qne se fizeraõ boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons despachos tem boa preza estas unhas; porque huma graceta, e dous chistes movem talvez hum Ministro, e tambem hum Rey enfadado, mais que discursos sérios. O sério do governo vexa, e cansa a natureza, que aceita, e estima o desafogo, que traz comsigo alegria,

alegria, e riſo; e quem ſabe mover a eſte com boa têmpera, e em boa conjunçaõ, faz bom negocio: tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares, e com o Rey, para ſeus deſpachos, por conſelho de hum experimentado, que lhe notou a petiçaõ neſta forma em tres

QUARTETOS.

Soy Dona Aña Gavilanes,
La de los hojos hundidos,
Muger fuy de tres maridos,
Y todos tres Capitanes.
Murieron en la milicia,
Sirviendo a Su Mageſtad,
Quedé yo de poca edad,
Y de muy poca codicia.
Bebo tinto, y como aſsado,
Por achaques de dolencia,
Suplico a Vueſtra Excelencia
Me perdone eſte pecado.

Deu a mulher a petiçaõ ao Conde Duque, ſem ſaber o que levava nella: feſtejou-a elle como merecia; e levou-a logo a ElRey, que rio infinito. E mandou que a deſpachaſſe com mais do

que

que pedia. Cortes ha, em que médraõ mais bufoens com ſuas graças, que homens ſezudos com grandes ſerviços.

Acabo eſte capitulo, e todo o tratado, com hum gaſto notavel, que ſe faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito ridiculo: e he, que ha neſta Corte huma caſa, que chamaõ Collegio dos Cathecumenos, o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com ſua grande piedade de baſtante renda, para nelle ſe agazalharem, e ſuſtentarem todos os infieis, aſſim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o Santo Bautiſmo, até ſerem induſtriados nos Myſterios da Fé, e aprenderem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que paſſaõ annos, ſem haver neſte Collegio hum ſó Cathecumeno; o qual tem ſeu Reytor, e officiaes, como ſe houvera nelle hum grande menêo de ſugeitos. E he certiſſimo outroſim, que o Reytor tem ſeſſenta mil reis de renda, e que naõ paga caſas, ſem fazer mais, que dar-ſe a S. Pedro, quando lhe vem algum Cathecumeno, e chorar que naõ tem, que lhe dar a comer, nem cama, em que durma. O Eſcrivaõ deſta fabrica tem ſetenta mil reis de ordenado, e caſas de vinte e quatro

mil,

mil, ſem tomar a penna na maõ em todo o anno; mais que para paſſar as quitaçoens dos recibos do ſeu eſtipendio. E o Medico tem doze mil reis, ſem tomar o pulſo mais que ao dinheiro, quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, ſem fazer mais que huma ſangria na bolça delRey, quando os arrecada. E eſtas ſaõ as verdadeiras unhas ridiculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas eſtas maquinas, que conſiſte em cathequizar, e bautizar os Neophitos, fica todo ás coſtas dos Padres da Companhia de S. Roque, ſem terem poriſſo próes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deos, que lho pagará no outro mundo. Saõ porém muito dignas de lagrimas as unhas, que a eſtas ſe ſeguem; porque em havendo Cathecumenos, ſaõ tudo petiçoens a Sua Mageſtade, que lhes mande dar eſmolas para os ſuſtentar, e ſe naõ que perecem! Valha-me Jeſu Chriſto, naõ fora melhor andar o principal diante do acceſſorio! O principal aqui he a educaçaõ, e enſino dos Cathecumenos, e o acceſſorio ſaõ os Miniſtros, que os ſervem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys! Que os ſervos tenhaõ tudo o neceſſario de ſobejo, e os ſervidos naõ tenhaõ hum baſaruco, ſe lho naõ derem de

eſmo-

esmola! Sou de parecer, que *frangat nucleum, qui vult nucem.* Quem quizer comer, depenne; porque naõ se pescaõ trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que se extingaõ os tais officios, sem ficar mais que hum administrador Ecclesiastico com quarenta mil reis, que he bastante porçaõ, ajudada com sua Missa livre, e casas de graça, que tem no mesmo Collegio; e o mais, que passa de cento e cincoenta mil reis, que o logre seu legitimo dono, que saõ os Cathecumenos. E quando for necessario Medico, ou barbeiro, paguem-se da mesma porçaõ por aquella só vez, que vem a ser nada, porque passaõ annos, sem serem necessarios tais Ministros. Quanto mais, que bem pódem passar, sem fazerem a barba tantas vezes. E eu a tenho feita bastantemente, a quantos ladroens ha neste Reyno; e se algum me escapou, perdoeme; porque naõ foy minha intençaõ deixallo sem crisma: mas de ver, como ardem as barbas de seus visinhos, poderá aprender para botar as suas de molho. Restava agora cortar as unhas a todos, e tenho para isso tres tisouras excellentes de aço fino: a primeira se chama *Vigia*: a segunda *Milicia*: a terceira *Degredo.* Direy de cada huma duas palavras; e a todas as unhas tres desenganos: e daremos fim a esta obra.

CA-

****

CAPITULO LXVII.

Tiſoura primeira para cortar unhas, chama-ſe Vigia.

BAldado ſeria o trabalho, que tomey em deſcobrir tantos males da noſſa Republica, ſe os deixaſſe ſem remedio: e o melhor, que ha para achaque de unhas, naõ ha duvida que he huma boa tiſoura, que as corte: e porque ſaõ muitas, as que aqui ſe nos offerece, offereço tres tiſouras, que me parece baſtaráõ para as cortar todas. Digo pois que a primeira tiſoura ſe chama *Vigia*; porque he grande remedio para eſcapar de ladroens, vigiallos bem. Ladraõ vigiado he conhecido; e em ſe vendo deſcuberto, encolhe as unhas. Eſta vigia corre por conta dos Reys, que devem mandar ás ſuas Juſtiças, que naõ durmaõ: muito dormem as Juſtiças de Lisboa, e á ſua imitaçaõ as de todo o Reyno. Já naõ ha huma vara, que ronde de noite, nem quem cace hum milhafre; e poriſſo as unhas andaõ taõ ſoltas. E porque os Reys ſaõ, os a quem mais neſte mundo ſe furta, porque tem mais de ſeu, ou porque naõ ſe reſguardaõ poriſſo tanto,

tanto como os que tem menos; ſejame licito dar aqui huma palavra a ElRey noſſo Senhor.

Senhor, eu offereci eſta obra a V. Mageſtade, para ver nella os cannos, por onde ſe desbarata ſua fazenda, e a de ſeus vaſſallos: façame V. Mageſtade mercê de a ver com ambos os olhos; porque ſe os naõ tiver ambos abertos, nem a capa lhe eſcapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, ſegundo contaõ os Poetas; e nem iſſo baſtou, para Mercurio lhe naõ furtar huma peſſa, que trazia nelles, porque os fechou todos. Dous olhos tem V. Mageſtade como duas Eſtrellas; e ſe tivera dous mil, cada hum como o Sol, todos teriaõ bem que ver, e que vigiar em ſeu Imperio; taõ grande na extenſaõ, que ſe mede com a do mundo; e taõ alto, e ſoberano na grandeza, que ſe levanta até o Ceo. Das mãos dos Reys, diſſe Naſaõ, que ſaõ muito compridas; porque abarcaõ ſeus Reynos, quando bem os governaõ: mais compridas conſidero as de V. Mageſtade; porque chegaõ do Occidente, onde vive, ao Oriente, Nórte, e Sul, onde Reyna, e he temido. Tais lhe tomára a V. Mageſtade os olhos, e tais os tem, quando em todas as partes do mundo, que domîna, pôem bons olheiros: e para eſtes ſerem melhores, deſejavaõ muitos prudentes, que os illuſ-

traſſe V. Mageſtade com os titulos, e prerogativas, que fazem os homens mais illuſtres; e ficaria V. Mageſtade com iſſo mais illuſtrado, e o ſeu Imperio mais bem viſto, e tudo mais venerado, mais amado, e temido.

Eſte luſtre dos olhos, e olheiros de V. Mageſtade, naõ ſey ſe o diga, porque temo dizello ſem fruto; mas ſim direy, porque me aſſegura, que naõ ſerá debalde, por ſer muito facil, e de muito proveito, e nenhum cuſto. Ponha V. Mageſtade quatro Vice-Reys da ſua maõ nas quatro partes do mundo: grandeza he, a que naõ chegou Alexandre, nem Monarca algum do Univerſo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do Orbe tanto, como V. Mageſtade poſſue. Na Aſia Vice-Rey temos; e pudéramos ter nella tres: o de Goa, que governa a Perſia, Arabia, Ethiopia, prayas de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India, que corre até Moçambique. Outro em Ceilaõ do Cabo de Comorim para dentro, que governe o Reyno de Jafanapataõ, ilha de Manar, coſta da Peſcaria, e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e Reynos circumviſinhos. Outro em Malaca, ou Macáo, para Bengala, Pegú, Arracaõ, Malucas; Japaõ, China,

na, Cochinchina, &c. E todos para muitos outros Reynos, e Imperios, que naõ cabem neste rascunho, e será mais facil velos no Mappa, que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey em Angóla; na America, outro no Brasil, e outro em Europa no Reyno do Algarve. Para grandes officios buscaõ-se grandes sugeitos, e huma, e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si, e do que se lhes entrega. Pasmaõ as Naçoens, quando vêm que o Monarca de Espanha tem quatro, ou cinco Vice-Reys; dous, ou tres na America, e outros tantos em Europa. Mas na Africa, e Asia, naõ lhe he possivel; porque naõ tem nestas duas partes dominio capaz de taõ grande governo. Só V. Magestade o tem em todas as quatro partes capacissimo, para ser o mayor Monarca de todos: e porisso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia, que se deve a estes titulos, mete veneraçaõ, terror, e obediencia até nos coraçoens mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem V. Magestade entrega o cuidado de seus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes

 comu-

communica; e quando estes saõ mayores, entaõ saõ elles mais temidos: e sendo temidos, e respeitados, guardaõ, e vigiaõ melhor a fazenda de V. Magestade. Estes saõ os olhos, com que V. Magestade vencerá aos Argos, e vencerá aos linces. Onde ha muitos, sempre ha furtos; porque os ladroens saõ em toda a parte mais que muitos: e como as couzas por muitas lhes vem á maõ, as unhas naõ lhes perdoaõ; mas onde ha bons olheiros, naõ se furta tanto. Seja esta a primeira tisoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que naõ diminua muito os ladroens; porque os que o saõ por natureza: *Naturam expellunt furcæ.* Mas para extinguir estes, ou moderallos de todo, he de grande importancia a segunda tisoura, que se chama *Milicia*; de que já digo grandes prestimos.

****

CAPITULO LXVIII.

Tisoura segunda chamada Milicia.

O Bocalino nas suas Cortes do Parnaso, ou Parabolas de Apollo, diz que se amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por naõ lhes

lhes dar inſtrumentos, com que pudeſſem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladroens; e que leváraõ por ſeus procuradores eſta queixa a Apollo, para que lha reſolveſſe, e remediaſſe. Achaõ-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzeraõ-lhe a ſua embaixada deſta maneira: Senhor como ha de haver no mundo, que eſtejaõ os horteloens de melhor condiçaõ, que nós, no governo das ſuas hortas, e quintas? Deulhes Deos inſtrumentos para as mondarem; deulhes a enxada para arrancar as hortigas, e abrolhos; deulhes a fouce para cortarem os ſylvados, e todas as malêzas; e ás Republicas nenhum inſtrumento deu acõmodado, nem ſe quer hum ancinho, para as podermos mondar, e alimpar de tantos ladroens, que nos deſtroem, e de tantos males, que nos cauſaõ ſem remedio! Indignou-ſe Apollo chamando-lhes barbaros! Pois naõ viaõ a mayor providencia, que Deos tem das Republicas, que das hortas: porque ſe ás hortas deu a enxada, e a fouce, para as mondarem; ás Republicas deu o piſaro, o tambor, e a trombeta, para as alimparem. Tocay caixas, aliſtay todos eſſes, de que vos queixais, ponde-lhe hum pique ás coſtas, manday-os á guerra; lá amanſaráõ, ou acabaráõ ſervindo a ſeu Rey, e patria, e ficará a

vossa Republica livre dessa praga. E vedes ahi a melhor fouce que ha, e a melhor enxada, para mondar, e cultivar as Republicas do mundo. Disse Apollo, e disse bem.

O mesmo digo aos Procuradores, e Governadores da nossa Republica, que se queixaõ de haver nella tantos ladroens, que naõ os pódem extinguir: toquem caixa, toquem pifaro, e trombeta; alistem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquistas; empreguem suas unhas, e garras em nossos inimigos, e ficaráõ livres de suas invasoens nossas fazendas. Esta he a melhor tisoura, que ha, para cortar todas as unhas. Naõ sey se notaõ os Criticos, o que tenho notado de dez, ou doze annos a esta parte, que tantos ha, que andamos em guerra viva com nossos inimigos; assim por mar, como por terra. Noto que antes disto, naõ nos podiamos ver livres de ladroens por essas estradas de todo o Reyno, nem podiamos dar passo, sem que nos salteassem pelas charnecas; naõ se fazia feira, em que naõ fizessem mil assaltos; nem havia justiça, que bastasse, para nos livrar desta praga, a qual cessou de todo com as guerras; e já naõ vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas, como andavaõ dantes; e he, porque lhes démos, que fazer

zer

zer nas fronteiras, lá ſe cévaõ nas pilhagens do inimigo, com que nos deixaõ.

Nem me digaõ, que quem más manhas ha, tarde, ou nunca as perderá, e que ainda fazem das ſuas, e agora melhor; porque andaõ armados, e a titulo de ſervirem a ElRey, ſe fazem izentos, e indomaveis; porque a iſto ſe reſponde, que naõ haverá tal, ſe andarem bem diſciplinados. Saõ as regras da milicia muito ajuſtadas com o bem publico; e ſe os Cabos [que ſempre ſaõ homens eſcolhidos] as fizerem guardar, como tem de obrigaçaõ, tambem os ſoldados fazem a ſua, de andarem compóſtos, ou por medo, ou por primor. Naõ ſey, que tem o andarem os homens aliſtados, e com ſuperiores continuos ſobre ſuas acçoens, que lhes tomaõ cada hora conta dellas, para lhes darem o galardaõ bom, ou máo, ſegundo o merecem; que nenhum ſe atreve a lançar o pé álem da maõ, antes lhes ſerve aſſim o premio, como o caſtigo de continuos eſtimulos, para ſerem bons, e tratarem da honra, e augmentos louvaveis, que por armas ſe alcançaõ.

Eſta he a ſegunda tiſoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladroens, que nos inquietaõ. E ſe eſta ainda naõ baſtar para alimpar de todo a noſſa Republica, e Reyno, porque ha

nelle muitos incapazes da milicia, quaes saõ Siganos, e outros, que se parecem com elles nas obras, e se livraõ da guerra por varios principios, que se deixaõ conhecer, e naõ aponto; temos outra tisoura muito efficaz para os extinguir no Reyno, sem que escapem, assim haja quem a menêe. Esta se chama *Degredo*, do qual se contaõ, e escrevem grandes excellencias; e eu direy só, as que fazem para o nosso intento no capitulo que se segue: e neste naõ digo mais da *Milicia*; porque tudo, o que della se póde disputar, fica apontado nos capitulos 20. 21. e 22. das unhas militares.

****

CAPITULO LXIX.

Tisoura terceira chamada Degredo.

DUas couzas ha, que facilitaõ muito os ladroens a furtar; huma he, o que sobeja nelles, e a outra, o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e sobeja em nós, he o que os move a serem ladroens, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Com tudo isso naõ he assim, se

naõ

naõ que ſobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós juſtiça para os emendarmos: bem eſtá, aſſim he; mas tomara ſaber, de donde vem ſobejar nelles a cobiça, e faltar em nós a juſtiça? Eu o direy, a quem eſtiver attento á hiſtoria, ou parabola, que ſe ſegue.

Duas Donas principaes, e ſenhoras muito conhecidas neſta Corte, vieraõ ás gadelhas ſobre pouco mais de nada, e fizeraõ huma briga muito arriſcada no terreiro do Paço; huma ſe chamava Dona Juſtiça, e a outra Dona Cobiça. A ſenhora Dona Cobiça, naõ ſey ſe por mais moça, ſe por menos ſofrida, deu huma punhada em hum olho á Juſtiça, taõ grande, que lho lançou fóra; e dando-a por morta, tratou de ſe pôr em cobro. Acolheo-ſe para o Paço, que lhe ficava perto; mas logo lhe diſſeraõ ſeus amigos [que lá naõ lhe faltaõ] que viſſe onde ſe metia, que naõ lhe havia de valer o couto; porque qualquer das Peſſoas Reaes, que a encontraſſe, a havia de mandar pôr na forca, aſſim por ſer homicida, e ladra, como por ſer Cobiça, que naõ ſe permitte no Paço. Deu comſigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da Bolça; mas logo a aviſaraõ, que ſe arriſcava a fazerem eſtanque della para o Braſil; álem de que poderia cahir nas unhas

dos

dos Parlamentarios, ou Hollandezes, ſe para lá foſſe, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comſigo na rua Nova, para ſe eſconder por eſſas loges dos mercadores, que todas ſaõ eſcuras, e ſem janellas, para naõ vermos o que nos vendem. Mas temendo que a vendeſſem por bayeta, deſſa que compraõ a ſeis vintens, para a encaixarem a ſeis toſtoens, paſſou de corrida para a rua dos Ourives; e naõ fez ahi muita detença, porque vio que mal ſe podia encobrir, onde tudo ſe poem á porta. Acolhamonos a ſagrado, diſſe ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizeraõ recolher, por ſer vedado nós Sagrados Canones aos Eccleſiaſticos todo o trato de cobiça. Tratou de ſe homiziar em algum Moſteiro, mas todos lhes fecharaõ as portas; os Religioſos, porque naõ lhes inquietaſſe as communidades com ambiçoens; e as Freiras, porque naõ podia profeſſar entre ellas, por ſer cazada com hum mulato, que ſe chama Intereſſe. Por fim de contas ſe recolheo no Caſtello, onde aturou pouco; porque naõ ſe dá lá meſa, nem cama aos hoſpedes; e fez poriſſo tais revoltas, que a degradaraõ para as fronteiras, onde naõ podendo aturar o paõ de muniçaõ, porque he muito mimoza, deu em ladra com tanto deſaforo, que roubava a olhos viſtos até os paga-

mentos

mentos dos ſoldados, e deſtruîa a fazenda del-Rey por mil modos, que naõ ſe pódem contar: e temendo, que a enforcaſſem os Generais poriſſo, porque he ponto, que ſe naõ deve perdoar, paſſou-ſe para Caſtella, caſtigando-ſe a ſi meſma com degredo voluntario: e porque fugio ſem paſſaporte, naõ ſe atreveo a voltar; e lá ſe fez natural com tanta audacia, e exceſſo, que em breve tempo aſſolou toda Eſpanha com tributos para engordar, porque hia muito magra deſte Reyno. Enxergaraõ-ſe em Caſtella os damnos da Cobiça, naõ ſó nos vaſſallos deſtruîdos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que ſe vay por eſſes ares; mas tambem na cabeça do Rey tirandolhe della Coroas, e quebrandolhe Sceptros á ſua viſta. Para ſe repararem de taõ grandes damnos, deraõ com a cauſa delles no mundo Novo, onde fez tal eſtrago, que ſó na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para ſe encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórida, naõ he para ſe referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que andava á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, esfolava Reys, degolava Emperadores,

para

para mais a seu salvo devorar serras de prata, e montes de ouro, que mandava a Espanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa, e Asia. Revolto assim o mundo todo, e posto em riscos de se perder por esta fera, tratou-se do remedio; e resolveo-se com maduro conselho, que só a justiça direita lho podia dar; mas esta estava torta com hum olho menos, que lhe tirou a Cobiça. Puzeraõ-lhe hum olho de prata, para a fazerem direita; e dahi lhe veyo trazer sempre a prata nos olhos, e o olho na prata, com que ficou mais torta: só no Ceo se achava neste tempo justiça direita: tem-se pedido a Deos por muitas vias, que a mande á terra, e espera-se que venha cedo, e há disso já grandes pernuncios: e como ella vier, e degradar a Cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Naõ sey se me tenho declarado? Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens, e que a justiça se lhe acanha, quando naõ he direita. Haja, quem castigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de taõ más pestes. E esta será a melhor tisoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpîas, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem, que a melhor tisoura de todas he a forca. Naõ a tenho por tal; porque aqui tratamos de

emen-

emendar, e naõ de extinguir o mundo; álem de que naõ haverá forcas, que baſtem para taõ grande pindura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo, comaõ-ſe lá embora huns aos outros, iſſo meſmo lhe ſervirá de caſtigo, e ficaremos livres delles, até que ſe melhorem, que he o que ſe pertende; e os que ſe melhorarem, tornem a nos ajudar com ſeu exemplo. As razoens, que me movem para naõ admittir, que ſe dem facilmente caſtigos de morte, ficaõ apontados no cap. 49. das unhas apreſſadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia.*

****

CAPITULO LXX.

Deſengano geral a todas as unhas.

MAis unhas ha; mas as que temos viſto neſte tratado, baſtaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciozas, e deſarreſoadas ſaõ. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio, pelas unhas ſe conhece o leaõ, e pelas meſmas ſe conhece o ladraõ. Conhecidos aſſim bem todos os ladroens, ſuas unhas, e artes, boas tres tiſouras

ras vos dey, para lhas cortardes todas. E se essas naõ bastarem por poucas para tantas unhas, ou naõ vos contentarem por asperas, porque nem toda aspereza serve para medicamento, tenho tres desenganos efficacissimos para as emendar suavemente, fazendo-lhes entender, e abraçar a verdade, que he o melhor modo, que ha de correiçaõ. Assim he: e he impossivel naõ repudiar a vontade, o que o entendimento lhe mostra nocivo. Peço a todos, os que virem este tratado, que leaõ com attençaõ estes tres pontos.

DESENGANO PRIMEIRO.

A Cobiça de riquezas he como o fogo, que nunca diz, *basta.* Quanto mais pasto damos ao fogo, tanto mais se acende, e mais fome mostra de mais pasto; accrescentando-a com aquillo, que a pudéra fartar, e extinguir. Tal he a cobiça, e fome, que os homens tem de riquezas: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.* Disse lá o outro, que cresce a cobiça ao compasso das riquezas, augmentando a fome dellas com a posse, que só a poderá satisfazer. E he o primeiro desengano, que damos a todas as unhas; que se furtaõ para fartar sua cobiça, e fome, que tem

de

de riquezas, desenganem-se, que trabalhaõ debalde; porque mayor a haõ de ter, quando mais se encherem, e mayores montes ajuntarem; porque he hydropesia, que quanto mais bebe, tanto mayor sede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite insaciavel, acho que naõ procede de fome, mas que nasce de fastio, causado do enjoo, que a todas as couzas do mundo he natural causallo, pela corrupçaõ, que tem de casa. E dahi vem, que enfastiados do que possuîmos, suspiramos por mais, cuidando, que no que de novo vier, acharemos alguma satisfaçaõ: e naõ he assim, quando lá vou; porque tudo he do mesmo lote, e jaez, e em nada ha a satisfaçaõ, que buscamos: e porisso digo, que se desenganem todas as unhas, que cançaõ, e trabalhaõ debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de satisfazer a sede, que as pica. Ora dêmos-lhe, que naõ seja assim, o que assim he, que naõ achastes fastio em nada; mas que lograstes muita doçura em tudo, quanto vossas unhas adquiriaõ, e que a vosso bello prazer com muito agrado fostes gostando de tudo, e saboreando-vos em cada couza: day-me licença, para discorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o desengano.

DE-

DESENGANO SEGUNDO.

VEnhaõ aqui todos os ladroens do mundo, tenha cada hum tantas mãos como o Briareu Centimano, e em cada maõ outras tantas unhas: naõ fique unha, que aqui naõ venha a efte exame: pefquem, caçem, empolguem, e pilhem tudo quanto quizerem, ouro, prata, perolas, joyas de pedraria mais precioſa, officios, beneficios, cõmendas, mórgados, titulos, honras, grandezas até naõ mais, e vamos por ordem difcutindo tudo. Nafceftes nefte mundo nú [que affim nafcem todos] abriftes os olhos, e viftes, que com as riquezas medraõ os poderoſos; defejaftes logo fer hum delles, e trataftes de ajuntar as riquezas, com que os poderoſos inchaõ. Efperay: naõ furteis para as haverdes, eu vo-las dou todas; porque fó tratamos aqui por hora fazer a experiencia, que vou difcurfando, para cairdes no defengano, que trato de vos intimar: e fe as tendes já, porque as adquiriftes fervindo, chatinando, e roubando, que tudo vem a fer o mefmo: Dizeime agora, fe vos falta mais alguma couza, depois de vos verdes com grande cabedal, que he o que pertendeis? Pertendo, refponde muito fezudo, huma gineta de Capitaõ mór, para ter que mandar,

dar, e ſer temido, e reſpeitado de todos, e merecer ſervindo a Sua Mageſtade, que me faça mayores mercês. Se o naõ haveis mais, que por huma gineta, dou-vos hum baſtaõ; e dou-vos, que ſerviſtes já com gineta, e baſtaõ, até vos enfadardes, e praza a Deos naõ vos enfadeis mais cedo do que convêm. Ao depois deſſa Capitanîa, e Generalato, tomára ſaber, o que ſe vos ſegue para appetecer? Segue-ſe huma Cõmenda famoſa, para ter renda, que gaſtar, e com que viver na Corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o naõ haveis por mais, dou-vos duas Cõmendas, e que ſejaõ embora as mais groſſas do Méſtrado de Chriſto; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey, para que com honra, e proveito fiqueis mais ſatisfeito. Ao depois de tanta cõmenda, e fidalguia, tomára ſaber, que he o que reſta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu, e luſtre de minha geraçaõ. Titulo de Conde? Com pouco ſe contenta v. m. ſenhor Cõmendador; eu lho dou logo de Marquez: e diga-me por vida ſua, ſenhor Marquez, diga-me Voſſa Senhoria, ou Voſſa Excellencia [que já ſe naõ contentaõ com Senhoria] ao depois deſte titulo, que he o que ſe lhe ſegue? Segue-ſe paſſar huma velhice muito deſcançada, e

Ii luſtroſa.

luſtroſa. Embora, ſeja aſſim, ainda que lho pudéra negar; porque neſte mundo naõ ha velhice deſcançada, nem luſtroſa: *Senectus ipſa eſt morbus.* A meſma velhice em ſi he doença cheya de mil deſalinhos. Eſſa velhice ha de ter o fim: e ao depois della tomára ſaber, que he o que ſe ſegue a Voſſa Excellencia, meu ſenhor Marquez? Seguirſeme ha huma morte muito bem aſſombrada; porque farey hum teſtamento cheyo de mandas para meus parentes, e que me façaõ humas Exequias, em que ſe gaſtem duzentos mil reis, e dous trintarios de Miſſas pela minha alma: *Et requieſcat in pace*; que repreſentey meu dito. Bem eſtá; mas ainda naõ tem dito tudo Voſſa Excellencia. Demaneira meu ſenhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta toſtoens para Miſſas! Pois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Miſſas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a ſeus parentes, quem lhe diſſe, que naõ ſeriaõ demandas? E a morte bem aſſombrada, que ſe promette, quem lhe paſſou carta de ſeguro para ella? Naõ ſabe que os velhos, quaſi todos, morrem tontos, e que toda a morte no mundo ſempre foy muito fea, e mal aſſombrada? Mas dou-lhe que a teve aſſim como a pinta, muito formoſa, contra o que nos moſtraõ ſeus retratos;

e dou-

e dou-lhe, que lhe fizeraõ ſeus parentes as Exequias, ainda mais mageſtoſas. Ao depois de tudo iſſo, que he o que ſe lhe ſegue? Que he o que reſta? Naõ me reſponde? Encolhe os hombros? Diz que naõ ſabe? Pois eſte ponto, e eſte ao depois, tomára eu, que o trouxera eſtudado deſde o primeiro deſpacho da gineta, e deſde o primeiro dia, em que entrou nú neſte mundo, para prova, de que aſſim havia de ſahir delle, ſem levar nada de quanto ajuntou na vida: e ſe o naõ ſabe, porque nunca cuidou niſſo, eu lho direy, eſteja-me attento.

Ao depois da morte, e das Exequias, ſegueſe hir para baixo, ou para cima; voar para o Ceo, ou decer para o Inferno. Quem ſervio o mundo, e ſe carregou do alheo, eſſe pezo meſmo o leva para o profundo: Quem fugio do mundo, e deſprezou tudo iſſo, fica ligeiro para voar ao Ceo. E eſte he o ponto mais eſſencial, e a maxima do noſſo ſer, q̃ devemos trazer ſempre diante dos olhos, para deſengano, de que tudo diſpara em nada: e deſſe nada reſulta hum muito, que ſaõ eternas penas, as quaes cambiadas com o goſto, que lograſtes, ou compraſtes, neceſſariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do juſto preço. E para que naõ

duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores Regnum Dei non possidebunt.* Que a ladroens naõ se deve gloria, senaõ penas. Mas direis, o que já disse hum Grande de Castella em Madrid: *Esto del Infierno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo del Purgatorio nò ay duda, que es invencion de Clerigos, y Frayles, para sacar diñeros por Missas.* Naõ sey, como naõ disse tambem, que naõ havia gloria, nem Ceo! Mas temeo, que lho mostrassem com o dedo até os cegos: e naõ diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Masoma. E já que vos pondes em termos taõ alcantilados, que vem a ser, que naõ ha mais que este mundo, estendey os olhos por todo elle, e achareis que tudo he corruptivel. Consideray, os que mayores bens, e glorias lograraõ, Salamoens, Alexandres, Cressos, Midas, Cesares, Pompêos; nem delles, nem de suas riquezas, e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foraõ, que acabáraõ, que disseraõ seu dito no theatro deste mundo. E se sois taõ Atheo, que nada disto vos move para crer, que ha outro mundo melhor, e que se naõ deve fazer caso deste, confesso que este desengano para Christãos o dava, que o devem crer; mas para Atheos será o desengano ultimo, que se segue.

DESEN-

DESENGANO TERCEIRO.

SUpponho que naõ fallo com animais brutos; mas com homens racionais, que se entendem; mas que sejaõ Atheos, que naõ crêm, que ha Deos, nem outra vida. Tratando só desta: dou-vos, que vos fez vossa fortuna, assim como vós quizestes, nobre, saõ, valente, gentilhomem; e que adquiristes por vossas artes, e industria tudo, quanto o mundo ama, e estima, e em que poem sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, honra, e gostos; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possais roubar. Senhor estais de tudo: Dizey-me agora, quaes saõ as vossas riquezas? Saõ thesouros de ouro, prata, joyas, pessas, enxovais, propriedades, rendas, &c. Se dais, ou gostais isto, como mundano, sois pródigo: se o guardais como escasso, sois avarento; e ambas as couzas saõ vicio. E se tendes entendimento, como suppomos, sois obrigado a crer, que em vicios naõ póde haver gloria, nem descanso; assim o alcançaraõ, e escreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que dispende, e guarda com a moderaçaõ devida, e porisso he virtude; e porque o he, naõ atina

com ella, quem ſerve o mundo, que traz apregoada guerra com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas naõ póde haver para vós a bemaventurança, que vós fingis.

Quaes ſaõ as voſſas honras? Saõ titulos, que vos fazem reſpeitado; apparatos de criados, e veſtidos, que vos fazem venerado; ſaõ officios, que vos daõ poder para ſopear, e ficar ſuperior a todos: e ſe bem conſiderardes tudo, nada diſſo tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que volo pódem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca eſtima deve ſer o titulo, que ſe perde com hum delicto; os apparatos, que ſe desfazem com huma auſencia; e as ſuperioridades, que ſe malograõ com huma deſobediencia dos ſubditos: e tudo, o que chamais honra, vem a ſer hum vidro, que com a liviandade de huma mulher ſe quebra, e com o deſconcerto de qualquer de voſſa familia ſe tolda, como o eſpelho com hum bafo. E ſe bem apertardes a honra buſcando-a em vós meſmo, naõ a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e ſe vola negar, ficais ſem ella: e até a que chamais de ſangue, naõ conſiſte no voſſo, ſenaõ em voſſos antepaſſados, e em ſeus brazoens, que vem a ſer pergaminhos

velhos

velhos roîdos de ratos, folhagêns, é fingimentos mal averiguados. E vedes ahi como naõ póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras saõ mais mudaveis, que as grinpas.

Os deleites nesta vida nos cinco sentidos se cifraõ todos: e os da vista com ser dos sentidos o mais nobre, saõ de qualidade, que a noite os rouba; e nisso que vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos, que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeiçoens para estimar; e até nas mesmas perfeiçoens vemos, que naõ saõ de dura, que se murchaõ como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ser tudo hum crystal de furta cores, que a hum virar de olhos desapparece tudo. Os gostos do ouvido saõ musicas, e lisonjas: lisonjas, que mentem, e enganaõ; musicas, que se compoem de vozes; as vozes do ar, o ar sugeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a disparar em vento. Os do cheiro nascem de fumos, e vapores, que em si mesmos se exhalaõ, e extenûaõ, até se consumirem: que couza mais corruptivel, que o fumo; que couza menos duravel, que o vapor ténue? Os do gosto saõ doçuras, e sabores de manjares, e licores: se os tomais com demazia, mataõ-vos;

se

ſe vos abſtendes delles, já os naõ lograis, e ſe os uſais com moderaçaõ, continuados enfaſtiaõ, dilatados cauſaõ fome, e deixados ſaõ como ſe naõ foſſem, para deſengano, que por todas as vias naõ ſe acha goſto nos meſmos goſtos deſta vida. Os do tacto, que conſiſtem na brandura, no carêo, e afago, com que a ſenſualidade liſongêa a natureza, quem os logra confeſſa, que ſaõ momentaneos; e ainda que ſucceſſivos, de tal maneira ſe alternaõ, que ſaõ mais as dores, que as ſuavidades, que de ſeu trato, quando he immoderado, reſultaõ. E em concluſaõ todos os deleites dos ſentidos rendem vaſſalagem ao ſomno, que os ſepulta: O ſomno imagem da morte he ſenhor de todos os goſtos, para os ter cativos, e ſepultados: e quem a tal ſenhor ſe ſugeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Iſto he, o que paſſa neſta Babylonia do mundo, onde tudo ſaõ confuſoens, e labyrintos. Deſtas ſaco ao mundo, para viverdes nelle abaſtado, e ſatisfeito, e em nada achaſtes a ſatisfaçaõ plenaria, que buſcaveis: ſeguiſtes ſuas leys, que vos enſinàraõ a pertender, buſcar, e eſtimar, o que elle eſtima; e achaſtes em tudo vaidades ſem firmeza, amargózes ſem doçura, inferno ſem bema-

ventu-

venturança. Que resta logo? Cuidarmos, que toda a gloria he como esta, e que naõ ha outra, será engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, constancia, e formosura do Ceo nos testemunha, e assegura, que ha outra couza melhor, que isto que cá vemos, e que ha bemaventurança solida, e verdadeira. A esta naõ he possivel, que se vá pelo caminho, que segue o mundo, pois vemos, que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver necessariamente, que nos guie com verdade, e leve ao descanço firme, e que nos ponha na gloria, que naõ padece eclypses. Esta he a Ley Divina, que se reduz a dous preceitos, que saõ, amar a Deos sobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti mesmo. Quem ama a Deos, naõ trata no mundo, porque lhe he opposto; quem ama ao proximo, naõ o offende: dar a cada hum o que he seu, he hum ponto, em que tudo se cifra; a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a esta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda nesta vida, e livrarse-ha dos infernos deste mundo; que infernos vem a ser todas suas couzas nas penas, molestias, e tribulaçoens, que causaõ, até quando se gozaõ; e porisso com muita propriedade, e razaõ lhes chamou Christo espinhos. Quem quizer viver sem estes, viva sem o

alheo,

alheo, trate só do que lhe pertence, e converterselhe-ha esta vida em gloria, e achará no mundo o Paraiso: e bem se prova; porque se o naõ ha, em quem segue as leys do mundo, havello-ha necessariamente, em quem seguir a ley contraria, que he a de Christo, a qual se resolve naquella sentença sua: *Reddite ergo, quæ sunt Cæsaris Cæsari, & quæ sunt Dei Deo.* Que demos a cada hum o que he seu; a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convêm. Donde se segue, que quem naõ tomar o alheo será bemaventurado.

CONCLUSAM FINAL, e remate do desengano verdadeiro.

TEve hum Religioso santo huma visaõ, em que lhe appareceo huma matrona muito formosa com huma tocha aceza em huma maõ, e huma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o servo de Deos, quem era? Respondeo: Sou a Ley de Christo. E que tem que ver com a Ley de Christo esses dous elementos fogo, e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo trato de abrazar o Ceo até o desfazer; e com esta agua quero apagar o Inferno até o aniquilar: e depois de naõ haver Ceo, que espere, nem Inferno, que tema, ainda hey de guardar a Ley de Christo; porque só

com

com a guardar acho, que terey gloria, e ficarey livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria, e descanso, e se livra de penas, e afflicçoens, quem guarda a Ley de Christo, que dá o seu a seu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, naõ achará o que busca, se he que busca descanso; mas achará afflicçaõ de espirito, cansaço de corpo, tormento para a alma, e vivirá em inferno.

Que fazes homem á vista de verdades taõ claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celestial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arrobas de glorias temporais naõ faz meya onça de bemaventurança eterna: esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanço da Ley de Christo; e aquellas custaõ muito a achar, porque se buscaõ com o suor, e trabalhos, que comsigo trazem as leys do mundo. Deixa de ser ladraõ, e terás o que has mister; porque terás a Deos, que para si te creou, e naõ para servires o mundo falso, e enganador, que naõ tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos; suas glorias saõ relampagos, que se por huma parte luzem, por outra disparaõ rayos. Suas luzes saõ de candêa, que com hum assopro se apagaõ. Seus affagos saõ

rapo-

rapozas de Sansaõ astutas, que no cabo levaõ fogo, que abraza. Sua formosura he a dos pomos de Pentapoli, por fóra dourados, e por dentro corrupçaõ, e fumo, em que poem seu termo todas as couzas do mundo, que naõ tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a este tratado, que intituley *Arte de furtar*; porque descobre todas as traças dos ladroens, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente este espelho, que chamo de enganos, para que nelle vejais os vossos, e vos emendeis, conhecendo sua deformidade: Este he o theatro das verdades, se as conhecerdes, e seguirdes, representareis melhor figura no deste mundo. Mostrador he de horas minguadas, para que fugindo-as, acheis huma boa, em que vos salveis. Tambem he gasúa geral, que se bem se occupou até aqui em abrir, melhor saberá fechar: chave he que fecha, e abre; se usardes bem della, fechareis para naõ perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave mestra, que vos ensinará a verdadeira arte, com que se abrem os thesouros do Ceo, os quais lograreis, quando menos usurpardes os da terra. Em quanto estudais esta *Arte*, vos fico compondo outra mais liberal, que se intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira.*

F I M.